



**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DO CAMPUS DE CURITIBA  
GERÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA**

**CONCEIÇÃO GARCIA MARTINS**

**COZINHAS, ELETRODOMÉSTICOS E MODOS DE VIDA:**

Implicações dos eletrodomésticos nas transformações de rotinas domésticas na cozinha,  
em residências de Florianópolis/SC

**CURITIBA**

**2013**



CONCEIÇÃO GARCIA MARTINS

**COZINHAS, ELETRODOMÉSTICOS E MODOS DE VIDA:**

Implicações dos eletrodomésticos nas transformações de rotinas domésticas na cozinha,  
em residências de Florianópolis/SC

Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Tecnologia, apresentado à banca examinadora para avaliação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Tecnologia.

Área de concentração: Tecnologia e Interação

Orientadora: Profa. Dra. Maristela Mitsuko Ono

CURITIBA

2013

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

M386 Martins, Conceição Garcia  
Cozinhas, eletrodomésticos e modos de vida : implicações dos eletrodomésticos nas transformações de rotinas domésticas na cozinha, em residências de Florianópolis/SC / Conceição Garcia Martins. — 2013.  
264 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Maristela Mitsuko Ono.  
Tese (Doutorado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia. Curitiba, 2013.  
Bibliografia: f. 245-252.

1. Cozinhas. 2. Eletrodomésticos. 3. Estilos de vida. 4. Arquitetura de habitação. 5. Desenho (Projetos). 6. Mudança social. 7. Relações de gênero. 8. Inovações tecnológicas. 9. Tecnologia – Teses I. Ono, Maristela Mitsuko, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia. III. Título.

CDD (22. ed.) 600


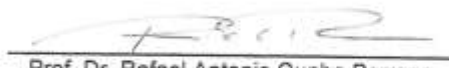
---

Biblioteca Central da UTFPR, Campus Curitiba

ATA DO EXAME DE TESE Nº 13  
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE  
Conceição Garcia Martins

As 14:00 horas do dia 16 de maio de 2013, reuniu-se na sala **C-301** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a Banca Examinadora composta pelos professores Dr<sup>a</sup>. Maristela Mitsuko Ono (UTFPR), orientadora e presidente da banca; Dr<sup>a</sup>. Marília Gomes de Carvalho (UTFPR); Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães (UTFPR); Dr<sup>a</sup>. Leila do Amaral Gontijo (UFSC); Dr. Rafael Antonio Cunha Perrone (USP); para examinar a tese da candidata **Conceição Garcia Martins**, ano de ingresso de 2009, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Área de Concentração – Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Mediações e Culturas, nível de doutorado, intitulada: **"Cozinhas, Eletrodomésticos e Modos de Vida: Implicações dos eletrodomésticos nas transformações de rotinas domésticas na cozinha, em residências de Florianópolis/SC"**. Após a apresentação, a candidata foi argüida pelos membros da referida Banca, tendo tido a oportunidade de responder a todas as perguntas. Em seguida, esta Banca Examinadora reuniu-se reservadamente para deliberar, considerando o trabalho APROVADO (aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado). A sessão foi encerrada às 16:35 horas, sendo a presente abaixo assinada pelos participantes desta banca examinadora.

Observações: COM LOUVOR

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Gomes de Carvalho  
(UTFPR)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães  
(UTFPR)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila do Amaral Gontijo  
(UFSC)  
Prof. Dr. Rafael Antonio Cunha Perrone  
(USP)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maristela Mitsuko Ono  
(UTFPR)  
Orientadora  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Faimara do Rocio Strauhs  
Coordenadora do PPGTE  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Faimara do Rocio Strauhs  
Coordenadora do PPGTE



Aos meus pais, Belmiro e Jucélia  
Às minhas filhas, Patrícia e Larissa





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço:

A Deus, pela minha existência e pela energia para concretizar este trabalho.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, especialmente ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia, pela oportunidade de realizar este trabalho.

Ao Instituto Federal de Santa Catarina, especialmente ao Departamento Acadêmico de Metal Mecânica e ao Curso de Design de Produto, por terem permitido a minha liberação integral para que este trabalho pudesse ser realizado.

Especialmente à minha orientadora, Profa. Maristela Mitsuko Ono, pelo carinho, paciência e competência que dedicou a mim e ao meu trabalho. Espero levar sua amizade para a minha vida.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, Professoras Ana Lúcia Verdasca Guimarães, Leila do Amaral Gontijo, Marília Gomes de Carvalho e Tamara Benakouche e Professor Rafael Antonio Cunha Perrone, pelo tempo dedicado e pelas sugestões que contribuíram para a melhoria do trabalho.

A todas as pessoas, que cederam o seu tempo, abriram suas cozinhas e me receberam para as entrevistas. Sem elas, este trabalho não seria possível

Aos/Às professores/as do PPGTE, que ampliaram meus horizontes pessoais e acadêmicos.

Ao Adriano Heemann, pela motivação inicial para a realização do doutorado junto ao PPGTE.

À Lurdete Cadorin Biava, pela revisão do texto.

Aos/Às amigos/as de todas as horas: Bruno Manoel Neves, Isabela Mendes Sielski, Joel Lacerda, Lurdete Cadorin Biava e Raquel Bugliani.

À Dulce Maria Paiva Fernandes, pelas acolhidas em Curitiba e pelas conversas.

À Ana Cláudia Camila Veiga de França e Renata Silva Machado, pelo incentivo ao longo do caminho.

Ao José Antonio Vilela, pelas conversas terapêuticas.

À minha família, especialmente aos meus pais, pelo apoio incondicional ao longo da vida.

Às minhas filhas, Patrícia e Larissa, por torcerem pelo meu sucesso.

Enfim, a todos e todas que de alguma maneira me incentivaram ao longo da jornada.



Cada persona brilla con luz propia entre todas las demás. No hay dos fuegos iguales. Hay fuegos grandes y fuegos chicos y fuegos de todos los colores. Hay gente de fuego sereno, que ni se entera del viento, y gente de fuego loco, que llena el aire de chispas. Algunos fuegos, fuegos bobos, no alumbran ni queman; pero otros arden la vida con tantas ganas que no se puede mirarlos sin parpadear, y quien se acerca, se enciende. (Eduardo Galeano, 2010).



## RESUMO

Esta tese busca a compreensão de como o ambiente da cozinha e os eletrodomésticos nela inseridos estão articulados aos modos de vida das pessoas. Parte do princípio de que as pessoas organizam suas vidas de diferentes maneiras, ancoradas em hábitos e valores que foram sendo constituídos, mantidos ou modificados ao longo da história da humanidade. Esses hábitos e valores são decorrentes de contextos culturais, sociais, econômicos, geográficos, políticos e tecnológicos em que vivem as pessoas, além da bagagem material e imaterial particular de cada uma delas, inter-relacionados e interdependentes na composição do meio ambiente, manifestando a complexidade e a diversidade cultural. Entende-se a cozinha como um espaço de manifestação cultural e, desta maneira, de expressão de identidades que envolvem desde a alimentação ali preparada e servida, a organização de diferentes tipos de artefatos nesse espaço, bem como o posicionamento e funções da cozinha no contexto da habitação. E, ainda, que esses elementos representam valores simbólicos de seus moradores e moradoras (ou usuários e usuárias), em diferentes graus de interferência, pois há aqueles(as) que exercem maior ou menor influência sobre a constituição e a manutenção desse espaço. Com esta perspectiva, este estudo está ancorado em uma base teórica interdisciplinar, que transita principalmente entre a antropologia, a sociologia, a arquitetura e o *design*, visando esclarecer temas relacionados às origens da cozinha e às mudanças sociais associadas ao desenvolvimento de recursos tecnológicos nesse ambiente, especialmente, aos eletrodomésticos. Compreendendo que mudanças sociais e desenvolvimento tecnológico constituem produto e processo integrados em determinado sistema, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativo com casais da cidade de Florianópolis/SC, tendo como objetivos: identificar e interpretar de que maneira são estabelecidas as rotinas no ambiente doméstico, especificamente na cozinha; identificar e interpretar como as pessoas percebem a interferência de recursos tecnológicos no seu cotidiano no ambiente doméstico, especificamente na cozinha; identificar e interpretar hábitos de consumo de artefatos eletroeletrônicos no ambiente doméstico, relacionados à cozinha; identificar e interpretar diferenças nas relações de gênero no ambiente doméstico, especialmente na cozinha, compreendendo que tudo isso se dá sob cenários e em contextos de diversidade e hibridação cultural. Os resultados da pesquisa possibilitam ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os contextos, perfis e requisitos das pessoas para as quais se voltam atividades projetuais inter-relacionadas como as de arquitetura, design, dentre outras.

**Palavras-chave:** Cozinhas. Eletrodomésticos. Modos de Vida. Design. Arquitetura.



## **ABSTRACT**

The aim of this thesis is to understand how the kitchen environment and the home appliances are articulated to the people's lifestyle. It assumes that people organize their lives in different ways, anchored in habits and values that were being created, maintained or modified throughout the history of humanity. These habits and values are due to the cultural, social, economic, geographic, political and technological contexts in which people live, as well as the material and immaterial personal background of each one of them, interrelated and interdependent in the composition of the environment, manifesting the complexity and the cultural diversity. The kitchen is seen as an environment of cultural expression and, thus, the expression of identities. It involves not only food preparation and serving, but also the organization of different types of artifacts in this space, as well as the positioning and the kitchen functions in the housing context. These elements represent symbolic values of its residents (or users), in different degrees of interference, because there are those who have more or less influence on this space formation and maintenance. With this perspective in mind, this study is anchored in a theoretical interdisciplinary basis that moves mainly among anthropology, sociology, architecture and design, aiming to clarify issues related to the origins of the kitchen and the social changes associated with the development of technological resources in this environment, especially, to home appliances. Understanding that social changes and technological development constitute integrated product and process in a system, a qualitative and interpretative research with couples from the city of Florianópolis/SC has been conducted. The main goals of this research were: to identify and interpret how the routines are established in the home environment specifically in the kitchen; to identify and interpret how people perceive the interference of technological resources in their daily lives in the home, specifically in the kitchen; to identify and interpret consumption habits of electronic artifacts in the home environment, related to the kitchen; to identify and interpret differences in gender relations in the household, especially in the kitchen, realizing that all this takes place in scenarios and contexts of cultural diversity and hybridization. The survey results enable to broaden and deepen the knowledge on the contexts, profiles and requirements of the people to whom the projectual interrelated activities are made such as architecture and design, among others.

**Keywords:** Kitchens. Home Appliances. Lifestyles. Design. Architecture.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configuração do efeito bola-de-neve na pesquisa de campo .....	33
Figura 2 – Vista panorâmica das pontes que ligam a ilha ao continente na cidade de Florianópolis .....	36
Figura 3 – Localização da cidade de Florianópolis .....	37
Figura 4 – Fada-eletricidade. Cartão-postal especialmente elaborado para a Exposição Universal de 1900 .....	53
Figura 5 – Proposta de organização da cozinha.....	72
Figura 6 – Christine Frederick (à direita) em seu <i>Applecroft Home Experiment Station</i> .....	72
Figura 7 – Estudo de movimentos na cozinha, em função da organização dos equipamentos .....	73
Figura 8 – Postura sentada para lavar a louça; Carrinho para carregar a louça suja, prateleiras adjacentes para organizar os utensílios .....	74
Figura 9 – Comparação entre as posturas pela utilização de uma pá de lixo com cabo curto ou com cabo longo. “Por que se inclinar para juntar o lixo quando ele pode vir até você?” .....	74
Figura 10 – Cozinha Frankfurt, de 1927, de autoria de Grete Schütte-Lihostky .....	76
Figura 11 – Cozinha experimental, apresentada na Exposição da Bauhaus (Weimar, 1923).....	77
Figura 12 – Cozinha Battersea Electric House (Battersea, 1927).....	78
Figura 13 – Equipamentos de cozinha Hotpoint. Anúncio publicado no <i>The Saturday Evening Post</i> , em maio de 1959.....	79
Figura 14 – Cozinha contemporânea KitchenAid (2011).....	80
Figura 15 – Lavadora e calandra para roupa, movidas manualmente.....	81
Figura 16 – Motor elétrico com seus acessórios, em publicidade da AEG, de 1911 .....	81
Figura 17 – Propaganda das chaleiras elétricas desenvolvidas por Peter Behrens, de 1910.....	82
Figura 18 – Batedeira elétrica para uso doméstico, de 1920 .....	83
Figura 19 – Principais movimentos de <i>design</i> .....	84
Figura 20 – Refrigerador de madeira com refrigeração com barras de gelo.....	85
Figura 21 – Refrigerador elétrico com motor na parte superior .....	85
Figura 22 – Refrigerador Coldspot Super Six, 1937 .....	86
Figura 23 – Refrigeradores com diferentes cores, comercializados em diferentes países. A – Índia, B – Indonésia, C – México. LG, 2011 .....	87
Figura 24 – Refrigeradores Electrolux disponíveis para o mercado estadunidense, em 2011 .....	88
Figura 25 – Refrigerador <i>french door</i> , LG, 2011 .....	88
Figura 26 – Modelo de refrigerador Fisher & Paykel, Inglaterra, 2011. ....	89
Figura 27 – Configuração do espaço interno de um refrigerador estadunidense .....	89
Figura 28 – Detalhe do refrigerador coreano, com gavetas para acondicionamento de <i>kimchi</i> .....	90
Figura 29 – Fogão a gás, de 1910.....	90
Figura 30 - Fogão elétrico, de 1926, produzido pela AEG.....	91
Figura 31 – Fogão a gás desenvolvido por Norman Bel Geddes.....	92
Figura 32 – Dois modelos de fogão AGA, dos anos de 2000.....	92
Figura 33 – Fogões comercializados no Brasil, de 2011, das marcas: A) Consul, B) Brastemp e C) Electrolux ..	93

Figura 34 – Modelos de fogões comercializados nos EUA e Reino Unido, respectivamente: A) Fogão LG; B) Fogão Fisher & Paykel .....	94
Figura 35 – Lavadora Protos de 1930.....	95
Figura 36 – Lavadora Kenmore Toperator de 1933.....	95
Figura 37 – Lavadora de roupas de 1939.....	95
Figura 38 – Lavadora de roupas do tipo <i>front load</i> da LG (USA, 2011).....	96
Figura 39 – Lavadora de roupas do tipo <i>top load</i> da Brastemp (Brasil, 2011).....	96
Figura 40 – Lavadora de louças elétrica da Wester Electric (EUA).....	97
Figura 41 – Lavadora de louças com abertura frontal da Brastemp (Brasil, 2011).....	97
Figura 42 – Lavadora anexa à pia ( <i>in-sink</i> ) da KitchenAid, (Brasil, 2011).....	98
Figura 43 – Lavadora de louças com duas gavetas da Fisher & Paykel (Inglaterra, 2006).....	98
Figura 44 – Batedeira Braun KM 321 (Alemanha, 1957).....	99
Figura 45 – A) Forno de micro-ondas para uso industrial (EUA,1955). B) Forno de micro-ondas para uso doméstico (EUA, 2011).....	99
Figura 46 – Forno de micro-ondas com compartimento para assar pizza da LG (2011).....	100
Figura 47 – Duas versões de um mesmo modelo de forno de micro-ondas, fabricado pela empresa LG (2011).....	101
Figura 48 – Painéis de comando de forno de micro-ondas da LG.....	102
Figura 49 – Digital Fabricator, para produção digital de alimentos (EUA, 2009).....	103
Figura 50 – Anúncio do Almanak Laemert, 1929.....	114
Figura 51 – Cozinha caipira. Pintura a óleo sobre tela de 63x87 cm (1895), de autoria de José Ferraz de Almeida Junior.....	115
Figura 52 – Refrigerador Consul Q300 (a querosene), 1950.....	116
Figura 53 – Nota fiscal da primeira geladeira vendida pela Indústria de Refrigeração Consul.....	117
Figura 54 – Propaganda da Arno, publicada na Revista Seleções em 1955.....	118
Figura 55 – Propaganda de geladeiras Consul dos anos de 1970.....	119
Figura 56 – Batedeiras Walita da linha Topa-Tudo, da década de 1970.....	119
Figura 57 – Propaganda Brastemp, do início dos anos de 1980.....	120
Figura 58 – Domicílios com bens duráveis – no período de 2006 a 2009.....	121
Figura 59 – Penetração dos eletroportáteis nos lares brasileiros.....	122
Figura 60 – Composição espacial da cozinha de Zenaide e Alberto.....	152
Figura 61 – Cozinha do casal Zenaide e Alberto.....	152
Figura 62 – Composição espacial da cozinha de Nívea e Lauro.....	153
Figura 63 – Cozinha de Nívea e Lauro.....	154
Figura 64 – Composição espacial da cozinha do casal Eduarda e Anselmo.....	155
Figura 65 – Cozinha do casal Eduarda e Anselmo.....	155
Figura 66 – Composição espacial da cozinha do casal Eva e Mateus.....	156
Figura 67 – Cozinha do casal Eva e Mateus.....	157
Figura 68 – Composição espacial da cozinha do casal Valda e Waldemar.....	158
Figura 69 – Cozinha do casal Valda e Waldemar.....	158
Figura 70 – Composição espacial da cozinha do casal Renata e Sebastião.....	160

Figura 71 – Cozinha do casal Renata e Sebastião .....	161
Figura 72 – Composição espacial da cozinha do casal Joana e Pascoal .....	162
Figura 73 – Cozinha do casal Joana e Pascoal .....	162
Figura 74 – Composição espacial da cozinha 1 do casal Milena e José .....	163
Figura 75 – Cozinha 1 do casal Milena e José.....	164
Figura 76 – Composição espacial da cozinha 2 do casal Milena e José .....	164
Figura 77 – Cozinha 2 do casal Milena e José.....	165
Figura 78 – Composição espacial da cozinha do casal Julieta e João.....	166
Figura 79 – Cozinha do casal Julieta e João .....	166
Figura 80 – Composição espacial da cozinha do casal Sofia e Giovani .....	168
Figura 81 – Cozinha do casal Sofia e Giovani .....	168
Figura 82 – Composição espacial da cozinha do casal Kamila e Lucas .....	169
Figura 83 – Cozinha do casal Kamila e Lucas .....	170
Figura 84 – Composição espacial da cozinha do casal Ângela e Mabel.....	170
Figura 85 – Cozinha do casal Ângela e Mabel .....	171
Figura 86 – Composição espacial da cozinha do casal Sulamita e Pilar.....	172
Figura 87 - Cozinha do casal Sulamita e Pilar.....	172
Figura 88 – Composição espacial da cozinha do casal Alan e Raul .....	173
Figura 89 – Cozinha do casal Alan e Raul .....	173
Figura 90 – Composição espacial da cozinha do casal Paula e Felipe .....	174
Figura 91 – Cozinha do casal Paula e Felipe.....	175
Figura 92 – Composição espacial da cozinha do casal Luana e Amauri .....	176
Figura 93 – Cozinha do casal Luana e Amauri.....	176
Figura 94 – Composição espacial da cozinha do casal Andréa e Victor .....	177
Figura 95 - Cozinha do casal Andréa e Victor .....	177
Figura 96 – Composição espacial da cozinha do casal Eunice e Frederico .....	178
Figura 97 – Cozinha do casal Eunice e Frederico .....	179
Figura 98 – Composição espacial da cozinha de D. Áurea .....	180
Figura 99 – Cozinha de D. Áurea .....	180
Figura 100 – Composição espacial da cozinha de D. Waleska.....	181
Figura 101 – Cozinha de D. Waleska .....	182
Figura 102 – Detalhe dos móveis da cozinha do casal Julieta e João.....	186
Figura 103 – Detalhes da cozinha do casal Julieta e João .....	187
Figura 104 – Detalhe da cozinha do casal Eva e Mateus.....	188
Figura 105 – Detalhes de móveis de uma cozinha dos anos de 1990 .....	189
Figura 106 – “Galinhas e galos” de Nívea.....	189
Figura 107 – Decoração da cozinha do casal Paula e Felipe .....	190
Figura 108 – Bonequinhas de D. Áurea.....	190
Figura 109 – Eletroportáteis de D. Waleska cobertos por capa .....	191
Figura 110 – Alguns relógios encontrados nas cozinhas dos casais entrevistados .....	192

Figura 111 – Os refrigeradores e os ímãs .....	192
Figura 112 – Churrasqueira produzida com latão .....	193
Figura 113 – Churrasqueira do casal Zenaide e Amauri.....	194
Figura 114 – Churrasqueira do Casal Nívea e Lauro.....	195
Figura 115 – Churrasqueira do casal Kamila e Lucas.....	195
Figura 116 – Churrasqueira do casal Sofia e Giovani.....	195
Figura 117 – O garfo e a colher utilizados por D. Waleska para fazer bolos, guardados como relíquia. ....	205
Figura 118 – Eletroportáteis do casal Nívea e Lauro.....	211
Figura 119 – Eletroportáteis do casal Eduarda e Anselmo .....	212
Figura 120 – Eletroportáteis do casal Eva e Mateus .....	212
Figura 121 – Eletroportáteis do casal Valda e Waldemar.....	212
Figura 122 – Eletroportáteis do casal Renata e Sebastião.....	213
Figura 123 – Eletroportáteis do casal Julieta e João .....	213
Figura 124 – Eletroportáteis do casal Sofia e Giovani.....	213
Figura 125 – Eletroportáteis do casal Joana e Pascoal.....	214
Figura 126 – Eletroportáteis do casal Kamila e Lucas.....	214
Figura 127 – Eletroportáteis do casal Ângela e Mabel .....	215
Figura 128 – Eletroportáteis do casal Sulamita e Pilar .....	215
Figura 129 – Eletroportáteis do casal Paula e Felipe .....	215
Figura 130 – Eletroportáteis do casal Amauri e Luana.....	216
Figura 131 – Eletroportáteis do casal Andréa e Victor.....	216
Figura 132 – Eletroportáteis do casal Eunice e Frederico.....	216
Figura 133 – Eletroportáteis de D. Áurea .....	217
Figura 134 – Eletroportáteis de D. Waleska .....	217

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma para realização da pesquisa .....	39
Quadro 2 – Informações demográficas dos casais entrevistados.....	143
Quadro 3 – Comparação entre a autoclassificação socioeconômica e a classificação da ABEP.....	147
Quadro 4 – Atividades de lazer dos casais entrevistados .....	149
Quadro 5 – Relação entre a área da cozinha e a área do imóvel .....	184
Quadro 6 – Relação das pessoas entrevistadas e eletroportáteis disponíveis .....	218

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de unidades domésticas, organizadas por composição familiar da cidade de Florianópolis no ano de 2010 .....	37
Tabela 2 – Domicílios particulares permanentes, por existência de alguns bens duráveis, segundo as Unidades da Federação.....	38

## SIGLAS

ABEP – Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa

AEG – *Allgemeine Elektrizitäts – Gesellschaft* (Sociedade Geral de Eletricidade)

CEFETSC – Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina

CCEB – Critério de Classificação Econômica Brasil

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ETFSC – Escola Técnica Federal de Santa Catarina

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICSID – International Council of Societies of Industrial Design

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PPGTE – Programa de Pós-graduação em Tecnologia

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná



# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	25
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	32
2.1	O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA COM CASAIS .....	36
2.2	PLANEJAMENTO OPERACIONAL .....	39
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	40
3.1	CULTURA, IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO .....	40
3.2	EXPRESSÃO MATERIAL DA CULTURA, CONSUMO E IMPLICAÇÕES NOS MODOS DE VIDA .....	46
3.3	FUNÇÕES DOS OBJETOS .....	64
3.3.1	Função simbólica .....	64
3.3.2	Função de uso ou prática .....	65
3.3.3	Função estética .....	65
3.4	COZINHAS, ELETRODOMÉSTICOS E MODOS DE VIDA .....	67
3.4.1	Cozinha .....	67
3.4.1.1	Cozinha: contextualização histórica no ambiente doméstico .....	68
3.4.1.2	Transformações na cozinha .....	70
3.4.2	Eletrodomésticos .....	80
3.4.2.1	<i>Design</i> de eletrodomésticos no Brasil .....	104
3.4.3	Relações entre as transformações na cozinha e os eletrodomésticos .....	106
3.4.4	A cozinha no contexto da casa brasileira .....	108
3.4.5	A cozinha e os eletrodomésticos no Brasil .....	112
3.4.6	Modificações na cozinha brasileira: novas maneiras de consumo .....	123
3.5	GÊNERO, FORMAÇÕES FAMILIARES E IMPLICAÇÕES NO TRABALHO DOMÉSTICO NA COZINHA .....	126
3.5.1	Família e relações entre gêneros .....	130
3.5.2	Gênero e trabalho doméstico .....	134
3.6	SÍNTESE DA REVISÃO DE LITERATURA .....	137
<b>4</b>	<b>PESQUISA DE CAMPO – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b> .....	141
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS .....	142
4.1.1	Autoclassificação socioeconômica e modos de vida .....	144
4.2	A POSIÇÃO DA COZINHA NO CONTEXTO ESPACIAL E SOCIAL DA CASA .....	150
4.2.1	A função simbólica e estética da cozinha .....	185
4.2.2	Churrasqueiras – espaços de comensalidade e sociabilidade .....	193
4.3	ROTINAS DOMÉSTICAS .....	196
4.3.1	Horário das refeições: momento de encontro das famílias .....	196

4.3.2	Rotinas: diferenças geracionais e tecnológicas.....	199
4.4	O CONSUMO DE ELETRODOMÉSTICOS .....	209
4.4.1	Consumo: significações das marcas dos eletrodomésticos .....	222
4.4.2	Cozinha e eletrodomésticos: sonhos de consumo .....	226
4.4.3	Eletrodomésticos: é possível viver sem eles? .....	230
4.4.4	Descarte de eletrodomésticos .....	231
4.5	CASAS E GÊNERO: COZINHA (AINDA) É CONSIDERADA UM LUGAR DE MULHER? .....	232
4.5.1	Significados da cozinha .....	232
4.5.2	O fazer diário na cozinha.....	234
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>238</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>245</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>253</b>
	APÊNDICE A – PROTOCOLO DE ENTREVISTA-PILOTO.....	254
	APÊNDICE B – PROTOCOLO DE ENTREVISTA .....	256
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>258</b>
	ANEXO A – PROJETOS DE APARTAMENTOS COMERCIALIZADOS ATUALMENTE EM FLORIANÓPOLIS.....	259
	ANEXO B – ESPAÇOS ALTERNATIVOS OFERECIDOS NOS CONDOMÍNIOS .....	261
	ANEXO C – CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL (CCEB) DA ABEP .....	262



## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Certeau e Giard (2008, p.201): “Habitar é narrativizar”, ou seja, as residências das pessoas são um discurso silencioso de como estas organizam suas vidas de diferentes maneiras, ancoradas em princípios e valores que foram sendo constituídos, mantidos ou modificados ao longo da história da humanidade. Esses princípios e valores são decorrentes de contextos culturais, sociais, econômicos, geográficos, políticos e tecnológicos em que vivem as pessoas, além da bagagem material e imaterial particular de cada uma delas, inter-relacionados e interdependentes na composição do meio ambiente, manifestando a complexidade e a diversidade cultural.

Entende-se a cozinha como uma parte da narrativa da habitação, um espaço de manifestação cultural, e, dessa maneira, de expressão de identidades que envolve desde a alimentação ali preparada e servida, a organização de diferentes tipos de artefatos nesse espaço, bem como o posicionamento e as funções da cozinha no contexto da residência.

Sendo assim, esta tese busca a compreensão de como o ambiente da cozinha e os diversos recursos tecnológicos nela inseridos, principalmente os eletrodomésticos, fazem parte do discurso silencioso e estão articulados aos modos de vida das pessoas.

Compreende-se que sociedade e tecnologia são termos fortemente imbricados. Para alguns autores, a tecnologia é uma ameaça para a sociedade, pois a domina; para outros, é fascinante, pois promove o progresso do mundo, a melhoria das condições de vida das pessoas; e há, ainda, os que a consideram como nem boa nem má, mas simplesmente inerente ao mundo – mundo das pessoas, mundo dos artefatos.

Pinto (2008) busca “fazer ver a diversidade de noções escondidas sob o mesmo substantivo abstrato e alertar o leitor para a necessidade de ter presentes esses vários significados, a fim de enquadrar o nome ‘tecnologia’ naquele adequado em cada texto ou debate.” (PINTO, 2005, p. 228).

O autor apresenta quatro acepções para a tecnologia: a) tecnologia como a teoria, a ciência, o estudo e a discussão da técnica, entendendo técnicas como os modos de produzir algo; b) tecnologia como técnica, intercambiável no discurso, o *know how*; c) tecnologia como o conjunto de todas as técnicas que dispõe uma determinada sociedade em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento, o que é usado para medir o grau de avanço das forças produtivas de uma sociedade; e d) tecnologia como ideologização da técnica. (PINTO, 2008)

De acordo com o autor, o desenvolvimento tecnológico é um conjunto socialmente articulado, que atualmente se compõe de elementos conceituais e materiais e que anteriormente foi constituído por experiências acumuladas que se formaram pela práxis coletiva.

A motivação e a justificativa para a realização desta pesquisa vêm de diferentes situações experimentadas pela pesquisadora ao longo de sua história pessoal, acadêmica e profissional.

Da sua história pessoal, a pesquisadora lembra que, morando no interior do Estado de Santa Catarina, viveu até os cinco anos de idade sem energia elétrica em casa e que, à noite, a iluminação era realizada por “pombocas” – lamparinas de metal que utilizavam querosene como combustível – e o único eletrodoméstico disponível era o fogão a gás.

Mais recentemente, no ano de 2003, vivenciou a experiência de um “apagão” por três dias em Florianópolis. O referido “apagão” foi gerado pelo rompimento de um cabo de transmissão de energia elétrica. Durante esse período não se pôde desfrutar dos recursos tecnológicos alimentados por essa fonte<sup>1</sup>, tais como eletrodomésticos, televisão e computador. O artefato de comunicação disponível resumia-se basicamente no rádio a pilha.

Esse evento gerou grande insatisfação por parte da população em geral, mas, por outro lado, propiciou uma oportunidade de maior aproximação entre as pessoas, sendo possível conversar com vizinhas/os e familiares. O tempo destinado, por exemplo, a assistir à televisão e a entreter-se com o computador foi ocupado por conversas e pela troca de ideias à luz natural ou de velas, ou seja, houve modificação da rotina provocada pela impossibilidade de utilização de alguns equipamentos eletroeletrônicos comumente utilizados pelas pessoas em seu dia a dia. Além disso, as estrelas puderam ser vistas com mais intensidade.

Percebeu-se, nesse período ainda, como certos recursos tecnológicos estão arraigados no cotidiano das pessoas, não raro transformando-se em algo praticamente “invisível”, só sendo notado o quanto são relevantes na sua ausência.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisadora cursou Engenharia Mecânica – habilitação em Produção, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na qual sempre questionou a inexistência de discussões relativas às implicações socioculturais da engenharia, uma vez que esse debate praticamente não existia. Fez mestrado em Engenharia de Produção (UFSC), na área de Gestão do *Design* e do Produto. A dissertação discorre sobre as implicações ambientais do desenvolvimento de produtos e, com o objetivo de minimizar os

---

<sup>1</sup> Salvo em casos de alimentação por gerador auxiliar.

danos ao meio ambiente, criou-se “um modelo de avaliação do desenvolvimento de produtos para desmontagem”, visando à reutilização, à recuperação e à reciclagem dos mesmos.

Profissionalmente, esteve envolvida com a área de *design*, desde o seu estágio da engenharia, tendo acentuado o trabalho na área a partir de 1994. Na sua atuação como professora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), foi coautora do projeto de criação do Curso Superior de Tecnologia em *Design* de Produto, que foi implantado em 2002 com a transformação da Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETFSC) em Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFETSC), o que garantiu à instituição a possibilidade de ministrar cursos de nível superior. Foi coordenadora do Curso de 2002 a 2003 e chefe de departamento de 2003 a 2005. Em 2005, retornou à Coordenação do Curso, permanecendo até o início de 2009.

A motivação principal para o tema da pesquisa vem dos questionamentos sobre a necessidade do *designer* de conhecer o/a outro/a para quem desenvolve produtos. Dessa maneira, esta tese busca essa compreensão, uma vez que a materialidade da cultura tem influenciado as sociedades de tal forma que a maioria das pessoas, sobretudo a partir da chamada modernidade, não se imagina vivendo em um mundo sem as benesses que os recursos tecnológicos lhes proporcionam, pois, ao longo da história, foram acumulando e interagindo com inúmeros artefatos, *muitas vezes sem refletir sobre a maneira como os mesmos implicam em seus modos de vida*.

Os artefatos e sistemas de artefatos são, em tese, meios de satisfação de anseios e necessidades de seus usuários, sejam esses de ordem prática ou simbólica, como representação de identidades, de pertencimento, dentre outras.

As pessoas, a partir da percepção, nem sempre consciente, de que, para manterem-se vivas, precisariam adaptar a natureza, passaram a buscar a transformação de seus elementos em artefatos que lhes “facilitassem” a vida.

Esse processo de adaptação não cessa, uma vez que a satisfação de algo gera outras necessidades e, dessa maneira, tem-se um ciclo contínuo de transformação dos elementos e das próprias pessoas, buscando melhores condições de vida, gerando o processo recorrente de modificação da tecnologia.

Os recursos tecnológicos são desenvolvidos, em grande parte, com o objetivo de tornar as atividades mais simples e mais rápidas, mas, ao contrário do que se poderia esperar, o tempo que sobraria para atividades de lazer acaba sendo utilizado por muitos para desempenhar outras atividades relacionadas ao trabalho, ocasionando problemas decorrentes de sobrecarga, tais como estresse, dentre outros.

Pode-se constatar que muitos dos recursos tecnológicos tanto trouxeram facilidades às pessoas, como também aceleraram o ritmo de suas vidas, dificultando-as, em certos aspectos, pois, com mais tempo disponível, mais tarefas podem ser realizadas.

No ambiente doméstico, a chegada da energia elétrica promoveu mudanças expressivas nos modos de vida. Os eletrodomésticos, por exemplo, destinados a facilitar os afazeres do lar, possibilitaram reduzir o tempo e o esforço dedicados a tarefas domésticas e também modificaram padrões de limpeza.

As transformações que se deram no ambiente da cozinha ao longo do último século foram substanciais. No Brasil, no início do século XX, a cozinha, por ser, na ocasião, considerada um ambiente inadequado para a preparação de alimentos, teve que sofrer a intervenção da medicina sanitária, dadas as precárias condições de higiene à época.

O conceito original de cozinha era apenas de um espaço para cozer os alimentos. No Brasil colonial, poderia ser apenas um amontoado de pedras, onde se fazia o fogo e se apoiava a panela. Na Europa era a lareira onde se pendurava o caldeirão.

Em tempos atuais, a cozinha tem concepções bem diferentes do seu conceito original, limitado, de um modo geral, apenas ao local onde se cozia os alimentos, pois atualmente tem-se uma visão mais afetiva e mesmo “romantizada” da cozinha, esta tida como um espaço de reunião de família e amigos, de conversas e de troca de experiências, sobretudo nas camadas médias e na classe trabalhadora. Segundo Russo (2002, p.93), “A cozinha é o principal e mais forte vínculo cultural e emocional que cada um de nós tem com suas famílias. Sua história continua sendo escrita, modificada, enriquecida. Tudo está sempre em transformação.” A cozinha aguça os sentidos e remete a lembranças de outras épocas.

Da maneira similar, Certeau e Giard (2008) expõem que a cozinha pode aparecer como centro dos sonhos, como “compartimento quente” onde a família se reúne. Para os autores, a cozinha é o teatro da “arte de fazer” e da “arte de nutrir”. Nesse espaço, comumente se dão reuniões familiares, quase sempre no horário das refeições, onde se compartilham alegrias, tristezas, sucessos e frustrações, e onde os moradores da casa, com frequência, trocam experiências.

Estes momentos de reunião têm se tornado cada vez mais raros nas moradias, em virtude de transformações sociais e culturais, destacando-se o fato de que, na medida em que as mulheres passam a ocupar espaço no mercado de trabalho, o tempo para execução das tarefas domésticas nelas concentradas torna-se mais escasso, incluindo a preparação da alimentação, sobretudo se não há compartilhamento de tarefas com outras pessoas e no âmbito da diversidade de gênero.

Um fenômeno que se observa no Brasil são os restaurantes que comercializam comida por peso ("por kilo"), o que faz com que muitas pessoas que estudam e/ou trabalham fora, sobretudo aquelas pertencentes às camadas médias, optem por almoçar durante a semana, principalmente em dias de trabalho, nesses locais. Nesses casos, é comum que as famílias se reúnam para o lanche da noite, ou para o jantar, bem como nos finais de semana.

Inúmeros exemplos dos diferentes modos de vida e consumo podem ser observados na cozinha, por ser um ambiente repleto de artefatos, dos mais simples – utilidades ou inutilidades domésticas que lotam gavetas e armários – aos produtos com maior complexidade tecnológica, bem como gêneros alimentícios que têm se modificado ao longo do tempo, para atender à dinâmica cultural e às necessidades dos estilos de vida que vêm sendo constituídos.

Compreender esse espaço e o tipo de relações que se estabelecem entre pessoas e entre pessoas e artefatos é uma necessidade para quem os desenvolve, pois a atividade de projeto não pode estar desvinculada das práticas sociais. É necessário que *designers* e demais envolvidos/as no desenvolvimento de artefatos e sistemas de artefatos para a sociedade saibam quem é o/a outro/a para quem e por que projetam, e não apenas como se projeta, pois, como nos lembra Winner (1996), os artefatos podem estar investidos de política e, dessa maneira, representar relações de poder. Ou seja, desenvolvidos consciente ou inconscientemente, os artefatos ou sistemas de artefatos podem estar incluindo determinados grupos e excluindo outros.

Lembrando Sotssas (1979, p. 25), “[...] o problema base no seu trabalho [de *designer*] e na sua especialização é o de ver até que ponto estão implicados, são conscientes e responsáveis perante as pessoas pelo que fazem, pelas suas decisões.”

Dessa maneira, esta tese busca articular diferentes áreas do conhecimento para fornecer subsídios que conduzam ao entendimento dos processos de transformações sociais, culturais e tecnológicas no ambiente da cozinha, levantando-se a seguinte hipótese: O uso de eletrodomésticos tem promovido (conjuntamente com outros fatores) transformações em rotinas domésticas relacionadas ao ambiente da cozinha e que se manifestam em relações sociais, envolvendo gênero.

Diante disso, coloca-se como problema de pesquisa:

Que transformações têm sido promovidas pelo uso dos eletrodomésticos em rotinas domésticas relacionadas à cozinha? E como isso tem repercutido nas relações sociais, envolvendo gênero?

Diante desta problemática, definiram-se os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Analisar e interpretar as implicações do uso de artefatos eletroeletrônicos de cozinha nas rotinas domésticas, sob a ótica de casais de diferentes gerações, das camadas médias de Florianópolis.

Objetivos específicos:

- a) Identificar e interpretar de que maneira são estabelecidas as rotinas no ambiente doméstico, especificamente na cozinha;
- b) Identificar e interpretar como as pessoas percebem a interferência/integração de recursos tecnológicos no seu cotidiano no ambiente doméstico, especificamente na cozinha;
- c) Identificar e interpretar hábitos de consumo de artefatos eletroeletrônicos no ambiente doméstico, relacionados à cozinha;
- d) Identificar e interpretar diferenças nas relações sociais, envolvendo gênero, no ambiente doméstico, especialmente na cozinha.

Visando dar conta dos objetivos, a tese foi estruturada a partir dos capítulos apresentados a seguir.

No capítulo dois estão apresentados a abordagem metodológica e os procedimentos adotados na pesquisa, incluindo-se os métodos de coleta de dados e as técnicas utilizadas para interpretá-los.

No capítulo três, apresenta-se a revisão de literatura, que tem como objetivo fornecer a sustentação teórica da tese, que se insere no campo da cultura. Compreende fundamentos teóricos sobre: cultura, identidade e globalização; fundamentos sobre a materialidade da cultura e o consumo. Discutem-se, ainda, diversidade cultural e funções dos artefatos; modificações ocorridas na cozinha e suas implicações nos modos de vida e nas rotinas domésticas; composição de cozinhas ao longo dos tempos e o *design* de eletrodomésticos. Família e gênero também são temas tratados, pois a amostragem da pesquisa compreende casais e, dessa maneira, alude a relações sociais e ao trabalho doméstico, envolvendo questões de gênero.

No capítulo quatro estão apresentados os resultados e a análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

No capítulo cinco são tecidas as considerações que arrematam a tese.

Os temas aqui tratados coadunam-se com a perspectiva do Programa de Pós-graduação em Tecnologia da UTFPR, que considera que:

Para dar conta da complexa amplitude que envolve a tecnologia é preciso concebê-la como uma realização humana que ocorre em situações sociais concretas e específicas. Qualquer atividade humana pressupõe a cultura como um ingrediente essencial de sua existência, de seu desenvolvimento. Faz parte da cultura o conhecimento tecnológico que implica técnicas que são socialmente produzidas e parcialmente compartilhadas. Assim, a tecnologia perpassa todas as formações sociais[,] porque[,] na produção das condições materiais de vida, necessárias a qualquer sociedade[,] é imprescindível a criação, apropriação e manipulação de técnicas que carregam em si elementos culturais, políticos, religiosos e econômicos próprios da existência social. (PPGTE, 2012).

Dessa maneira, este trabalho busca a compreensão de como se articulam, cozinhas, eletrodomésticos e modos de vida, partindo do princípio de que os artefatos são socialmente construídos e que a forma com que as pessoas criam e se apropriam dos mesmos são decorrentes de aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e tecnológicos.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Necessitamos de um conhecimento da sucessão cronológica de formas e uma percepção das condições sobre as quais as mudanças ocorrem. Sem esses dados parece impossível progredir, e a questão fundamental que se coloca é como podemos obter tais dados. (BOAS, 2007, p. 89).

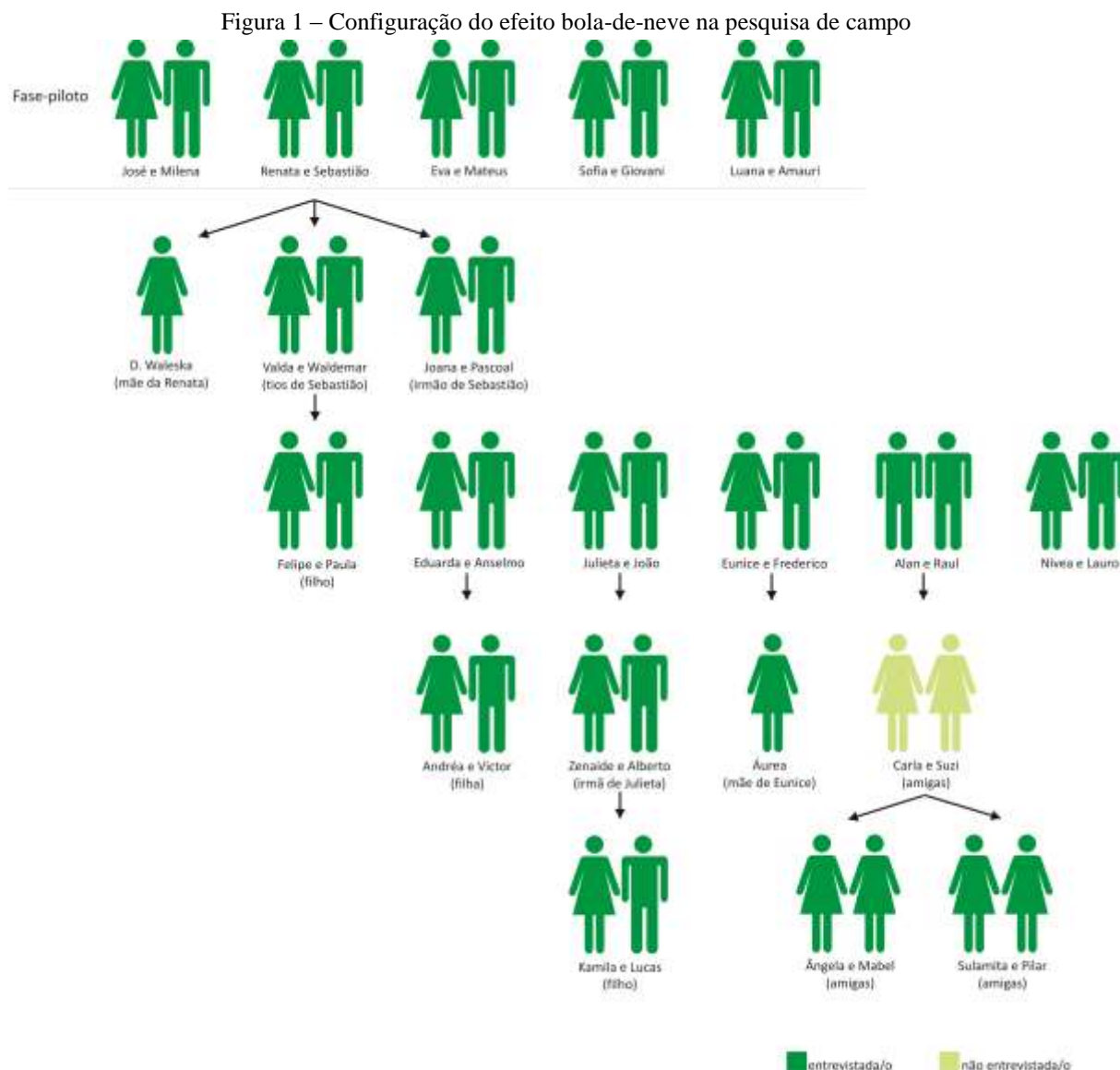
Com vistas à resolução do problema de pesquisa, no âmbito das ciências sociais, a metodologia utilizada é de cunho qualitativo com abordagem interpretativa, tendo-se a clareza de que “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. (FLICK, 2009, p. 37).

A amostra da pesquisa de campo é intencional, com “participantes que possam contribuir para a pesquisa e para o conhecimento do fenômeno.” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 174). A amostragem de entrevistados é composta por “casais” de diferentes gerações pertencentes às camadas médias, buscando-se a compreensão de como estes percebem as mudanças em suas rotinas, pela inserção dos eletrodomésticos em suas cozinhas, e se existem diferenças de percepções entre gerações e gêneros. Para efeito desse estudo, são considerados casais duas pessoas de diferentes sexos ou de mesmo sexo que compartilham o mesmo ambiente doméstico, sob uma relação de afeto. Além dos casais, também foram entrevistadas duas senhoras viúvas, objetivando ampliar o espectro da faixa etária das pessoas entrevistadas.

Cabe salientar que o termo classe socioeconômica média é utilizado no protocolo de entrevistas por ser de fácil entendimento pela população, que, de modo geral, denomina as classes econômicas como: alta, média e baixa. Ressalta-se que, oficialmente, a classificação econômica no Brasil é definida pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), que utiliza como denominações de classe: A1, A2, B1, B2, C1, C2, D, E, sendo A1 o nível mais alto da hierarquia econômica. Para tanto, são utilizados como critérios de classificação: a posse de determinados bens, o grau de instrução do chefe de família e a renda média familiar.

A estratégia de amostragem utilizada na pesquisa de campo da tese é a da bola-de-neve ou em série. Dessa maneira, as pessoas entrevistadas podem indicar outros participantes que possam contribuir para a pesquisa. A Figura 1 apresenta como se deu o processo de indicação dos participantes.





Na fase piloto foram realizadas cinco entrevistas e, posteriormente, mais quinze, totalizando vinte. Quando os dados começaram a se repetir, a pesquisa de campo foi finalizada, pois, como afirmam Moreira e Caleffe (2008), citando Bogdan e Biklen<sup>2</sup>, o número de participantes é determinado pela “saturação dos dados”, ou seja, quando a aquisição de dados torna-se redundante.

A técnica de coleta de dados adotada foi a entrevista semiestruturada, buscando-se que as respostas dadas pelos entrevistados e pelas entrevistadas pudessem ser aprofundadas. Elaborou-se um protocolo que contempla as categorias de análise, que são as seguintes:

- Autoclassificação socioeconômica e modos de vida

<sup>2</sup> BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

- Posição da cozinha no contexto espacial e social da casa
  - A função de uso, simbólica e estética da cozinha
  - Churrasqueira: espaço de comensalidade e sociabilidade
- Rotinas domésticas
  - Horário das refeições: momento de encontro das famílias
  - Rotinas: diferenças geracionais e tecnológicas
- Consumo de eletrodomésticos
  - Consumo: significações das marcas dos eletrodomésticos
  - Cozinha e eletrodomésticos: sonhos de consumo
  - Eletrodomésticos: é possível viver sem eles?
  - Descarte de eletrodomésticos
- Família, casais e gênero: A cozinha (ainda) é considerada um lugar de mulher?
  - Significado da cozinha
  - O fazer diário na cozinha

Com base nessas categorias de análise, objetivou-se identificar e analisar, com base no conjunto das informações fornecidas, a percepção de “casais” de diferentes gerações sobre as mudanças em suas rotinas, pela inserção dos eletrodomésticos em suas cozinhas.

A organização do protocolo de entrevistas deu-se, inicialmente, visando identificar as características *demográficas*, que, segundo Solomon (2011), são aquelas relacionadas à descrição dos entrevistados e entrevistadas no que tange à idade, identidade de gênero, renda, formação acadêmica, ocupação profissional, dentre outras. Em seguida, estão as questões que se enquadram na classificação de Solomon (2011) como *psicográficas*, relacionadas com atitudes, interesses e opiniões, ou seja, relativas à personalidade e ao estilo de vida dos entrevistados e entrevistadas.

Para o registro das entrevistas, utilizou-se a gravação de voz, com posterior transcrição literal. O protocolo de entrevistas utilizado na pesquisa-piloto com os casais está apresentado no Apêndice A.

Após a realização das entrevistas iniciais e ajustes no protocolo, este assumiu a configuração apresentada no Apêndice B.

As entrevistas foram realizadas com os dois membros do casal, simultaneamente e sempre no ambiente da cozinha, de maneira a possibilitar à pesquisadora uma maior familiaridade com esse espaço.

Na organização dos dados, todos os nomes dos/das informantes foram modificados, adotando-se um codinome, mesmo quando não consideraram necessário. Isso foi feito para

dar maior desprendimento à pesquisadora na interpretação das informações e, ao mesmo tempo, preservar o anonimato das fontes. Cada um/a dos/as informantes assinou um termo de autorização para utilização dos dados coletados durante a entrevista (Apêndice C)

As entrevistas foram realizadas no espaço da cozinha, com tempo de duração variando de uma hora à uma hora e meia, e com o tempo de permanência nas casas de duas a três horas, havendo sempre uma conversa inicial, que, em alguns casos, estendeu-se após as entrevistas. Estas aconteceram em um clima bastante agradável, normalmente precedidas, acompanhadas ou seguidas de algum tipo de petisco ou lanche, demonstrando, por parte das pessoas, preocupação e disposição em receber bem.

Entrevistar o casal, simultaneamente, permitiu perceber diferenças nas relações entre os pares, que vão além das informações verbais fornecidas. A discussão de determinada questão entre o casal; os tons de voz; a ordem de quem respondia as questões; a rapidez ou a hesitação nas respostas; os olhares; os sussurros, que demonstravam a vontade de dizer algo, que parecia que não seria bem aceito pelo/a outra/a; as recriminações implícitas ou explícitas sobre a resposta do/a outro/outra e também casos de concordância plena puderam ser percebidos como sinais a serem interpretados.

As entrevistas foram analisadas a partir da leitura para familiarização com os dados coletados, seguidos de uma seleção de trechos dos mesmos, buscando-se sintetizá-los. Na análise dos dados, foram estabelecidas unidades gerais de significados, “que são os termos amplos e questões que aparecem frequentemente nas entrevistas.” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 189). As unidades gerais de significado que foram identificadas foram comparadas com os objetivos, categorias de análise e tópicos da pesquisa para verificar como os dados poderiam ajudar a alcançá-los, visando extrair conteúdo de análise para a pesquisa.

Segundo Bardin (2011, p.148), “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros”, permitindo, assim, o agrupamento das similaridades das respostas recebidas.

Também, durante as entrevistas, foi realizado o registro fotográfico da organização espacial das cozinhas, bem como dos eletrodomésticos possuídos pela família. Para isso, foi necessário solicitar a cada casal que expusesse os eletrodomésticos que estivessem guardados. Entende-se que a imagem permite articular a organização espacial ao discurso. Todas as cozinhas foram medidas, para que posteriormente pudesse ser realizado o desenho do *layout* de cada uma delas, para facilitar o entendimento das fotografias, além de ilustrar os relatos das entrevistas.

## 2.1 O LOCUS DA PESQUISA COM CASAIS

Um pedacinho de terra,  
perdido no mar!...  
Num pedacinho de terra,  
beleza sem par...

(Zininho)

O *locus* da pesquisa é a cidade de Florianópolis, centro administrativo do Estado de Santa Catarina e a segunda maior cidade do Estado em dimensão populacional. Segundo dados do IBGE (2011), a cidade possui uma área de 672 km<sup>2</sup>, composta por uma parte insular e uma continental, ligadas por três pontes que podem ser observadas na Figura 2.

Figura 2 – Vista panorâmica das pontes que ligam a ilha ao continente na cidade de Florianópolis



Fonte: Fotografia de Cláudio Brandão. Acervo do autor.

A cidade é habitada por 421.240 pessoas, sendo 203.047 homens e 218.193 mulheres. A população urbana é constituída de 405.286 pessoas, e a rural de 15.956 pessoas. Possui 194.204 domicílios particulares, sendo que 143.142 são ocupados, 25.139 tem ocupação ocasional, 4.439 não tem ocupação e 21.484 são classificados como não-ocupados, vagos. A localização geográfica da cidade pode ser observada na Figura 3.

Figura 3 – Localização da cidade de Florianópolis



Fonte: Construído pela autora a partir de imagens do IBGE, CIASC e Prefeitura Municipal de Florianópolis.

De acordo com o IBGE (2011), a população residente em Florianópolis com cônjuge ou companheiro/a de sexo diferente totaliza 87.435 pessoas. Por sua vez, 465 pessoas declararam possuir companheiro/a de mesmo sexo.

O número de unidades domésticas, organizadas por composição familiar da cidade está apresentado na Tabela 1.

Tabela 1– Número de unidades domésticas, organizadas por composição familiar da cidade de Florianópolis no ano de 2010

Tipo de unidade doméstica	Número de unidades	% de unidades
<b>Unipessoais</b>	<b>25.850</b>	<b>17,5</b>
<b>Nuclear</b>	<b>94.378</b>	<b>64,0</b>
nuclear - casal sem filho(s)		26,6
nuclear - casal com filho(s)		55,0
nuclear - homem com filho(s)		2,2
nuclear - mulher com filho(s)		16,2
<b>Estendida</b>	<b>20.336</b>	<b>13,8</b>
estendida - casal sem filho(s) e outro(s) parente(s)		10,8
estendida - casal com filho(s) e outro(s) parente(s)		40,0
estendida - homem com filho(s) e outros parente(s)		3,3
estendida - mulher com filho(s) e outros parente(s)		26,1
estendida - outros tipos		19,9
<b>Composta</b>	<b>6.873</b>	<b>4,7</b>
composta - casal sem filho(s), com não parente(s) e com ou sem outro(s) parente(s)		6,3
composta - casal com filho(s), com não parente(s) e com ou sem outro(s) parente(s)		13,2
composta - homem com filho(s), com não parente(s) e com ou sem outro(s) parente(s)		1,9
composta - mulher com filho(s), com não parente(s) e com ou sem outro(s) parente(s)		9,3
composta - outros tipos		69,4
<b>Total de unidades domésticas</b>	<b>147.437</b>	<b>100</b>

Fonte: Construído pela autora, segundo dados disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20 jan. 2012.

Pode-se observar que o modelo de família nuclear, conforme descreve Gelles (1995), seja esta formada por casal com ou sem filho/a/s, ou por um dos cônjuges vivendo com os/as filho/a/s, é o modelo dominante, totalizando 64% das composições familiares. Este número é

inferior à média do Estado de Santa Catarina, sendo que, segundo dados do IBGE de 2009, este tipo de organização familiar totalizava 73,5%.

A justificativa da escolha do *locus* da pesquisa se baseia no fato de que, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do ano de 2009, o Estado de Santa Catarina apresenta os maiores índices percentuais de eletrodomésticos destinados à cozinha e lavanderia, em relação aos demais estados do Brasil, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 – Domicílios particulares permanentes, por existência de alguns bens duráveis, segundo as Unidades da Federação

Unidades da Federação	Domicílios particulares permanentes					
	Total	Existência de alguns bens duráveis				
		Fogão	Filtro de água	Geladeira	Freezer	Máquina de lavar roupa
<b>2009</b>						
<b>Números relativos (%)</b>						
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>98,4</b>	<b>51,4</b>	<b>93,4</b>	<b>15,2</b>	<b>44,3</b>
Rondônia	100,0	98,6	38,0	91,9	24,3	22,6
Acre	100,0	97,1	19,8	89,3	12,6	21,8
Amazonas	100,0	96,7	19,9	88,2	21,4	54,1
Roraima	100,0	96,6	24,7	91,1	20,5	43,3
Pará	100,0	96,9	29,5	81,5	12,6	18,8
Amapá	100,0	97,9	26,6	96,5	28,6	66,3
Tocantins	100,0	96,9	60,4	87,2	10,2	11,7
Maranhão	100,0	94,8	61,7	82,7	8,0	14,1
Piauí	100,0	96,0	61,0	81,7	7,3	8,9
Ceará	100,0	96,1	42,4	85,7	5,0	15,2
Rio Grande do Norte	100,0	97,7	22,4	91,2	7,7	22,3
Paraíba	100,0	97,3	45,7	87,1	6,1	17,3
Pernambuco	100,0	96,9	33,9	87,8	5,7	20,4
Alagoas	100,0	97,1	31,3	82,5	5,1	13,9
Sergipe	100,0	98,2	50,1	90,1	6,4	23,4
Bahia	100,0	96,5	63,1	80,8	6,4	17,1
Minas Gerais	100,0	99,1	79,0*	94,6	9,9	36,9
Espírito Santo	100,0	99,4	68,4	97,8	19,4	41,0
Rio de Janeiro	100,0	99,3	72,7	98,9	19,1	63,2
São Paulo	100,0	99,5*	55,4	98,8	14,1	66,0
Paraná	100,0	99,1	25,5	97,7	20,4	59,2
Santa Catarina	100,0	99,5*	24,1	99,2*	41,8*	73,3*
Rio Grande do Sul	100,0	99,3	17,3	97,9	35,0	64,3
Mato Grosso do Sul	100,0	99,1	27,6	96,1	19,0	32,7
Mato Grosso	100,0	98,2	51,0	95,1	22,2	34,1
Goiás	100,0	99,1	70,0	96,1	14,0	29,6
Distrito Federal	100,0	99,0	76,7	98,0	22,5	63,7

Fonte: IBGE, 2010.

Nota: \* Maiores valores percentuais

## 2.2 PLANEJAMENTO OPERACIONAL

Para a realização da pesquisa, utilizou-se a distribuição de tempo apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Cronograma de realização da pesquisa

Etapas	Ano/Semestre							
	2009/1	2009/2	2010/1	2010/2	2011/1	2011/2	2012/1	2012/2
Revisão da literatura	■	■	■	■	■	■	■	
Elaboração dos protocolos de entrevista			■					
Seleção da amostra			■					
Realização de entrevistas piloto – grupo casais			■	■	■			
Avaliação das entrevistas piloto			■		■			
Redação do documento para qualificação da Tese				■	■			
Realização das entrevistas – grupo casais				■	■	■	■	
Transcrição das entrevistas					■	■	■	
Análise das informações e considerações					■	■	■	
Redação da Tese				■	■	■	■	■

Planejado     
  Em andamento     
  Executado

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

Esta tese trata dos modos de vida das pessoas, de suas rotinas e atividades cotidianas na cozinha, de tal maneira que a mesma insere-se no campo da cultura, o que torna necessária uma fundamentação sobre os temas cultura, identidade e globalização. Estes temas estão apresentados no subcapítulo introdutório, entendendo-se a cozinha como uma paisagem cultural, na qual identidades são manifestadas, e que grande parte das cozinhas sofrem mudanças expressivas no contexto do fenômeno da globalização.

A cozinha é, também, um arranjo de diferentes artefatos que refletem valores e costumes que orientam a expressão material da cultura e também pode ser tida como o principal centro de consumo da casa.

Nessa perspectiva, os temas expressão material da cultura, consumo e modos de vida são tratados no subcapítulo seguinte.

Na sequência, trata-se de: cozinha, eletrodomésticos e modos de vida. De certa maneira, faz-se um passeio histórico sobre as modificações na cozinha ao longo dos tempos, visando entender quais mudanças ocorreram nos modos de vida em função de alterações da cozinha com a inserção dos eletrodomésticos.

Além disso, trata-se do tema família, por entender que a concepção desta vem sendo modificada ao longo dos tempos, sobretudo pelas lutas travadas no campo das relações, envolvendo questões de gênero e que têm implicações sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras.

Para finalizar, esta revisão de literatura trata de relações familiares que envolvem questões de gênero e divisão do trabalho doméstico, visando compreender como se dá a articulação entre o trabalho nas esferas pública e privada das pessoas.

#### 3.1 CULTURA, IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO

Como a pesquisa é de cunho interpretativo, em que não se procuram simplificações reducionistas, utiliza-se o conceito de cultura proposto por Geertz (2008), em que as pessoas estão no emaranhado de teias que elas mesmas tecem. Dessa maneira, o autor esclarece que “assume a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto não como uma ciência



experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.” (GEERTZ, 2008, p.4).

Geertz também afirma que não existem “generalizações que possam ser feitas sobre o homem como homem, além de que ele é um animal muito variado, ou de que o estudo da cultura nada tem a contribuir para a descoberta de tais generalizações.” (GEERTZ, 2008, p.30). Para compreender o ser humano, deve-se: procurar relações sistemáticas entre os fenômenos diversos e não entidades substantivas entre fenômenos similares; trabalhar com sistemas unitários de análise, na qual os fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais possam ser tratados conjuntamente. Para Geertz (2008, p. 33):

a cultura não deve ser vista como um complexo de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos – mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, instruções (o que pode ser comparado a um programa de computador), sendo que o homem é um animal altamente dependente desses mecanismos de controle extragenéticos para controlar seu comportamento. A cultura pode ser entendida como um mecanismo de controle, pois, não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento humano seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma.

Dessa maneira, Geertz coloca a cultura como uma condição essencial para a existência do ser humano, pois o ensina a controlar seus instintos, e também como elemento que governa suas relações sociais.

Geertz (2008, p.27) defende a diversidade cultural e a possibilidade de interpretação das diferentes culturas ao afirmar que:

Alimentar a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão.

Cada cultura tem sua língua, sua culinária, sua arte, seus valores e costumes, ou seja, um sistema simbólico que cria uma identidade própria de grupo e de cada pessoa. Como coloca Da Matta (1978, p.127): “A cultura permite traduzir a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos”. O sentimento de pertencimento a uma cultura remete ao conceito de identidade.

A identidade, por sua vez, é um conceito relacional, na medida em que, ao se definir a identidade de determinada pessoa ou grupo cultural, estabelece(m)-se diferença(s) com os demais. Assim, a identidade está sempre associada a processos de inclusão e exclusão, com base em uma ou outra cultura.

De acordo com Woodward (2000, p.8), “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. A autora, apoiada em Hall (1997)<sup>3</sup>, expõe que “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior”. É por meio da utilização de símbolos que as identidades são demonstradas.

Segundo Woodward (2000, p. 18-19), “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. A autora afirma, ainda, que diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos.

Dessa maneira, entende-se a identidade como construída e reconstruída em relações sociais, coexistindo processos de identificação e diferenciação. E é essa relação que precisa ser analisada, e não a busca de uma essência definidora da identidade.

Woodward (2000) salienta que as identidades são fabricadas pela marcação das diferenças que ocorrem tanto por meio de sistemas simbólicos quanto por meio de exclusão social. Identidade e diferença não são termos opostos, mas complementares, e se organizam em torno de sistemas classificatórios em que o significado é produzido.

No âmbito dos conceitos de identidade, emerge a noção de identidade “nacional” que, assim como as nações, é mais uma das invenções da modernidade, como apontam Chaui (2000) e Hobsbawm (1990), e que pode ser constatada na afirmação: “As nações, sabemos agora [, ...] não são tão antigas quanto a história” (HOBSBAWN, 1990, p. 13).

A partir do surgimento dos Estados-nação no mundo moderno, um processo que tem início por volta de 1880, a ideia de identidade nacional ganha gradativamente importância como elemento integrador necessário para a manutenção dos interesses do Estado. Como relata Chaui (2000), o Estado moderno com demarcação de território preferencialmente contínuo e fronteiras claramente definidas, com ação política e administrativa, necessitava do consentimento prático, por meio da lealdade de seus cidadãos ao sistema dirigente. Mesmo contrariando, em parte, a ideologia liberal, na qual a empresa era tida como a unidade máxima, o conceito de “economia nacional” era considerado necessário para a operação do

---

<sup>3</sup> HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage/The Open University, 1997.

sistema, e o Estado, que tinha o monopólio da moeda, deveria garantir a segurança da propriedade privada e dos contratos econômicos, com controle do aparato militar de repressão às classes populares.

O princípio da nacionalidade também era necessário para os países que buscavam proteger suas economias dos poderosos e também para conquistar novos territórios. Dessa maneira, “dimensão do território, densidade populacional e expansão das fronteiras tornaram-se os princípios definidores da nação como Estado” (CHAUI, 2000, p.18).

Cuche (2006) expõe que, com a criação dos Estados-nação modernos, estes se tornam gerentes das identidades, devidamente regulamentadas e controladas. E a lógica do modelo do Estado-nação o leva a ser cada vez mais rígido em matéria de identidade, tendendo à monoidentificação, reconhecendo, em alguns casos, apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional ou, em outros, definindo uma identidade de referência, a única verdadeiramente legítima, mesmo admitindo um certo pluralismo cultural no interior de sua nação. “A ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais. Sua lógica radical é a da ‘purificação étnica’”. (CUCHE, 2006, p. 188).

O Estado-nação pode ser entendido como uma forma de proteção política e econômica dos Estados que impõem às pessoas um ideal de pertencimento. O conceito de Estado-nação e a vinculação deste à identidade cultural foi relativamente bem sucedido, resultado de um processo sócio-político bem orquestrado, pois o sentido de identidade foi inculcado por uma parcela considerável de pessoas, sobretudo aquelas que nascem fora das regiões de conflitos étnicos. De maneira que estes se veem como pertencendo a uma identidade cultural nacional. Hall (2006, p. 50-51) apresenta alguns argumentos para o fato:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir[em] sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

Ainda, segundo Hall (2006, p. 49), a força da ação no pensamento das pessoas deve-se ao fato da produção de sentidos que ela provoca, criando um sistema de representação cultural. “Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’”. Os sentimentos que eram dedicados à tribo, ao povo, à religião e à região, passaram a ser transferidas para a nação. O teto político do estado-nação abarcou as diferenças regionais e étnicas, subordinando-as.

Um fenômeno que se intensificou a partir do século XX, influenciando expressivamente as esferas socioculturais, econômicas, políticas e as identidades das pessoas é o processo de globalização.

A globalização<sup>4</sup> é um processo em que se “tem buscado o estabelecimento de uma economia mundial sem fronteiras, mediante estratégias de gestão e atuação em escala planetária das corporações capitalistas.” (ONO, 2006, p. 20).

A globalização, enquanto processo, não é recente, mas, nas últimas décadas, sofreu uma aceleração vertiginosa, influenciada pelo aumento das viagens e principalmente pela notável ampliação de recursos tecnológicos de informação e comunicação. Nascida de interesses econômicos, a globalização tem reflexos expressivos sobre a organização das sociedades, interferindo em identidades culturais. Como afirma McGrew, citado por Hall (2006, p.67):

a globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam as fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Como consequências da globalização sobre as identidades culturais, Hall (2006) menciona três possibilidades: a desintegração das identidades nacionais, em função da homogeneização cultural que a mesma promove; o reforço dessas identidades pela resistência à globalização; e o declínio das identidades nacionais e o surgimento de identidades híbridas.

García Canclini (2007a), por sua vez, salienta a coexistência de contradições, conflitos, desigualdades e interculturalidade no âmbito da globalização.

a globalização não consiste na disponibilidade do todo para todos, nem da possibilidade generalizada de entrar em todos os lugares, é impossível entendê-la sem as chamadas da interculturalidade e da exclusão, sem as agressões ou auto-defesas cruéis do racismo e das disputas, amplificadas em escala mundial, para marcar a diferença entre o outro que escolhemos e o vizinho compulsório. A globalização sem interculturalidade é um “OCNI”, objeto cultural não identificado. (GARCÍA CANCLINI, 2007a, p. 46).

García Canclini (2007a) expõe que, da multiculturalidade, onde se justapõem etnias ou grupos, hoje vive-se em um mundo intercultural e globalizado. As concepções multiculturais

---

<sup>4</sup> O termo globalização começou a ser utilizado no início dos anos de 1980, em escolas norte-americanas de administração de empresas. (WOUDHUYSEN, 1998, apud ONO, 2004, p. 42).

admitem a diversidade de culturas, observadas as diferenças e propondo-se políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Por sua vez, na visão de García Canclini (2007b, p. 16-17), “a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas”, e “ambos os termos implicam dois modos de produção social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos”.

A globalização possibilita que se aprecie melhor a diversidade cultural do mundo, pois tudo está mais próximo, mas é importante ressaltar que ela também, como fenômeno econômico, tem evidenciado o cenário das desigualdades sociais e, assim, da mesma maneira que facilita a integração de determinadas culturas, promove a discriminação e exclusão de outras. Além disso, a globalização “borra” certos limites simbólicos da identidade do “nós” e dos “outros”, podendo gerar uma hibridação cultural ou resistências para a manutenção da identidade própria.

Da mesma maneira, Woodward (2000) expõe que a complexidade da vida moderna exige que as pessoas assumam diferentes identidades, em função das diversas situações a que são postas, e as quais podem entrar em conflito.

As identidades de uma pessoa podem entrar em conflito, na medida em que uma interfere na outra, como, por exemplo, na condição de mãe e trabalhadora. Os conflitos também podem surgir das tensões entre as expectativas e as normas sociais, e quando estão fora das normas sociais são tidas como “estranhas” ou “desviantes”. (WOODWARD, 2000 p. 32).

Segundo Cucho (2002), a identidade tem caráter multidimensional e dinâmico, o que lhe confere complexidade para definir e delimitar, mas também lhe dá flexibilidade. A identidade é passível de variações, reformulações e manipulações. Em função da avaliação da situação, cada pessoa utiliza recursos de identidade de maneira estratégica, nas disputas sociais.

Dessa maneira, a identidade pode ser pensada como um jogo plural para a própria pessoa, pois a mesma vai mudando de posição ao longo da vida, fazendo-a pertencer a muitas identidades que se sobrepõem, tendo pontos comuns e divergentes, e que, da sua combinação, vão formando múltiplas identidades.

### 3.2 EXPRESSÃO MATERIAL DA CULTURA, CONSUMO E IMPLICAÇÕES NOS MODOS DE VIDA

Entende-se, nesta tese, que a cultura é dinâmica, complexa e diversa, em sua dimensão imaterial e expressão material. Assim, optou-se pela não utilização do termo "cultura material", mesmo que este seja recorrente na literatura, a fim de evitar possíveis dissociações em sua interpretação, embora o termo apareça, vez ou outra na tese, em algumas citações de outros/as autores/as.

A expressão material da cultura acompanha o desenvolvimento da espécie humana, cuja transformação da natureza tornou-se indispensável para a sua sobrevivência, como observa Kroeber (1917). Os seres humanos buscam soluções para as suas necessidades “fora do corpo”, ou seja, conseguem desenvolver artefatos que lhe propiciam capacidades múltiplas, sem alterar, necessariamente, o organismo biológico.

No desenvolvimento das sociedades, a expressão material da cultura não significa necessariamente o suprimento de necessidades físicas. Ela também reflete os diferentes modos de pensar, agir e se relacionar dos seres humanos, ou seja, a dimensão material da cultura é, ao mesmo tempo, produto e processo de constituição dos valores de cada sociedade.

Segundo Ono (2006), a expressão material da cultura representa valores e ideologias da sociedade, como também os agentes capazes de influenciar o modo de viver e de se relacionar das pessoas. Os artefatos e sistemas de artefatos que compõem a expressão material da cultura são, assim, referenciais que contribuem para o conhecimento dos povos e das sociedades que os desenvolvem.

Na perspectiva de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (2002, p.1), as pessoas não usam as coisas apenas como ferramentas para a sobrevivência ou para tornar a vida mais fácil. Para os autores, “coisas incorporam metas, fazem habilidades serem manifestadas e formam a identidade de seus usuários”, fazendo com que o *self* de cada pessoa seja, em grande medida, reflexo das coisas com as quais interage.

É bastante óbvio que interação com objetos altera o padrão de vida; por exemplo, que os refrigeradores revolucionaram os hábitos de compra e alimentação, que os automóveis criaram os subúrbios e ampliaram a mobilidade geográfica, ou que a televisão está mudando como os membros da família se relacionam. É relativamente fácil de admitir que as coisas que as pessoas usam, possuem e se acercam, podem

refletir com bastante precisão aspectos da personalidade do seu proprietário. (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 14).<sup>5</sup>

Segundo os autores, as coisas são expressão do *self*, e os signos auxiliam a organizar a consciência. Exemplificam que é difícil imaginar um rei sem trono, um juiz sem tribuna e um professor sem cadeira, pois a autoridade dessas posições é dada pela simbologia destes objetos e das vestimentas.

Avaliam que o ambiente material que cerca as pessoas raramente é neutro, pois ele pode reforçar o caos ou ajudar a dar propósito e direção à vida. Afirmam que “armas não matam pessoas, pessoas sim” (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 16).<sup>6</sup>. Sendo assim, as pessoas que possuem armas são diferentes daquelas que não as possuem.

Cabe aqui a observação de Benakouche (1999) de que "tecnologia é sociedade", ou seja, ambas estão intrinsecamente inter-relacionadas, não cabendo perspectivas que as separem ou distanciem, sendo necessário contextualizá-las para o seu entendimento.

Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (2002) afirmam que os objetos são dialéticos, pois podem, ao mesmo tempo, representar a integração e a diferenciação social. Também podem ser causa e consequência de novos valores ou a permanência de outros.

Como resultado de sua pesquisa, realizada com oitenta e duas famílias, buscando compreender o significado dos objetos mais queridos para os membros das mesmas, os autores observam que os significados dos objetos são distintos para diferentes gerações e gêneros, sendo que [comumente] os jovens veem os objetos de maneira utilitária, as mulheres utilizam objetos como memórias, e os homens dão significados de valores e realizações. Também ressaltam que não há norma na definição de significados. “O processo de criação de significados não é totalmente determinado, a priori, por convenção cultural.”<sup>7</sup> (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 87).

Segundo os autores, os significados das coisas para as pessoas são dependentes do contexto em que estão inseridas. Mesmo que objetos citados sejam os mesmos para diferentes

---

<sup>5</sup> Tradução da autora, do original em inglês: "It is quite obvious that interaction with objects alters the pattern of life; for instance, that refrigerators have revolutionized shopping and eating habits, that automobiles created suburbs and increased geographical mobility, or that television is changing how family members relate to one another. It is also relatively easy to admit that the things people use, own, and surround themselves with might quite accurately reflect aspects of the owner's personality." (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 14).

<sup>6</sup> Tradução da autora, do original em inglês: "Guns don't kill people, people do". (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 16).

<sup>7</sup> Tradução da autora, do original em inglês: The process of creating signification is not entirely determined by prior cultural convention. (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 87).

gerações e sexos<sup>8</sup>, variando apenas no percentual de escolha, a diferença está nos significados que distintos sexos e gerações atribuem aos mesmos.

Cabe observar que os autores expressam uma visão reducionista de papéis masculinos e femininos, restringindo a distinção entre homens e mulheres como algo binário, o que não reflete a visão de identidade de gênero, em que masculino e feminino se mesclam numa escala variável, múltipla.

A abordagem de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (2002), no que tange às relações entre pessoas e objetos, demonstra que a mediação simbólica em favor dos laços humanos é benéfica. Os autores observam que pessoas que não dão valor aos objetos tendem a ser mais isoladas, enquanto que aquelas pessoas que têm vínculos com outras pessoas tendem a representá-las num objeto concreto. Querem assim, os autores, desconstruir a visão de que nem todas as pessoas materialistas não possuem vínculos com outras pessoas, por concentrarem sua energia psíquica na relação com as coisas. Por outro lado, atestam que as pessoas que concentram muita energia na relação com as coisas tendem à alienação. Consideram que “a atitude ideal pode ser aquela em que a pessoa pode usar as coisas para expressar, objetificar e fortalecer relações, sem tornar-se totalmente dependente do objeto em si.”<sup>9</sup> (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 164-165).

Para Hegel, mencionado por Miller (2010), a história consiste em uma sequência de processos, sendo que a sociedade gradualmente elabora costumes e instituições. Esses desenvolvimentos mudam a consciência e conduzem a novos desenvolvimentos, estabelecendo uma transformação recíproca entre as pessoas e as coisas.

Uma das pesquisas relatadas por Miller (2010) foi realizada com moradores de um condomínio estatal no norte de Londres, para verificar as modificações feitas nas cozinhas. Propõe que os moradores sejam vistos como artistas, e as cozinhas como telas brancas a serem pintadas. Trata-se de um estudo que durou treze anos para analisar o que eles pintaram e por quê. Particularmente, procurou saber por que algumas faziam mudanças radicais e outras não. Para o autor, o fato de ser um apartamento do Estado dificultava as modificações, pois havia um controle do mesmo sobre as modificações realizadas, e, ao saírem do apartamento, os mesmos deveriam ser entregues em condições iguais às que tinham ao serem recebidos.

---

<sup>8</sup> O termo sexo é utilizado pelos autores. No contexto da tese, prefere-se a utilização do termo identidade de gênero.

<sup>9</sup> Tradução da autora, do original em inglês: The optimal attitude seems to be one in which a person can use thing to express, objectify, and strengthen meanings and relation without becoming entirely dependent on the objects themselves. (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 2002, p. 164-165).



Os resultados da pesquisa de Miller (2010) demonstraram que poucas pessoas faziam mudanças radicais. As mudanças se restringiam mais comumente à utilização de ornamentos, pôsteres e calendários nas paredes. As pessoas que mais faziam modificações eram aquelas que tinham mais relacionamentos sociais e o apoio de outras pessoas.

Miller (2010) também observou relações de gênero na intensidade das modificações, afirmando que os homens sozinhos praticamente não mudaram nada no apartamento em treze anos. Da mesma maneira, as mulheres sozinhas também não fizeram muitas mudanças. Miller aponta que os casais fizeram mais modificações, pois a soma de habilidades, o senso estético da mulher e o trabalho braçal do homem atuavam como estímulos para realizar as mudanças.

Kopytoff (2008) apresenta outra abordagem para o estudo da expressão material da cultura, partindo da visão de que a situação das coisas se modifica ao longo da vida, e, fundamentando-se em Margareth Mead, sugere que a biografia das coisas seja utilizada para entender as culturas, na medida em que: “As reações culturais aos detalhes biográficos revelam um emaranhado de julgamentos estéticos, históricos e mesmo políticos, e de convicções e valores que moldam as nossas atitudes quanto aos objetos designados como ‘arte’”. (KOPYTOFF, 2008, p. 93). O autor sugere que diferentes tipos de biografias podem revelar diferentes questões sobre as coisas. A biografia das coisas pode ser física, técnica, econômica ou social. Ressalta a importância da biografia social para entender os processos de reciprocidade de construção entre as pessoas e as coisas, demonstrando como a história das coisas pode influir na história das pessoas e como as coisas podem contribuir no estabelecimento das relações sociais.

A transformação das coisas em mercadorias e o aumento dos itens disponíveis acentuam o consumo.

A produção sempre foi vista como um elemento importante na constituição das sociedades, mas, segundo Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (2002), somos definidos pelo que consumimos antes do que pelo que produzimos. Além disso, todos consomem, mas nem todos produzem.

Pode-se citar como abordagens básicas sobre consumo: a sociologia do consumo e a antropologia cultural. De um modo geral, a primeira procura compreender a ideologia do consumo, e a segunda como se dá a relação entre as pessoas e os objetos e o papel destes nas relações sociais, na esfera simbólica e de usos.

Culturalmente têm-se construído diferentes modos de sobrevivência, e, como explica Sahlins (2004), comer, por exemplo, não significa apenas satisfazer uma necessidade fisiológica, mas também ter um tipo de alimentação aceitável a cada cultura. Ainda, no

interior de cada cultura, pode existir a distinção de classes sociais, marcadas pela diferenciação de gostos, que promovem diferentes modos de consumo, associados a distintos modos de vida.

Com o processo de troca descontínua, a coisa transformada assume o caráter de mercadoria, que Marx (2008<sup>10</sup>, p. 57) exprime da seguinte maneira: “A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que por suas propriedades satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia.” Para Marx, a mercadoria está associada ao valor de uso, que constitui o conteúdo material da riqueza, e, ao mesmo tempo, o veículo material do valor de troca.

Sahlins (2004, p. 180) questiona os conceitos de valor de troca e valor de uso, na medida em que, segundo ele, “ao se conceber a criação e o movimento dos bens exclusivamente a partir de suas quantidades pecuniárias (valor de troca) ignora-se o código cultural de propriedades concretas que rege a ‘utilidade’ e, com isso, continua-se incapaz de explicar o que é de fato produzido”.

O autor considera insuficiente a explicação de que o sistema lógico dos objetos e as relações sociais funcionam no plano inconsciente, que se manifestam pelas decisões do mercado baseado no preço. Discute o conceito de valor de uso que, segundo ele, não pode ser entendido no nível natural das “necessidades” e “carências”. Por exemplo: homens não produzem abrigos, mas um tipo específico de habitação, e essa determinação dos valores de uso, de um tipo específico de casa, “representa um processo contínuo da vida social no qual homens definem reciprocamente os objetos em termos deles mesmos e definem a si mesmos em termos de objetos.” (SAHLINS, 2004, p. 183). O valor de uso não é menos simbólico, nem menos arbitrário do que o valor-mercadoria. A “utilidade” não é uma qualidade do objeto, mas uma significância das qualidades objetivas – a exemplo da seleção de carnes comestíveis em cada cultura. A produção, nesse caso, corresponde a um momento funcional de uma estrutura cultural, pois é interdependente dos hábitos alimentares que vão interferir nos mercados mundiais.

Kopytoff (2008, p. 89), por sua vez, expõe que, para além do valor de troca e do valor de uso, “a produção de mercadorias é um processo cultural e cognitivo: as mercadorias devem ser não apenas produzidas materialmente como coisas, mas também culturalmente sinalizadas como um determinado tipo de coisas.” De acordo com o autor, a mercadoria é, supostamente, um fenômeno cultural universal e consiste em “algo que tem valor de uso e que pode ser

---

<sup>10</sup> 1ª. edição 1873.

trocado por uma contrapartida numa transação descontínua, sendo que o próprio fato da troca indica que a contrapartida tem um valor equivalente, dentro do contexto imediato.” (KOPYTOFF, 2008, p. 95). As coisas podem ser: singulares, quando fora dos limites das trocas, ou sujeitas a trocas restritas; ou sagradas, quando a mercantilização é proibida.

Em relação à condição de singularidade ou de mercadoria, as coisas podem ter seu *status* modificado ao longo do ciclo de vida. Mercadorias podem passar a ser singulares, na medida em que são retiradas da esfera mercantil e sujeitadas à circulação restrita, como o mercado das artes ou os objetos comerciais que se tornam colecionáveis.

Barbosa (2010), por sua vez, discute a origem histórica da ampliação do consumo, observando a dificuldade de definir o que e quando mudou. Argumenta que o revisionismo histórico arrazo a existência de uma Revolução de Consumo e Comercial anterior à Revolução Industrial, fornecendo as bases para a mesma. Segundo essa teoria, já existia um interesse no consumo de bens, gerando uma explosão de demanda, principalmente por roupas e brinquedos, produzidos por artesãos ou pelas manufaturas. Assim, as invenções da Revolução Industrial que modificaram os padrões de produção, com a mecanização, vieram após esse período.

De acordo com Barbosa (2010), o revisionismo histórico também faz críticas à visão econômica da história, que sempre concentrou os estudos sobre a produção, negligenciando o consumo e posicionando as pessoas como seres insaciáveis, onde qualquer aumento de renda estaria refletido em uma ampliação de consumo. Defende que

a insaciabilidade, que constitui uma das características da sociedade de consumo moderna, é o resultado de um processo histórico, no interior do qual podemos observar transformações que começam a se delinear nos dois séculos anteriores ao XVIII, quando atingem o seu apogeu e se consolidam. (BARBOSA, 2010, p. 17).

Segundo a autora, no século XVI tem-se o surgimento de várias mercadorias de uso cotidiano, como alfinetes, fitas, botões, louças para casa, brinquedos, entre outros, trazidas do oriente. Há, ainda, mudanças de caráter socioculturais, registradas pelos historiadores “como o romance ficcional moderno, o aumento do grau de literalidade da população, a prática da leitura silenciosa, a preocupação com novas formas de lazer, a construção da nova subjetividade, a valorização do amor romântico e a expansão da ideologia individualista” (BARBOSA, 2010, p. 19). Com essas modificações culturais e sociais, também surgem novas práticas de consumo e novos métodos de comercialização.

Assinala a importância de duas questões referentes às mudanças de comportamento: do consumo familiar para o consumo individual – quando do consumo marcado pela produção familiar de subsistência e pelas leis suntuárias que regulavam o consumo, segundo os grupos de *status*, passa-se para o consumo associado ao poder aquisitivo, baseado no dinheiro e privilegiando as escolhas individuais, referenciadas nos estilos de vida; e do consumo de pátina para o consumo de moda – quando a referência deixa de ser a marca do tempo nos artefatos, denotando a tradição e a nobreza, e passa-se a valorizar o novo, o atual, o contemporâneo, que muda constantemente. O que Barbosa (2010) discute são os fatos que marcaram as mudanças no consumo da tradição para a modernidade.

Outra cronologia para o consumo é apresentada por Slater (2002, p. 22), na qual se destaca a década de 1920, que o autor classifica como a “época de colheita de uma revolução muito mais longa, em geral datada de 1880-1930.” Foi nesse período que pareceu ter-se chegado ao futuro, pois a modernização se conectou ao consumo cotidiano e se aclamava uma ideologia generalizada da riqueza. Surgem a publicidade e o *marketing*, vendendo bens de consumo e também “o consumismo como o caminho cintilante para a modernidade” (SLATER, 2002, p.21), incitando todos/as para a modernização.

Os produtos mais típicos desse período estavam relacionados com a mecanização da vida cotidiana, a começar pelas próprias casas e estendendo-se à sua eletrificação; a seguir bens duráveis como máquinas de lavar roupa, aspiradores de pó, geladeiras, telefones; finalmente, o automóvel, que promovia aquela impressão moderna de estar se dirigindo para o futuro e para a era do jazz. Esta é a era do imóvel, do crédito ao consumidor e dos carros: instrumentos modernos, adquiridos por meios modernos, instalados num lar moderno. (SLATER, 2002, p.21).

De acordo com Slater (2002), foi na década de 1920 que a modernidade chegou à população de maneira geral, por meio do consumo, e os indivíduos tornaram-se efetivamente modernos. O autor faz esta consideração, observando o contexto estadunidense, em que diferentes recursos tecnológicos se tornaram acessíveis a uma parcela considerável da população.

As exposições universais também foram eventos que, em grande medida, promoveram a ampliação do consumo. Em Benjamin (2006), observam-se a descrição e a crítica aos fenômenos urbanos do século XIX, sobretudo aqueles que têm como objetivo caracterizar os tempos modernos e fortalecer o capitalismo, como as lojas de departamento, os panoramas, as exposições universais, a arquitetura, entre outros. O autor afirma que: “As exposições universais são os centros de peregrinação ao fetiche mercadoria” (BENJAMIN, 2006, p. 57).

Benjamin esclarece que as mesmas têm sua origem nas exposições nacionais da indústria e tinham como objetivo principal divertir as classes trabalhadoras.

As exposições universais idealizaram o valor de troca das mercadorias. Criam um quadro no qual o valor de uso passa para o segundo plano. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para divertir-se. A indústria do entretenimento facilita isso, elevando-o ao nível da mercadoria. (BENJAMIN, 2006, p. 44).

Segundo Schwarcz (1998, p. 387), as exposições universais representavam a vitória do progresso e da civilização “com seus símbolos diletos: a pilha, a locomotiva, o telégrafo e o navio a vapor”. Segundo a autora, caracterizavam um momento em que a burguesia industrial apresentava com orgulho os avanços da ciência e da tecnologia. “Cada novo invento levava a uma cadeia de novidades, que por sua vez abriam novas perspectivas e projeções.”

A primeira exposição universal se deu em Londres, em 1851, durou 141 dias, com 34 países presentes, e a mesma foi visitada por seis milhões de pessoas. A modernidade é representada em aço e vidro no Palácio de Cristal, criado e construído por Joseph Paxton, que se transformou numa catedral do progresso. (SCHWARCZ, 1998). A Figura 4 apresenta o cartaz da exposição de 1900, onde a eletricidade é celebrada.

Figura 4 – Fada-eletricidade. Cartão-postal especialmente elaborado para a Exposição Universal de 1900



Fonte: SCHWARCZ, 1998, p. 387.

Segundo a autora, o Brasil participou das exposições universais a partir da terceira que ocorreu em Londres, no ano de 1862. O próprio Imperador D. Pedro II tinha interesse em

mostrar o país como civilizado. Nessa primeira participação, como descreve Schwarcz (1998, p. 394-395),

[...] o Brasil levou o que tinha de melhor: café, chá, erva-mate, guaraná, arroz, borracha, tabaco, madeira, fibras vegetais, abelhas, algodão e feno. Alguns produtos da nossa indústria também foram apresentados – maquinaria em geral, materiais para estrada de ferro e construção civil, telégrafos, armamentos militares – mas não despertaram a atenção [...] como sempre, lá fora era o nosso lado exótico que estava em pauta.

Nas exposições universais, as mercadorias – artefatos de uso diário – transformam-se em objetos de contemplação e despertam o interesse das pessoas para o consumo.

Harvey (2010) vincula o consumo à produção e às estratégias capitalistas, ao discutir o desenvolvimento do fordismo e seus antecedentes, ressaltando a importância de Henry Ford nesse processo.

O que havia de especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era sua visão, seu reconhecimento de que produção em massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista. (HARVEY, 2010, p. 121).

De acordo com Harvey (2010), Ford acreditava que um novo tipo de sociedade poderia ser construído simplesmente com a aplicação adequada do poder corporativo de regulamentação da economia. Dessa maneira, o dia de oito horas e cinco dólares de recompensa tinha o propósito de garantir a produção, mas também tempo livre para o consumo dos bens produzidos em massa. Na crise de 1929, Ford chegou a aumentar os salários, imaginando que isso, por si só, resolveria os problemas da economia, mas a concorrência acirrada levou-o a reduzir salários e demitir trabalhadores.

Tudo isso demonstra que o discurso e as práticas em torno do consumo e da modernidade não se articulam de uma só maneira, mas advêm de diferentes fontes – tais como as exposições, a publicidade e a propaganda, as lojas de departamentos, as vitrines e a literatura, a mudança do padrão estético provocado pela fotografia e o cinema, como observa Benjamin (1985), quando a obra de arte deixa de ser objeto de devoção e passa a ser diversão para as massas.

Para Barbosa e Campell (2006, p.22), o consumo ganhou relevância teórica pelas maneiras como ele se revela no cotidiano, uma vez que acontece nos processos da vida social como “o uso, a fruição e a ressignificação de bens e serviços, que sempre correspondem a experiências culturais percebidas como ontologicamente distintas, foram agrupadas sob o rótulo de consumo e interpretado por esse ângulo”. Dessa maneira, ao se realizarem diferentes atividades da vida, pode-se estar tanto “‘consumindo’ no sentido de uma experiência, quanto ‘construindo’, por meio de produtos, uma determinada identidade, ou ainda se ‘autodescobrindo’ ou ‘resistindo’ ao avanço do consumismo, como sugerem os teóricos dos estudos culturais.” (BARBOSA; CAMPELL, 2006, p.23).

Segundo os autores, ao vincular as várias atividades e atores sociais, o consumo tornou-se um campo de investigação complexo. Observam que, sob a égide do consumo, não estão associados apenas os bens e serviços colocados sob a forma de mercadorias, pois há outras formas de provisão, como os serviços coletivos fornecidos pelo Estado, bem como o ambiente doméstico é provedor de uma série de serviços que não são associadas ao consumo, “mas com amor, afeto, laços familiares, trabalho doméstico feminino, entre outros.” (BARBOSA; CAMPELL, 2006, p.25). E definem:

o consumo é ao mesmo tempo um processo social que diz respeito a múltiplas formas de provisão de bens e serviços e a diferentes formas de acesso a esses mesmos bens e serviços; um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem; uma estratégia utilizada no cotidiano pelos mais diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilo de vida e identidades; e uma categoria central na definição de uma sociedade contemporânea. (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 26).

A amplitude da definição demonstra a complexidade do fenômeno, pois é, ao mesmo tempo, processo, mecanismo, estratégia e categoria, palavras de categorias semânticas distintas que permitem diferentes interpretações e usos.

Veblen (2004)<sup>11</sup> faz uma análise do consumo, baseado na estrutura de classes, e coloca a emulação como elemento central, sendo que o consumo consistiria na demonstração de honra do seu proprietário. Seu foco de análise é a classe ociosa, que nasce com as comunidades bárbaras, juntamente com o conceito de propriedade, pois, entre os selvagens não havia hierarquia, nem bens associados à propriedade individual. Argumenta que os modos de distinção se modificavam de acordo com o desenvolvimento da cultura, mas a diferença de

---

<sup>11</sup> 1ª. edição: 1899.

classes continuava existindo, seja pela proeza ou labuta da sociedade bárbara ou pela diferença entre ocupação industrial e não industrial da sociedade moderna.

De acordo com o autor, o avanço da classe ociosa promoveu uma subdivisão de classe, criando uma escala de ociosidade, e, na medida em que decresciam os valores de ociosidade, o ócio e consumo vicários se concentravam na figura da mulher. Quando se chega à classe média, há uma inversão em relação à ociosidade, sendo que:

o cabeça da família não finge viver o ócio – por força das circunstâncias essa ficção caiu em desuso – mas a esposa segue praticando, para o bom nome da cabeça da família, o ócio vicário. [...]. Como ocorre com o tipo corrente do homem de negócios atual, o cabeça da família se vê obrigado pelas circunstâncias econômicas a empregar suas mãos para ganhar a vida em ocupações que tem em grande parte caráter industrial [...] Não é, de modo algum, um espetáculo em desuso encontrar um homem que se dedica ao trabalho com a máxima assiduidade, com objetivo de que sua esposa possa manter, em benefício dele, aquele grau de ociosidade vicária que exige o costume da época. (VEBLEN, 2004, p. 96-97).

Veblen (2004), ao analisar a relação de utilidade das coisas, afirma que todas as classes sociais têm algum tipo de consumo conspícuo. E o que se denomina de supérfluo nunca é assim considerado por quem o consome. Observa que o supérfluo, na medida em que é incorporado aos modos de vida, passa a ser necessário ou mesmo indispensável para o/a consumidor/a. Argumenta que “o gasto honorífico ostensivamente supérfluo, que confere o bem estar espiritual, pode chegar a ser mais indispensável que boa parte do gasto que serve as necessidades de bem estar físico ou de sustento.” (VEBLEN, 2004, p.111). Segundo o autor, elevar o padrão de vida é considerado natural, mas ter de rebaixá-lo é um grande exercício, e os hábitos de consumo que proveem distinção às pessoas serão eliminados com extrema dificuldade, já que a necessidade de manter a reputação poderá preceder as necessidades elementares.

Para Veblen (2004), a emulação só é precedida pela própria conservação da pessoa. E, dessa maneira, a beleza está associada ao preço, pois objetos com a mesma utilidade poderão ter seus preços diferenciados pela questão da distinção, e os mais caros serão os preferidos, por serem presumivelmente mais belos, mesmo que isto não aconteça de maneira consciente.

Segundo Veblen, a classe média utiliza um padrão de beleza econômica, cujo objetivo é demonstrar custo elevado e esconder a economia. Para o autor, o gosto das pessoas está organizado de acordo com as classes sociais, e observam-se diferenciações nas mais variadas esferas de consumo, sejam objetos de uso cotidiano, flores e animais domésticos escolhidos. O consumo é regido por um código de reputação.



Douglas e Isherwood (2009)<sup>12</sup> criticam a obra de Veblen, ao afirmarem que o mesmo faz um resumo grosseiro, posicionando o consumo como exibição competitiva. Atribuem a ele a responsabilidade pela visão moralista que se tem sobre o consumo.

Para os autores, o racionalismo não consegue explicar o consumo, pois o mesmo se trata de um fenômeno social e cultural, e observam que: “A ideia do indivíduo racional é uma abstração impossível da vida social. É absurdo agregar milhões de indivíduos que compram e usam bens sem considerar as transformações que provocam ao compartilharem o consumo.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 27).

Segundo Douglas e Isherwood (2009), os bens são conceituados como marcadores da vida social, representantes materiais de conceitos abstratos, elementos que tornam o mundo compreensível. E, além disso, que devem ser analisados em conjunto, pois assim demonstram significados, possivelmente coerentes e intencionais, declarando os valores de quem escolheu. Com a visão dos bens como integradores sociais, declaram que a medida correta da pobreza ou da riqueza não são as posses, mas o nível de entrosamento ou isolamento social das pessoas. Afirmam que: “Os bens são neutros; seus usos são sociais; podem ser usados como cercas ou como pontes”. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 36).

Essa afirmação faz lembrar Winner (1996), quando expõe que os artefatos da nossa cultura não podem ser corretamente avaliados, se forem consideradas apenas as suas contribuições de eficácia e produtividade, nem somente pelos seus efeitos ambientais colaterais, mas também pela maneira como podem estabelecer certas formas de poder e autoridade específicas. O autor demonstra, analisando o trabalho do arquiteto Robert Moses no urbanismo estadunidense, que mesmo uma ponte (a exemplo da Long Island/USA) pode funcionar como cerca, pois as dimensões do portal impedem o acesso dos ônibus, isolando, dessa maneira, determinados grupos sociais.

Douglas e Isherwood (2009) consideram que uma definição antropológica de consumo deve ser adequada tanto para a sociedade industrial quanto para as sociedades tribais, e lhe atribuem a seguinte definição: “o uso de posses materiais que está além do comércio e é livre dentro da lei.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 102).

Nesta definição, os autores, assim, buscam incluir todas as relações de troca, mas excluem a categoria do consumo que está fora dos padrões considerados adequados em cada sociedade, que Goffman (2009) apresenta quando discute as diferenças entre realidade e aparência, denominando de consumo secreto, quando existe uma dissimulação entre o que se

---

<sup>12</sup> 1ª. edição: 1979.

quer demonstrar e o que realmente se é. Esse consumo secreto pode se constituir de pequenas transgressões, como cita o autor, mas também pode remeter a contravenções mais significativas, como, por exemplo, o consumo de bebidas alcoólicas durante a lei seca, o consumo de drogas e os jogos de azar quando proibidos legalmente. Essa classe de consumo não deixa de existir pela convenção moral das sociedades.

Douglas e Isherwood (2009) afirmam que, para além da função utilitarista do consumo de fornecer as condições materiais da existência, o consumo serve para estabelecer e manter relações sociais. Dessa maneira, deve-se buscar entender o valor das pessoas e das coisas, dentro de cada contexto cultural, pois os bens existem para dar visibilidade e estabilidade às categorias da cultura. Entendem que a função essencial do consumo é dar significado à existência humana.

Os autores admitem que os significados sejam fluidos, pois são captados de maneiras diferentes pelas pessoas, e que se transformam ao longo do tempo. Sendo assim, são difíceis de serem fixados e estabilizados na vida social, mas necessários para o entendimento da mesma. Defendem os rituais, cujos bens são acessórios, como maneiras de fixação dos significados.

De acordo com os autores, os bens auxiliam os indivíduos a construir um universo inteligível, facilitando a demarcação de tempo e espaço e a discriminação de valores sociais. É por meio do consumo que o indivíduo fala de si, de sua família e de sua casa. O consumo serve para fixar ou contrariar os significados públicos.

Para Douglas e Isherwood (2009, p. 120), “os bens definitivamente não são meras mensagens; eles constituem o próprio sistema. Tire-os da interação humana, e você desmantela tudo.” Todos os bens são portadores de significado, que só pode ser encontrado no conjunto de bens. Estes, juntamente com as pessoas, estabelecem um sistema de classificação, que orienta as condutas. O argumento antropológico exprime que a maior utilidade está no compartilhamento dos nomes que foram aprendidos e classificados, sendo definidos culturalmente.

Douglas e Isherwood (2009) ressaltam a sua rejeição à visão materialista do consumo, entendendo que os bens não devem ser vistos como objetos de desejo, mas como um meio de estabelecer relações sociais, pois o que deve ser observado são os fluxos de trocas, cujos bens definem o padrão. O consumo é visto como um processo de interação social e, ao mesmo tempo, um elemento distintivo de classe que, segundo eles, só pode ser avaliado no conjunto dos bens e não na posse de um bem isolado. Os bens funcionam como um sistema de

comunicação que torna visíveis e conferem certa estabilidade, embora sem fixidez, às categorias da cultura.

Miller (2002) foca o seu trabalho no registro das implicações sociológicas dos objetos na vida contemporânea, em uma área entre a dimensão cultural e suas relações com a criação da subjetividade, vendo os objetos como participantes ativos no processo social de construção de sujeitos e não como elementos de representação. Também se opõe a uma visão sobre o individualismo no consumo, pois, para ele, os relacionamentos funcionam como estímulos ao consumo.

Outra abordagem para o entendimento do consumo é apresentada por Bourdieu (2008), que, por sua vez, faz uma análise do consumo, observando as diferenças de classe e os gostos associados. Para o autor, classes sociais são classes de gostos, relacionados com o capital cultural e o capital econômico, que resultam num capital social.<sup>13</sup>

O autor organiza a escala dos gostos em três universos: o legítimo, o médio e o popular, correspondendo a três classes sociais que são: a dominante, a média e a popular. A cada grupo está associado um senso estético, inicialmente vinculado às artes, mas que se ramifica pelas mais diversas instâncias da vida como mobiliário, vestuário, alimentação, entre outros. Segundo Bourdieu (2008, p. 56), os gostos se refletem nas preferências manifestadas, mostrando-se como aversão aos gostos da alteridade; “são afirmação prática de uma diferença inevitável”. Também definem uma maneira objetiva e subjetiva de ocupar ou negar determinado espaço social, marcando a distinção.

O interior de cada moradia exprime, em sua linguagem, o estado presente e, até mesmo, passado, daqueles que o ocupam, revelando a segurança sem ostentação da riqueza herdada, a arrogância espalhafatosa dos novos-ricos, a miséria discreta dos pobres ou a miséria dourada dos “primos-pobres” que pretendem viver acima dos seus recursos. (BOURDIEU, 2008, p. 75).

Bourdieu (2008) esclarece que “gosto” tem um duplo sentido que aqui devem complementar-se. E seu significado de “faculdade de julgar os valores estéticos de maneira imediata e intuitiva” está associado ao gosto como “capacidade para discernir os sabores próprios dos alimentos que implica a preferência por alguns deles” (BOURDIEU, 2008, p. 95), pois, dessa maneira, consegue-se integrar o consumo estético com o consumo cotidiano. No cotidiano, as escolhas demonstram como realmente se deseja viver, em que se manifesta

---

<sup>13</sup> Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada em dois momentos diferentes da década de 1960, onde foram entrevistadas 1217 pessoas, em três cidades da França, incluindo a capital.

“gosto sem disfarce” (BOURDIEU, 2008, p.76), mais dependente do capital de origem do que do capital educacional. A alimentação, por exemplo, remete ao mundo materno dos gostos primordiais.

O conceito de *habitus* de Bourdieu (2008, p. 162) é estabelecido pela relação entre as capacidades “de produzir práticas e obras classificáveis” e “diferenciar e apreciar essas práticas e esses produtos (gosto)”, constituindo, assim, “o mundo social representado, ou seja, o espaço de estilos de vida”. Segundo o autor, o estilo de vida é o resultado do conjunto de escolhas distintivas, pois cada dimensão simboliza juntamente com as demais a visão de mundo da pessoa. Em todas as suas apropriações estão representados os valores éticos e estéticos. A demonstração de estilo de vida é mais significativa na medida em que se eleva na hierarquia social, onde prevalece a distinção.

Segundo Bourdieu (2008), o consumo tem como princípio das diferenças a oposição entre os gostos de luxo e os gostos de necessidade, definidos pelas condições materiais de existência, que orientam também as escolhas. Dessa maneira, aqueles/as com menor capital econômico subordinam suas opções às condições possíveis, e os/as que dispõem de maior capital econômico tem liberdade para definir suas opções.

Bourdieu (2008) considera que a condição de materialista ou hedonista não é dependente da classe social, pois os mais pobres podem transitar entre o materialismo prático, manifestado nas escolhas alimentares, quando optam por alimentos mais nutritivos e econômicos e o hedonismo circunstancial, quando se dá um presente imediato por não ter possibilidade de adquirir algo mais valioso. Esclarece que “a propensão a subordinar os desejos presentes aos desejos futuros depende do grau em que este *sacrifício* é razoável, ou seja, das possibilidades de obter, *de qualquer modo*, satisfações futuras superiores às satisfações sacrificadas”. (BOURDIEU, 2008, p. 171)

Três estruturas de consumo são organizadas por Bourdieu (2008), que são: alimentação, cultura e despesas com apresentação pessoal, das quais se pode obter distinção, pela oposição dos gostos de luxo e os gostos das necessidades específicas. O autor ressalta que as oposições de gosto podem existir dentro da própria classe, gerando as frações de classe, como segmentos de gostos de uma dada classe. Em seu estudo, entre professores e os industriais e grandes comerciantes que ocupam o topo da hierarquia, há uma diferença substancial no consumo desses itens, sendo que os professores fazem maior investimento em cultura, e os industriais e grandes comerciantes investem mais em alimentação.

Bourdieu (2008) avalia que o gosto alimentar também é dependente da ideia que cada classe faz do corpo como elemento de distinção, e dos efeitos de alimentação sobre o mesmo.

Observa que, além da diferença de conteúdo, outra questão distintiva de classe está relacionada com a formalidade, pois, nas classes dominantes há uma maior preocupação cerimonial, enquanto que nas classes inferiores essa preocupação é quase inexistente.

Bourdieu (2008), discutindo a lógica entre produção e consumo, afirma que não há uma imposição de um sobre o outro, mas uma conjugação dos dois elementos. A apropriação das coisas não é resultado da imposição da produção nem de necessidades antecipadas dos consumidores. As coisas são apropriadas quando as duas lógicas, da produção dos bens e da produção de gostos, coincidem. Observa ainda que produção e consumo se modificam mutuamente.

Segundo Bourdieu (2008), o valor de uso é o oposto de valor distintivo, e nenhuma escolha é realizada sem essa consideração, mesmo que inconscientemente, utilizando estratégias intencionais que buscam a distinção do grupo avaliado como imediatamente inferior. De acordo com o autor, existe um “senso do posicionamento que leva a abandonar objetos, lugares e práticas fora de moda ou, mais simplesmente, desvalorizados, para se voltar em direção a objetos sempre novos, por esta espécie de fuga para frente, na dianteira, na vanguarda”, (BOURDIEU, 2008, p. 233). Produz um movimento constante da classe dominante, local das lutas simbólicas, para manter sua posição distintiva, tendo o consumo como principal referência.

No consumo, os bens representam as pessoas, classificam-nas, distinguem-nas. Segundo Slater (2002), a noção eminentemente moderna do sujeito social, enquanto indivíduo que cria e define a si mesmo, está intimamente ligada à autocriação por meio do consumo, pois, por meio do uso de bens e serviços é que são formuladas e exibidas as identidades sociais. Dessa maneira, o consumo torna-se o campo privilegiado da autonomia, do significado, da subjetividade e da liberdade. Mas, também, é por meio do consumo que ficam explícitas as desigualdades sociais.

O consumo sempre depende de acordos sociais, que agora designamos como “econômicos” para administrar recursos sociais. Os objetos do consumo são sempre culturalmente significativos e foram usados em todas as épocas para reproduzir culturalmente identidades sociais. (SLATER, 2002, p. 14-15).

Kopytoff (1986) argumenta que a produção de mercadorias é um processo cognitivo e cultural, uma vez que os objetos são dotados de significados específicos, classificados e em categorias culturalmente constituídas, diferenciando assim coisas e pessoas, mostrando que,

em diferentes culturas, podem-se ter diferentes formas de organização, mas o mundo das trocas mercadorias está sempre presente.

O consumo dessas mercadorias é definido por Slater (2002) como:

uma prática cotidiana em que os agentes sociais reais usam habilmente os recursos culturais (linguagem, coisas, imagens) para atender as suas necessidades, envolve necessariamente reinterpretações, modificações e transgressões – e pode ser usado para questionar culturalmente, bem como para reproduzir culturalmente a ordem social. (SLATER, 2002, p. 146).

No mundo atual, no contexto do sistema capitalista, o consumo tem sido acirrado, gerando em alguns grupos um consumo exacerbado e em outros um consumo aquém das necessidades básicas, o que promove um modelo de desigualdades sociais. Também, como prática cultural, tem-se uma grande massa de pessoas que se integra ao modelo capitalista, e outros que buscam transgredi-lo, visando formas mais conscientes e equânimes de consumo.

A propaganda age como um instrumento de estímulo ao consumo. Nos veículos da indústria cultural – revistas, jornais e televisão, entre outros – que são consumidos para entretenimento e informação, compulsoriamente também obrigam as pessoas a consumirem as propagandas. Uma revista geralmente não é adquirida pelas propagandas que contém, e sim por seu conteúdo. Mas a propaganda está lá, incentivando o consumo, vendendo estilos de vida, promovendo a sedução para modos de vida com artefatos tecnológicos cada vez mais complexos.

Slater (2002) expõe que grande parte da teoria pós-fordista e pós-moderna afirma que agora a cultura está organizando a economia em aspectos básicos em que o valor dos bens depende mais de seu valor cultural, que o autor denomina valor de signo, do que de seu valor funcional ou econômico. Dessa maneira, a propaganda e o *marketing* deixaram de ser funções subordinadas à produção e passaram a ser preponderantes nas empresas, onde um número cada vez maior de mercadorias assume um discurso de signos e representações.

França e Ono (2007) apresentam exemplos de propagandas publicadas em revistas brasileiras dos séculos 20 e 21, analisando a linguagem utilizada para persuadir os leitores para o consumo de determinados estilos de vida. As autoras apresentam, também, algumas iniciativas de divulgação de formas de consumo mais conscientes que utilizam a internet como veículo, tendo assim uma abrangência menor em relação aos grandes veículos da indústria cultural.

Sendo as sociedades complexas, em que se articulam diferentes manifestações culturais em um mesmo espaço, é possível que as pessoas tenham diferentes objetivos com o consumo. Haverá as materialistas, que veem no consumo elemento de distinção e como possibilidade de obter *status*; as hedonistas, que tem no consumo a expectativa do prazer e da felicidade; as funcionalistas, que imaginam que consomem para satisfazer as suas necessidades básicas, e as moralistas, que entendem o consumo como nocivo à sociedade, sendo que o moralismo faz as pessoas buscarem justificativas, como a de poupar em vez de gastar, como é apresentado por Miller (2002). Além da visão de antropólogos, que têm o consumo como organizador das práticas sociais, como Miller (2002), que entende o consumo também como fortalecedor dos relacionamentos.

Mesmo uma única pessoa pode consumir segundo diferentes perspectivas, pois, considerando-se a amplitude dos itens que são consumidos, pode-se supor que, em função do tipo de bem que está sendo consumido, uma postura diferenciada é adotada. E o tipo e o nível de investimento e o retorno esperado podem variar de acordo com a classe social. Isso também pode ser relativizado pela classe social à qual se pertence, pois, como observa Botton (2005), o consumo orientado pela simplicidade pode ser definido pela condição material de pobreza, ou por uma questão de opção de diferentes classes socioeconômicas.

O que fica claro é que o conceito de necessidade é definido culturalmente, e, desta maneira, o que é indispensável ou supérfluo são conceitos variáveis, indeterminados e dependentes do contexto, dos valores morais em relação ao consumo, e isso impede um julgamento mais aprofundado das necessidades alheias.

É importante observar que, de maneira geral, para ser aceito/a por um grupo implica em ter um comportamento e um padrão de consumo avaliado como adequado para esse grupo. A título de exemplo, pode-se citar que, no caso dos eletrodomésticos, os padrões de consumo são fornecidos pelos fabricantes, que desenvolvem seus produtos de maneira a atender diferentes segmentos de mercado, levando em conta um conjunto de fatores objetivos e subjetivos.

O próximo subcapítulo apresenta as funções dos objetos, visando prover subsídios para a compreensão da relação entre pessoas e objetos, no âmbito da diversidade cultural.

### 3.3 FUNÇÕES DOS OBJETOS

Segundo Geertz (2008, p.4), a cultura deve ser vista “não como uma ciência experimental, em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados”. Dessa maneira, compreender as relações entre pessoas e objetos e a intervenção dessas nas relações pessoais contribui na busca de significados dos objetos para as pessoas e destas entre si.

A interação das pessoas com os objetos se dá de diferentes formas, pois diferentes culturas levam a ter diferentes necessidades e anseios, e, conseqüentemente, diferentes requisitos para os objetos. Para compreender a relação das pessoas com os objetos, faz-se necessário compreender o caráter de suas funções.

Embora as funções sejam múltiplas, variáveis e inter-relacionadas, estão sintetizadas, nesta tese, nas seguintes: função simbólica, função de uso ou prática e função estética.

#### 3.3.1 Função simbólica

Conforme menciona Ono, (2006, p. 30), as funções simbólicas inter-relacionam-se com as questões estéticas, pois,

são aquelas ligadas a comportamentos e motivações psicológicas individuais e coletivas, em que cada consumidor reage em função de um sistema de valor próprio e de um sistema de referências sociais e culturais. Suprem, portanto, necessidades subjetivas, tais como aparência (forma, cor, textura, etc.), *status* social, dentre outros aspectos, estando diretamente vinculadas ao contexto social e cultural. Caracterizam-se por serem não quantificáveis (por exemplo: melhorar a aparência, tornar sofisticado, expressar tecnologia avançada, dentre outros aspectos).

Segundo Löbach, (2001), um objeto tem função simbólica quando a espiritualidade de um homem é estimulada pela sua percepção, ao estabelecer ligações com suas experiências e sensações anteriores. A função simbólica dos produtos é determinada pelo conjunto de fatores espirituais, psíquicos e sociais do uso.

Para Löbach, ainda, a função simbólica deriva dos aspectos estéticos do produto e se manifesta por meio de elementos estéticos, como forma, cor, tratamento de superfície, entre outros. A função simbólica de produtos industriais só será efetiva se for baseada na aparência percebida sensorialmente e na capacidade mental de associação de ideias. Além disso, as



funções simbólicas de um produto são diferentes para cada cultura, pois as associações feitas a cada objeto dependem dos referenciais e dos valores de cada pessoa.

### 3.3.2 Função de uso ou prática

As funções de uso são aquelas que caracterizam o que o usuário espera do produto, em termos de serviços prestados. Podem ser definidas como: funções principais e funções secundárias. As funções de uso são aquelas relacionadas à execução da ação. Expressam características objetivas e quantificáveis como, por exemplo: suportar peso, medir temperatura, conduzir eletricidade. (ONO, 2006, p.40).

Segundo Ono (2006), os aspectos ergonômicos também estão compreendidos na função de uso dos objetos, pois estes devem funcionar e desempenhar sua função de maneira adequada e harmoniosa, sem causar fadiga nas pessoas.

Löbach (2001), por sua vez, denomina de funções práticas todas as relações entre um produto e seus usuários que se situam no nível orgânico-corporal, isto é, fisiológico, e define que: *são funções práticas de produtos todos os aspectos fisiológicos do uso*. Segundo o autor, o objetivo principal do desenvolvimento de produtos é criar as funções práticas adequadas para que, mediante seu uso, possam satisfazer as necessidades físicas de quem com eles interaja. As funções práticas dos produtos contribuem no atendimento das condições fundamentais para a sobrevivência das pessoas e na manutenção de sua saúde física.

Pode-se então concluir que a função de uso ou função prática de um produto é, em muitos casos, sua principal razão de existir, pois, na medida em que têm necessidades, as pessoas buscam soluções para as mesmas, e, no contexto da expressão material da cultura da sociedade, essas soluções se dão mediadas por artefatos.

### 3.3.3 Função estética

O primeiro contato de um consumidor com o produto se dá no nível sensorial, principalmente pela visão, para os/as que a possuem. Ao observar-se um artefato, este pode agradar ou não. Na economia de mercado, a função estética de um produto é determinante, pois é por meio dela que, em grande medida, inicialmente as pessoas são atraídas para a compra. Dessa maneira, Löbach (2001, p. 59-61) entende que: “A função estética é a relação entre um produto e seu usuário no nível dos processos sensoriais”, e, assim, pode ser

definida como “um aspecto psicológico da percepção sensorial durante o uso”. Observa, ainda, que a configuração do produto deve atender à percepção multissensorial do usuário.

Segundo Löbach (2001), à função estética não se atribui apenas a característica da “beleza” do produto, mas também a possibilidade de torná-lo acessível às pessoas.

Segundo a visão funcionalista, Dormer (1995, p. 94) afirma que:

O prazer estético e sensorial que nos dão os instrumentos bem feitos é quase um subproduto da sua função, mas um subproduto de enorme potencial por causa da relação que tem com um conjunto de valores básicos associados à verdade, ao absoluto e à constância.

Cabe lembrar que a percepção sobre as funções de um produto vão se modificando ao longo da vida. Poder-se-ia adquirir, por exemplo, um anel apenas pelo fator estético, com o objetivo de embelezar a mão ou simbolizar o matrimônio, mas, com o passar do tempo, olhar esse anel poderia trazer à memória passagens da vida, levando ao pensamento momentos em que o mesmo esteve presente. Um simples bilhete de viagem (passagem), que não tem mais valor prático nenhum após ter sido utilizado, pode remeter a pessoa que o utilizou a recordações de certa viagem, pois, como lembra Kopytoff (2008), as funções de um artefato estão associados à sua biografia.

Ainda, segundo Denis (1998, p. 31): “Os artefatos existem no tempo e no espaço e vão, portanto, perdendo sentidos e os adquirindo novos à medida que mudam de contexto.”.

Observa-se, ainda, que não existe função de uso dissociada da função simbólica, pois os objetos têm formas e funções específicas no âmbito de cada cultura, como se pode observar, por exemplo, entre os talheres utilizados na cultura ocidental, o *hashi* na cultura oriental e mesmo o comer com as mãos na cultura islâmica.

Ressalta-se que, mesmo tendo-se certa clareza sobre as funções do produto, e tendo estas sido consideradas no processo de projeto e produção do mesmo, o seu uso ocorre de diferentes maneiras. Como afirma Kasper (2007, p.6), “o uso real dos produtos, para além das definições prévias, apresenta-se como uma vasta *terra incógnita*.” Pode-se observar que, do ponto de vista cultural, o mundo não é nem monolítico nem binário, mas uma vastidão de possibilidades.

### 3.4 COZINHA, ELETRODOMÉSTICOS E MODOS DE VIDA

A cozinha, ao longo dos tempos, passou por muitas modificações. Inicialmente, era constituída apenas pela fogueira ou pela lareira, local em que se pendurava o caldeirão. Em alguns casos, a cozinha estava posicionada fora do espaço da casa.

A chegada de recursos tecnológicos como a água encanada, a eletricidade, o gás de cozinha, juntamente com mudanças socioculturais e econômicas, promoveu mudanças na habitação, possibilitando trazer a cozinha para dentro de casa.

Os eletrodomésticos foram inovações do início do século XX e que foram sendo incorporados aos modos de vida ao longo do século. Promoveram alterações em padrões de limpeza, bem como na maneira de realizar tarefas domésticas, gerando modificações nas rotinas domésticas.

#### 3.4.1 Cozinha

Cozinha é um termo polissêmico. Em Ferreira (1999, p. 573), tem-se: “[do lat. vulg. *cocina*] S.f. 1. Compartimento da casa onde se preparam os alimentos. 2. A arte de preparar. 3. O conjunto dos pratos característicos de um país ou região [...]”. Observa-se, pelos significados apresentados, que ela pode, ao mesmo tempo, representar o espaço de preparação e o que se prepara. O autor não associa a cozinha, no sentido culinário, com as culturas dos povos, porém, isso pode ser subentendido pela sua associação geográfica, quando cita país ou região.

Entende-se a cozinha, no sentido de culinária, como um dos elementos fortes de cada cultura. Além disso, o espaço destinado à preparação dos alimentos é um ambiente fundamental no contexto da habitação. Wrangham (2010) demonstra que, a partir do domínio do fogo, a fogueira para cozer os alimentos figura como um elemento de reunião entre os humanos. E, além disso, definem-se os horários da alimentação, estabelecendo novas rotinas às comunidades.

Dada a importância do que envolve esse ambiente para o contexto desta tese, este subcapítulo visa tratar de como surgiu o espaço da cozinha, de transformações ocorridas nesse espaço ao longo dos tempos e de implicações socioculturais dessas mudanças.

Ressalta-se que não se pretende fazer uma cronologia da cozinha, mas demarcar alguns fatos importantes ao longo do seu processo de desenvolvimento, especialmente do

ponto de vista das sociedades europeia e estadunidense, uma vez que essas tiveram grande contribuição na formação dos modelos de cozinhas brasileiras. Sabe-se que existem muitas outras histórias e sociedades que não estão contempladas no estudo aqui apresentado.

#### 3.4.1.1 Cozinha: contextualização histórica no ambiente doméstico

Até a Idade Média, a preocupação com os alimentos em si era maior que com o espaço de preparação – a cozinha – e até mesmo com a casa, pois o conceito de “lar”, decorrente do termo lareira, como lugar que reúne “significados de casa e família, de moradia e abrigo, de propriedade e afeição” (RYBCZYNSKI, 1999, p.73), também não existia, tendo sido constituído solidariamente aos conceitos de privacidade, intimidade e domesticidade.

Na Idade Média, a casa não era necessariamente um espaço privado, como esclarece Rybczynski (1999), e as famílias se compunham, comumente, de até vinte e cinco pessoas – a família direta, criados, empregados, aprendizes, amigos e afilhados. E, nas casas, havia no máximo dois cômodos, sendo que as atividades eram comunitárias, inclusive dormir. A privacidade ainda não existia, pois o seu conceito só apareceria no século XVII. Segundo o autor, nessa época, os aristocratas habitavam os castelos, os clérigos viviam em mosteiros, os pobres (servos) moravam em casebres, e os burgueses viviam em casas.

Essa casa típica burguesa do século XIV eram construções longas e estreitas, geralmente tinham dois andares sobre uma cripta ou um porão que era usado para estoque. O andar principal da casa, ou pelo menos a frente, era uma loja – se o dono fosse um artista – uma oficina. A parte para morar constituía-se de um único cômodo – o salão –, que não tinha forro. As pessoas cozinhavam, comiam, se entretinham e dormiam neste espaço. (RYBCZYNSKI, 1999, p. 38).

Deduz-se que as casas dos pobres não seriam diferentes, em organização espacial, em relação às casas burguesas, a não ser pelas condições materiais de construção das mesmas, ou seja, constituíam-se de um único cômodo.

Giard (2008, p. 241) observa que, na França do século XVIII, os pobres camponeses não possuíam um espaço específico que poderia ser denominado cozinha. Ao analisar o inventário de pessoas falecidas, a autora relata que “o essencial para os camponeses é o ‘pote’ ou o caldeirão para ser suspenso à lareira, além de tachos de cobre e algumas frigideiras; os utensílios mais complexos (pingadeira ou escumadeira, espeto, etc.) só aparecem em casas de pessoas importantes”.

Descreve Rybczynski (1999) que as casas burguesas parisienses do século XVII ficavam no terreno medieval original, mas tinham quatro ou cinco andares em vez de dois, devido ao preço e ao espaço da cidade em expansão. Ainda tinha muito da casa medieval, mas a cozinha foi levada para o lado oposto do jardim interno (fundos do terreno), separada da casa, devido aos cheiros que eram considerados desagradáveis. Nesses “edifícios”, além das acomodações dos donos da casa, muitos cômodos eram alugados para outras famílias, em geral, quartos, e, como estes dispunham de lareira, esta era aproveitada para cozinhar, e, dessa maneira, a vida familiar continuava acontecendo em um único espaço.

Segundo o autor, diferente dos outros países, as casas burguesas dos Países Baixos eram pequenas nessa época, pois abrigavam poucas pessoas. Não havia inquilinos, pois a maioria podia ser proprietária, e a casa também não era mais o local de trabalho, pois estabelecimentos foram construídos para os negócios. Também não havia criados como nos outros países, já que a sociedade holandesa desaprovava a contratação de criados e cobrava impostos especiais para quem empregasse auxiliares domésticos. A maioria das casas holandesas abrigava um casal com seus filhos, o que significou que o caráter público da casa grande foi substituído pela vida privada.

A sociedade holandesa dava importância à família. As mães criavam seus filhos, e não havia babás. Os filhos moravam com os pais até o casamento, e o relacionamento entre pais e filhos era baseado no afeto, mais do que na disciplina. “Os visitantes estrangeiros consideravam essa permissividade um ato perigoso.” (RYBCZYNSKI, 1999, p. 71). Segundo o autor, a organização da família em torno das crianças e a vida familiar em casa ocorreu na Holanda pelo menos cem anos antes de qualquer outro lugar.

Rybczynski (1999, p.82) afirma que: “A feminização da casa na Holanda do século XVII foi um dos eventos mais importantes na evolução do interior doméstico.”. Isso porque as atividades domésticas eram realizadas pelas mulheres casadas, independente de sua riqueza ou de sua posição social. Dessa maneira, a cozinha tornou-se o espaço mais importante da casa holandesa; “a cozinha foi promovida a uma posição de fantástica dignidade e tornou-se algo que ficava entre um templo e um museu” (ZUMTHOR<sup>14</sup> *apud* RYBCZYNSKI, 1999, p.83).

Segundo Rybczynski (1999), essa condição era diferente em outras cidades da Europa, no mesmo período, sendo que, nas casas burguesas parisienses, a cozinha ficava em um cômodo que dava para o pátio, sem acesso direto aos cômodos principais. Nas casas térreas

---

<sup>14</sup> ZUMTHOR, Paul. *Daily Life in Rembrandt's Holland*. Nova York: Macmillan, 1963. p. 45-46.

inglesas, a cozinha ficava adjacente aos alojamentos dos criados e, na maioria dos *apartaments*, a “cozinha” não passava de um caldeirão pendurado na lareira.

Percebe-se, assim, que a cozinha, como é conhecida hoje, um espaço doméstico específico para preparação de alimentos, é em parte decorrente do modo de vida da burguesia holandesa, como resultado material de seus conceitos de privacidade e domesticidade. Esses conceitos foram posteriormente seguidos por outras culturas ocidentais, que adotaram uma postura mais sentimental em relação à casa e à cozinha.

Forty (2007, p. 138) expõe que as transformações nas casas também são resultado da Revolução Industrial, na medida em que o trabalho dos artesãos é transferido para as fábricas, e as casas passam a absorver funções de “comer, dormir, criar os filhos e desfrutar o ócio”. Dessa maneira, “Manter o lar e o trabalho entre si tornou-se essencial e uma profusão de sentimentos foi despertada nessa separação.” (FORTY, 2007, p. 139). Segundo o autor, a casa era tida como o céu, pois nesse espaço podia-se ter sentimentos e comportamentos autênticos, de tal maneira que havia o desejo de distinguir a casa do local de trabalho.

#### 3.4.1.2 Transformações na cozinha

Outra grande modificação se deu na concepção da casa, no contexto estadunidense, no início do século XX, onde, além da inserção dos recursos tecnológicos da energia elétrica e do gás, houve outro elemento importante dado pela “importação” para a casa de estudos e pesquisas como os de tempos e movimentos do casal Gilbreth<sup>15</sup> e de princípios da administração científica de Taylor<sup>16</sup>. Esses novos conceitos estavam sendo aplicados em indústrias estadunidenses e primavam pela busca da eficiência pela racionalização dos métodos de trabalho. Nessa perspectiva, algumas mulheres buscaram a adaptação desses conceitos ao ambiente doméstico, visando à otimização do trabalho neste, o que incluía modificações em espaços, artefatos e modos de fazer. A realização desse estudo se dá de

---

<sup>15</sup> O casal Lilian e Frank Gilbreth desenvolve vários estudos no final do século XIX e início do século XX, analisando os movimentos usados pelos operários durante as tarefas, visando introduzir melhorias nos métodos. As atividades do casal foram diversas incluindo melhorias na construção civil, estudos sobre a fadiga, a monotonia, o desenvolvimento de técnicas como o gráfico de fluxo de processo, entre outros. (BARNES, 1977).

<sup>16</sup> Frederick Winslow Taylor leva para a indústria, no final do século XIX, o método científico para resolução de problemas, realizando estudos sistemáticos sobre os tempos de realização de tarefas pelos operários, visando à padronização das mesmas. Entende como necessária a especialização dos trabalhadores e defende a separação entre o planejamento, como atividade gerencial, e a execução com atividade operacional, princípio este fundamentado no trabalho dos Gilbreth. (TAYLOR, 1980).

maneira sistemática, tendo como resultado a formulação da engenharia doméstica. (RYBCZYNSKI, 1999)

Uma das mulheres a desenvolver esse trabalho é Christine Frederick (1913; 1921). Ela defende a casa como a indústria mais importante de todas, e que, em vista disto, a eficiência deveria ser buscada para promover as melhores condições de trabalho para as donas de casa. Ela afirma que a descoberta de novos métodos para a realização das tarefas domésticas e os novos modos de administração da casa deveriam receber o mesmo reconhecimento dado aos cientistas e aos investigadores de negócios.

Cabe ressaltar que essas “engenheiras do lar”, do século XX, foram precedidas por mulheres do século XIX, a exemplo de Catharine Beecher e sua irmã Harriet Beecher Stowe, que já publicavam livros tratando de temas como a organização da casa e do trato com a vida doméstica. Estas mulheres também foram responsáveis pela criação de escolas de economia doméstica para moças estadunidenses. “Catharine Beecher e Harriet Beecher Stowe não eram respeitadas por seus trabalhos como donas de casa e cuidadoras do lar, mas pela sua visão de negócios e suas habilidades como teóricas da prática doméstica” (TONKOVICH, 2002, p. xxvii).

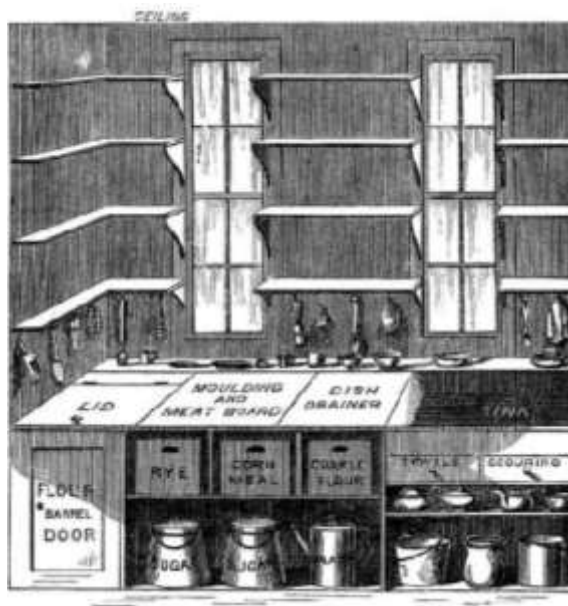
O livro *The american woman's home*, publicado em 1869, trazia os mais diversos temas ligados à administração e à manutenção da casa, esses estabelecidos sobre a base religiosa do cristianismo. Ao descrever a casa cristã, as autoras propõem desenhos de casa, móveis e outros detalhes, visando economizar tempo, trabalho e dinheiro. Um exemplo de proposta de organização da cozinha está apresentado na Figura 5.

Beecher e Stowe (2002)<sup>17</sup> tratam de temas que vão desde a decoração da casa ao cuidado com a saúde. As autoras buscam dar uma base científica aos temas abordados em seu livro, embasando seus conteúdos na física, na química e na biologia, entre outros.

---

<sup>17</sup> 1ª. edição: 1869.

Figura 5 – Proposta de organização da cozinha



Fonte: BEECHER; STOVE, 2002, s/p; CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 37.

Por sua vez, o trabalho de Frederick (1913; 1921) consiste de uma ampla gama de assuntos relacionados com a economia doméstica, envolvendo desde o planejamento das finanças ao planejamento do cardápio para família. Uma parte importante do seu trabalho está pautada no estudo de tempos e movimentos para a melhoria da eficiência na realização de tarefas e na análise das “ferramentas” que podem auxiliar as atividades. Frederick criou um laboratório para estudar as melhores maneiras de realização das tarefas domésticas: o *Applecroft Home Experiment Station*, que pode ser observado na Figura 6.

Figura 6 – Christine Frederick (à direita) em seu *Applecroft Home Experiment Station*



Fonte: KINCHIN; O'CONNOR, 2011, p. 8.



A autora cria quatro classes para essas ferramentas: 1) poupadores de combustível, 2) poupadores de deslocamento, 3) poupadores de trabalho e 4) poupadores de tempo. Ressalta que um mesmo equipamento pode ocupar mais de uma classe. Em relação aos eletrodomésticos, como ferramentas eficientes, Frederick (1913, p. 249), mesmo sendo uma entusiasta dos equipamentos elétricos, observa que a energia elétrica ainda é muito cara e destinada a uma parcela pequena da população. Seu trabalho é destinado a pesquisar “[...] novos equipamentos, materiais e métodos que devem melhorar a eficiência das donas de casa da típica classe média americana.”, e, desta maneira, os investimentos devem ser compatíveis.

Em 1921, quando a energia elétrica estava mais acessível, Frederick faz uma análise detalhada de vários equipamentos como: fogões e fornos elétricos, lavadora de louça, lavadora de roupas, aspirador de pó e ferro elétrico, entre outros. Além da análise da eficiência dos equipamentos, como poupadores de tempo e trabalho, ela também examina e apresenta os custos de aquisição e utilização e o retorno obtido. (FREDERICK, 1921).

A Figura 7 apresenta um exemplo do trabalho de Frederick, em que ela estuda os movimentos para preparar e servir a comida e também a limpeza após a refeição, em função da disposição dos equipamentos. Os detalhes da organização dos utensílios na cozinha estão mostrados na Figura 8.

Figura 7 – Estudo de movimentos na cozinha, em função da organização dos equipamentos



Fonte: Reproduzido a partir de FREDERICK, 1921, p. 22-23.

Figura 8 – Postura sentada para lavar a louça; Carrinho para carregar a louça suja, prateleiras adjacentes para organizar os utensílios



Fonte: FREDERICK, 1921, p. 18.

Outra característica importante da pesquisa de Frederick é que ela introduz princípios de ergonomia, na medida em que estuda as posturas corporais em função dos artefatos e propõe alternativas de utensílios, visando melhorar essas posturas, como pode ser observado na Figura 9. Um dos seus objetivos era propor uma padronização na realização das tarefas domésticas, incluindo o tempo padronizado para a execução das mesmas.

Figura 9 – Comparação entre as posturas pela utilização de uma pá de lixo com cabo curto ou com cabo longo. “Por que se inclinar para juntar o lixo quando ele pode vir até você?”.



Fonte: FREDERICK, 1921, p. 165.

É importante observar que o trabalho de Frederick estava centrado na busca da racionalização das tarefas domésticas, buscando eficiência e conforto das donas de casa. Ela não fala em conceitos ligados à beleza ou à estética da casa, normalmente “estereotipados”

como preocupações femininas, demonstrando uma importação basicamente direta de conceitos industriais.

Por sua vez, Mary Pattison (2009)<sup>18</sup>, outra defensora da engenharia doméstica, que também possuía um laboratório experimental, trata de temas parecidos com os de Frederick, relacionados à eficiência e padronização no ambiente doméstico, mas dedica um capítulo à beleza no cotidiano, defendendo que, com esta, as pessoas ficariam mais tranquilas. Afirma que:

O padrão de beleza sugerido na Estação Experimental busca reunir as peças de cada artigo em uma unidade charmosa e eficiente de uso e beleza, incorporando forma, cor, composição e proporção. Cada ambiente foi tanto quanto possível a expressão de seu melhor sentido por meio do agrupamento harmonioso de peças padrão e mobiliário, e o espírito da casa torna-se um meio de maior desenvolvimento da personalidade. (PATTISON, 2009, p. 157).<sup>19</sup>

Heskett (1997) observa que o trabalho de Frederick teve forte influência na Alemanha, onde o racionalismo era recebido com entusiasmo, e que, em 1921, foi criado o *Reichskuratorium für Wirtschaftlichkeit* (Conselho Estatal de Eficiência), que também se dedicava ao estudo da eficiência doméstica.

[...] produzindo especificações para móveis de casa e apetrechos para facilitar a limpeza, a lavagem de pratos e o preparo de alimentos, propondo tamanhos padrões para camas e roupas de cama, definindo os cabos mais seguros e eficientes para utensílios de cozinha. Cada objeto considerado era analisado sob o ponto de vista do material, forma, função, utilização e preço. (HESKETT, 1997, p. 85).

O autor ressalta que o desenvolvimento da Cozinha Frankfurt, apresentada na Figura 10, realizada por uma equipe coordenada pela arquiteta Grete Schütte-Lihostky, criou um novo padrão de cozinha, que estava contida em um conceito de “habitação mínima”, criado para a Alemanha após a I Guerra mundial, e foi fortemente influenciada pelas idéias de Frederick.

---

<sup>18</sup> 1ª. edição: 1915.

<sup>19</sup> Tradução pela autora, do original em inglês: "The standard of beauty suggested in the Experiment Station, was such as to bring together the parts of each article into a charming and efficient unit of use and beauty, embodying form, color, proportion e composition. Each room was, as far as possible an expression of its best meaning through the harmonious grouping of standard parts and furnishings, and the spirit of the house be spoke itself in a tone of higher developing personality." (PATTISON, 2009, p. 157)

Figura 10 – Cozinha Frankfurt, de 1927, de autoria de Grete Schütte-Lihostky



Fonte: KINCHIN; O'CONNOR, 2011, p. 18.

A exemplo das críticas ao Taylorismo e ao Fordismo, essa padronização na cozinha também teve censuras, pois o modelo estava baseado na eficiência e na estética austera que foram “consideradas insuficientes para satisfazer as necessidades humanas. Frequentemente as pessoas eram reduzidas a cifras em ambientes e processos desumanizados.” (HESKETT, 1997, p. 86), buscando-se uma eficiência “ideal” em vez de “máxima” e desconsiderando a variação do grau de eficiência para cada pessoa e contexto de uso.

É importante observar que, no início do século XX, a cozinha era elemento de estudo em diferentes lugares, passando a figurar como um laboratório, importando inclusive materiais de laboratórios, como o vidro Pyrex® e as peças esmaltadas, por exemplo, para a produção de utensílios, pois o conceito de assepsia também era necessário à cozinha. Em uma exposição da Bauhaus em Weimar, Benita Otte e Ernst Gebhardt apresentam uma cozinha experimental (FIGURA 11).

Figura 11 – Cozinha experimental, apresentada na Exposição da Bauhaus (Weimar, 1923)



Fonte: KINCHIN; O'CONNOR, 2011, p. 10.

Também cabe observar que, enquanto algumas pessoas estavam preocupadas com a otimização do ambiente cozinha por meio do *design*, outras tinham o interesse de vender os aparelhos eletrodomésticos, a exemplo da cozinha exposta em Battersea (FIGURA 12), que, mesmo contando com aparelhos elétricos, tinha uma aparência que não representava, de maneira expressiva, a modernidade.

Figura 12 – Cozinha Battersea Electric House (Battersea, 1927)



Fonte: FORTY, 2007, p. 261.

De qualquer maneira, a influência da modularização e da racionalização ainda está presente no *design* de cozinhas, cada vez mais organizadas de acordo com as tarefas planejadas. Esteticamente, tem-se uma tendência à uniformidade cromática e formal, tanto dos móveis quanto dos eletrodomésticos, que remete ao conceito de ambiência<sup>20</sup> de Baudrillard (1997), como pode ser observado em uma propaganda do final da década de 1950, apresentada na Figura 13.

---

<sup>20</sup> A ambiência consiste num sistema articulado de cores, materiais, formas e espaço, visando formar um conjunto esteticamente coerente de signos. (BAUDRILLARD, 1997, p. 37-57).

Figura 13 – Equipamentos de cozinha Hotpoint. Anúncio publicado no *The Saturday Evening Post*, em maio de 1959



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 128.

Observa-se, na propaganda, uma cozinha organizada, com visão parcial da lavanderia, móveis e eletrodomésticos da mesma cor, em uma combinação harmoniosa. A mulher aparece "bem vestida", o que era muito comum nos anúncios da época. A chamada do anúncio: "Você amará o modo como sua cozinha aparenta... Você amará o modo como sua cozinha trabalha!" faz uma alusão ao fato de que os eletrodomésticos executariam o trabalho, dispensando o esforço da dona de casa para a realização das tarefas domésticas.

O modelo de cozinha contemporânea "ideal", no estilo estadunidense, é apresentado pela KitchenAid (uma das marcas da Whirlpool, que é uma das maiores indústrias de eletrodomésticos), em uma imagem publicitária (FIGURA 14), na qual se pode observar a combinação dos móveis e eletrodomésticos, compondo um conjunto, seguindo o mesmo estilo, demonstrando também o conceito de ambiência de Baudrillard.

Figura 14 – Cozinha contemporânea KitchenAid (2011)



Fonte: disponível em: <http://www.kitchenaid.com/flash.cmd?#/page/kitchen-gallery/>. Acesso em: 10 mar. 2011.

Nota: Os números marcam os eletrodomésticos produzidos pela empresa.

### 3.4.2 Eletrodomésticos

A chegada da energia elétrica, no final do século XIX e início do século XX, produziu sensíveis mudanças nos modos de vida das pessoas, não somente do ponto de vista prático, nas atividades do cotidiano, mas também em termos simbólicos, representando a modernidade entrando nas casas. E o *design* teve uma importante contribuição nessas transformações. Inicialmente, foi utilizada para fins industriais e iluminação pública e, posteriormente, para iluminação doméstica. Como uma energia que não poderia ser armazenada, pois o que era produzido deveria ser consumido, era necessário estimular o consumo durante o dia, para melhorar o fator de carga – expressa pela relação entre o consumo médio e máximo de energia, como pode ser verificado em Forty (2007).

Isso se deu por meio da transformação de equipamentos domésticos já existentes, a exemplo das máquinas de lavar roupa, ilustradas na Figura 15, movidas manualmente, que foram aperfeiçoadas por motores elétricos acoplados para produzir força e movimento, e, posteriormente, também pela utilização de resistências elétricas para promover aquecimento.



Figura 15 – Lavadora e calandra para roupa, movidas manualmente



Fonte: TAMBINI, 1999, p. 70.

A Figura 16 apresenta uma propaganda da AEG – Allgemeine Elektrizitäts – Gesellschaft (Sociedade Geral de Eletricidade), em que o motor elétrico aparece como peça principal, e, ao redor, estão acessórios domésticos. Essa estratégia foi utilizada pelas próprias concessionárias de energia para incentivar o consumo, criando, assim, uma nova classe de artefatos – os eletrodomésticos.

Figura 16 – Motor elétrico com seus acessórios, em publicidade da AEG, de 1911



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 86.

O acréscimo da energia elétrica aos equipamentos existentes deu-se, inicialmente, de um modo geral, sem preocupações estético-formais, pois se tratava simplesmente da transformação da força motora ou da forma de aquecimento. A primeira empresa que demonstrou a preocupação de integrar o *design* à produção de eletrodomésticos foi a alemã AEG, que, em 1907, contratou o arquiteto Peter Behrens como consultor artístico para desenvolver um projeto de identidade corporativa, que incluía: o projeto arquitetônico da fábrica, a marca da empresa e suas aplicações, bem como o redesenho dos produtos, dos quais os mais conhecidos são o ventilador e as chaleiras elétricas, que estão apresentadas na Figura 17.

Figura 17 – Propaganda das chaleiras elétricas desenvolvidas por Peter Behrens, de 1910

**ELEKTRISCHE TEE- UND WASSERKESSEL**  
NACH ENTWÜRFFEN VON PROF. PETER BEHRENS

Messing vernick., streifenartig gehämmert runde Form				Kupfer streifenartig gehämmert runde Form				Messing streifenartig gehämmert runde Form			
Pl. Nr.	Inhalt ca. l.	Gewicht ca. kg.	Preis Mk.	Pl. Nr.	Inhalt ca. l.	Gewicht ca. kg.	Preis Mk.	Pl. Nr.	Inhalt ca. l.	Gewicht ca. kg.	Preis Mk.
3581	0,75	0,75	19,—	3584	0,75	0,75	20,—	3582	0,75	0,75	19,—
3591	1,25	1,0	22,—	3594	1,25	1,0	24,—	3592	1,25	1,0	24,—
3601	1,75	1,1	24,—	3604	1,75	1,1	26,—	3602	1,75	1,1	25,—

**ALLGEMEINE ELEKTRICITÄTS-GESELLSCHAFT**  
ABT. HEIZAPPARATE

Fonte: FIELL e FIELL, 2005, p. 22.

Preocupações estético-formais com os artefatos domésticos, especialmente móveis e louças, já existiam, mas esta nova classe de produtos – os eletrodomésticos – ainda precisava ser melhorada. Forty (2007) observa que os aparelhos destinados à sala de jantar e estar, como chaleiras e torradeiras elétricas, do final do século XIX e início do século XX, possuíam um desenho aprimorado, mas aqueles que eram destinados à cozinha, que não era considerado um espaço privilegiado da casa, ou dedicados ao trabalho de empregadas domésticas, tinham aparência de equipamentos voltados à indústria, como pode ser observado na batedeira elétrica apresentada na Figura 18.

Figura 18 – Batedeira elétrica para uso doméstico, de 1920



Fonte: FORTY, 2007, p. 291.

A importância do *design*, nessa época, já era observada em exposições como elemento distintivo, como assinala Bürdek (2006, p. 21):

As primeiras feiras mundiais, entre elas a de 1873 em Viena, a de 1876 em Filadélfia ou a de 1889 em Paris, com a torre de Gustave Eiffel, eram enormes coleções de produtos e, em última instância, feira de amostras de *design*, onde o estágio de desenvolvimento da época é exposto.

Sobre a exposição de 1851, Morteo (2009, p. 30) relata que:

Sob as abóbodas do Palácio de Cristal de Joseph Paxton se reuniram quinze mil expositores – dos quais, quase a metade eram ingleses – e mais de duzentos mil objetos: um avanço da invasão de mercadorias e produtos que estava a ponto de transformar o cenário mundial. Máquinas, objetos de decoração, tecidos, invenções autênticas ou simples elementos decorativos: toda a exuberância do progresso e da indústria, mas também uma torre de Babel de estilos que deixava muito longe o vislumbramento de um claro perfil estético dos novos tempos.

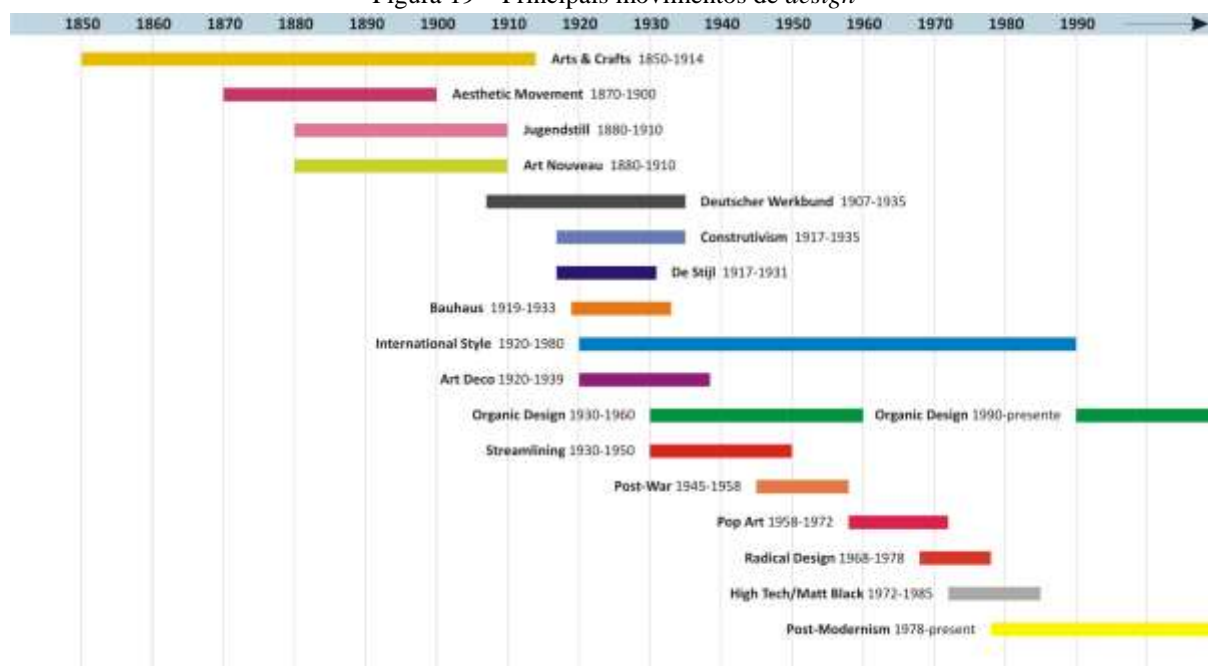
Há que se ressaltar que a vontade de uma unidade estética, citada por Morteo (2009) seria algo pouco provável de ser alcançado, ou sequer seria desejável, uma vez que o mesmo desconsidera o cenário de diversidade cultural presente na Exposição, seja pelo número de países expositores, seja pelo número de produtos expostos e, sobretudo, pelos fatores qualitativos próprios de cada cultura.

É também por volta dos anos de 1850 que tem início o primeiro movimento associado ao *design*. Contrapondo-se a certos valores associados ao progresso promovido pela industrialização, William Morris e John Ruskin, dentre os mais influentes críticos das consequências sociais e culturais da modernidade, colocando o indivíduo no centro da discussão, defendiam um modelo estético com referências na produção artesanal e baseado na

simplicidade, condenando a utilização de ornamentos (considerados supérfluos) em produtos industriais. William Morris produziu móveis, tecidos e utilidades domésticas, segundo esses princípios, e seu trabalho, assim como de seus seguidores, foi reconhecido como o primeiro exemplo de movimento de *design*, denominado de “Arts and Crafts”.

Na Figura 19, pode-se verificar, ainda, que há uma sucessão de movimentos, sempre manifestados por mudanças nas configurações formais dos produtos, articulados com as mudanças sociais e nos modos de produção. A cada um desses movimentos são vinculados, conforme registra a história do *design*, certos ícones que os representam. Há, em alguns casos, simultaneidade como, por exemplo, Jugendstil e Art Nouveau, que estão vinculados ao mesmo período de tempo, mas têm origem espacial diferente, além de diferentes concepções estéticas.

Figura 19 – Principais movimentos de *design*



Fonte: Reproduzido a partir de FIELL e FIELL, 2005, p. 752-753.

Os eletrodomésticos não têm tido muita expressão na história publicada do *design*, em termos de representatividade como ícones dos diversos movimentos. Não há muitos registros sobre o *design* dos mesmos, principalmente se forem comparados com o de cadeiras e luminárias, por exemplo.

Um eletrodoméstico que tem destaque na história do *design* é o refrigerador. Sua origem está nos armários e baús de madeira com isolamento térmico, onde era colocado gelo, repostado constantemente, e os alimentos a serem conservados em temperatura mais baixa

(FIGURA 20). Posteriormente, o gelo foi substituído pelo sistema de refrigeração com compressor, mas a configuração básica do armário de madeira foi mantida. Nos primeiros refrigeradores, o compressor ficava posicionado na parte externa, no topo do equipamento, como pode ser verificado na Figura 21.

Figura 20 – Refrigerador de madeira com refrigeração com barras de gelo



Fonte: ABRAMOVITZ, 2006, p. 61.

Figura 21 – Refrigerador elétrico com motor na parte superior



Fonte: ABRAMOVITZ, 2006, p. 25.

Aprimoramentos expressivos no design de refrigeradores foram realizados pelo *designer* Raymond Loewy, contratado pela empresa Sears, que colocou um compressor sob a “carenagem” do refrigerador, além de promover mudanças formais pela introdução de conceitos de *design* de automóveis, com o qual já tinha trabalhado. O refrigerador passou, então, a ser construído com chapas de aço, revestimento de esmalte branco e detalhes cromados. Na parte interna, havia melhores possibilidades de armazenamento de alimentos.

Segundo Heskett (1997), o refrigerador Coldspot (FIGURA 22), desenvolvido por Loewy, em 1935, teve um forte impacto sobre as vendas, demonstrando a importância do *design*, sendo o Coldspot posteriormente promovido à condição de um dos ícones do movimento *Streamlining*.

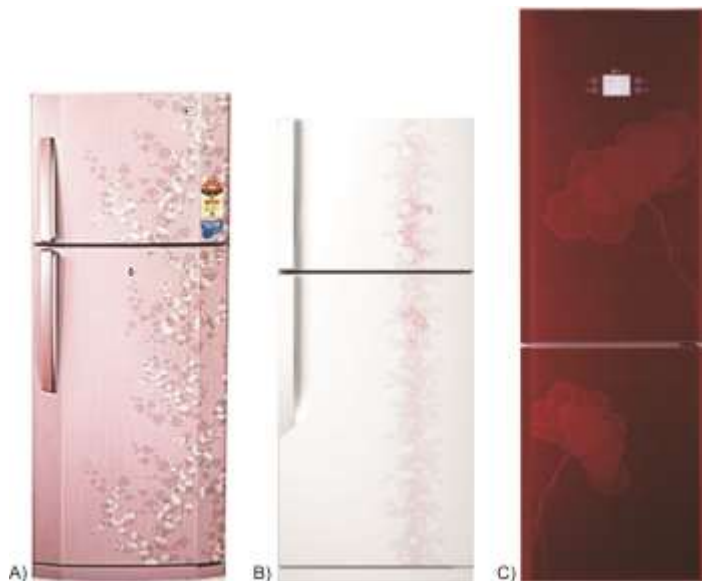
Figura 22 – Refrigerador Coldspot Super Six, 1937



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 113.

Na década de 1960, esses eletrodomésticos passam a ter linhas mais retas e, nos anos de 1970, começam a ganhar cores. Nos anos de 1990, o branco toma conta dos eletrodomésticos. Essa cor ainda predomina nos eletrodomésticos atuais, mas divide espaço com a cor preta e o aço inox que estão sendo utilizados com grande frequência, especialmente no Brasil, nos EUA e em alguns países europeus. As modificações formais e as cores de acabamento desses eletrodomésticos representam os valores estéticos de cada período. Ao mesmo tempo, em alguns países, observa-se que outras cores, bem como grafismos, são utilizadas para atender diferentes contextos culturais, como pode ser observado na Figura 23.

Figura 23 – Refrigeradores com diferentes cores, comercializados em diferentes países. A – Índia, B – Indonésia, C – México. LG, 2011



Fonte: LG, 2011.

Além das mudanças cromáticas, os refrigeradores passam por modificações na configuração interna, na medida em que se aperfeiçoam os sistemas de refrigeração e de isolamento térmico, possibilitando a utilização de revestimentos menos espessos e permitindo melhor aproveitamento do espaço interno. Há também modificação no número de compartimentos, que se iniciou com a separação do congelador e posteriormente se estendeu a outros compartimentos, para promover melhores condições de acondicionamento dos alimentos e também atender a diferenças culturais. A Figura 24 apresenta três exemplos de refrigeradores disponíveis no início de 2011, no mercado estadunidense.

Figura 24 – Refrigeradores Electrolux disponíveis para o mercado estadunidense, em 2011



Fonte: ELECTROLUX.

Disponível em: <http://www.electroluxappliances.com/kitchen-appliances/refrigeration>. Acesso em: 20 de fev. 2011.

É importante observar que o modelo *side-by-side*, com duas portas verticais, em que se combinam o *freezer* e a geladeira, e o modelo *french door*, com três portas, sendo duas superiores para o refrigerador e a inferior correspondente à gaveta que contém o *freezer*, são atualmente os mais comercializados nos Estados Unidos. A Figura 25 apresenta um modelo *french door* com duas gavetas na parte inferior e variações cromáticas no contexto norte-americano.

Figura 25 – Refrigerador *french door*, LG, 2011



Fonte: Refrigerator LG Catalogue, USA, 2011.



A Figura 26 apresenta um dos modelos mais comuns de refrigeradores na Inglaterra atualmente, com dois compartimentos, sendo que a parte inferior corresponde ao *freezer*.

Este tipo de disposição de *freezer* não é comum em certos mercados, a exemplo do brasileiro, no qual prevalecem modelos com *freezer* na parte superior. (ONO, 2004).

Figura 26 – Modelo de refrigerador Fisher & Paykel, Inglaterra, 2011.



Fonte: FISHER & PAYKEL, 2011.

Disponível em: <http://www.fisherpaykel.com/product/refrigeration/refrigerators/>. Acesso em: 20 fev. 2011.

Outras diferenças culturais também podem ser observadas na configuração das geladeiras. Por exemplo, nos Estados Unidos, os refrigeradores são grandes para poderem acondicionar a grande quantidade de alimentos comumente comprados prontos, as prateleiras das portas são mais profundas para poderem acondicionar galões, equivalentes a 3,6 litros cada, de suco e leite, que comumente são utilizados (FIGURA 27).

Figura 27 – Configuração do espaço interno de um refrigerador estadunidense



Fonte: Disponível em: [http://www.whirlpool.com/catalog/kitchen\\_gallery.jsp#refrigerators](http://www.whirlpool.com/catalog/kitchen_gallery.jsp#refrigerators). Acesso em: 20 fev. 2011.

Solomon (2011, p. 182) afirma que “70% dos lares coreanos possuem geladeiras projetadas especialmente para guardar *kimchi*, vegetais fermentados que os coreanos comem em todas as refeições.” Esses refrigeradores dispõem de gavetas ou compartimentos que permitem organizar os alimentos coreanos, como pode ser observado na Figura 28.

Figura 28 – Detalhe do refrigerador coreano, com gavetas para acondicionamento de *kimchi*



Fonte: Disponível em: <http://www.elandappliance.com/dimchae-3351-12.53-cu.-ft.-standing-kimchi-refrigerator-1-dxla-361tvs-silver.html>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Diferentemente dos demais eletrodomésticos, para o fogão havia uma competição entre o uso de energia elétrica e do gás como fonte de aquecimento, em substituição à lenha, ao carvão e ao óleo. Esse eletrodoméstico é herdeiro dos fogões à lenha, construídos em ferro fundido, e, a exemplo do refrigerador, os primeiros modelos desse eletrodoméstico tinham poucas diferenças formais em relação aos seus antecessores, como pode ser observado na Figura 29.

Figura 29 – Fogão a gás, de 1910



Fonte: TAMBINI, 1999, p. 66.

Nos anos de 1920, o fogão foi redesenhado, e o ferro fundido foi substituído por chapas de aço esmaltadas (FIGURA 30).

Figura 30 - Fogão elétrico, de 1926, produzido pela AEG



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 96.

Hesket (1997) afirma que o fogão a gás, do final do século XIX, criou um novo padrão de aparelhos para cozinhar. Norman Bel Guedes, que foi contratado pela empresa *Standard Gas Equipment Corporation*, de Nova York, em 1932, desenvolveu um modelo formalmente mais simples e com melhor aproveitamento de espaço para armazenamento de alimentos, como pode ser observado na Figura 31. O autor destaca que tão importante quanto as mudanças formais foram as modificações promovidas nos meios de produção, pela padronização dos componentes, que permitiram, com a combinação de doze elementos-padrão, produzir dezesseis modelos diferentes de fogão.

Figura 31 – Fogão a gás desenvolvido por Norman Bel Geddes



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 110.

O fogão AGA também é tido como um exemplo de *design*. Esse fogão, desenvolvido na década de 1920, na Suécia, utilizava combustível sólido que queimava permanentemente, possuía placas de aquecimento e ebulição na parte superior e até quatro fornos, que permitiam o cozimento brando dos alimentos. Esse fogão é ainda comercializado atualmente. A Figura 32 apresenta dois modelos atuais do fogão AGA.

Figura 32 – Dois modelos de fogão AGA, dos anos de 2000



Fonte: AXIS PUBLISHING, 2006, p. 57.

O *design* de fogões tem acompanhado, em grande medida, a dos refrigeradores, já que são comumente “parceiros” na composição de cozinhas. A Figura 33 apresenta modelos de fogões comercializados atualmente no Brasil.

Figura 33 – Fogões comercializados no Brasil, de 2011, das marcas: A) Consul, B) Brastemp e C) Electrolux



A

B

C

Fontes: A: Disponível em: <http://www.consul.com.br/Fogoes>. Acesso em: 20 dez. 2011;

B: Disponível em: <http://www.brastemp.com.br/Fogoes>. Acesso em: 20 dez. 2011;

C: Disponível em: <http://www.electrolux.com.br/produtos/fogoes/Paginas/fogao-i-kitchen-76dix.aspx>. Acesso em: 20 dez. 2011.

Em relação aos fogões, pode-se observar que os três modelos comercializados no Brasil possuem tampas, um requisito no mercado brasileiro, como observa Ono (2004, p.772): “O mercado brasileiro apresenta uma característica peculiar quanto ao consumo de fogões, diverso de muitos lugares do mundo: o ‘tampo de vidro’”, o que não se observa em fogões comercializados em outros países, como pode ser visto na Figura 34.

Figura 34 – Modelos de fogões comercializados nos EUA e Reino Unido, respectivamente: A) Fogão LG; B) Fogão Fisher & Paykel



A

B

Fontes: A: Disponível em: <http://www.lg.com/us/appliances/ranges/LG-gas-range-LDG3011ST.jsp>. Acesso em: 20 dez. 2011;

B: Disponível em: [http://www.fisherpaykel.co.uk/admin/images/images\\_fea/DropInOvens/OR90SDBGFX1\\_Accessory\\_Comp\\_600px\\_ts.jpg](http://www.fisherpaykel.co.uk/admin/images/images_fea/DropInOvens/OR90SDBGFX1_Accessory_Comp_600px_ts.jpg). Acesso em: 20 dez. 2011.

Ainda sobre diferenças culturais, pode-se constatar, por meio de pesquisa de mercado, que, no Brasil, há preferência pelos fogões a gás, enquanto que, nos Estados Unidos, os mais utilizados são os fogões elétricos.

A lavadora de roupas, mesmo sendo considerada, por muitas pessoas, como um eletrodoméstico fundamental, tendo vários antecessores mecânicos, tem recebido relativamente pouca atenção na história do *design*.

A Figura 35 apresenta uma máquina de lavar de 1930, produzida pela empresa estadunidense Protos. As Figuras 36 e 37 mostram duas lavadoras desenhadas por Henry Dreifuss, sendo que a primeira, de 1933, foi desenvolvida para a empresa Sears, e a segunda para a empresa Apex Manufacturing Company, em 1939, ambas também estadunidenses. Muitas transformações sofreram esses equipamentos, mas há poucos registros históricos.

Figura 35 – Lavadora Protos de 1930



Fonte: TAMBINI, 1999, p. 70.

Figura 36 – Lavadora Kenmore Toperator de 1933



Fonte: TAMBINI, 1999, p. 70.

Figura 37 – Lavadora de roupas de 1939



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 126.

Atualmente existem basicamente lavadoras de roupa com dois tipos de abertura. Nas do tipo *front load* (FIGURA 38), a roupa é colocada pela abertura da tampa que fica na parte frontal da lavadora, e a lavagem se dá por tombamento da roupa, na medida em que gira o cesto da máquina.

Figura 38 – Lavadora de roupas do tipo *front load* da LG (USA, 2011)



Fonte: Disponível em: <http://www.lg.com/us/appliances/washer-dryer-combos/LG-washer-dryer-combo-WM3455HW.jsp>. Acesso em: 21 dez. 2011.

Outro tipo de máquina de lavar é chamado de *top load*, em que a roupa é colocada pela abertura na parte superior da lavadora, e, neste caso, a lavagem da roupa se dá por meio de agitador mecânico. Pode-se constatar, pelas ofertas de mercado, que este é o modelo mais comum no Brasil (FIGURA 39).

Figura 39 – Lavadora de roupas do tipo *top load* da Brastemp (Brasil, 2011)

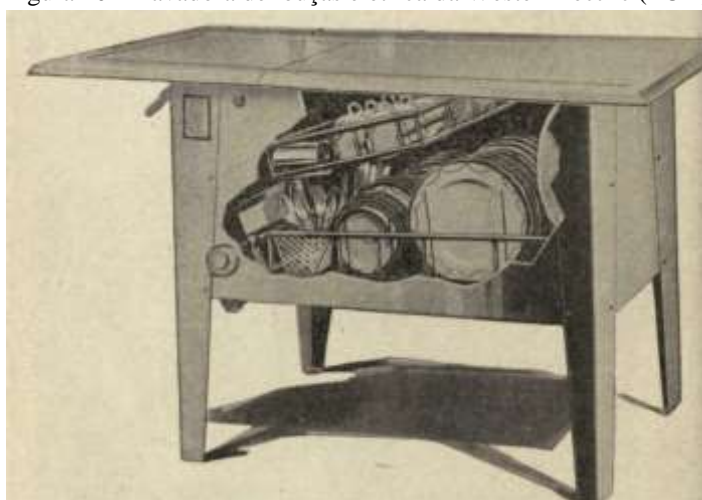


Fonte: <http://www.brastemp.com.br/LavadorasdeRoupa>. Acesso em: 21 dez. 2011.



A lavadora de louças tem o primeiro registro de patente em 1886, por Joséphine Garis Cochrane, desenvolvida inicialmente para ser utilizada em hotéis e restaurantes. Em 1913, a própria inventora fez uma versão para uso doméstico. Têm-se poucos registros da evolução desse equipamento. Uma referência à lavadora de louças do início do século XX está apresentada na Figura 40. As configurações atuais das lavadoras de louça podem ser observadas nas Figuras 41, 42 e 43, e existem basicamente três tipos de lavadoras: com abertura frontal, com abertura superior e agregada à pia (*in-sink*) e com gavetas.

Figura 40 – Lavadora de louças elétrica da Wester Electric (EUA)



Fonte: FREDERICK, 1921, p. 116.

Figura 41 – Lavadora de louças com abertura frontal da Brastemp (Brasil, 2011)



Fonte: Disponível em: <http://www.brastemp.com.br/Home/Lavaloucas/LavaLou%C3%A7asBrastempAtive!12Servi%C3%A7osBLE12A>. Acesso em: 21 dez. 2011.

Figura 42 – Lavadora anexa à pia (*in-sink*) da KitchenAid, (Brasil, 2011)



Fonte: Disponível em: <http://www.kitchenaid.com.br/ch/produtos/detalhes.aspx?cc=135&sc=140&pc=2222&desc=lava-lou%C3%A7as+in-sink#>. Acesso em: 21 dez. 2011.

Figura 43 – Lavadora de louças com duas gavetas da Fisher & Paykel (Inglaterra, 2006)



Fonte: AXIS PUBLISHING, 2006, p. 53.

Um eletrodoméstico que recebe atenção, pelas modificações formais em relação a suas antecessoras, é a batedeira Braun (FIGURA 44), desenhada por Gerd Muller, em 1957. Assinalada por Forty (2007), como um artefato que define uma nova estética para os eletrodomésticos, afastava-se de comparações com máquinas de indústrias e escritórios. Morteo (2009) destaca que, nesse período, a Braun, sob a direção de Dieter Rams, produziu em seus eletrodomésticos um sistema homogêneo de formas simples e lineares.

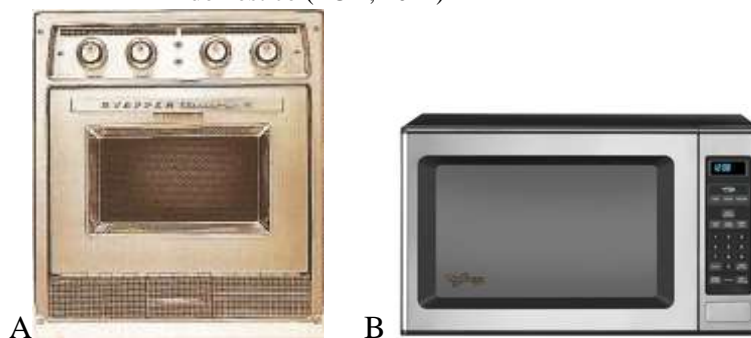
Figura 44 – Batedeira Braun KM 321 (Alemanha, 1957)



Fonte: CENTRE POMPIDOU, 2000, p. 126.

O forno de micro-ondas, uma das últimas inovações dos eletrodomésticos da chamada linha branca, tem uma história relativamente recente. Sua introdução, nos Estados Unidos, na década de 1950, inicialmente para aplicações industriais, como pode ser visto na Figura 45A, e, posteriormente, na década de 1960, para utilização doméstica, caracterizou uma mudança tecnológica na forma de cozer os alimentos. Isso porque a utilização de ondas eletromagnéticas de alta frequência (INMETRO, 2007), como fonte de calor para o cozimento de alimentos, alterou a visão da fonte de calor associada à chama do fogão a gás ou à resistência incandescente dos fornos elétricos. Além disso, o forno de micro-ondas gerou uma mudança expressiva na forma de preparação de alimentos, promovendo, juntamente com o *freezer*, a indústria de alimentos congelados. Em termos de configuração, esse artefato segue comumente o mesmo estilo dos demais eletrodomésticos de cozinha, como o fogão e o refrigerador, como pode ser observado na Figura 45B.

Figura 45 – A) Forno de micro-ondas para uso industrial (EUA, 1955). B) Forno de micro-ondas para uso doméstico (EUA, 2011)



Fontes: A) TAMBINI, 1999, p. 67; B) WHIRLPOOL, 2011

Disponível em: <http://www.whirlpool.com/catalog/product.jsp?src=MICROWAVES&cat=90&prod=1324>.

Acesso em: 20 fev. 2011.

Atualmente, está disponível uma ampla variedade de modelos e marcas de micro-ondas, incluindo a combinação desses com resistências elétricas como geradores de aquecimento. Dessa maneira, possibilitam o cozimento rápido, pelas micro-ondas, e o “douramento” pelo calor da resistência elétrica, mas é comum que a aparência de alguns alimentos preparados no forno de micro-ondas, especialmente carnes e pães, não tenham uma “cor” agradável.

Uma variação de modelo de forno de micro-ondas está apresentada na Figura 46. O modelo combina forno de micro-ondas convencional com compartimento para assar pizza, e é comercializado nos Estados Unidos, no México e em países do Caribe.

Figura 46 – Forno de micro-ondas com compartimento para assar pizza da LG (2011)



Fonte: LG, 2011. Disponível em: [www.lge.com](http://www.lge.com). Acesso em: 20 de jul. 2011.

Dentre os eletrodomésticos, é possível que esse artefato tenha a interface mais complexa, pela especificidade das operações que desempenha, como, por exemplo, fazer pipoca, cozer batatas, descongelar diferentes tipos de alimento, entre muitas outras. Observando-se que cada cultura tem alimentos particulares, de modo geral, os painéis de comando são adaptados às diversas características. A Figura 47 apresenta duas versões de um modelo de forno de micro-ondas, fabricado pela empresa LG e comercializado em diferentes países. Pode-se observar diferentes configurações do painel comando: em um modelo são utilizados pictogramas, e, no outro, as informações são textuais.

Figura 47 – Duas versões de um mesmo modelo de forno de micro-ondas, fabricado pela empresa LG (2011)

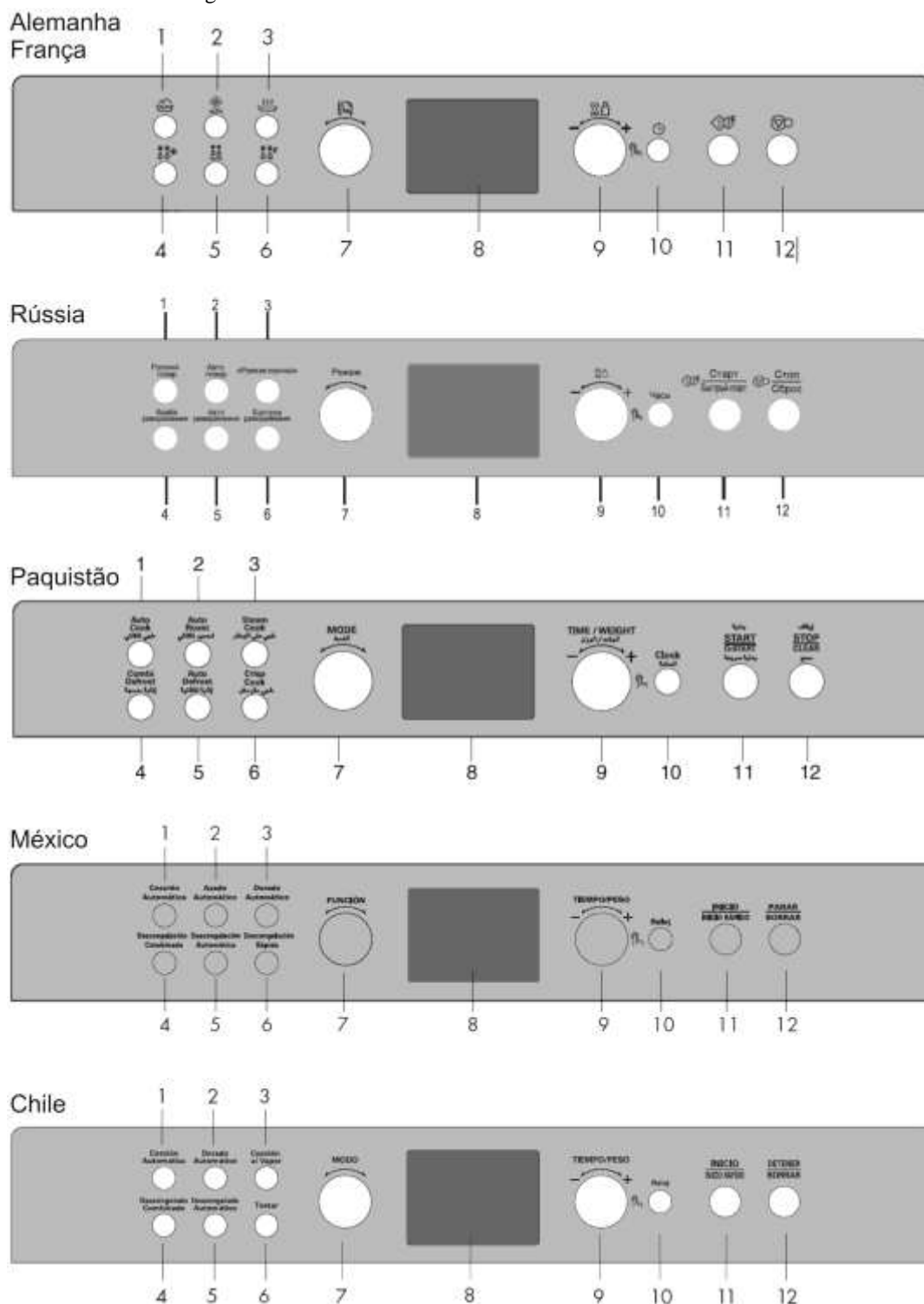


Fonte: LG Electronics, 2011

Disponível em [www.lge.com](http://www.lge.com). Acesso em: 20 de jul. 2011.

Para melhor esclarecer as diferenças entre os painéis de comando, a Figura 48 apresenta as imagens retiradas dos manuais de usuários desse eletrodoméstico, em que pode ser verificado que, no equipamento comercializado na Alemanha e na França, são utilizados pictogramas, enquanto que na Rússia há predominância das informações textuais, mas quatro pictogramas são mantidos. Já, no modelo comercializado no Paquistão, no México e no Chile, apenas um pictograma está presente, e as informações textuais têm preponderância. No modelo do Paquistão, as informações textuais estão apresentadas nas duas línguas oficiais do país, o inglês (alfabeto romano ou latino) e o urdu (alfabeto árabe). Nas versões para o México e o Chile, países de língua espanhola, as diferenças linguísticas de cada país são consideradas no painel. Cabe observar que pictogramas, assim como a língua escrita, são reconhecidos e compreendidos no âmbito de cada cultura.

Figura 48 – Painéis de comando de forno de micro-ondas da LG



Fonte. Catálogos LG, 2011.

A gama de eletrodomésticos é bastante ampla, sendo que muitas inovações lhe foram incorporadas no século XX, com o objetivo de facilitar as tarefas domésticas.

Baudrillard (2010) denomina esses artefatos de “escravos técnicos”. O escovão, por exemplo, usado para dar brilho aos pisos de madeira, foi transformado na enceradeira elétrica.

Para uso doméstico, surgiram, ainda, moedores de café, facas elétricas, sorveteiras, iogurteiras, pipoqueiras, processadores de alimentos, *mixers*, amoladores de faca, abridores de latas, espremedores de frutas, cafeteiras e sanduicheiras, entre outros. Alguns se consolidaram por efetivamente facilitar o trabalho, enquanto que outros saíram do mercado, em parte, por não realizarem a função esperada e, em alguns casos, também, pela dificuldade de limpeza, o que implica em aumento de trabalho, além de outros motivos.

Um artefato que merece destaque pela eficiência em seu funcionamento é a panificadora eletroportátil, pois o trabalho de quem a utiliza resume-se a colocar os ingredientes na máquina, programá-la e retirar o pão assado, além da facilidade de limpeza do artefato.

O futuro aponta para alternativas bastante diferentes no *design* de eletrodomésticos, como pode ser vislumbrado pelo projeto conceitual de equipamentos digitais, destinados à produção de alimentos, desenvolvidos por Amit Zoran e Marcelo Coelho, em 2009. Este projeto, denominado *Cornucopia*, engloba três equipamentos: *Digital Fabricator*, *Virtuoso Mixer* e *Robotic Chef*. Esses equipamentos, controlados digitalmente, funcionam como uma impressora tridimensional com recipientes para armazenar as substâncias que produzirão os alimentos por deposição, podendo ainda produzir o cozimento dos mesmos. O *Digital Fabricator* está representado na Figura 49.

Figura 49 – Digital Fabricator, para produção digital de alimentos (EUA, 2009)



Fonte: MIT, 2010.

Disponível em: [http://web.media.mit.edu/~amitz/Amit\\_Zoran\\_home\\_page/Cornucopia.html](http://web.media.mit.edu/~amitz/Amit_Zoran_home_page/Cornucopia.html). Acesso em: 15 dez. 2010.

É importante esclarecer que os eletrodomésticos têm o seu valor de uso associado ao contexto cultural, como, por exemplo, a panela de arroz elétrica, que é de grande relevância na cultura japonesa, como pode ser visto em Ono (2006), mas que, no Brasil, é relativamente

pouco utilizada. O triturador de alimentos, utilizado no ralo da pia na maioria das casas estadunidenses, também não é muito usado no Brasil.

Também é necessário compreender que a inserção dos eletrodomésticos produziu modificações na cozinha, com implicação nos modos de vida e no consumo das pessoas. Alteraram as habilidades necessárias para a realização de certas tarefas e exigiram aprendizado para utilizar os equipamentos.

#### 3.4.2.1 *Design* de eletrodomésticos no Brasil

O *design* é tratado como um valor estratégico para a competitividade em muitas empresas e países. No entanto, efetivamente e amplamente, isso ainda não acontece no Brasil, segundo Caldas (2004, p. 150), porque “o empresário brasileiro ainda investe muito pouco em *design*, pois o considera, via de regra, um elemento supérfluo, um custo desnecessário que só encarece a atividade empresarial sem gerar ganhos substanciais”. Grande parte da indústria brasileira ainda não incorporou a atividade de *design* e, menos ainda, a da gestão do *design*.

O panorama apresentado por Ono (2004) sobre a relação entre *design* e diversidade cultural nos setores industriais de automóveis, eletrodomésticos e móveis no Brasil demonstra que muitas das indústrias adotam políticas que valorizam o *design* estrangeiro, seja por pertencerem a corporações multinacionais que preferem realizar adaptações dos projetos às condições/necessidades brasileiras, como grande parte do setor automobilístico, por exemplo; seja como reprodutores de modelos de outros países, como se observa na indústria moveleira; ou, ainda, pela importação direta de certos produtos como a realizada pela indústria de eletrodomésticos; não raro baseados na argumentação da “facilidade do brasileiro em absorver influências e inovações em função do processo de formação da sociedade no Brasil, que compreende muitas influências e uma intensa miscigenação” (ONO, 2004, p. 943), o que mostra que uma boa parte das indústrias não busca o desenvolvimento de produtos com características específicas para o mercado nacional.

Ao mesmo tempo, os *designers* que conseguem espaço têm seu trabalho valorizado. Isto pode ser observado em Ono (2007), citando os exemplos das empresas multinacionais Electrolux e Whirlpool, que criaram centros de *design* regionais, conferindo ao Brasil a representação da América do Sul e Latina, respectivamente, o que, segundo a autora, deve-se ao “reconhecimento da qualidade das equipes de *design* brasileiras” e à necessidade de adequação dos produtos a requisitos específicos desses mercados, inclusive pela questão da diversidade cultural e condições econômicas. (ONO, 2007, p.307).



Vale ressaltar que, na área de desenvolvimento de eletrodomésticos, o *design* brasileiro já conquistou um bom reconhecimento nas empresas. Mas, para que o Brasil tenha o seu *design* mais reconhecido em outras áreas e setores, é necessário que as empresas adotem o *design* como estratégia e propiciem que os/as profissionais da área mostrem suas potencialidades.

O Brasil teve um aumento substancial no número de cursos de *design*, a partir dos anos de 1990, mas ainda é necessário promover a aproximação das escolas às indústrias, para que estas últimas possam perceber a importância do *design* para o desenvolvimento das mesmas. As empresas necessitam implantar modelos de gestão em que o *design* seja reconhecido como parte do valor do produto, o que não deve significar, necessariamente, em aumento de preços nos bens, nem que o *design* seja visto como mero tratamento cosmético.

Assim, o volume e a qualidade de *design* produzido no Brasil precisam aumentar, de modo que o mesmo seja valorizado no conjunto e não apenas como um *design* de autoria e/ou atividade “cosmética”, periférica, e isso deve passar necessariamente pelo reconhecimento do papel do *design* pelas empresas.

A identidade do "*design* brasileiro" possivelmente não exista “no singular”, ou seja, enquanto representação de padrões e parâmetros fixos, em virtude de compor um mosaico de diversidade cultural, valendo lembrar que há múltiplos fatores inter-relacionados, tais como a problemática das desigualdades sociais e suas implicações no acesso ao mercado de consumo e na relação de cada pessoa com os artefatos e sistemas. Como afirma Ono (2007, p. 303): “Conceitos generalistas como de ‘*design* nacional’ só podem existir no âmbito da ‘ideologia’ ou enquanto ‘grifes’ comerciais, pois não representam uma igualdade de características, necessidades e anseios entre as pessoas de uma coletividade.”.

Além disso, no cenário multicultural, inclusive brasileiro, não caberia uma única alternativa, mas inúmeras. Como argumenta Moraes (2006), estamos a caminho de um *design* múltiplo, com consciência das diferenças regionais no Brasil. A perspectiva de Moraes não deixa de ser reducionista, pautando-se na ideia de "nação" e na possibilidade de delimitação da cultura em demarcações regionais.

Cabe ressaltar que Moraes (2006) faz sua análise centrada no Brasil, que já é um país híbrido desde a chegada dos colonizadores, mas a multiculturalidade não é uma exclusividade brasileira, pois a criação dos Estados-nação uniu diferentes povos sobre o mesmo manto geopolítico, e isso não significou necessariamente unidade cultural.

### 3.4.3 Relações entre as transformações na cozinha e os eletrodomésticos

A “revolução industrial na casa”, observada no trabalho de Frederick e que teve forte impacto nos Estados Unidos e também em outras partes do mundo, é analisada por Cowan (1990), que avalia as modificações ocorridas no ambiente doméstico, com a mecanização das tarefas nas residências estadunidenses no início do século XX, na medida em que a inserção dos eletrodomésticos produziu uma mudança substancial nas rotinas domésticas.

A autora se contrapõe à visão de sociólogos funcionalistas de que esses artefatos produziram a dissociação das famílias, uma vez que as mulheres teriam mais tempo livre, e demonstra que o que de fato ocorreu foi um aumento do número de horas dedicadas ao trabalho doméstico. Resgata dados de pesquisas realizadas em 1928 e 1929, com famílias rurais e urbanas no estado americano de Oregon, que apontaram que, para as donas de casa das áreas rurais, o tempo dedicado às tarefas domésticas era de 61 horas/semana, e 63,4 horas/semana para as donas de casa das áreas urbanas. Cowan (1990) apresenta também uma pesquisa realizada após a II Guerra Mundial, por economistas do Bryn Mawr College, que apontam resultados semelhantes, que são 60,55 horas/semana para as donas de casa das áreas rurais, 78,35 horas/semana para mulheres das pequenas cidades e 80,77 horas/semana para mulheres das grandes cidades.

Cowan (1990) aponta a mudança em padrões de limpeza, que passaram a ser mais elevados. Também ressalta que a publicidade da época teve uma forte influência na modificação de estilos de vida, uma vez que as propagandas “pregavam” um componente emocional para o trabalho doméstico, citando como exemplo que “lavar a roupa não era simplesmente lavar a roupa, mas uma expressão de amor; a dona de casa que realmente amava sua família iria protegê-la do constrangimento do encardido.”<sup>21</sup> (COWAN, 1990, p. 291).

Um estudo realizado na Inglaterra, apresentado por Forty (2007), no qual foi avaliado o tempo gasto nas tarefas domésticas por donas de casa em tempo integral nos anos de 1950 e 1970, período em que os eletrodomésticos se tornaram comuns no país, apresentaram os resultados médios de 70 e 77 horas/semana, respectivamente. Assim como Cowan, Forty também indica que “o que parece ter acontecido é que os aparelhos tornaram mais leve o fardo e pouparam tempo em certas tarefas, mas também tornaram possível atingir padrões

---

<sup>21</sup> Tradução pela autora, do original em inglês: “*Laudering was not just laudering, but an expression of love; the housewife who truly loved her family would protect them from the embarrassment of tattlelate gray*”. (COWAN, 1990, p. 291).

mais elevados. Desse modo, o tempo economizado era gasto fazendo a mesma tarefa, ou outras, com mais frequência e melhor.” (FORTY, 2007, p. 284).

Forty (2007) ainda relata que a inserção dos eletrodomésticos nos lares se deu fortemente influenciado pela propaganda de que os mesmos substituiriam as empregadas domésticas, então cada vez mais raras. E, uma vez que o trabalho doméstico estava associado com empregadas domésticas, era considerado impróprio para mulheres da classe média. O autor afirma que: “A propaganda tendeu a exagerar o grau em que os aparelhos podiam assumir tarefas inteiras” ((FORTY, 2007, p. 283).

Por sua vez, Silva (1998a) discute como a introdução de tecnologias no ambiente doméstico modificou as competências das cozinheiras, fazendo esta análise apoiada em manuais e anúncios quando do lançamento do forno com termostato (1920-1930) e posteriormente do forno de micro-ondas (1980-1990). A autora se contrapõe à visão de Cowan (1990) de que a inserção das tecnologias no ambiente doméstico aumentou o trabalho das donas de casa. Faz essa crítica, principalmente, porque Cowan aborda apenas o trabalho das mulheres de classe média urbana e branca, que anteriormente não faziam o trabalho doméstico e passaram a fazê-lo a partir da inserção dos eletrodomésticos, que vieram suprir a falta de empregadas domésticas, especialmente nos EUA. A autora defende que, para a dona de casa da classe operária e a mulher trabalhadora, que sempre fizeram o trabalho doméstico, “a tecnologia melhorou suas condições de existência, aumentou sua produtividade e, de um modo geral, facilitou suas vidas.” (SILVA, 1998a, p. 34).

Silva (1998a, p. 34) reforça que, para “a mãe e a dona de casa de classe média, a lida da casa inclui um conteúdo ideológico, o de praticar a virtude. O significado emocional do trabalho da mãe e esposa zelosa reforçou os aspectos estereotipados de feminilidade.”.

Sobre o forno com termostato e o forno de micro-ondas, Silva relata a importância da propaganda em demonstrar que os artefatos atuam sozinhos, de forma automática, ou seja, vendendo a imagem de que a mulher não precisa fazer nada e, assim, desqualificando a necessidade de avaliação e controle da cozinheira. A autora mostra que os próprios manuais de operação desses equipamentos são controversos nesse aspecto, pois não conseguem abarcar as informações que deem conta da diversidade de alimentos e das diferentes condições de cozimento, o que demonstra a necessidade de habilidades da cozinheira para julgar. Segundo a autora, “o fabricante não reconhece a necessidade do exame e do julgamento de quem cozinha. Há o pressuposto de que a máquina detém o saber.” (SILVA, 1998a, p. 35-36).

Da mesma maneira, a inserção do forno de micro-ondas foi apresentada de forma a demonstrar a insignificância do ato de cozinhar. Segundo a autora, a publicidade do forno de micro-ondas se deu no sentido de mostrar que este é “o aparelho doméstico que mais poupa trabalho no lar” (1998a, p.41). Novamente a autora demonstra que a utilização desse artefato exigiu, das usuárias, estudos e experiências para operá-lo. Por sua vez, a promessa de simplificação e redução do tempo dedicado à preparação dos alimentos não é percebida pelos usuários que passam a usá-lo para descongelar e aquecer alimentos prontos.

Para explicar esse fato, a autora apresenta três argumentos: 1) os conflitos e os ajustamentos entre as interpretações e as necessidades do inovador e da usuária; há uma diferença entre as condições padronizadas de cozimento e a realidade do dia-a-dia na cozinha, sendo que alimentos naturais como batatas não têm todos o mesmo tamanho; 2) os limites de desempenho da tecnologia, que não dão conta de prever todas as situações; 3) a importância do saber tácito da cozinheira, pois existe a necessidade de avaliar como as coisas estão acontecendo.

Sobre os efeitos dos eletrodomésticos em relação ao trabalho, pode-se admitir que as duas correntes teóricas mencionadas são, em certa medida, conflitantes, mas, do ponto de vista prático, elas são aplicadas em dois universos diferentes de classes sociais. Enquanto Cowan (1990) avalia a classe média americana, aproximando-se de Forty (2007), que faz observações sobre a classe média inglesa, Silva (1998a) demonstra preocupação com a mulheres trabalhadoras e donas de casas que encontram nos eletrodomésticos uma alternativa para aliviar o peso das tarefas domésticas. Também para as empregadas domésticas, os eletrodomésticos representaram uma redução no esforço de seus trabalhos.

Diante do exposto, cabe observar a diversidade cultural, que se manifesta nos usos de eletrodomésticos e nas transformações relacionadas à cozinha, ao se avaliar a relação destes com o trabalho doméstico na dinâmica do cotidiano.

Tendo em vista o foco desta tese, apresenta-se a seguir considerações sobre a cozinha no contexto da casa brasileira.

#### **3.4.4 A cozinha no contexto da casa brasileira**

As casas no Brasil, no período da colonização, apresentam-se em contextos de diversidade cultural, como mostra Freyre (2000). Para além das casas de engenho ou de fazenda, durante um longo período do processo de colonização, houve uma parcela

considerável dos colonizadores que era nômade, em busca de melhores condições de exploração dos recursos que esta nova terra dispunha. De tal maneira que a influência indígena foi maior que a portuguesa, contentando-se os colonos aventureiros com a palhoça, a casa de barro, o casebre; com um gênero de vida, de habitação e de alimentação próximo do indígena; com a técnica de transporte, de pesca, de caça e até de lavoura, da gente nativa.

A casa sólida, organizada e confortável, segundo Freyre (2000), surge na medida em que as mulheres europeias migram para o Brasil, estabelecendo-se inicialmente na Bahia e em Pernambuco e, posteriormente, em outros estados. O autor afirma que: “A arquitetura de residência elegante no estilo de vida doméstica a ela correspondente se acham ligados, na formação brasileira, ao maior domínio da mulher portuguesa sobre a vida colonial.” (FREYRE, 2000, p. 64)

Freyre (2000) relata ainda que, mesmo tendo importância no processo de colonização, mas em razão do modelo patriarcal de família e de maridos, as mulheres ficavam isoladas em suas casas ou sobrados, cabendo-lhes como única iniciativa “inventar comida”. De certa maneira, esta observação reduz a atuação das mulheres, que, mesmo restritas ao espaço doméstico, deveriam ocupar-se de outras atividades.

Como pode ser observado em Lemos (1978, p. 59-60)

É através da atuação feminina que percebemos a perfeita superposição estar-serviço. Havia a segregação moura de mulheres e elas, nunca aparecendo a ninguém e sempre espreitando pelas frestas das portas e pelas treliças das rótulas, organizavam a intimidade das dependências internas da morada a subsistência da família, conservando hábitos, transmitindo ensinamentos, mantendo tradições, usos e costumes, e perpetuando o artesanato delicado dos bordados, das rendas, dos tecidos, dos trançados, dos doces, bolos, biscoitos, dos remédios, mezinhas, xaropes e emplastros.

É importante observar que o espaço da cozinha, no contexto da casa brasileira, já é bastante diverso, desde a colonização, sendo que, nos sobrados recifenses, a cozinha ficava no último piso da habitação, o que era possível, sobretudo, pela utilização do trabalho escravo. Costa (1962)<sup>22</sup>, citado por Lemos (1978, p.111), observa que:

Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre a mão para recados, até a negra velha,

---

<sup>22</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962, v. 1.

babá. O negro era esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava a goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador.

Dessa maneira, pode-se perceber que o funcionamento das casas brasileiras das classes mais abastadas estava, em grande medida, associada ao trabalho escravo.

Lemos (1978), com base em uma pesquisa sobre as modificações das casas paulistas por meio das alterações de suas áreas de serviço, afirma que, em um programa arquitetônico, a casa inclui três zonas funcionais, quais sejam: estar, repouso noturno e serviço. Segundo essa classificação, a cozinha, como ambiente para o trabalho culinário e para a realização das refeições, está posicionada nas áreas consideradas de serviço, que inclui ainda outras atividades.

O autor relata que, quando chegaram os primeiros colonizadores, devido ao clima quente dos trópicos, o fogo da cozinha, tão estimado dos portugueses, foi levado para fora de casa, adotando-se o costume indígena. Dessa maneira, o fogão fixo português foi substituído pela trempe e pelo fogão de pedras, onde se apoiava a panela de cerâmica.

Fogo era sinônimo de lar, como pode ser visto em Graham (1992, p.25), ao afirmar que: “os brasileiros alternavam os termos família, morada ou fogo para designar o lar, seu ponto de referência essencial era o agrupamento de pessoas mutuamente dependentes e co-residentes”.

Lemos (1978) afirma, ainda, que outros imigrantes europeus, como, por exemplo, alemães e italianos, que chegaram ao sul do país no século XIX, seguiram esse modelo. Segundo essa tradição, a cozinha das casas brasileiras, esteve, durante muito tempo, fora da casa ou na extremidade oposta às áreas de convívio da família, mantendo-se isolada das demais zonas funcionais.

Segundo o autor, havia diferenças entre a cozinha de pobres e ricos, sendo que para os primeiros a vida se organizava em torno da cozinha, enquanto que, para os segundos, “na casa grande a cozinha é no quintal, longe da casa, dificilmente construída com o mesmo material, normalmente apenas um telheiro.” (LE MOS, 1978, p. 65).

De acordo com Lemos (1978), a cozinha das casas ricas paulistas vai integrar-se ao corpo da casa na transição do ciclo da cana-de-açúcar para o ciclo do café, havendo registros de cozinhas de 80 m<sup>2</sup>. Nessa agregação da cozinha à casa, localizada próxima às áreas de estar, surge uma segunda cozinha, utilizada para a realização do serviço mais pesado, que Lemos denomina de cozinha “suja”. Ressalta ainda que a cozinha de “fora” era então considerada a verdadeira cozinha das casas paulistas. Ele assim a descreve:

[...] um compartimento imundo com chão lamacento, desnivelado, cheio de poças d'água, onde em lugares diversos armam fogões formados por três pedras redondas, onde pousam as panelas de barro, em que cozinham a carne; como a madeira verde é o principal combustível, o lugar fica cheio de fumaça, que, por falta de chaminé, atravessa as portas e se espalha pelos outros compartimentos, deixando tudo enegrecido pela fuligem. (LEMOS, 1978, p. 200).

O autor observa que a tradição da cozinha “suja” transforma-se no século XX na edícula, que, além da cozinha, propicia condições mais dignas para a empregada doméstica.

Rial (1992) descreve a casa em três gerações de camponeses e pescadores descendentes de açorianos, residentes em Florianópolis, afirmando que, na geração mais antiga, as casas, em grande medida, são muito semelhantes às dos colonizadores. Na casa *açoriana*, tem-se:

uma sala, peça principal, localizada bem à frente da casa, no lugar simbolicamente mais nobre (onde são recebidas as visitas ilustres, lugar de realização das novenas, lugar onde se deposita a capelinha), e uma cozinha, peça localizada mais ao fundo, vista como mais pobre (é menos iluminada, o pé direito é mais baixo e é construída com um material inferior ao utilizado no resto da casa). Entre a sala e a cozinha, essa geração construiu um e único quarto que servia de dormitório comum para toda a família. (RIAL, 1992, p. 151).

Na casa *açoriana* dos descendentes, mesmo a cozinha, sendo o local de reunião de família, como expõe Rial (1992), não era tratada como espaço nobre da habitação.

No final do século XIX e início do século XX, tem-se a introdução de recursos tecnológicos como a água encanada, a energia elétrica, o gás e o revestimento cerâmico, entre outros, bem como a intervenção da medicina sanitária na cozinha brasileira, relatados por Carvalho (2008) e Silva (2008), que possibilitaram a higienização desse ambiente, que, até então, era inóspito para a convivência. A partir de então, inicia-se um processo de ocupação desse espaço para o convívio da família. Segundo Carvalho (2008), a cozinha ter sido trazida para dentro de casa é resultado de influência mineira.

Lemos (1996) observa que a proximidade das cozinhas e dos banheiros nas casas do século XIX foi resultado de conveniência tecnológica e econômica, pois, com a chegada da água encanada, ter esses cômodos próximos possibilitava reduzir os custos com material hidráulico.

Lemos (1996, p.11) preconiza que “lazer e repouso serão as tônicas da casa futura, no tempo das comidas vindas dos congeladores”, fazendo assim a cozinha ter sua importância minimizada no convívio da família.

Parece que a previsão de Lemos, quanto à redução da importância da cozinha na relação familiar, não tem se confirmado, pois, no início do século XXI, o que se observa é que a cozinha está cada vez mais integrada aos demais ambientes da residência, em muitos casos ligada diretamente à sala de estar, como pode ser observado no Anexo A, que apresenta alguns projetos de edifícios que estão sendo comercializados atualmente em Florianópolis. Possivelmente porque a preparação da alimentação, em parte, passou a ser uma atividade de lazer esporádica, e não rotineira, para muitas pessoas, principalmente para homens.

Cabe observar que esse fenômeno também é reflexo de uma situação bastante complicada de segurança pública no Brasil, que está levando ao surgimento do efeito *cooconing*<sup>23</sup>, fazendo com que muitas pessoas prefiram reunir os amigos em casa, em torno da preparação da alimentação. Tal efeito pode ser observado na propaganda de edifícios que oferecem, além do tradicional salão de festas, espaço *gourmet*, sala de ginástica, salão de beleza e várias outras facilidades para que as pessoas saiam do condomínio com menor frequência (Anexo B).

Um cenário diferente de Florianópolis é apresentado por Guimarães (2007, p. 186), que realizou uma pesquisa na cidade de Curitiba e evidencia que, entre as pessoas pesquisadas, foi observada a necessidade de um espaço para receber visitas, separado “do corpo central da casa vivida cotidianamente”. Por outro lado, a autora observa que:

[...] novos espaços de recepção vão ganhando força: os espaços de churrasqueiras que passam a ser utilizados como copas; cozinhas com balcões divisórios e copa ao lado, por vezes com banquetas para que as visitas ali permaneçam enquanto o dono da casa prepara a refeição a ser servida, ou possibilitando às “visitas” oferecer ajuda, são alguns dos exemplos. (GUIMARÃES, 2007, p.187).

### 3.4.5 A cozinha e os eletrodomésticos no Brasil

A chegada da energia elétrica no Brasil deu-se, em 1879, no Rio de Janeiro, e, em 1889, em São Paulo. Considerando as dimensões territoriais do país e as diferenças de desenvolvimento das regiões, em muitos lugares essa nova forma de energia chegou muito tempo depois ou ainda está para chegar.

Reis e Bloemer (2002) assinalam que a iluminação elétrica chegou às principais cidades do sul do país no início do século XX, sendo que, em Florianópolis e Curitiba, deu-se

---

<sup>23</sup> *Cooconing* – é uma expressão utilizada para a casa como um casulo, um elemento de proteção das famílias, marcada como uma tendência do século XXI.



em 1910, comemorada pela população e noticiada pelos jornais, sempre associada à ideia de progresso. Mas a inserção nos domicílios demorou um pouco mais, sobretudo nas casas das famílias de baixa renda, devido ao alto valor cobrado pelo fornecimento de energia, provocando “[...] manifestações de descontentamento popular em relação aos serviços de energia elétrica disponíveis nos três Estados do Sul.” (REIS E BLOEMER, 2002, p. 91). Além dos custos, outro elemento que afastava as pessoas da energia elétrica no início era a insegurança associada a essa nova tecnologia. Segundo Forty (2007, p. 267), essa forma de energia era então considerada por muitos como “inodora, incolor, invisível, perigosa e cara”.

Mesmo tendo sido introduzida no Brasil praticamente no mesmo período em que nos Estados Unidos, a sua disseminação se deu de forma mais lenta. De maneira que o ingresso dos eletrodomésticos, sobretudo nas casas da classe média, deu-se marcadamente a partir da década de 1950, período de incentivo e ampliação da produção e consumo de energia elétrica, e de internacionalização da economia do país. Anteriormente, esses produtos já estavam disponíveis por meio das importações, promovidas pelas empresas de energia elétrica que tinham interesse no aumento do consumo, mas não eram acessíveis para a maioria da população, devido aos altos custos.

Um anúncio do Almanak Laemert, de 1929, está apresentado na Figura 50. Neste anúncio estão apresentados eletrodomésticos, em alguns casos com textos explicativos:

TURBO LAVADOR: lava, enxágua e espreme a roupa no mesmo tambor em uma só passagem; FOGÃO E FORNO ELECTRICO; fogareiro electrico para mesa: apropriado para qualquer panella ou frigideira; FERRO ELECTRICO DE ENGOMMAR; ENCERADEIRA PROTOS: encera-se brincando; brinca-se encerando. (Anúncio do Almanak Laemert, 1929).

Pode-se observar, nesta propaganda, que as chamadas de alguns eletrodomésticos estão associadas com a facilitação do trabalho doméstico. No caso da enceradeira, por exemplo, chega-se a tratar o trabalho de encerar o assoalho como brincadeira.



era precário e o piso, de terra batida. As áreas de trabalho ficavam próximas de fossas, do lixo acumulado ou das águas servidas que não eram bem escoadas.

A Figura 51 ilustra a descrição anterior, demonstrando a situação das cozinhas brasileiras no final do século XIX.

Figura 51 – Cozinha caipira. Pintura a óleo sobre tela de 63x87 cm (1895), de autoria de José Ferraz de Almeida Junior



Fonte: LEMOS, 1999, p. 13.

A partir da intervenção da medicina, surgem orientações sobre as necessidades da cozinha moderna.

[...] ladrilhos e azulejos brancos; duas pias com água corrente fria e quente (uma para os pratos e outra para copos e xícaras); ganchos para os panos de serviço; fogão a gás; prateleiras de mármore branco para os potes de louça; na área ventilada, duas bacias de mármore suspensas e fechadas com tampas de arame fino, próprias das carnes, peixe e hortaliças [...]. (CARVALHO, 2008, p. 252).

Silva (2008) apresenta implicações da introdução do gás e da eletricidade, entre 1870 e 1930, nas casas paulistanas, e as mudanças nos modos de vida. Houve uma mudança sensível nos ambientes domésticos, uma vez que o gás e a eletricidade chegavam às casas por meio de

redes de distribuição, o que implicava em novas maneiras de controle e de realizar o trabalho doméstico, principalmente no que tange à preparação dos alimentos.

O autor relata que, nesse novo contexto, a responsabilidade maior é da dona de casa, que necessita estabelecer uma rígida rotina de trabalho e orientar seus empregados. Isso mostra que, nesse período, esses recursos tecnológicos estavam disponíveis apenas para famílias ricas. “A condenação de antigos hábitos em prol do estabelecimento de novas rotinas teve a dona-de-casa como o alvo principal, e a medicina higienista como principal aliada”. (SILVA, 2008, p. 145).

A partir da década de 1950, os eletrodomésticos se tornam mais populares no Brasil, e o fogão a gás, como é conhecido hoje, passa a substituir, nas casas de classe média, os fogões à lenha, a carvão e elétricos. A empresa Dako é a primeira indústria brasileira a produzir o novo fogão, e, nesse mesmo período, “a Petrobras inicia a produção do gás de cozinha, GLP (gás liquefeito de petróleo), o que promove o rápido crescimento do mercado do fogão a gás, levando ao quase desaparecimento dos antigos fogões”. (ABRAMOVITZ *et al*, 2006, p. 54).

Também nesse período, começam a ser produzidas no país as primeiras geladeiras (FIGURA 52) e os primeiros eletroportáteis, que vão se transformando em “sonhos de consumo” e iniciam, lentamente, a mudança no cenário doméstico brasileiro.

Figura 52 – Refrigerador Consul Q300 (a querosene), 1950



Fonte: ABRAMOVITZ *ET AL*, 2006, p. 69.

Cabe observar que, no ano de 1950, o primeiro refrigerador Consul foi vendido por Cr\$ 7.280,00 (sete mil, duzentos e oitenta cruzeiros), como pode ser observado na nota fiscal apresentada na Figura 53. O salário mínimo brasileiro, no mesmo ano, conforme dados do DIEESE (2011), era de aproximadamente Cr\$ 480,00 (quatrocentos e oitenta cruzeiros), o que

resulta em uma relação de pouco mais de quinze salários mínimos, necessários, à época, para que fosse possível adquirir uma geladeira. Em julho de 2011, um refrigerador de modelo básico, com capacidade de 240 litros, da mesma marca, custava em torno de R\$ 800,00 (oitocentos reais), e, considerando-se o valor do salário mínimo de R\$ 545,00 (quinhentos e quarenta e cinco reais), a relação é bastante inferior, pois são necessários menos de dois salários mínimos para adquirir um refrigerador.

Esses cálculos ajudam a compreender que, mesmo que os eletrodomésticos fossem “sonhos de consumo”, o acesso a esses bens, nos anos 1950, dava-se de maneira restrita, podendo ser considerados, devido à dificuldade de acesso, bens de luxo.

Figura 53 – Nota fiscal da primeira geladeira vendida pela Indústria de Refrigeração Consul

INDÚSTRIA DE REFRIGERAÇÃO "CONSUL" S. A.  
Rua Araranguá s/n. - Cx. Postal, 261  
Telegramas: "CONSUL"  
JOINVILLE  
Santa Catarina

4a. VIA  
Nota Fiscal Nº 001  
Inscrição N. 008  
Patente de Registro N. 621

Remete a *Thur Sur, Manoel Machado*  
estabelecido a *Estrada geral* n. na cidade de *Itapocá*  
Estado de *Santa Catarina*  
Joinville, *4* de *Novembro* de 1950. As seguintes mercadorias:

Quantidade	Unidade	DESCRIÇÃO DAS MERCADORIAS	Preço unitário	TOTAL
1	(1) (1u)	refrigerador, mod. Q-300	7.000,00	7.000,00
<i>Condições: 3.000,00 - clausur.</i> 500,00 - 30-11-50 500,00 - 30-12-50 500,00 - 30-1-51 500,00 - 30-2-51 500,00 - 30-3-51 500,00 - 30-4-51 500,00 - 30-5-51 500,00 - 30-6-51 280,00 - 30-7-51				
Valor das mercadorias			Cr\$	7.000,00
Imposto de Consumo 4 %			Cr\$	280,00
Total			Cr\$	7.280,00

FATURADO

As mercadorias acima seguem nos seguintes volumes:

Marca	Número	Quantidade	ESPÉCIES	PESO	
				Bruto	Líquido

A presente Nota Fiscal não vale como recibo

Fonte: CONSUL, 2000, p. 16.

A Figura 54 apresenta uma propaganda da empresa Arno da década de 1950, mostrando vários desses novos artefatos. Estão inseridos no anúncio: ventilador, picador-moedor de carne, liquidificador, panela de pressão, batedeira portátil, batedeira, enceradeira e aspirador. Observa-se, no topo da propaganda, a mensagem: “Esta é a completa linha de

aparelhos domésticos Arno! Feitos para o conforto, economia e saúde no lar!”. Nesta propaganda, a mulher é apresentada como a usuária dos eletrodomésticos, seja adulta ou criança, trabalhando sorridente, enquanto o marido, à mesa, espera pela comida pronta.

Figura 54 – Propaganda da Arno, publicada na Revista Seleções em 1955



Fonte: ABRAMOVITZ ET AL, 2006, p. 81.

A representação da relação patriarcal na família encontra-se também presente em anúncios de outras marcas de eletrodomésticos, a exemplo da Walita, dentre outras. (ONO; CARVALHO, 2005).

Na década de 1970, os eletrodomésticos se tornam mais acessíveis, em um contexto em que o Brasil vivia o efeito do milagre econômico, no período do governo militar. Também já havia uma produção consolidada de eletrodomésticos e algumas tentativas de desenvolvimento de *design* no Brasil.

Os eletrodomésticos começam a receber cores, como reflexo do movimento Pop dos anos 1970, como pode ser percebido na propaganda da Consul, apresentada nas Figuras 55 e 56, que mostram, respectivamente, uma linha colorida de geladeiras Consul e um catálogo com batedeiras coloridas da Walita. Como observa Abramovitz *et al* (2006), no final dos anos

de 1960 e início dos anos de 1970, estavam se formando os primeiros desenhistas industriais<sup>24</sup> no país, que atuariam nas indústrias.

Figura 55 – Propaganda de geladeiras Consul dos anos de 1970



Fonte: ABRAMOVITZ *ET AL*, 2006, p. 123.

Figura 56 – Batedeiras Walita da linha Topa-Tudo, da década de 1970



Fonte: Catálogo de Bateria Walita Topa-Tudo, 1970.

Nos anos de 1980, a profusão de cores na cozinha é substituída pela sobriedade de tons terrosos, como o marrom e o bege. A Figura 57 apresenta uma propaganda de eletrodomésticos da Brastemp, que ressalta essa característica. Essas cores também são usadas em eletroportáteis e móveis de cozinha. Posteriormente, nos anos de 1990, o branco passa a ser a principal cor dos eletrodomésticos, sendo que, na década de 2000, tem-se incorporado também o preto e o aço inox.

<sup>24</sup> A denominação desenhista industrial foi utilizada no Brasil até 1998, quando o Ministério da Educação permitiu o uso do termo *designer*.

Figura 57 – Propaganda Brastemp, do início dos anos de 1980



Fonte: BRASMOTOR, 1996, p.79.

É importante ressaltar que a cozinha ganhou *status*, saindo dos fundos da casa e passando a ocupar locais mais privilegiados na configuração doméstica. Dessa maneira, os eletrodomésticos também foram mais valorizados e algumas linhas se sofisticaram. Observa-se que, em termos de estilo e acabamento, há, atualmente, certa similaridade em padrões de eletrodomésticos produzidos no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Uma das diferenças que se observa no Brasil é a segmentação das linhas de produtos, destinadas a diferentes classes socioeconômicas, além daquelas decorrentes da diversidade cultural, em termos de necessidades e anseios. Tal segmentação tem se refletido na configuração dos produtos das várias marcas de eletrodomésticos, destinadas a distintos segmentos de mercado, com diferenciação de características e qualidade, inclusive técnica.

No Brasil, os eletrodomésticos ainda não estão acessíveis a todos, bem como a energia elétrica ainda não chegou a todos os lugares. Um panorama da situação atual dos lares brasileiros pode ser observado na Figura 58, em que estão apresentados os percentuais de bens duráveis nos domicílios, segundo dados do IBGE (2009) e (2010). Foram selecionados os eletrodomésticos destinados à cozinha e à lavanderia.

Pode-se observar um crescimento relativamente pequeno na aquisição de fogões, uma taxa de crescimento ligeiramente maior no consumo de geladeiras, e a maior taxa de crescimento na aquisição de máquinas de lavar roupa, sendo que menos de 50% das casas brasileiras dispõe desse equipamento.

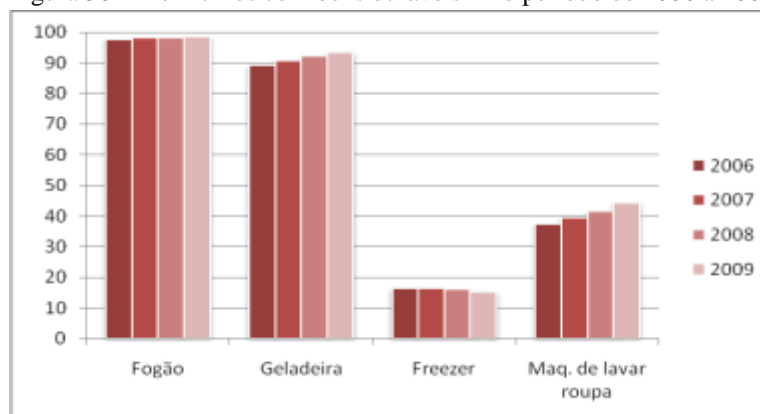
O *freezer* é o único eletrodoméstico, dentre os considerados pelo IBGE, que tem a taxa de crescimento negativa, demonstrando que esse item está deixando de ser importante para as



famílias brasileiras, em parte porque, em época de estabilidade econômica, não é tão necessário armazenar grandes quantidades de alimentos congelados, diferentemente do que aconteceu nos anos de 1980 e até a implementação do Plano Real, que reduziu expressivamente os índices de inflação no Brasil. Outra justificativa para essa mudança no consumo de *freezers* está relacionada com a modificação nas dimensões de refrigeradores brasileiros, que, em alguns modelos, conta com compartimento específico para o *freezer*. Nos anos de 1990, essa situação era diferente, como ressalta Silva (1998b, p. 48):

O *freezer* é um equipamento muito desejado. Um tamanho maior é desejo freqüente daqueles que já o possuem. O consumo de mercado aumentou bastante recentemente. Nos últimos 15 anos as vendas aumentaram cerca de seis vezes. A constante alta de preços até 1995 levou famílias a comprarem *freezers* como estratégia de economia. [...] Nas famílias mais abastadas o *freezer* se combina com um uso mais eficiente do trabalho das empregadas, que cozinham e congelam para futuro esquentamento no micro-ondas e consumo, por exemplo, em fim de semana. Assim como ocorre com o micro-ondas, o *freezer* está associado a *status*.

Figura 58 – Domicílios com bens duráveis – no período de 2006 a 2009

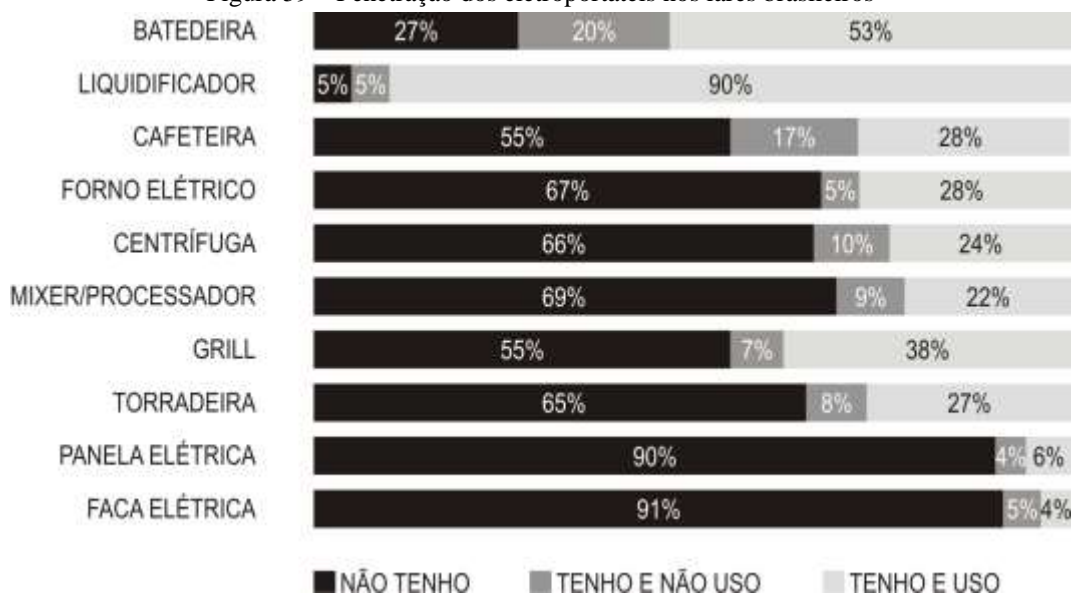


Fonte: Construído a partir dos dados disponíveis em IBGE (2007)\* e PNAD (2010).

\*Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/brasil\\_em\\_sintese/default.htm](http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm). Acesso em: 23 set. 2009.

De acordo com Petterle e Maletta (2010), dentre os eletroportáteis, o mais presente e mais utilizado nas residências brasileiras é o liquidificador, seguido pela batedeira e pelo grill, como pode ser observado na Figura 59. Estes dados são resultados de uma pesquisa realizada com 379 mulheres entre 20 e 60 anos de idade, responsáveis por realizar ou coordenar as atividades domésticas.

Figura 59 – Penetração dos eletroportáteis nos lares brasileiros



Fonte: PETTERLE; MALETTA, 2010, p.150.

Segundo essa pesquisa, o número de eletroportáteis varia de acordo com a renda familiar, sendo que: famílias com renda mensal inferior a três mil reais têm uma média de 3,4 aparelhos por residência; enquanto que, em famílias cuja a renda é superior a três mil reais, o número de aparelhos por residência sobe para 5,2.

Um detalhe relevante na pesquisa está relacionado ao descarte quando o aparelho pára de funcionar, pois, “devido ao acesso ao crédito para compra de novos eletroportáteis e ao alto custo de manutenção, o conserto do aparelho ocorre menos do que a compra de novos” (PETTERLE; MALETTA, 2010, p.150).

É necessário observar que há, atualmente, no Brasil, uma grande variedade de marcas de eletroportáteis, sendo que boa parcela deles tem sido produzida na China, o que tem ampliado a gama de novas marcas no país. Além disso, muitas empresas consolidadas na produção desses itens e que possuíam um número reduzido de produtos em seu portfólio, ampliaram a variedade de itens a partir da importação de produtos e parcerias com empresas estrangeiras, que são comercializados com a assinatura de marcas brasileiras.

É importante ressaltar que nem sempre as coisas se deram dessa maneira, sendo que as casas brasileiras passaram por transformações expressivas ao longo do século XX, resultado de mudanças tecnológicas, políticas e socioculturais.

### 3.4.6 Modificações na cozinha brasileira: novas maneiras de consumo

As cozinhas brasileiras já foram bastante diferentes do modo como são conhecidas atualmente, sendo que os processos de preparação dos alimentos eram comumente trabalhosos e difíceis no final do século XIX e início do século XX, como descreve Graham (1992, p.62).

O trabalho na cozinha era acalorado, sujo e cansativo, mesmo quando dentro de casa. Até os pratos mais comuns requeriam preparações laboriosas e sanguinolentas. Com um corte pequeno e preciso na veia do pescoço do frango, a cozinheira o matava e sangrava rapidamente, chamuscava-o, depenava-o, então, aprontava-o para cozinhar. Ou, em uma tábua de cozinha, cortava e retirava dos ossos fatias de carne para assar. Durante horas cozinhava lentamente o açúcar mascavo em largos tachos de cobre, mexendo e experimentando até chegar ao ponto em que aquela massa escura de melaço se convertia em açúcar branco e seco. Cuidadosamente escolhia o arroz, jogando fora os grãos de sujeira e lavando-o várias vezes. Com uma garrafa esmigalhava os torrões duros de sal, tornando-o fino. Ou ainda, batia o feijão para separar os grãos de sua fina vagem seca.

Sobre a descrição das cozinhas, Graham (1992) afirma que algumas possuíam condições adequadas de trabalho, mas uma grande parcela não possuía nem teto, nem piso.

Silva (2008) relata que o uso do fogão a lenha envolvia um saber, no tocante à quantidade exata de calor para o preparo dos diferentes alimentos. O controle da temperatura do fogão era conseguido pela sensibilidade da cozinheira, adquirido com a aprendizagem desenvolvida ao longo de gerações e pela experiência. Era a cozinheira que, então, tinha o domínio dos ingredientes, dos utensílios e do processamento (uso do forno e fogão).

De acordo com Graham (1992), o domínio das habilidades de controlar temperatura do forno e do fogão a lenha criava uma linha divisória entre as boas cozinheiras – de forno e fogão – e as cozinheiras do trivial.

Considerando-se que a entrada do fogão a gás produziu mudanças substanciais nos modos de fazer, a introdução dos eletroportáteis, como salienta Cowan (1990), produziu realmente uma revolução industrial no lar, alterando condutas.

Como observa Giard (2008), “os gestos antigos não foram relegados simplesmente por causa da entrada dos aparelhos eletrodomésticos na cozinha, mas por causa da transformação de uma cultura material e da economia de subsistência que lhe é solidária”. (GIARD, 2008, p. 274).

Cabe também considerar os diversos contextos culturais e socioeconômicos em que a inserção dos eletrodomésticos ocorre, em maior ou menor escala, ou em que deixa de ocorrer.

Somam-se a essas mudanças ainda o fato de que, ao longo do tempo, nas cidades urbanas, os ingredientes envolvidos no preparo deixaram de ser criados e cultivados no espaço doméstico e passaram a ser comercializados em mercearias, empórios, “secos e molhados” e alguns lugares do Brasil denominados de “vendas”, implicando em mudanças de comportamento também em relação à compra. Há, por exemplo, a necessidade de ir até o local de venda, ampliando as oportunidades de socialização; há uma relação mais próxima entre o comerciante e seus fregueses, e utilizam-se balanças que fazem a pesagem dos alimentos. Compotas feitas em casa são, em grande parte, substituídas por alimentos enlatados.

Os eletrodomésticos, como o *freezer* e a geladeira, alteraram as técnicas de conservação dos alimentos, a exemplo da carne que tinha que ser salgada ou defumada para ter maior durabilidade, bem como a técnica de manter alimentos imersos em banha, que deixou de ser utilizada por muitas pessoas. Esses artefatos também permitiram que os ciclos de compra se modificassem, pois, como os alimentos passaram a durar mais, a frequência das compras pode reduzir-se.

Silva (2011, p. 2) observa a interdependência entre os recursos tecnológicos domésticos e outros fatores como infraestrutura, artefatos e mercadorias:

Existe uma relação muito estreita entre serviços de infra-estrutura, eletrodomésticos e mercadorias. Eles formam uma corrente de dependência na qual, por exemplo, o desenvolvimento ou utilização de tipos particulares de eletrodomésticos dependem da disponibilidade de serviços de infraestrutura particulares, e muitas mercadorias dependem da disponibilidade de certos eletrodomésticos. Por exemplo, comidas para fornos de micro-ondas dependem da tecnologia de micro-ondas, a qual requer acesso à eletricidade.

Na década de 1970, surgem os supermercados, e, assim, uma nova maneira de comprar, em que se reduz drasticamente a figura do comerciante que atende o freguês, com o contato direto do/a consumidor/a com mercadorias expostas e acessíveis nas prateleiras. Nesse novo modo de comércio, os produtos que estão nas prateleiras podem ser escolhidos diretamente pelas pessoas, com algumas exceções como o atendimento em balcões para compra de pescados, pães (assados no supermercado), refeições, etc. Assim, novas habilidades são necessárias para comprar, como por exemplo, ler e interpretar os rótulos das embalagens.

Leon e Montore (2008, p.76) expressam que “esse modelo de venda arruinou os pequenos comerciantes das cidades, e as empresas do agronegócio se fortaleceram, pois os supermercados passaram a ser canais massivos de distribuição de seus produtos.”. Esse modelo de comercialização é muito mais comum nas grandes cidades, pois, em algumas cidades do interior do Brasil, ainda é possível encontrar o antigo modelo das “vendas”, mas não mais com produtos a granel, pois a modificação no acondicionamento dos produtos em embalagens industriais está quase que totalmente consolidada, restando poucos itens que são comercializados a granel. Ressalta-se que nas grandes cidades, os produtos a granel ainda podem ser encontrados nos mercados municipais e nas feiras livres. De certa maneira, os mercados municipais das grandes cidades, atualmente atendem a um público mais elitizado, pois os produtos comercializados são mais selecionados

Hoje, os supermercados não comercializam apenas alimentos, mas funcionam como lojas de departamentos, onde podem ser comprados diferentes artefatos, a exemplo de roupas e eletrodomésticos. Em outra direção, em alguns centros urbanos do Brasil, há uma busca ao retorno a velhos modos de consumo em mercearias e quitandas, em algumas situações um pouco mais sofisticadas que as de antigamente, sendo denominadas de *delicatessen*. Além disso, em alguns lugares, esses modos de comercialização nunca deixaram de existir, o que remete a García Canclini (2008, p. 352), quando afirma que: “A perspectiva pluralista que aceita a fragmentação e as combinações múltiplas entre tradição, modernidade e pós-modernidade, é indispensável para considerar a conjuntura latino-americana de fim de século[XX].”

Os supermercados têm influência nos modos de vida, alterando as formas de comprar, exigindo outras habilidades e estabelecendo outro tipo de relação do consumidor com os produtos. Além disso, pode-se verificar a quantidade de itens disponíveis e, dessa maneira, do número de escolhas a que estão sujeitas as pessoas que convivem com este tipo de comércio, o que amplia a complexidade da vida cotidiana.

Por sua vez, os hábitos alimentares têm sofrido influências do fenômeno de globalização, por exemplo, com o incremento das viagens que permitem um intercâmbio maior entre culturas, o desenvolvimento de recursos de acondicionamento e transporte, que possibilitam que os gêneros alimentícios cheguem a diferentes locais, e a internet, que permite que as receitas, que outrora eram repassadas de mães para filhas, sejam acessadas rapidamente e em qualquer parte do mundo em que esse recurso tecnológico esteja disponível, estabelecendo uma dinâmica cultural que, de certa maneira, intensifica a hibridação de hábitos alimentares, pois receitas culinárias, de diferentes culturas, podem ser mais facilmente

acessadas. Cabe ressaltar que a globalização e os recursos tecnológicos desenvolvidos não têm gerado melhores condições para todos, inclusive, não raro ampliando desigualdades sociais.

No próximo subcapítulo estão apresentadas discussões acerca de gênero, famílias e implicações no trabalho doméstico, tendo em vista, as implicações destes temas no presente trabalho.

### 3.5 GÊNERO, FORMAÇÕES FAMILIARES E IMPLICAÇÕES NO TRABALHO DOMÉSTICO NA COZINHA

Quando relata os princípios de construção social da casa moderna, Rybczynski (1999) destaca a associação das mudanças ocorridas pela separação entre o público e o privado ao conceito de família, que, de um grande número de parentes e agregados, transforma-se em uma relação baseada no afeto entre seus membros, vinculado ao casamento e aos laços sanguíneos, fazendo surgir a família nuclear.

Ao mesmo tempo, a família também passa a ser vista como uma das maneiras de possibilitar o controle político, como pode ser observado em Freyre (2000). O autor aponta que a família “regulada” era tida como importante para a colonização do Brasil, transcrevendo um trecho de uma carta do Rei de Portugal enviada, em 1729, a D. Lourenço de Almeida, Governador de Minas Gerais:

[...] procureis com toda diligencia possivel para que as pessoas principaes, e ainda quaesquer outras tomem o estado de casadas e se estabeleçam com suas familias reguladas na parte que elegerem para sua população porque por este modo ficarão mais obedientes ás Minhas reaes ordens, e os filhos que tiverem do matrimonio os farão ainda mais obedientes [...]. (FREYRE, 2000, p.87).

A família passa a ser entendida como uma maneira de disciplinamento social das pessoas.

Disciplina, segundo Foucault (1986), é um mecanismo de poder que se apoia nos corpos e nos seus atos, permitindo extrair tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder exercido continuamente pela vigilância, determinando o que é certo e o que é errado ao indivíduo.

Bourdieu (1996) afirma que a construção social da família fez surgir uma categoria, princípio coletivo de construção da realidade coletiva de um discurso sobre a família, na qual:

[...] a unidade doméstica é concebida como um agente ativo, dotado de vontade, capaz de pensamento, de sentimentos e de ação e apoiado em um conjunto de pressupostos cognitivos e de prescrições normativas que dizem respeito à maneira correta de viver as relações domésticas: universo no qual estão suspensas as leis corriqueiras do mundo econômico, a família é o lugar da confiança (*trusting*) e doação (*giving*) – por oposição ao mercado e à dádiva retribuída. (p. 126).

Dessa maneira, a família também passa a representar o modelo ideal de relação humana, onde atuam simultaneamente as estruturas sociais e as estruturas mentais.

Assim, a família como categoria social objetiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como estrutura social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a base de milhares de representações e de ações (casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Esse é o círculo de reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 1996, p. 128).

De acordo com Bourdieu (1996), a família é resultado de um trabalho simbólico e prático de transformação da ficção em realidade social, em que os membros da família absorvem o “espírito da família” e entendem que devem realizar bons atos para seus familiares, cabendo à mulher a representação do papel de perpetuadora da família.

Para Bourdieu (1996, p.132)<sup>25</sup>, a família funciona como um campo, pois envolve relações de poder – físico, econômico e, principalmente, simbólico – e lutas entre seus membros pela transformação e manutenção dessa relação de forças, mas que “tem seu limite nos efeitos da dominação masculina”. Afirma ainda que seguir as regras da família pode fornecer o privilégio, que denomina de lucro simbólico da normatividade.

Por sua vez, Sayão (2003, p. 138), analisando o texto de Bourdieu, amplia as possibilidades, ao afirmar que “existem explicitamente formas de ação que resistem à importância do sistema e fissuram, causam rupturas no poder dominante.” E observa ainda que:

[...] masculino e feminino não são construções que se opõem, mas que apresentam hierarquias em relação ao poder. Sendo assim, o foco da análise poderia ser deslocado de uma posição onde se pesquisa sobre a mulher dominada para grupos, contextos, instituições nos quais homens e mulheres que, ao se relacionarem, produzem, reproduzem formas específicas e/ou inovadoras de relação que podem interferir diretamente em contextos sociais mais amplos. (SAYÃO, 2003, p.139).

---

<sup>25</sup> Cabe aqui considerar a delimitação do contexto sociocultural da sociedade Cabila, à qual Pierre Bourdieu se refere.

Bourdieu (1996) afirma, ainda, que a família, enquanto instituição, tem muita responsabilidade pela reprodução social. A família é mais importante para a economia e para o consumo que o indivíduo, pois promove uma mobilização coletiva e é também o espaço da solidariedade de interesses.

Gelles (1995, p.10), por sua vez, expõe que família é “um grupo social e uma instituição social que possui uma estrutura identificável composta de posições [...] e interações entre aqueles que ocupam as posições”<sup>26</sup>. Acrescenta que as funções na família são definidas biológica e socialmente, e que, de modo geral, a família compartilha uma residência. Dessa maneira, amplia as possibilidades do entendimento de família, pois, diferente da visão tradicional de família implicar em pai, mãe e filho/a/s, essa definição permite incluir outros parentes, bem como casais homossexuais.

Gelles (1995) apresenta as seguintes estruturas familiares: *família estendida* – quando três ou mais gerações convivem na mesma casa, sendo o modelo de família que precedeu a família moderna; a *família nuclear* – constituída por pai, mãe e filho(a)(s) que habitam a mesma casa; *família estendida modificada* – constituída por um núcleo familiar que, mesmo separado geograficamente, mantém-se unido por uma rede de interações, fornecendo apoio entre famílias e gerações; *família composta* – normalmente limitada a três gerações, convivendo na mesma casa, composta pelos avós, pais, filhos casados com suas famílias e filhas solteiras, tendo como exemplo mais comum a família indiana; e a *família tronco* – uma variação da família estendida, composta de duas gerações, vivendo na mesma habitação. Esta última é assim definida pela forma com que a herança da família é atribuída a um único filho e com quem os pais passam a morar. Estes modelos descritos por Gelles (1995) refletem a diversidade cultural no contexto das organizações familiares.

Segundo Gelles (1995), o parentesco é uma característica universal da família, mas a definição de quem é parente e como estes são reconhecidos se dá de diferentes maneiras, segundo cada cultura. Ressalta que o que é considerado normal ou natural não é universal.

Gelles (1995, p. 17) afirma que já faz muito tempo que o casamento era visto pela mulher como “amor, honra e obediência” para seu marido. E que o marido era o provedor da casa; “o marido ganhava o pão e a mulher o assava”<sup>27</sup>. Observa que as leis têm sido mudadas

---

<sup>26</sup> Tradução pela autora, do original em inglês: “Social group and a social institution that possesses an identifiable structure made up of positions (e. g., breadwinner, child rearer, decision maker, nurturer) and interactions among those who occupy the positions.” (GELLES, 1995, p.10),

<sup>27</sup> Tradução pela autora, do original em inglês: “The husband earned the bread and the wife baked it.” (GELLES, 1995, p. 17).



e reinterpretadas para promover maior igualdade entre os sexos, “mas as coisas mudaram mais fora de casa do que dentro”<sup>28</sup>.

As concepções de família estão marcadas por idealizações de amor e afeto entre seus membros, mas também se observa que a família, como construção social, é permeada por relações de poder e por disputas internas. A família também é, ao mesmo tempo, reprodutora e transformadora das práticas sociais.

As sociedades são dinâmicas e, nos últimos anos, muitas mudanças se deram nos domínios familiares, principalmente desencadeados pelos movimentos feministas, além dos movimentos gays e lésbicos que fizeram certos conceitos serem revistos, preconceitos derrubados e valores morais alterados. O padrão do modelo patriarcal de família há muito tem sido questionado e, no contexto brasileiro, Rocha-Coutinho (2006, p. 94) observa que:

Estudos recentes realizados com famílias de classe média brasileira apontam para uma série de mudanças na sua estruturação, com um espaço maior para a igualdade, em substituição às rígidas posições hierárquicas tradicionais, e uma valorização maior da vida pessoal e subjetiva dos membros. Começa-se a questionar a diferença de papéis e posições de homens e mulheres e as relações autoritárias entre pais e filhos, estabelecendo-se na família relações mais igualitárias, baseadas no diálogo e não na imposição autoritária.

É importante ressaltar que não existe homogeneidade nesse campo, e que a pesquisa se restringe às camadas médias, uma das responsáveis pelas transformações sociais.

A tecnologia também tem sido importante nesse contexto, a exemplo do desenvolvimento de métodos contraceptivos, propiciando certo controle na opção pela maternidade, bem como pelo desenvolvimento da fertilização *in vitro*, dispensando a necessidade do ato sexual para reprodução, o que modificou a visão sobre a paternidade. Para muitas mulheres, casar e ter filhos passou a ser uma alternativa e não uma obrigação social ou uma questão financeira.

Família e gênero estão intimamente ligados, sendo que as diferenças percebidas entre gêneros manifestam-se em variados graus, no âmbito da família, constatando-se, ainda, uma forte presença da dicotomia sexual feminino/masculino, que reduz a noção de gênero e se reflete nas relações sociais, seja pelas diferenças de condução na educação entre filhos e filhas, seja pela divisão sexual do trabalho doméstico, construído culturalmente como trabalho

---

<sup>28</sup> Tradução pela autora, do original em inglês: “although so much has changed outside the home, so little has changed inside.” (GELLES, 1995, p. 17)

natural das mulheres, e também pelos espaços profissionais ocupados pelas mulheres fora de casa, dentre outros fatores inter-relacionados.

### 3.5.1 Família e relações entre gêneros

A discussão sobre gênero tem uma ampla abrangência, e Scott (1995) resume as várias abordagens em três posições teóricas: a do *patriarcado*, em que as feministas dão atenção à subordinação das mulheres e explicam esta subordinação pela necessidade masculina de dominar as mulheres, sendo que, nessa abordagem, a libertação das mulheres reside na compreensão adequada do processo de reprodução; a abordagem feminista *marxista*, com enfoque mais histórico, em que as explicações das origens e das transformações dos sistemas de gênero não se dão pela divisão sexual do trabalho, considerando-se que famílias, lares e sexualidades são produtos de modos cambiantes de produção; e a abordagem *psicanalítica*, que tem origem em duas escolas – a anglo-americana e a francesa – preocupadas com os processos pelos quais a identidade do sujeito é criada, centrando seus estudos nas etapas iniciais de desenvolvimento da criança para encontrar pistas sobre a formação da identidade de gênero.

Segundo a autora, a definição de gênero se constitui em duas partes e vários subconjuntos inter-relacionados e analiticamente diferenciados, sendo que o núcleo dessa definição está em uma conexão integral entre duas proposições: 1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e 2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

A autora detalha essa definição apresentando quatro elementos inter-relacionados na primeira das suas proposições: os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; os conceitos normativos que expressam as interpretações dos significados dos símbolos, tentando limitar e conter suas possibilidades metafóricas; a representação binária do gênero, como elemento de concepção política e suas referências às instituições e à organização social; e o aspecto do gênero como identidade subjetiva.

Em relação à segunda proposição, a autora esclarece que o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é um único campo, mas se apresenta como uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. Segundo a autora,

o gênero fornece um meio de decodificação do significado e de compreensão das complexas conexões entre as várias formas de interação humana.

Nicholson (2000), por sua vez, apresenta duas abordagens de gênero. A primeira se refere à personalidade e ao comportamento e não ao corpo, e a segunda como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos”. Questiona o fato do corpo sempre ser visto mediante uma interpretação social, e que o sexo não possa ser independente do gênero, pois, desse modo, o sexo deve ser algo que possa ser subsumido pelo gênero.

A autora discute o fato de que a abordagem do fundacionalismo biológico – que permite que os dados da biologia coexistam com os aspectos da personalidade e do comportamento – seja adotado por algumas feministas que consideram que as constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais, pois entende que essa condição é um obstáculo à verdadeira compreensão de diferenças entre mulheres, entre homens e em relação a quem pode ser considerado homem ou mulher.

Nicholson (2000) analisa várias autoras feministas e considera que “um feminismo da diferença” tende a ser “feminismo da uniformidade”, pois, ao considerar-se que as mulheres são diferentes dos homens, busca-se uma essência feminina, mesmo que esta seja culturalmente construída, levando a uma generalização que reduz a diversidade feminina.

A autora ressalta a necessidade de interpretar a mulher, na medida em que uma política feminista precisa que a palavra mulher tenha um sentido definido. Busca argumentos em Wittgenstein para esclarecer que mulher é uma palavra cujo sentido não é encontrado por meio da elucidação de uma característica específica, mas mediante uma complexa rede de características. Sugere que o sentido de “mulher” seja pensado como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam e que, neste mapa, o corpo não desaparece, mas se torna uma variável historicamente específica. A autora propõe a formação de uma política de coalizão interna ao movimento feminista, pensando em política feminista como a união das que querem trabalhar em torno das necessidades das “mulheres”.

Castells (1999, p. 169), por sua vez, afirma que “o patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas” e que se caracteriza pela autoridade imposta do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar. Além disso, que esse patriarcalismo permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo, a política, a legislação e a cultura.

O autor ressalta que vivemos um momento de crise desse modelo familiar, que pode ser observado por meio dos seguintes aspectos: a) o enfraquecimento das estruturas de dominação provocada pelos movimentos das mulheres; b) as crises matrimoniais; c) os fatores demográficos, como a diferença da taxa de mortalidade entre os sexos e o envelhecimento da população; e d) a instabilidade familiar e a crescente autonomia das mulheres com relação ao seu comportamento produtivo. Pauta-se em ampla pesquisa estatística que demonstra essa análise em vários países do mundo. (CASTELLS, 1999).

Segundo o autor, isto não significa o fim da família, pois outras formas familiares estão sendo constituídas, mas o que deverá se extinguir ao longo do tempo é a família patriarcal, baseada no modelo de dominação masculina. (CASTELLS, 1999).

Castells (1999) refere-se ao movimento feminista contemporâneo, caracterizando-o como diverso, no âmbito das lutas, multicultural, transformador e desafiador do patriarcalismo.

Castells (1999) apresenta um histórico do movimento feminista americano, relativo às últimas três décadas do século XX. Registra o feminismo radical, que identificava os homens como agentes de opressão e a supremacia masculina como a mais básica das formas de dominação, e o feminismo liberal que lutava pelo direito de igualdade das mulheres. Evidencia a importância das mulheres jornalistas, simpatizantes dos movimentos, que possibilitaram dar visibilidade às lutas feministas, e também as redes de sustentação que foram surgindo, para que o patriarcalismo fosse sendo modificado no “seu mais forte reduto: a mente das mulheres” (CASTELLS, 1999, p. 217).

É importante lembrar que Castells (1999), além de tratar do movimento feminista americano, também apresenta como as lutas feministas se desenvolveram em outras partes do mundo, por meio de diferentes movimentos sociais, como na Europa Ocidental, no Canadá, na Austrália, na China, na Coreia, no Japão e no Brasil. Esclarece que esses movimentos apresentam muitas formas e orientações diferentes, condicionadas pelos contextos culturais, institucionais e políticos de cada local em que se manifestam. Afirma que “a força e a vitalidade do movimento feminista estão na sua diversidade, no seu poder de adaptar-se às culturas e às idades” (CASTELLS, 1999, p. 228).

O autor relata, ainda, a importância dos movimentos lesbianos e *gays*, como expressões poderosas de identidade sexual e liberação sexual para a crise do patriarcalismo, uma vez que o patriarcalismo pressupõe a heterossexualidade e a repressão sexual, que, quando são questionadas, provocam o desmoronamento do sistema.

Diferentemente de Castells, Bourdieu (1995) não tem uma visão tão otimista. O autor trata das diferenças entre os sexos, ressaltando como a dominação masculina e a submissão feminina foram construções sociais que se naturalizaram. Faz essa reflexão a partir da observação dos habitantes de Cabília e a transpõe para as demais sociedades. Segundo o autor, a visão dominante da divisão sexual está expressa nos discursos, nos espaços, na organização do tempo, nas práticas das técnicas e dos rituais e principalmente nas técnicas do corpo, ou seja, no *habitus* e na *hexis* corporal, funcionando “como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação.” (BOURDIEU, 1995, p.137).

De acordo com Bourdieu (1995), a dominação masculina é um fato universal. “O homem (vir) é um ser particular que vive a si mesmo como um ser universal (homo), que tem o monopólio, de fato e de direito, do humano, isto é do universal, que está socialmente autorizado a sentir-se portador da forma total da condição humana.” (BOURDIEU, 1995, p.137).

O autor apresenta as oposições entre os sexos, observando a divisão do trabalho dos habitantes da Cabília, onde às mulheres cabem os trabalhos domésticos, privados e escondidos, invisíveis e vergonhosos, e aos homens cabem os trabalhos externos, públicos, perigosos e espetaculares.

A partir daí, o autor discute a força simbólica da oposição entre os sexos, afirmando que: “Todo poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados.” (BOURDIEU, 1995, p.142). Essa relação de poder faz com que a dominação masculina pareça natural, resultado de um processo de inculcação coletivo trabalhado sobre os corpos, em que as diferenças entre os sexos biológicos se transpõem para diferenças sociais e no qual a educação tem forte influência.

Segundo o autor, a maneira como a dominação está inscrita nos corpos pelas estruturas estruturadas e estruturantes do *habitus* produzem uma identidade social totalmente contida na relação das diferenças entre dominados e dominantes, tornando inviável, de maneira sumária, a libertação dos dominados, pois, para isso, seria necessário um longo processo de aquisição de um novo *habitus*.

Bourdieu expressa que, em relação às oposições entre os sexos, a revolução industrial reafirmou a oposição entre o exterior e o interior, pois aos homens coube o universo da empresa, orientado para a produção e o lucro, e às mulheres o universo da casa, voltado para a

reprodução biológica, social e simbólica do lar. Segundo o autor, a entrada das mulheres no mercado de trabalho provocou um deslocamento dessas fronteiras, sem conseguir anulá-las.

Além disso,

[...] a entrada das mulheres na vida profissional forneceu uma prova manifesta de que a atividade doméstica não é socialmente reconhecida como um verdadeiro trabalho; na verdade, negada ou denegada por sua própria evidência, a atividade doméstica continuou a se impor às mulheres por acréscimo. (BOURDIEU, 1995, p.170).

O autor ressalta que, na economia dos bens simbólicos, as mulheres sempre se ocuparam das questões estéticas, seja do seu corpo e dos demais membros da família, seja da casa, preocupadas com a imagem e as aparências, encarregadas da gestão do capital simbólico das famílias. E, no mercado de trabalho, recebem essas mesmas funções, direcionadas ao cuidado com o capital simbólico da empresa.

Segundo Bourdieu (1995), a libertação das mulheres acontecerá quando elas subvertem as estruturas fundamentais do campo de produção e circulação dos bens simbólicos, pois esses lhes dão uma liberdade aparente para obter uma “submissão solícita e sua participação ativa num sistema de exploração e de dominação do qual elas são as primeiras vítimas” (BOURDIEU, 1995, p.173).

Cabe observar que as relações de poder não são lineares e unidirecionais, mas complexas e dinâmicas. E que as mulheres "do lar", que assumem a responsabilidade pelo trabalho doméstico, não são necessariamente dominadas, exercendo também certas relações de poder.

Considerando-se a dinâmica atual das sociedades, é relevante compreender como se dão as relações de gênero e a divisão do trabalho doméstico, avaliado como essencial para a manutenção da vida.

### **3.5.2 Gênero e trabalho doméstico**

Hirata e Kergoat (2007) tratam das novas configurações da divisão sexual do trabalho, que, segundo as autoras, no contexto francês, têm duas acepções: a sociográfica, que estuda a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho e a divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos; e, desta primeira acepção, deriva uma segunda, que deve permitir ir além da constatação das desigualdades na divisão sexual do trabalho, mostrando

que as desigualdades são sistemáticas e também permitindo a articulação dessa descrição como uma reflexão sobre os processos em que a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades e também o sexo, criando um sistema de gênero.

Segundo as autoras, há duas razões para pensar a divisão sexual do trabalho: 1) desde o nascimento do conceito, há mais ou menos 30 anos, existem divergências, pois alguns pensam em termos de constatação de desigualdades, e outros procuram analisar a origem dessas desigualdades, onde as autoras inserem seu trabalho; 2) o balanço sobre a divisão sexual do trabalho nas sociedades leva sempre à mesma constatação: tudo muda, mas nada muda. E as autoras se dispõem a desconstruir esse paradoxo.

Sobre a gênese do conceito de divisão sexual do trabalho, as autoras afirmam que:

Foi com a tomada de consciência de uma “opressão” específica que teve início o movimento das mulheres: torna-se então coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597).

As autoras defendem que a abordagem do trabalho doméstico como atividade de trabalho, tanto quanto o trabalho profissional, permitiu que se pensasse em termos da divisão sexual do trabalho, que inicialmente tinha o estatuto de articulação das duas esferas. Como essa articulação tornou-se insuficiente, levou a um segundo nível de análise: “a conceitualização da relação social recorrente entre o grupo dos homens e o das mulheres” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 598), denominado de relações sociais de sexo.

Segundo as autoras, essa nova maneira de pensar o trabalho teve muitas consequências: a família como entidade natural se esfacelou para ressurgir como lugar de exercício de um trabalho e fez implodir a esfera assalariada, pensada até então apenas em torno do trabalho produtivo e com a figura do trabalhador masculino, qualificado e branco.

A partir daí, surgiram várias pesquisas que utilizam a abordagem da divisão sexual do trabalho para repensar o trabalho e suas categorias, suas formas históricas e geográficas, a inter-relação de múltiplas divisões do trabalho socialmente produzido que levaram a um questionamento radical da sociologia da família e do paradigma funcionalista.

Os diferentes modelos político-econômicos, além dos diversos contextos socioculturais, também são permeados por diferenças em relação ao trabalho das mulheres, como pode ser observado no relato de Botton (2005, p.35):

Quando Richard Nixon, vice-presidente americano, guiou Khrushov pela exposição, o líder soviético ficou igualmente cético. Do lado de fora da cozinha da casa-modelo, Khrushov apontou um espremedor de limão elétrico e assinalou a Nixon que ninguém em seu juízo perfeito ia querer adquirir uma “quinquilharia tão tola”. “Qualquer coisa que faça as mulheres trabalharem menos só pode ser útil” respondeu Nixon. “Não pensamos nas mulheres como trabalhadoras... como vocês fazem no sistema capitalista”, rebateu um irado Khrushov.

Hirata e Kergoat (2007, p. 599) definem que “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos”, que vincula homens à esfera produtiva e mulheres à esfera reprodutiva, além de que aos homens atribuem-se as funções com maior valor social.

Para as autoras, esse conceito de divisão social do trabalho está apoiado em dois princípios: 1) *princípio da separação* – existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e 2) *princípio hierárquico*, em que o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher. Segundo as autoras, esses dois princípios são encontrados em todas as sociedades conhecidas e legitimados pela ideologia naturalista. As autoras observam que a divisão sexual do trabalho não é imutável, pois se observa uma plasticidade nessa divisão. Entretanto, ao mesmo tempo, são as mulheres que, de maneira geral, absorvem a maior parcela do trabalho doméstico, mesmo que em novas configurações.

Em função da atual situação, de precarização e flexibilização do emprego, a divisão sexual do trabalho assume configurações de: *nomadismos sexuais* – nomadismo de tempo para as mulheres e de espaço para os homens; *priorização do trabalho feminino* – há um aumento significativo do número de mulheres, tanto para as altas funções executivas, quanto para os empregos de baixos salários; mulheres investindo mais em suas carreiras, o que leva à externalização do trabalho doméstico. E, nesse contexto, surgem duas novas relações sociais entre mulheres: uma de mulheres empregadoras e de mulheres que lhes servem, e outra de concorrência entre as mulheres.

Hirata e Kergoat (2007) apresentam como pontos fortes dessas novas modalidades de divisão sexual do trabalho: a reorganização simultânea do trabalho assalariado e do trabalho doméstico; o duplo movimento de mascaramento – a atenuação da tensão entre os casais e o acirramento da diferença de classes entre as mulheres.

Sobre as relações entre a esfera doméstica e a esfera profissional, as autoras apresentam quatro diferentes modelos de papéis sexuais, que são: o modelo *tradicional* – que tem o homem como provedor e a mulher responsável por todo o trabalho doméstico; o



modelo de *conciliação* – em que a mulher assume, ou melhor, concilia o trabalho doméstico com o trabalho profissional; o modelo de *parceria* – que está baseado na igualdade de estatutos sociais entre os sexos, em que mulher e o homem, como parceiros, dividem as tarefas domésticas; e o modelo de *delegação* – em que o trabalho doméstico é externalizado (terceirizado) e realizado por alguém contratado para tal. O modelo da delegação gera uma reação em cadeia sobre as mulheres, pois as trabalhadoras domésticas conciliam suas tarefas domésticas ou as delegam para outra mulher.

Cabe a ressalva de que os modelos apresentados não são estanques, mas se sobrepõem e se complementam.

Uma pesquisa quantitativa realizada com cento e vinte mulheres trabalhadoras do Instituto Federal de Santa Catarina, realizado por Martins, Luz e Carvalho (2010), demonstra que, embora essas mulheres tenham ocupado certo lugar no mercado de trabalho, no ambiente doméstico são elas que permanecem assumindo a maior parte das tarefas domésticas, sendo os homens vistos como colaboradores. Mesmo quando essas mulheres contribuem com a maior parcela da renda familiar, mantém-se, de certa maneira, a estrutura dominante do modelo tradicional de família, em que a mulher é responsável pelo trabalho doméstico, fazendo a conciliação com o trabalho profissional, demonstrando que o modelo de parceria ainda está longe de ser alcançado por essas mulheres trabalhadoras.

As autoras também ressaltam que a delegação do trabalho doméstico é utilizada por uma parcela considerável das pesquisadas, seja de maneira parcial, quando contratam uma diarista, ou de forma mais completa, quando contam com a colaboração de uma empregada doméstica. Mas, em ambos os casos, cabe a essas mulheres a gestão do trabalho dessas profissionais.

Há alguns posicionamentos, das mulheres pesquisadas, que evidenciam conformismo com a situação, demonstrando que o trabalho doméstico foi naturalizado e está incorporado no modo de vida dessas mulheres que também têm uma parcela da responsabilidade pela reprodução do modelo instituído.

### 3.6 SÍNTESE DA REVISÃO DE LITERATURA

A compreensão da cultura e sua reciprocidade na formação do ser humano possibilitam entender os povos que habitam o mundo e suas transformações. As modificações no conceito de cultura ao longo do tempo demonstram os grandes debates travados na

constituição do campo da antropologia. Ressalta-se, aqui, a proposição de Geertz (2008) de que a cultura não deve ser vista como um padrão concreto de comportamento – de costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções, formulando assim que a cultura pode ser vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controlar o comportamento. Atribui aos seres humanos uma dependência vital a esse conjunto que compõe a cultura, sem a qual seriam aberrações.

O entendimento das culturas mostra que cada sociedade desenvolveu e continua desenvolvendo suas próprias lógicas de construção simbólica, sendo que os diferentes grupos sociais têm sua língua, sua culinária, seus valores e seus costumes, que não possuem fronteiras herméticas e rígidas, mas um caráter transdisciplinar e transdimensional.

Nesta tese, entende-se que a identidade associa-se à perspectiva relacional, baseada em diferenças com a alteridade, e, simultaneamente, em convergências que possibilitem a socialização.

É importante ressaltar que a identidade pode também ser pensada como um jogo plural para a própria pessoa, pois a mesma vai mudando de posição ao longo da vida e, dependendo dos contextos, constrói múltiplas identidades que se inter-relacionam, que tem pontos comuns e divergentes e de cuja combinação vão se formando outras identidades.

Também é necessário pensar a cultura associada à transformação da natureza, necessária para a sobrevivência do ser humano, devido a sua incompletude e ao seu pertencimento à mesma, que tem fomentado uma crescente gama de artefatos e sistemas, expressões materiais da cultura.

Nas sociedades complexas, com a transformação da coisa em mercadoria, promove-se o consumo, passando, assim, a constituir uma nova arena de debates sobre as pessoas e seus artefatos, como pode ser observado na teoria da emulação de Veblen (2004), em que o consumo é utilizado para demonstrar *status*. Na perspectiva de Douglas e Isherwood (2009), o consumo é tido como um processo de interação social e, ao mesmo tempo, um elemento distintivo de classe. Para Miller (2010), o consumo é tratado como uma afirmação de relacionamentos. E, segundo Bourdieu (2008), o consumo consiste em uma manifestação de distinção de classe.

O que se tem em comum nas diferentes teorias é que o consumo, nas sociedades complexas, é o principal articulador das práticas sociais, uma vez que nem todos produzem, mas todos consomem.

É importante observar que nem todas as pessoas são passivas frente aos modos de consumo postos. Essas pessoas que divergem de valores socialmente impostos buscam formas de consumo mais conscientes.

A chegada da energia elétrica, no final do século XIX, promoveu mudanças em modos de vidas e levou a “modernidade” para dentro das casas, por meio da iluminação e dos eletrodomésticos que iriam alterar e facilitar, em certa medida, o trabalho doméstico.

Esses artefatos elétricos – denominados de eletrodomésticos - promoveram mudanças expressivas no espaço da casa, notavelmente na cozinha, pois, de um trabalho braçal, migrou-se para tarefas auxiliadas por esses equipamentos.

Há divergências na literatura sobre os resultados desses artefatos sobre o trabalho doméstico, sendo que há os que defendem que a liberação de tempo propiciado por esses artefatos tornou mais elevado o padrão de limpeza, exigindo mais trabalho das mulheres, sobretudo as da classe média, como é defendido por Forty (2007) e Cowan (1990), enquanto que outros, como Silva (1998a), defendem que esses recursos tecnológicos utilizados por mulheres trabalhadoras que sempre realizaram tarefas domésticas representaram uma redução considerável no esforço e no tempo destinado a essas atividades.

No Brasil, a energia elétrica foi introduzida praticamente no mesmo período que nos Estados Unidos, porém, a sua disseminação se deu de forma mais lenta. Também se observa que as condições de higiene da cozinha brasileira, no início do século XX, eram muito precárias, levando a que suas modificações fossem promovidas pela medicina sanitária, enquanto que, nos Estados Unidos, foi resultado do trabalho de engenheiras/os e, na Europa, de arquitetas/os.

Dessa maneira, o ingresso dos eletrodomésticos, sobretudo nas casas da classe média, deu-se, no Brasil, marcadamente a partir da década de 1950, período de incentivo e ampliação da produção e consumo de energia elétrica e de internacionalização da economia do país, com a conseqüente ampliação do parque industrial. Anteriormente, esses produtos já estavam disponíveis por meio das importações, promovido pelas empresas de energia elétrica que tinham o interesse no aumento do consumo, mas não eram acessíveis à maioria da população, devido aos altos custos.

Todas essas considerações remetem à família, também uma construção sociocultural e que adquire a característica predominante de família nuclear, sendo o conceito de casa moderna uma representação material do conceito de família moderna.

Cabe observar que se entende, nesta tese, família como uma instituição associada ao amor e afeto, ao mesmo tempo em que é permeada por relações de poder e por disputas,

negociações e parcerias internas. A família também é, ao mesmo tempo, reprodutora e transformadora das práticas sociais.

Dessa maneira, entende-se que os conceitos de família e gênero estão intimamente ligados, sendo que a oposição entre os sexos feminino e masculino manifesta-se em variados graus e na diversidade de culturas, no âmbito da família e na divisão do trabalho, seja pelas diferenças de condução da educação entre filhos e filhas, seja pela divisão sexual do trabalho doméstico, construído culturalmente, em diversos contextos, como trabalho naturalizado das mulheres e também nos espaços profissionais ocupados pelas mulheres fora de casa.

O próximo capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa de campo, permitindo compreender como vivem as famílias entrevistadas e estabelecendo as relações com a fundamentação teórica.

## 4 PESQUISA DE CAMPO – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para a pesquisa de campo foram entrevistados 18 (dezoito) casais, tomando-se o cuidado de conversar com pessoas das quais não houvesse, por parte da pesquisadora, um conhecimento anterior das casas e também das cozinhas, para que nenhum julgamento prévio fosse realizado. Além disso, uma vez que se entende que cada visita à casa, enquanto espaço privado, representa, de certa maneira, uma intrusão no mundo simbólico e prático dos entrevistados e das entrevistadas, buscou-se respeitar o que eles consentiram e desejaram mostrar ou não.

Além dos casais, também foram entrevistadas duas senhoras viúvas, de idade mais avançada, com o objetivo de abarcar uma escala de tempo maior, uma vez que o escopo da pesquisa estava relacionado à verificação das mudanças nas rotinas com a introdução dos eletrodomésticos de cozinha.

As entrevistas seguiram o protocolo como descrito no capítulo dois. Considera-se importante observar que nem sempre as respostas são dadas claramente quando as perguntas são feitas, sendo que, ao longo das entrevistas, certos detalhes foram sendo esclarecidos.

A cozinha, no âmbito desta pesquisa, é entendida como espaço de manifestação cultural. A maneira como esse ambiente está colocado no contexto da casa, os artefatos disponíveis e a organização dos mesmos materializam valores dos moradores e ajudam a compor cenários que denotam seus modos de vida. Sem deixar de lembrar que a solvência da materialidade, em tempos atuais, assim como no curso da história de grande parte da humanidade, está associada às condições socioeconômicas das pessoas.

Eletrodomésticos são artefatos para auxiliar o trabalho doméstico. De modo geral, não são objetos de alto valor de estima em uma casa. Mas nem por isso deixam de ser desejados pelas pessoas, ou mesmo significativos em suas vidas. Como afirmam Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 21): “Mesmo as coisas meramente funcionais servem para socializar a pessoa a um certo hábito ou modo de vida e são sinais representativos desse modo de vida.”<sup>29</sup>. Há artefatos que já foram considerados “luxo”, devido à dificuldade de sua aquisição, em vista do seu alto preço inicial, que são tidos como indispensáveis pela maioria das pessoas na vida contemporânea. Um exemplo desses é o refrigerador.

---

<sup>29</sup> Tradução livre da autora: “Even purely functional things serve to socialize a person to a certain habit or way of life and are representative signs of that way of life”. (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERG-HALTON, 1981, p. 21).

É nesse contexto de família, casal, cozinha, eletrodomésticos, sob a perspectiva das expressões materiais da cultura e do consumo, que se parte em busca da compreensão da significação na relação entre pessoas e artefatos. Ressalta-se que a interpretação das entrevistas deu-se segundo “as lentes” da pesquisadora, resultantes de suas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas. Dessa maneira, entende-se que outros olhares poderão fazer emergir outras perspectivas para a análise.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Dos 18 (dezoito) casais participantes da pesquisa, 15 (quinze) são casais heterossexuais, e três são homossexuais, sendo que, destes, um casal é *gay*, e os outros dois são lesbianos. Desses casais, 12 (doze) têm filhos/as que vivem com pais/mães, outros três têm filhos que já saíram de casa e três não têm filhos. Dos doze casais que vivem com filhos, quatro têm filhos menores de 12 anos, os demais têm filhos adolescentes ou adultos. No estrato das pessoas entrevistadas, as famílias nucleares são predominantes. Em apenas um dos casos, há uma irmã da esposa morando com a família.

No caso das senhoras viúvas, uma delas mora sozinha, e a outra mora com uma filha.

Pode-se verificar que, das 38 (trinta e oito) pessoas entrevistadas, 28 (vinte e oito) têm formação de nível superior, nove têm ensino médio, e apenas uma tem ensino fundamental.

A faixa etária das pessoas entrevistadas está entre 27 (vinte e sete) anos e 86 (oitenta e seis anos). O número máximo de filhos/as dos casais é cinco. O tempo de casamento das pessoas entrevistadas varia de um a 39 (trinta e nove anos).

Em relação às condições socioeconômicas, pode-se constatar que a maioria dos casais possuem renda superior a dez salários mínimos, habitam em residências relativamente confortáveis, com vários recursos tecnológicos disponíveis, incluindo eletrodomésticos.

As informações demográficas das pessoas entrevistadas estão apresentadas no Quadro 2.

Como já mencionado no capítulo referente aos procedimentos metodológicos, foram utilizados codinomes para todos/as os/as informantes, mesmo que esses e essas não fizessem questão de que seus nomes reais fossem suprimidos.

Quadro 2 – Informações demográficas dos casais entrevistados

	Nome	Gênero*	Idade	Ocupação	Formação	Renda (S. M) Valor Referência R\$ 545,00	Filhos individuais	Filhos comuns	Tempo de união estável (anos)	Tipo de habitação <sup>30</sup>	Área (m <sup>2</sup> )	Nº de moradores
Casal M&J	Milena	F <sup>31</sup>	47	Professora	Geografia (Especialização)	Não citou	-	03	24	C	170	05
	José	M <sup>32</sup>	50	Professor	Eng. Elétrica (Doutor)	Mais de 20	-					
Casal E&M	Eva	F	53	Professora Aposentada	Ed. Física (Mestre)	10 a 15	-	03	29	C	180	05
	Mateus	M	54	Professor Aposentado	Ed. Física (Mestre)	10 a 15	-					
Casal R&S	Renata	F	46	Pedagoga	Pedagogia (Mestre)	10 a 15	-	01	24	C	300	05
	Sebastião	M	56	Professor Aposentado	Licenciado em Eletrotécnica	5 a 10	02					
Casal S&G	Sofia	F	50	Professora	Eng. Elétrica (Mestre)	10 a 15	-	02	14	C	320	04
	Giovani	M	43	Professor	Eng. Elétrica (Mestre)	10 a 15	-					
Casal L&A	Luana	F	37	Técnica em Enfermagem	Pedagogia	5 a 10	-	02	15	A	160	04
	Amauri	M	44	Administrador	Administração	5 a 10	-					
Casal J&J	Julietta	F	60	Professora Aposentada	Matemática (Mestre)	10 a 15	-	03	35	C	320	03
	João	M	62	Professor Aposentado	Lic. Em Mecânica Especialista	10 a 15	-					
Casal A&V	Andréa	F	30	Arquiteta Professora	Arquitetura (Mestre)	5 a 10	-	-	02	A	75	02
	Victor	M	30	Arquiteto Professor	Arquitetura (Mestre)	5 a 10	-					
Casal V&W	Valda	F	56	Enfermeira Aposentada	Direito	Mais de 20	-	03	36	C	350	02
	Waldemar	M	64	Oficial da PM Aposentado	Enfermagem (Mestre)	10 a 15	-					
Casal J&P	Joana	F	43	Auditora Operacional	Ensino Médio	1 a 5	-	02	23	C	100	04
	Pascoal	M	48	SPF <sup>33</sup> / Técnico em TI	Técnico em Eletrônica	5 a 10	-					
Casal P&F	Paula	F	34	Gerente Administrativo	Superior Incompleto	1 a 5	-	01	09	A	68	03
	Felipe	M	31	Técnico em Informática	Comunicação Social	1 a 5	-					
Casal E&A	Eduarda	F	58	Tec. comutação Aposentada	Técnica em Eletrotécnica	1 a 5	-	03	36	C	350	03
	Anselmo	M	60	Professor Aposentado	Lic. Eletrotécnica (Especialista)	10 a 15	-					
Casal E&F	Eunice	F	48	Dentista	Cirurgiã Dentista	15 a 20	-	02	14	A	90	04
	Frederico	M	47	Empresário	Ensino Médio	15 a 20	-					
Casal A&R	Alan	HG <sup>34</sup>	42	SPF/Assistente Administrativo	Ensino Médio	5 a 10	-	-	10	C	60	02
	Raul	HG	31	SPF/Programador Visual	Design Gráfico	5 a 10	-					

<sup>30</sup> C – Casa e A – Apartamento

<sup>31</sup> F – Feminino

<sup>32</sup> M – Masculino

<sup>33</sup> SPF – Servidor/a Público Federal

<sup>34</sup> HG – Homem Gay

Quadro 2 – Informações demográficas dos casais entrevistados (cont.)

Casal N&L	Nívea	F	62	Dona de casa	Letras (incompleto)	-	-	02	37	C	310	02
	Lauro	M	64	Aposentado Consultor	Administrador	15 a 20	-					
Casal Z&A	Zenaide	F	58	Professora aposentada	Matemática	10 a 15	-	02	30	C	266	02
	Alberto	M	53	Empresário	Ensino médio	15 a 20	-					
Casal K&L	Kamila	F	27	Advogada	Direito	1 a 5	-	01	01	C	180	03
	Lucas	M	28	Guarda Municipal	Direito	5 a 10	-					
Casal S&P	Sulamita	LF <sup>35</sup>	27	Jornalista	Jornalismo	1 a 5	-	-	01	A	52	02
	Pilar	LM <sup>36</sup>	30	Jornalista Freelancer	Jornalismo	1 a 5	-					
Casal A&M	Ângela	Mu <sup>37</sup>	31	Artesã autônoma	Ensino médio	1 a 5	-	-	06	C	50	03
	Mabel	Mu	30	Barista desempregada	Ensino médio	-	01					
	Áurea	F	72	Dona de casa Pensionista	Ensino Médio	10 a 15	-	02	39	A	90	01
	Waleska	F	86	Aposentada Pensionista	Ensino Fundamental	1 a 5	-	05	20	A	60	02

Fonte: Autoria própria.

Nota: \* Refere-se à identidade de gênero declarada pela/o entrevistada/o.

#### 4.1.1 Autoclassificação socioeconômica e modos de vida

Nas entrevistas, cada entrevistado/a foi solicitado/a a fazer sua autoclassificação socioeconômica, buscando compreender qual o significado que as pessoas dão a essa classificação, ao associá-la com seus modos de vida. Percebeu-se que, em todas as entrevistas, esse quesito suscitou uma discussão entre o casal sobre pertencer a essa ou àquela classe. Entre a maioria, não havia dúvidas sobre pertencer à classe média, mas sim em relação à subclassificação: média/alta, média/média ou média/baixa, haja vista o amplo espectro que essa classe abrange. Essa denominação média, alta, baixa, não condiz com a classificação da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)<sup>38</sup>, mas é a mais recorrentemente conhecida pelas pessoas. Vale observar que os critérios de avaliação utilizados pelos entrevistados e entrevistadas nem sempre são tão objetivos quanto aqueles utilizados pelas instituições oficiais de pesquisa, que consideram a renda e a posse de alguns artefatos pela família.

<sup>35</sup> Lésbica feminina

<sup>36</sup> Lésbica masculina

<sup>37</sup> Mulher

<sup>38</sup> A ABEP designa as classes econômicas como: A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E, sendo A1 a posição mais alta na hierarquia.



Os entrevistados e entrevistadas referem-se à classe socioeconômica das seguintes maneiras: “Na classe tranquila. Não se tem muita coisa, mas não se deve pra ninguém” (SEBASTIÃO, 56 anos, professor aposentado); “É, classe média, sabe? Uma vida muito folgada...” (RENATA, 46 anos, pedagoga); “Pra dizer que, acho que a gente é classe média-alta, né? Se a gente for considerar o... mas o espírito, como diz a Carla [referindo-se a uma outra pessoa], deve ser de pobre, porque eu gosto de andar de ônibus, porque eu gosto de...” (SOFIA, 50 anos, professora).

Ainda sobre o tema, Giovani expõe que:

Olha... eu tenho espírito de pobre.[...] Não, e assim ó, até alguns valores impostos pela sociedade, sabe. O rico tem isso, precisa mostrar isso... isso nunca me fez falta, nunca foi uma ambição, assim. Ah não, eu preciso de um carro desse pra mostrar que eu sou rico, isso realmente não tem o mínimo valor pra mim. (43 anos, professor).

Andréa (30 anos, arquiteta e professora) e Victor (30 anos, arquiteto e professor) – se posicionam como classe média/média. Segundo a observação de Victor, “não tem carência, nos supérfluos às vezes dá uma escorregadinha e gasta mais em uma viagem, um lazer, uma comida um pouco diferente, mas tá sempre controlando, não há sobra de dinheiro.”

Waldemar (64 anos, oficial da Polícia Militar (PM) aposentado) diz ser da classe média/média por viver dignamente. Sua esposa Valda (56 anos, enfermeira aposentada) complementa que não tem grandes problemas, mas que não dá para esnobar, principalmente em termos de viagens ou na troca de carro.

Frederico (47 anos, empresário) diz pertencer, em relação à questão econômica, à classe média/média, e, ao mesmo tempo, coloca-se como um afortunado em relação à qualidade de vida:

Agora a riqueza ajuda, mas a riqueza são os valores, é a família, amar os filhos, isso é riqueza, quando tu vês que tens o filho saudável, que tu podes rir junto com ele, isso é qualidade de vida e eu sou afortunado, muito sortudo, quando nasceram os filhos eu poder viver com as crianças intensamente com essa qualidade de vida.

Pascoal (48 anos, técnico em TI) e Joana (43 anos, auditora operacional) afirmam pertencer à classe média/baixa, pois avaliam que têm um bom padrão de vida, mas que, segundo Pascoal, “não sobra aquele dinheiro que a gente quer fazer uma viagem, quer investir em alguma coisa diferente”. E Joana complementa: “a gente não passa sufoco!”

Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31 anos, programador visual), sobre a sua autoclassificação, afirmam que: “nós temos condições de comprar apartamento, de botar o apartamento em reforma, de viajar nas férias, de ir pra SP e passar 20 dias hospedados no hotel.”.

Anselmo (60 anos, professor aposentado) e Eduarda (58, técnica em comutação aposentada) concordam em pertencer à classe média/média. Eduarda afirma que isso se dá pelos bens que possuem e pelo tipo de vida que levam. Anselmo complementa: “É claro que tudo isso aí, você tem também que saber administrar o recurso, porque, ter o que tem e ganhar o que se ganha e não saber administrar, você cai num abismo aí com bastante rapidez. Então você tem que saber controlar tudo direitinho.”.

João (62 anos, professor aposentado) avalia-se como pertencente à classe média/alta, em razão da observação do contexto brasileiro. Por sua vez, sua esposa Julieta (60 anos, professora aposentada) considera-se pertencente à classe média/média, pois, mesmo tendo feito conquistas materiais, avalia que tudo foi fruto de muito trabalho e resignação. Avalia que na classe média/alta as coisas são feitas com mais tranquilidade.

Nívea (62 anos, dona de casa) e Lauro (64 anos, aposentado e consultor) acreditam ser classe média/alta pelo padrão de vida que levam, por poderem viajar para o exterior, terem um bom carro e os filhos formados na universidade.

Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário) consideram-se pertencentes à classe média/média por terem trabalhado o suficiente para terem uma vida tranquila e terem montado uma loja de material de construção para ajudar o filho. Zenaide fala:

Estou aposentada, porque o meu sonho era me aposentar. Trabalhei, estudei, agora quero ter uma vida tranquila, quero sair a hora que eu quero, dormir a hora que eu quero. Claro que não tá bem assim, né! Não estaria assim, porque ele inventou um comércio pra ajudar o filho, né.

Lucas (28 anos, guarda municipal), que se considera a pertencer à classe média/baixa, assinala: “[...] não tem disponibilidade de bens sobrando, né. Não podemos parar pra fazer viagens. Pelo menos não em excesso, como gostaria. [Não podemos] comprar todos os bens de consumo que tem interesse [...]”.

Sulamita (27 anos, jornalista) e Pilar (31 anos, jornalista *freelancer*) associam pertencerem à classe média muito mais pela condição cultural do que pela situação

econômica. Consideram, ainda, o tema conflitante, pois, dependendo da origem social e cultural, as pessoas fazem escolhas diferentes.

Observa-se que cada pessoa faz seu próprio julgamento das condições que a posiciona em uma classe específica, e esse era o objetivo da questão: entender como cada pessoa se vê no contexto socioeconômico.

Para efeitos de comparação, também foi utilizado na pesquisa de campo o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) da ABEP (Anexo C), cujos resultados podem ser observados no Quadro 3. Ressalta-se que algumas comparações destoam, em muito, da autoclassificação feita pelos interlocutores/as. Em relação a isso, a própria ABEP adverte que o instrumento é dirigido apenas a pesquisa de mercado orientado à classe econômica e não é adequado a pesquisas de cunho qualitativo.

Cabe ressaltar que o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) é um padrão de classificação baseado no consumo de bens duráveis e na renda familiar, que categoriza as pessoas a partir de um espectro bastante limitado. Outros itens poderiam ser utilizados, como o consumo de alimentos diferenciados; as viagens para lazer no Brasil e/ou para outros países observando-se a duração e a frequência das mesmas; a frequência do consumo de bens culturais como peças teatrais, shows, livros – exemplos que colocariam a categorização mais próxima da realidade

Destaca-se que, dentre as pessoas entrevistadas, nem todos pertencem às camadas médias, segundo os critérios da ABEP, que corresponderiam aos níveis B1, B2, C1 e C2, mas todos se veem e têm modos de vida compatíveis com as camadas médias, focalizadas nesta pesquisa. Dessa maneira, todas as pessoas entrevistadas estão de acordo com o perfil estabelecido para a pesquisa.

Quadro 3 – Comparação entre a autoclassificação socioeconômica e a classificação da ABEP

	<b>Nome</b>	<b>Autoclassificação socioeconômica</b>	<b>Classificação econômica segundo critérios da ABEP</b>
Casal M&J	Milena	Média/média	B1
	José	Média/média	
Casal E&M	Eva	Média/média	A2
	Mateus	Média/média	
Casal R&S	Renata	Média/média	A2
	Sebastião	Média/média	
Casal S&G	Sofia	Média/alta	A1
	Giovani	Média/alta	

Quadro 3 – Comparação entre a autoclassificação socioeconômica e a classificação da ABEP (cont.)

Casal L&A	Luana	Média/baixa	B1
	Amauri	Média/baixa	
Casal J&J	Julieta	Média/média	A2
	João	Média/alta	
Casal A&V	Andréa	Média/média	B1
	Victor	Média/média	
Casal V&W	Valda	Média/média	A2
	Waldemar	Média/média	
Casal J&P	Joana	Média/baixa	B1
	Pascoal	Média/baixa	
Casal P&F	Paula	Média/baixa	B1
	Felipe	Média/baixa	
Casal E&A	Eduarda	Média/média	A2
	Anselmo	Média/média	
Casal E&F	Eunice	Média/média	B1
	Frederico	Média/média	
Casal A&R	Alan	Média/média	C1
	Raul	Média/média	
Casal N&L	Nívea	Média/alta	B1
	Lauro	Média/alta	
Casal Z&A	Zenaide	Média/média	A2
	Alberto	Média/baixa	
Casal K&L	Kamila	Média/média	A2
	Lucas	Média/média	
Casal S&P	Sulamita	Média/baixa	B2
	Pilar	Média/baixa	
Casal A&M	Ana	Média/baixa	C1
	Marta	Média/baixa	
	Áurea	Média/média	B2
	Waleska	Média/baixa	C1

Fonte: Autoria própria.

Outra questão direcionada ao entendimento inicial dos modos de vida dos casais está associada às atividades de lazer. As respostas dadas estão apresentadas no Quadro 4, no qual se pode verificar que as atividades são bastante diversificadas, variando de acordo com a condição socioeconômica das pessoas entrevistadas. De maneira geral, as atividades citadas demonstram um estilo de vida relativamente simples, ou seja, são atividades que envolvem poucos investimentos financeiros para serem realizadas.

Quadro 4 – Atividades de lazer dos casais entrevistados

	Nome	Gênero	Idade	Atividades de lazer
Casal M&J	Milena	F	47	Ouvir música, ler e assistir documentários.
	José	M	50	Fazer ginástica e musculação (na academia) e ler.
Casal E&M	Eva	F	53	Fazer trilha, dançar e viajar.
	Mateus	M	54	Viajar.
Casal R&S	Renata	F	46	Ler e assistir televisão.
	Sebastião	M	56	Pescar e andar de motocicleta.
Casal S&G	Sofia	F	50	Andar perto do mar, assistir filmes, ler.
	Giovani	M	43	Desmontar coisas, ficar na oficina, pescar.
Casal L&A	Luana	F	37	Conversar e ler.
	Amauri	M	44	Ler e jogar futebol.
Casal J&J	Julieta	F	60	Caminhar, ir a festas, fazer artesanato.
	João	M	62	Caminhar, participar das atividades do centro comunitário, ir para o sítio.
Casal A&V	Andréa	F	30	Cultivar minhas plantas, conhecer novos lugares.
	Victor	M	30	Ler, assistir filmes, viajar e comer.
Casal V&W	Valda	F	56	Ir à praia, dançar, assistir televisão, viajar.
	Waldemar	M	64	Ir à praia, dançar, fazer compras.
Casal J&P	Joana	F	43	Ir a barzinhos, ir à praia.
	Pascoal	M	48	Ir a barzinhos, ir à praia, pescar.
Casal P&F	Paula	F	34	Ir para a casa da serra do pai.
	Felipe	M	31	Ir para a casa da serra do sogro, jogar futebol, surfar.
Casal E&A	Eduarda	F	58	Ir para a casa de praia, ir para a casa dos sogros em Urussanga
	Anselmo	M	60	Ir para a casa de praia, ir para a casa dos pais em Urussanga
Casal E&F	Eunice	F	48	Viajar pelo mundo com a família, sair com as amigas.
	Frederico	M	47	Viajar pelo mundo com a família, jogar futebol.
Casal A&R	Alan	G	42	Assistir shows em SP, ir ao cinema, ir ao shopping, videogame, dançar.
	Raul	G	31	Assistir shows em SP, ir ao cinema, ir ao shopping, videogame, dançar.
Casal N&L	Nívea	F	62	Caminhar, fazer pilates, ir ao shopping, viajar, ir a restaurantes, ler.
	Lauro	M	64	Assistir filmes, assistir futebol, fazer palavras cruzadas.
Casal Z&A	Zenaide	F	58	Viajar para o exterior, ir a praia, dançar, pescar.
	Alberto	M	53	Caminhar, viajar para o exterior, ir a praia, dançar, pescar.
Casal K&L	Kamila	F	27	Ir ao shopping. (suas atividades de lazer estão restritas por ter um bebê)
	Lucas	M	28	Jogar futebol, surfar, praticar exercícios, confraternizar com a família.
Casal S&P	Sulamita	LF	27	Ir ao cinema, ir ao teatro, ir a restaurantes, viajar, passear com a cachorra.
	Pilar	LM	30	Ir ao cinema, ir ao teatro, ir a restaurantes, viajar, passear com a cachorra.
Casal A&M	Ângela	M	31	Pescar siri, ir à balada, ir a restaurantes, ir ao cinema.
	Mabel	M	30	Pescar siri, ir à balada, ir a restaurantes, sentar no gramado da Lagoa e ler.
	Áurea	F	72	Bordar, ver televisão, ficar com os netos.
	Waleska	F	86	Bordar, fazer artesanato, participar do grupo de voluntárias do hospital.

Fonte: Autoria própria.

Ainda, visando buscar fundamentos para compreender os modos de vida, foram exploradas questões relacionadas aos hábitos alimentares, questionando-se sobre os pratos preferidos dos membros da família. O mais citado foi o arroz com feijão, seguidos pelas massas, principalmente o macarrão e a lasanha, o churrasco, o estrogonofe, a farofa, os frutos do mar, dos quais o preferido é o camarão.

Alguns casais ainda citaram, como uma das predileções dos filhos/as, o *sushi*, que também foi uma das preferências de casais mais jovens. Esse prato é típico da culinária japonesa, que, nos últimos anos, tem se popularizado no Sul e em outras regiões do Brasil.

Em Florianópolis, houve um aumento considerável do número de restaurantes que oferecem esse tipo de culinária nos últimos anos.

As preferências dos entrevistados e das entrevistadas, bem como de seus filhos e filhas, apontam para uma diversidade de sabores, característicos da multiculturalidade da culinária brasileira, que se constituiu e continua sendo elaborada, reunindo elementos das culturas de diferentes povos.

Ainda sobre os hábitos alimentares, os casais foram indagados sobre a compra de alimentos prontos, do tipo industrializado, e há uma unanimidade entre os mesmos de que a compra desses produtos é bastante eventual e, de maneira geral, evitada, pois não são considerados muito saudáveis.

As entrevistas demonstram que a maneira com que cada um/uma se posiciona nas classes socioeconômicas está relacionada com os seus valores e ao grau de importância que conferem a determinados bens. Aparentemente, esse conjunto de hábitos e gostos, exposto pelos casais, revelou modos de vida relativamente simples, mesmo quando as casas e as cozinhas demonstraram o contrário. Vale observar que, em alguns casos, as residências apresentavam um padrão construtivo bastante elevado, o que talvez indique que uma caracterização da grande “classe-média” implique em uma diversidade de possibilidades, ou melhor, um amálgama entre a classe alta e a classe popular, o que, de certa maneira, pode aparentar contradição entre as disponibilidades de bens materiais e sua relação com os valores, as opiniões e os gostos relatados.

Cabe ressaltar que a maioria dos interlocutores/as demonstra ter origens familiares mais humildes, e suas condições atuais são resultados de um trajeto social realizado com muito esforço. Isto remete ao conceito de *habitus* de Bourdieu (2008), em que determinadas práticas e gostos incorporados pelas pessoas estão associados às classes de origem e, mesmo quando passam por ascensão social, essas práticas e gostos são levados consigo. E, ainda, que o *habitus* é dinâmico, mutável, sendo que alguns elementos ficam mais inculcados que outros, ou seja, pode ser mais fácil, por exemplo, substituir a mobília da casa do que deixar de gostar de determinado tipo de alimento.

#### 4.2 A POSIÇÃO DA COZINHA NO CONTEXTO ESPACIAL E SOCIAL DA CASA

Em tempos atuais, o zoneamento funcional descrito por Lemos (1978), que incluía: estar, repouso noturno e serviço, neste último incluindo a cozinha, já não é tão demarcado,

excetuando-se a área destinada ao repouso, que, de maneira geral, ainda continua isolada dos demais ambientes da casa.

Do ponto de vista das mudanças socioculturais dos últimos anos, um novo elemento foi criado: o *home-office*, atendendo a uma necessidade atualmente bastante comum de as pessoas levarem trabalho para casa, ou trabalharem exclusivamente em casa. Podem-se associar, também, tais mudanças de costume ao advento do computador pessoal do tipo *desktop* e, mais recentemente, dos *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, *i-pads*, dentre outros artefatos com recursos computacionais, que podem ser facilmente deslocados, dispostos e utilizados em praticamente qualquer espaço da casa, seja no quarto, na sala, no escritório, ou até mesmo na cozinha, permitindo que a casa se transforme em um “*multi-office*”.

Durante a pesquisa de campo, foram visitadas 21 (vinte e uma) moradias<sup>39</sup>, sendo que, dessas, 13 (treze) eram casas, e oito eram apartamentos. Das 13 (treze) casas visitadas, cinco possuíam a cozinha isolada dos demais cômodos da casa, e oito possuíam a cozinha integrada a outros ambientes de convívio da família. Dos oito apartamentos visitados, em apenas um a cozinha estava integrada à sala de estar.

Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário) vivem numa casa com a cozinha isolada dos demais ambientes. Dizem não gostar da posição da cozinha em relação aos demais cômodos da casa. Gostariam que ela fosse integrada à sala e virada para a frente da casa, para poderem ver o que acontece na rua.

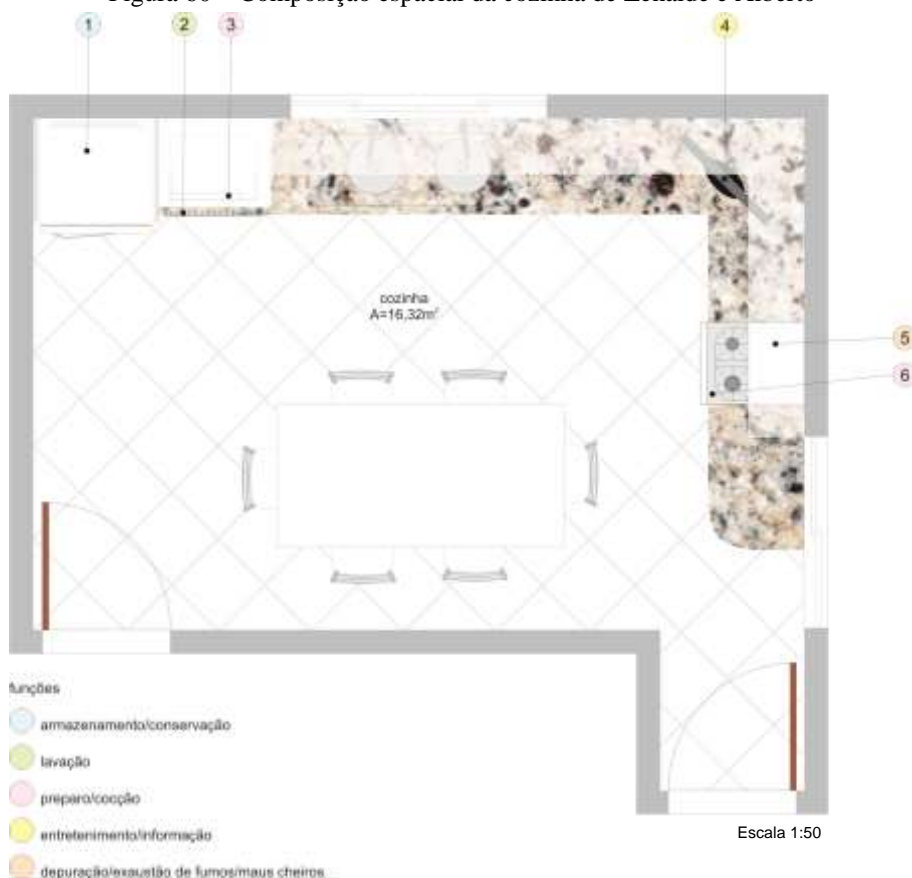
A cozinha de Zenaide e Alberto pode ser observada nas Figuras 60 e 61, nas quais também pode ser analisado o seu agenciamento em forma de “L”, com geladeira, armários para o armazenamento de alimentos e utensílios, duas cubas para lavagem, bancada para o preparo dos alimentos, fogão e forno de micro-ondas para cocção. Há, ainda, depurador de ar, para eliminação de fumaça e odores, e um televisor, colocado sobre a bancada, que desempenha a função de entretenimento e informação. A mesa, que tem a função de distribuição, está colocada próxima à parede, em oposição às áreas de trabalho da cozinha.

Percebe-se que, por ser uma cozinha de grandes dimensões, há um grande espaçamento entre as diferentes áreas de trabalho, de maneira tal que as funções se mesclam, a exemplo do forno de micro-ondas, que tem a função de cocção/preparo e está colocado ao lado do refrigerador, acima da lavadora de louça e distante do fogão que tem também a função de cocção/preparo.

---

<sup>39</sup> Foram vinte e uma moradias, pois o casal Milena e José estava construindo uma nova casa durante a pesquisa, e as duas cozinhas foram visitadas durante a pesquisa de campo.

Figura 60 – Composição espacial da cozinha de Zenaide e Alberto



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – lavadora de louças; 3 – forno de micro-ondas; 4 – televisão; 4 – depurador de ar; 5 – fogão.

Figura 61 – Cozinha do casal Zenaide e Alberto



Fonte: Autoria própria.

Nívea (62 anos, dona de casa) e Lauro (64 anos, aposentado e consultor) revelam gostar da posição da cozinha em relação ao resto da casa, pois está próxima à sala de TV e também à churrasqueira.

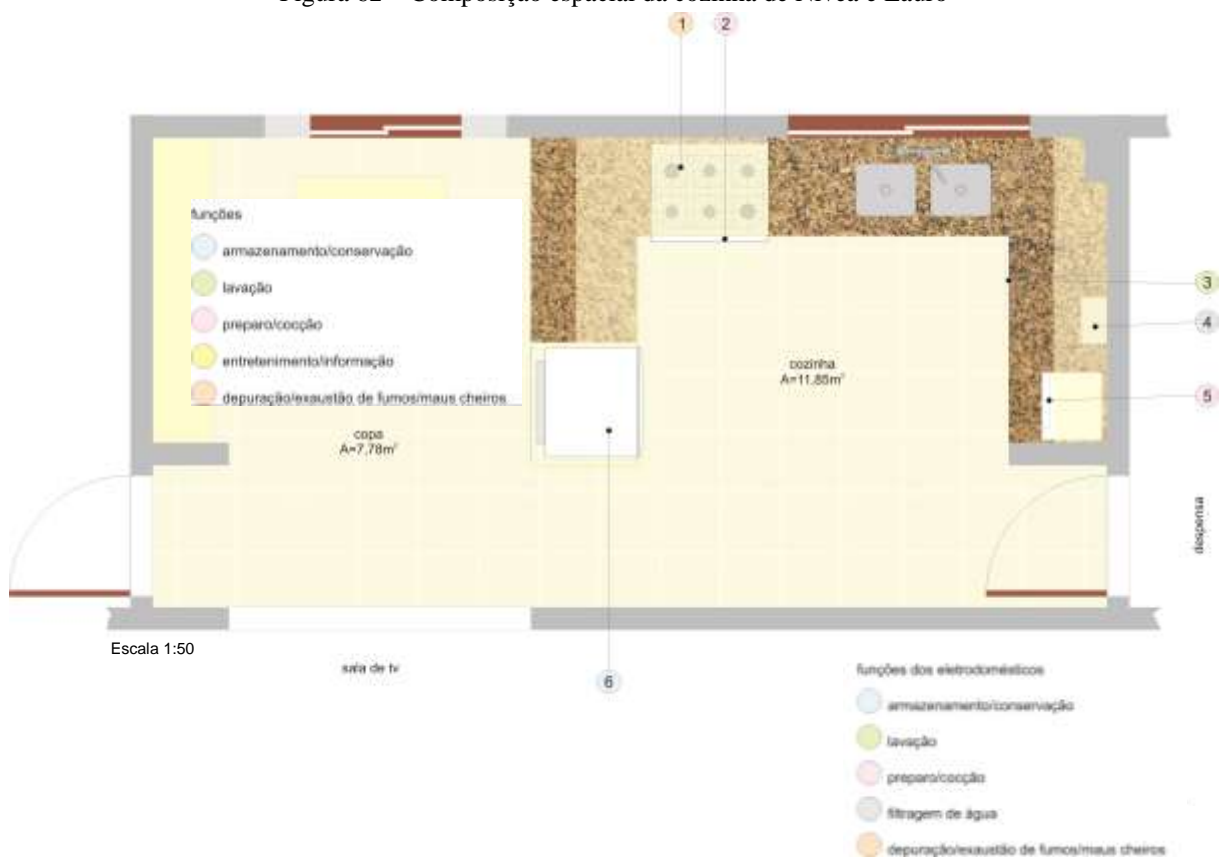
O agenciamento da cozinha de Nívea e Lauro pode ser verificado nas Figuras 62 e 63. A cozinha tem a forma de “U”, com refrigerador e armários para o armazenamento de alimentos e utensílios, fogão e forno de micro-ondas para cozimento de alimentos, duas cubas



para lavagem e bancada para preparo de alimentos. Há integração entre a cozinha e a copa, apenas separadas pelo refrigerador e pela bancada com prateleiras.

Pode-se verificar que o refrigerador está posicionado em uma das extremidades do “U” e, perpendicularmente ao mesmo, está o fogão, sobre o qual está colocado o exaustor. Na extremidade oposta ao refrigerador estão a lavadora de louça, o filtro de água e o forno de micro-ondas. Observa-se que o filtro de água está distante da pia, e o forno de micro-ondas distante do fogão, demandando maiores deslocamentos no cumprimento de funções correlatas na cozinha.

Figura 62 – Composição espacial da cozinha de Nívea e Lauro



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – exaustor; 2 – fogão; 3 – lavadora de louças; 4 – filtro de água; 5 – forno de micro-ondas; 6 – refrigerador.

Figura 63 – Cozinha de Nívea e Lauro



Fonte: Autoria própria.

Eduarda (58, técnica em comutação) e Anselmo (60 anos professor aposentado) têm uma cozinha grande, com pouco mais de 20 m<sup>2</sup>. Eles estão iniciando uma reforma na casa e chegaram a pensar em integrá-la à sala, mas desistiram, pois estão satisfeitos com a cozinha em relação aos demais ambientes da habitação, ficando a reforma da cozinha restrita à troca do revestimento cerâmico, à atualização dos móveis e dos eletrodomésticos que já têm mais de vinte anos.

A organização da cozinha segue um agenciamento em “L”, com o refrigerador e armários para o acondicionamento de alimentos e utensílios, o fogão para a cocção dos alimentos, sobre o qual está colocado o depurador de ar, além da bancada para a preparação e duas cubas para lavação. A cozinha ainda conta com um armário disposto no seu outro extremo em relação à pia, onde estão colocados o forno de micro-ondas e a televisão. A mesa está colocada próxima à parede, em oposição ao lado das áreas de trabalho, como pode ser verificado nas Figuras 64 e 65.

Percebe-se que os eletrodomésticos não estão agrupados segundo suas funções, a exemplo do fogão e do forno de micro-ondas. Também poderia ser mais adequada a esta cozinha a mudança de posição entre a pia e o fogão, visando facilitar o fluxo de trabalho na mesma. A alteração da posição da pia também implicaria na modificação do local da lavadora de louça para que as duas ficassem próximas.

Figura 64 – Composição espacial da cozinha do casal Eduarda e Anselmo



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – televisão; 2 – forno de micro-ondas; 3 – refrigerador; 4 – depurador de ar; 5 – fogão; 6 – lavadora de louças.

Figura 65 – Cozinha do casal Eduarda e Anselmo



Fonte: Autoria própria.

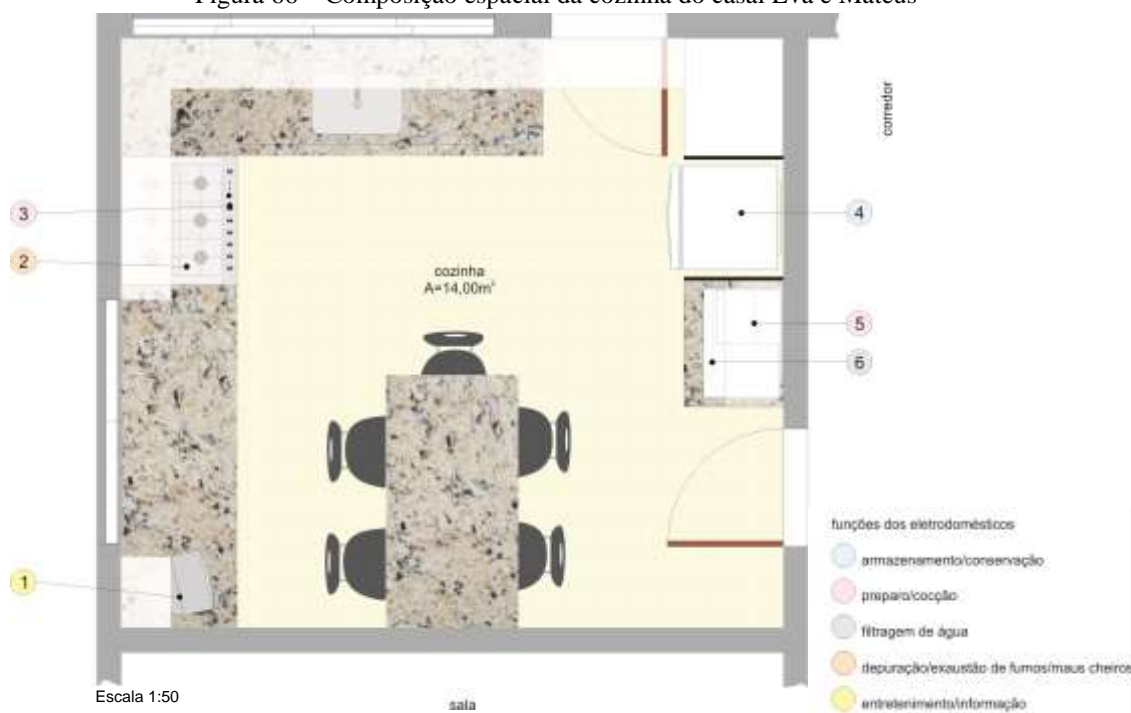
Mateus (56 anos, professor aposentado), que mora em uma casa com cozinha separada dos demais cômodos, revela a vontade de agregá-la à sala: “Se eu tivesse que fazer uma outra casa, eu faria uma cozinha conjugada com a sala e maior. Maior, porque a gente tem essa experiência que, quando vêm amigos e familiares, todo mundo fica na cozinha na hora do

almoço [...]”. Eva (53 anos, professora aposentada), por sua vez, diz-se satisfeita com sua cozinha.

Como pode ser observado nas Figuras 66 e 67, a cozinha do casal está organizada em um *layout* próximo a um “U” interrompido pela porta de entrada. Os armários para armazenamento dos alimentos e utensílios estão distribuídos por todo o espaço, e também para conservação dos alimentos há o refrigerador, colocado frontalmente ao fogão sobre o qual está posicionado o depurador de ar. Ao lado do refrigerador estão colocados o filtro de água e o forno de micro-ondas. Há uma cuba para lavação e bancada para preparação dos alimentos. Sobre uma bancada está o televisor, e, ao lado do mesmo, o casal mantém os eletroportáteis que são utilizados com maior frequência no preparo dos alimentos. A mesa fixada à parede oposta à pia completa o *layout* da cozinha.

Percebe-se no arranjo desta cozinha que o forno de micro-ondas está distante do fogão, bem como o filtro de água está distante da pia, promovendo uma relativa “desorganização” das funções na cozinha.

Figura 66 – Composição espacial da cozinha do casal Eva e Mateus



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – televisor; 2 – Depurador de ar; 3 – fogão; 4 – Refrigerador; 5 – filtro de água; 6 – Forno de micro-ondas.

Figura 67 – Cozinha do casal Eva e Mateus



Fonte: Autoria própria.

Valda (56 anos, enfermeira aposentada) e Waldemar (64 anos, oficial da PM aposentado) afirmam estar satisfeitos com a sua cozinha separada do resto da casa, e Valda justifica-se baseada em suas origens italianas:

Italiano é assim, a cozinha é casa, tá! A cozinha é a casa, tudo acontece na cozinha. Então... não exatamente como a gente vê na arquitetura moderna; essa coisa de abrir tudo. Mas o italiano tem a sala separada. A casa dos meus avós era assim: tinha o espaço social, só que tinha aquele fogão a lenha e aquela comilança. Se não tivesse aquilo, a visita não era bem recebida, e claro que quando a visita não era muito, não era tão conhecida, aí tinha a visita na sala, e, a medida que a coisa fosse ficando mais próxima, pronto! Já convidou pra cozinha, já é íntimo!

Pode-se verificar, nas Figuras 68 e 69, que o agenciamento funcional da cozinha de Valda e Waldemar segue um modelo em “U”, com o fogão posicionado em uma das extremidades da bancada, sobre o qual está o depurador de ar, a bancada para a preparação dos alimentos e duas cubas para lavação. O forno de micro-ondas e o refrigerador estão posicionados na extremidade oposta ao fogão. Além disso, há armários para o acondicionamento de alimentos e utensílios ao longo da bancada em “U”, tanto na parte inferior, quanto na superior. Também está posta, na parte inferior da bancada e próxima à pia, a lavadora de louça. O *freezer*, também utilizado para conservação de alimentos, está alocado na área de serviço.

Há, ainda, uma pequena parede com uma bancada, onde está colocado o televisor, voltado para a mesa. Essa parede simula uma divisão entre a copa/cozinha. Na copa, há um “canto alemão” – mesa com bancos, prateleira com bebidas e canecas e um armário com taças e copos.

Figura 68 – Composição espacial da cozinha do casal Valda e Waldemar



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – depurador de ar; 2 – fogão; 3 – lavadora de louças; 4 – forno de micro-ondas; 5 – refrigerador; 6 – televisor.

Figura 69 – Cozinha do casal Valda e Waldemar



Fonte: Autoria própria.

Naqueles/as que moram em casa com cozinha integrada, observa-se uma grande satisfação, como pode ser visto nas observações a seguir.

Renata (46 anos, pedagoga) reforça a importância da integração da cozinha aos demais ambientes da casa:

[...] a proposta era de que tu não ficasse isolado na cozinha, porque as outras casas em que nós moramos... desde o Abraão (o bairro em que moravam antes) até a vinda pra essa casa, era tudo separado. Era cozinha separada da sala. O que acontecia: as

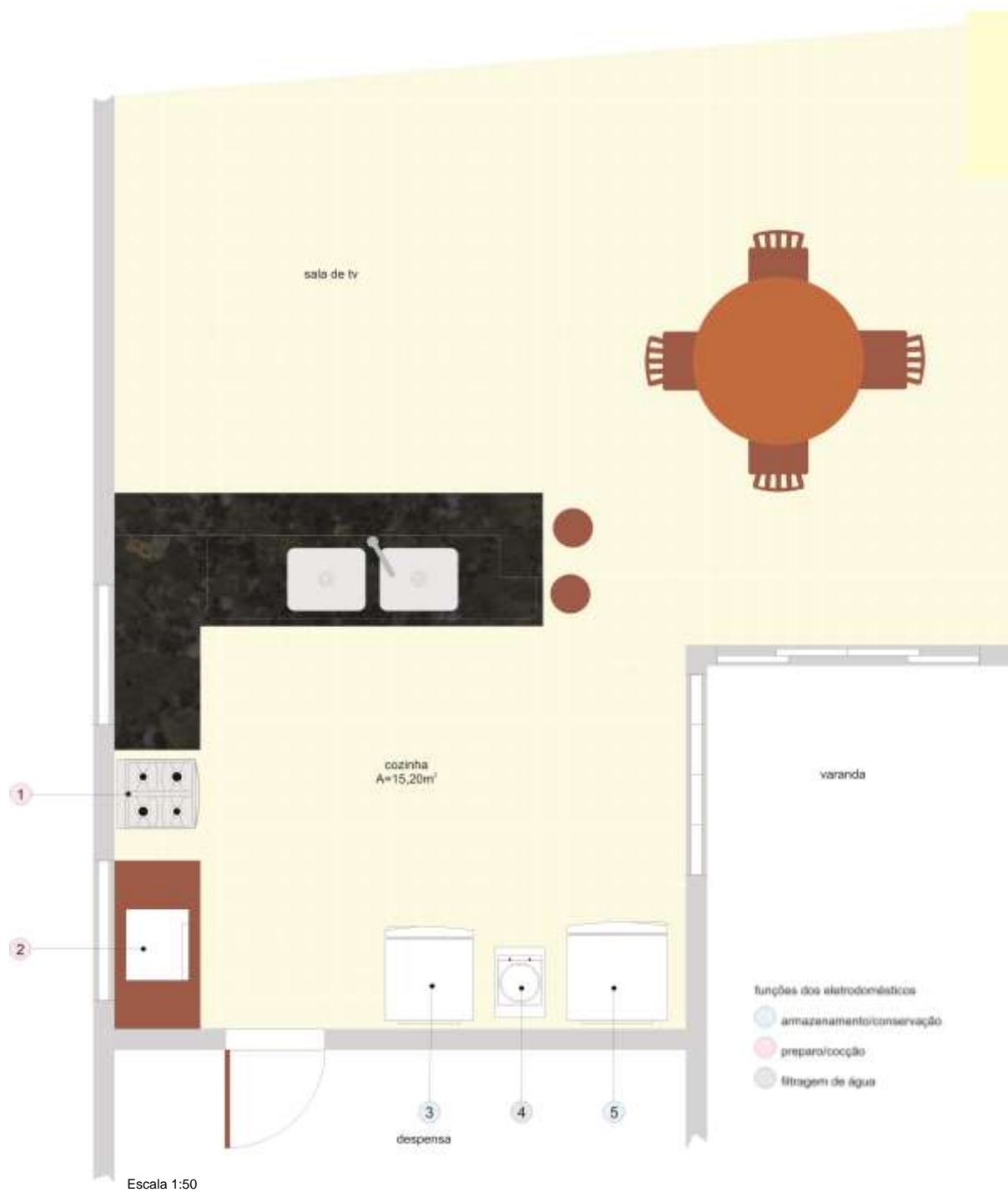
... pessoas ficavam todas na cozinha. [...] Mas, a ideia, a ideia é ficar todo mundo junto, mesmo [...], a ideia está no convívio.

Observa-se, na cozinha do casal Renata (46 anos, pedagoga) e de Sebastião (56 anos, professor aposentado), um certo grau de improvisação, uma vez que a casa ainda não está acabada e na cozinha existem poucos móveis.

Em relação ao agenciamento, como pode ser verificado nas Figuras 70 e 71, o mesmo pode ser descrito como algo próximo de um “U”. Há uma bancada e uma pia com duas cubas para preparação e lavagem dos alimentos, e na sequência da bancada estão o fogão e o forno de micro-ondas, ambos com a função de preparo e cocção de alimentos. O *freezer* e o refrigerador para o acondicionamento e conservação dos alimentos, bem como o filtro de água ficam na parede oposta à pia. O improvisado aparece em algumas prateleiras e cestas postas sob a bancada para acondicionar alguns alimentos e temperos.

Há que se ressaltar que há na casa uma despensa com prateleiras, onde estão armazenados alimentos e louças. A mesa para as refeições fica fora do espaço da cozinha.

Figura 70 – Composição espacial da cozinha do casal Renata e Sebastião



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – fogão; 2 – forno de micro-ondas; 3 – freezer; 4 – filtro de água; 5 – refrigerador.



Figura 71 – Cozinha do casal Renata e Sebastião

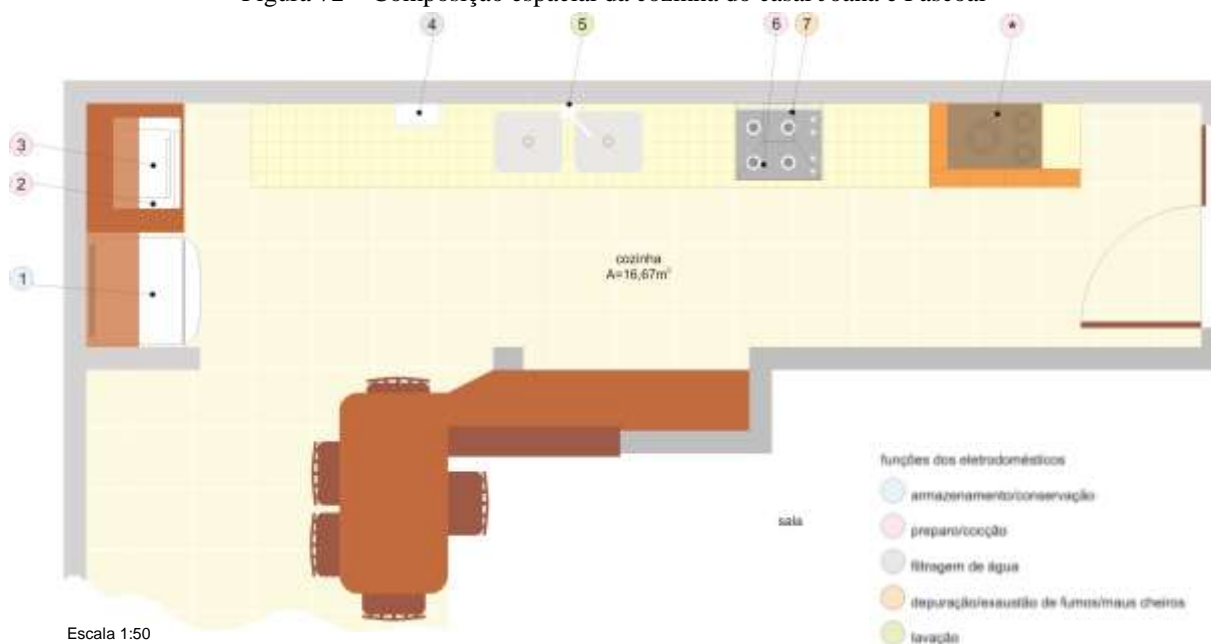


Fonte: Autoria própria.

Joana (43 anos, auditora operacional) e Pascoal (48 anos, técnico em TI) gostam da cozinha integrada à sala e pretendem integrá-la ainda mais. Gostariam que ela fosse mais ventilada e que fosse mais centralizada. Joana gostaria que a cozinha fosse o maior cômodo da casa, já que nela costumam passar muito tempo.

A cozinha do casal Joana e Pascoal tem um comprimento de 7,4 metros e largura de 1,6 metros, o que demonstra um grande comprimento em relação à largura. Possui um agenciamento em “L”. A cozinha conta com uma grande bancada para preparação de alimentos, com duas cubas com uma torneira elétrica. Na mesma bancada está o fogão do tipo *cooktop* sobre o qual está posicionada uma coifa. Na pequena parede perpendicular à bancada estão a geladeira para armazenar e conservar os alimentos, o forno elétrico e o forno de micro-ondas. A cozinha ainda conta com um fogão a lenha que é utilizado em dias de festa. Abaixo e acima da bancada existem prateleiras para guardar os utensílios de cozinha. Na parede oposta à bancada há um armário, onde são acondicionados os gêneros alimentícios, e, na continuidade desse armário, está a mesa, utilizada pela família para a realização das refeições. Os detalhes podem ser observados nas Figuras 72 e 73.

Figura 72 – Composição espacial da cozinha do casal Joana e Pascoal



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – forno de micro-ondas; 3 – forno elétrico; 4 – filtro de água; 5 – torneira elétrica; 6 – *cooktop*; 7 – coifa. \* – fogão a lenha.

Figura 73 – Cozinha do casal Joana e Pascoal



Fonte: Autoria própria

José, (50 anos, professor), o qual fez uma reforma na casa para integrar os ambientes, considera todos os espaços como um único cômodo de convívio, fazendo o seguinte comentário: “Aqui, é esse cômodo aqui que a gente usa. [...] Convive agora, [...] tá um fazendo lanche, tá o outro ali no sofá, ficou bem de convivência, assim.” Isso pode ser observado nas Figuras 74 e 75. José ainda ressalta que, na futura casa que está construindo, a cozinha estará integrada aos demais ambientes sociais da casa.

Milena (47 anos, professora), esposa de José, faz uma observação contrária a ele quanto ao espaço da cozinha se abrindo aos demais ambientes de convívio. Ela demonstra

preocupação com a limpeza e a organização da cozinha, bem como com o cheiro da comida que se espalha para o resto da casa. Ela afirma que se sente incomodada quando chega visita, e a cozinha não está arrumada.

Pode-se notar um agenciamento compacto em linha, com refrigerador para conservação de alimentos, armários para acondicionamento de gêneros alimentícios e utensílios, pia com bancada para preparação dos alimentos e fogão e micro-ondas para cocção. Uma pequena mesa, próxima para as refeições da família, também pode servir de apoio para preparação de alimentos.

Figura 74 – Composição espacial da cozinha 1 do casal Milena e José



Escala 1:50

Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – fogão; 2 – forno de micro-ondas; 3 – refrigerador.

Figura 75 – Cozinha 1 do casal Milena e José

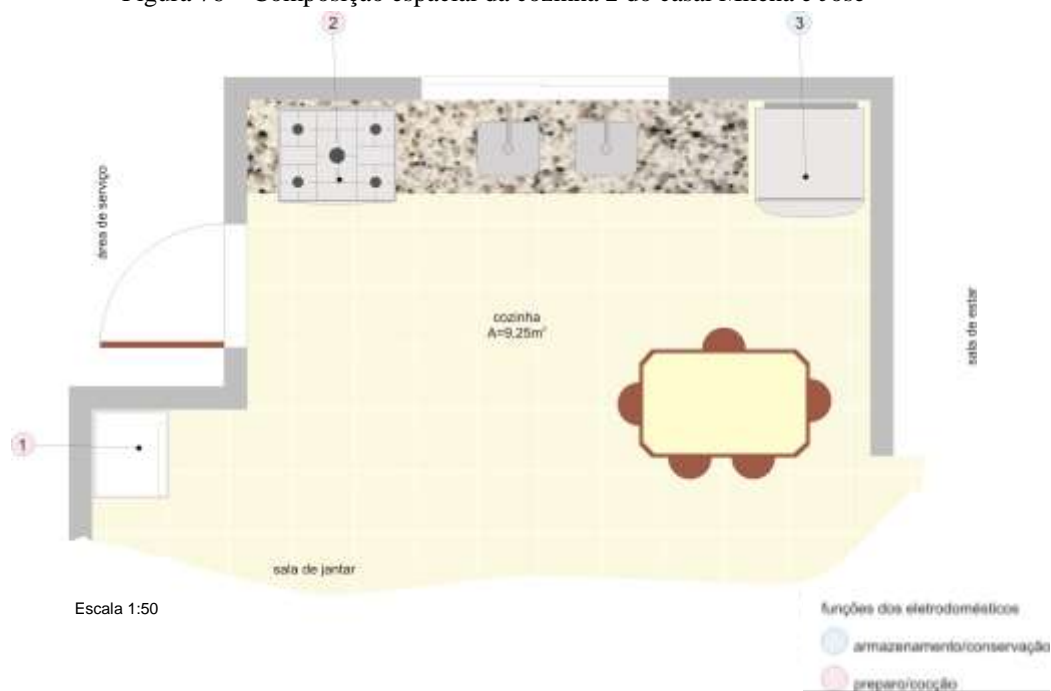


Fonte: Autoria própria.

Durante o período da pesquisa de campo, a nova casa de José e Milena ficou pronta e foi possível realizar uma visita para verificar a nova cozinha. Milena conseguiu, na nova casa, uma parede que dá um certo isolamento ao ambiente da cozinha, como pode ser constatado nas Figuras 76 e 77. Havia, ainda, na ocasião, certa improvisação, pois nem todos os armários estavam prontos, uma vez que os mesmos estavam sendo fabricados por José.

Percebe-se um agenciamento muito próximo ao da cozinha da casa anterior. Foi mudada a posição do fogão, com a pia com duas cubas interpondo-se entre o fogão e o refrigerador, que foi mantido na mesma posição em relação à primeira cozinha. O forno de micro-ondas estava numa posição improvisada, pois o seu nicho ainda não havia sido produzido.

Figura 76 – Composição espacial da cozinha 2 do casal Milena e José



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – forno de micro-ondas; 2 – fogão; 3 – refrigerador.

Figura 77 – Cozinha 2 do casal Milena e José



Fonte: Autoria própria.

A casa de Julieta (60 anos, professora aposentada) e de João (Professor aposentado) passou por uma reforma, para, entre outras coisas, ampliar a copa/cozinha que juntas somam aproximadamente quarenta metros quadrados, uma vez que o casal entende que esse é o espaço de reunião com a família e com os amigos.

Nesse amplo espaço, a cozinha ocupa quase 15 (quinze) metros quadrados com um agenciamento em linha dupla, sendo que, na linha principal, estão a bancada com a pia para o preparo das refeições, bem como para a lavagem de alimentos e utensílios. Abaixo da pia estão armários para o armazenamento de utensílios, seguido pela lavadora de louça . Ainda sobre a bancada está o *cooktop* para o cozimento dos alimentos e sobre o mesmo está colocada uma coifa. Posteriormente, está colocado o refrigerador e, após este, estão o forno elétrico e o forno de micro-ondas. Na bancada oposta, estão os armários destinados ao armazenamento de alimentos e utensílios. Acima dessa bancada, há, ainda, uma sobrebancada destinada a servir as refeições rápidas. Esses detalhes podem ser observados nas Figuras 78 e 79.

Figura 78 – Composição espacial da cozinha do casal Julieta e João



Fonte: autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – forno de micro-ondas; 2 – forno elétrico; 3 – refrigerador; 4 – *cofotop*; 5 – coifa; 6 – lavadora de louça.

Figura 79 – Cozinha do casal Julieta e João



Fonte: autoria própria.

Sofia (50 anos, professora), que vive em uma casa com cozinha integrada, ressalta este espaço como agregador de pessoas e aconchego:

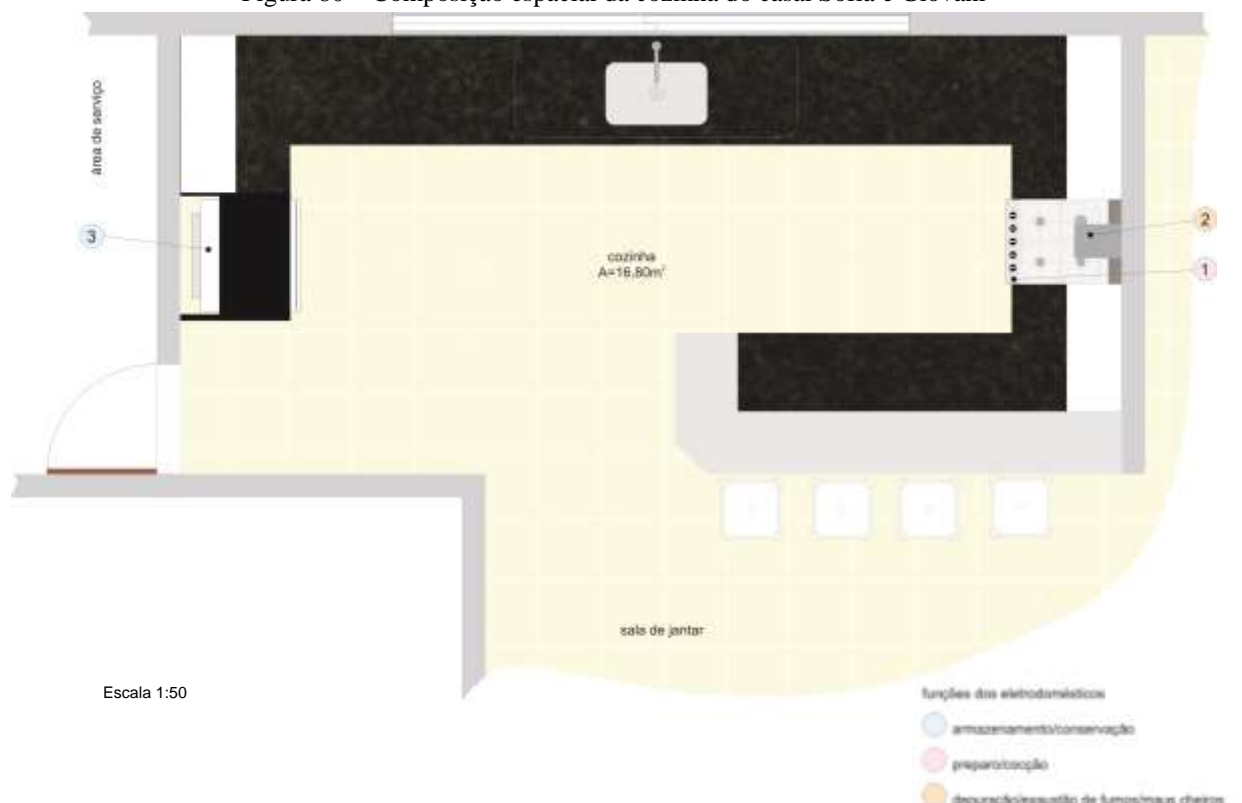
[...] Na minha mãe, por exemplo, todo mundo se reúne na cozinha, né. Pra gente, assim, sempre teve uma coisa de que a cozinha acaba agregando, trazendo as pessoas. Porque é ali onde as pessoas comem, que são os atos mais... mais família, e ao mesmo tempo os mais básicos. [...] Então, assim, parece que a cozinha é onde as pessoas gostam de estar, né. Tanto que o Zé (se referindo a um amigo) disse pra

mim: “É, tem uma sala na minha casa que ninguém não entra há não sei quanto tempo!”. Então, por isso, eu não queria uma sala isolada. Queria assim, ó, que quem estiver lá possa estar também aqui, né. E esse espaço todo, praticamente sem parede [...].

A cozinha do casal Sofia (50 anos, professora) e Giovani (43 anos, professor) é contemporânea, em uma casa com pouco mais de dois anos, construída em um dos bairros para moradores/as de alto poder aquisitivo da cidade.

A organização funcional da cozinha segue um alinhamento em “U”, com o apêndice de uma bancada que serve também como mesa. Em uma das extremidades está o refrigerador, que tem a função de armazenamento e conservação dos alimentos, e, em seguida, há uma grande bancada com a pia no centro, que serve para a preparação e lavagem dos alimentos e utensílios. Na outra extremidade está o fogão e, posicionada sobre o mesmo, está a coifa. Sob as bancadas estão os armários, onde são guardados alimentos e utensílios. O forno de micro-ondas, por ser antigo e grande (42 litros), fica na área de serviço, pois o nicho da cozinha já foi projetado para um modelo mais moderno, o que também significa, no caso, menor, seguindo uma tendência de modelos atuais em grande parte produzidos com dimensões mais reduzidas. (FIGURAS 80 e 81).

Figura 80 – Composição espacial da cozinha do casal Sofia e Giovani



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – fogão; 2 – coifa; 3 – Refrigerador.

Figura 81 – Cozinha do casal Sofia e Giovani



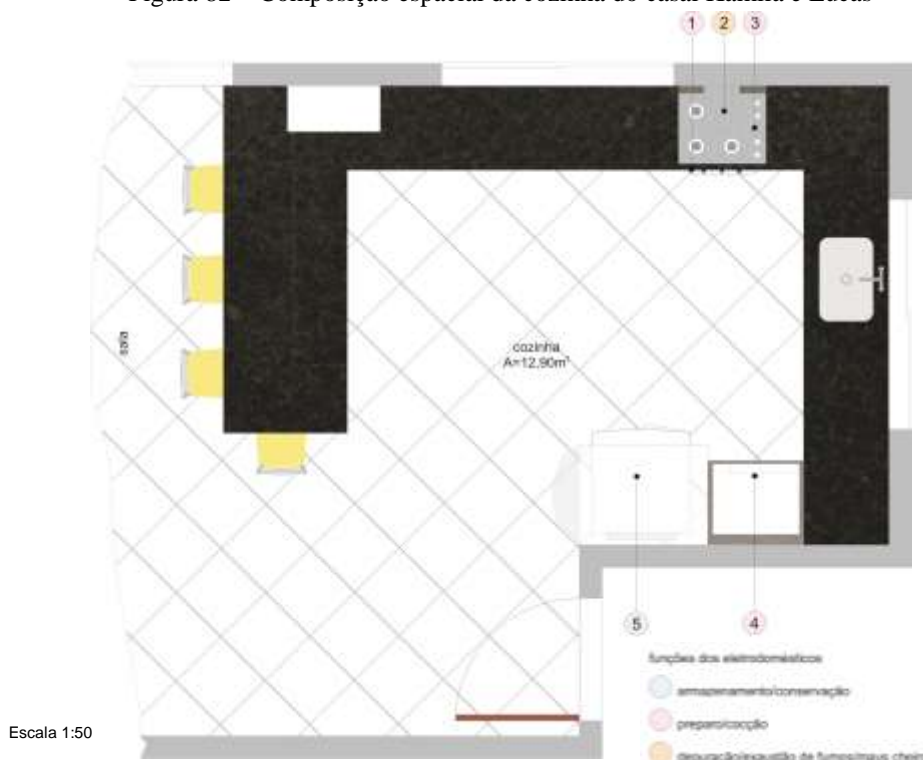
Fonte: Autoria própria.

Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal) dizem gostar muito da cozinha integrada à sala. Kamila afirma que a mesma é prática e espaçosa, pois, para eles, a cozinha não é apenas um local de trabalho doméstico, mas é também um local de lazer, e o fato de estar integrada à sala facilita o entrosamento do casal. Lucas revela que, mesmo sendo formado em Direito, foi ele quem fez o projeto da casa e está bastante satisfeito com o resultado.



O agenciamento funcional da cozinha de Kamila e Lucas se assemelha a um “O” interrompido pela passagem para os demais ambientes. Inicia-se com o refrigerador, para armazenamento e conservação dos alimentos, ao lado do qual está posicionado o forno de micro-ondas. Na bancada perpendicular, há uma pia para lavagem de alimentos e utensílios, bem como para preparação de alimentação e, perpendicularmente à mesma, continua com uma ampla bancada para preparação dos alimentos, onde também está colocado o *cooktop*. Acima deste está posicionada a coifa, e abaixo, o forno. Na continuidade, há uma bancada perpendicular utilizada tanto como apoio para realização de atividades relacionadas ao preparo de alimentos, como para servi-lo. Abaixo das bancadas estão os armários que acondicionam alimentos e utensílios. Nas Figuras 82 e 83 podem ser visualizados os detalhes descritos.

Figura 82 – Composição espacial da cozinha do casal Kamila e Lucas



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – forno elétrico; 2 – coifa; 3 – *cooktop*; 4 – forno de micro-ondas; 5 – refrigerador.

Figura 83 – Cozinha do casal Kamila e Lucas



Fonte: Autoria própria.

O casal formado por Ângela (31 anos, artesã) e Mabel (30, barista desempregada) passava, na ocasião da entrevista, por dificuldades financeiras e estava morando em uma casa bastante simples, emprestada pela tia de uma delas. Trata-se de uma casa de praia, na qual se pode observar bastante improviso.

A cozinha se restringe a um fogão colocado ao lado da pia, em uma parede perpendicular, estão os armários para o armazenamento de alimentos e utensílios, que também apoia o forno elétrico e, na parede oposta, há uma mesa, que serve como bancada de trabalho, ao lado da qual está o refrigerador.

Detalhes da cozinha de Ângela e Mabel podem ser observados nas Figuras 84 e 85. Observa-se que a cozinha e a sala estão integradas.

Figura 84 – Composição espacial da cozinha do casal Ângela e Mabel



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – forno elétrico; 3 – fogão.

Figura 85 – Cozinha do casal Ângela e Mabel



Fonte: Autoria própria.

O casal Sulamita (27 anos, jornalista) e Pilar (31 anos, jornalista *freelancer*) mora em um apartamento com a cozinha não integrada à sala, conforme pode ser observado nas Figuras 86 e 87. Ambas admitem que gostariam de tê-la integrada, pois, conforme observa Pilar:

Eu queria quebrar a parede, eu queria fazer estilo americana.[...] É, inclusive quando a gente foi trocar o piso, isso tava mais ou menos planejado, mas isso não rolou. A gente acabou desistindo por causa da estrutura. E, também, como a gente não tem isso aqui como definitivo, então a gente preferiu não mexer.

O agenciamento funcional da cozinha de Sulamita e Pilar está organizado em linha, em função das diminutas dimensões da cozinha. Tem-se o refrigerador para o armazenamento e a conservação dos alimentos. Ao lado, está a bancada com a pia para a lavagem e a preparação de alimentos e na sequência está o fogão. Abaixo da bancada, tem-se armários para armazenamento de alimentos e utensílios, bem como, na parte superior, ao lado do refrigerador, pode-se observar uma prateleira em que está colocado o forno de micro-ondas (função: preparo/cocção) e também outros artefatos de cozinha e alimentos. Verifica-se, ainda, que não há uma separação bem delimitada entre a cozinha e a área de serviço, o que deixa a lavadora de roupa à mostra.

Figura 86 – Composição espacial da cozinha do casal Sulamita e Pilar



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – forno de micro-ondas; 3 – fogão; 4 – lavadora de roupas.

Figura 87 - Cozinha do casal Sulamita e Pilar



Fonte: Autoria própria.

Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31 anos, programador visual) estão iniciando uma reforma no apartamento para integrar a cozinha à sala e vão derrubar uma parte da parede entre a cozinha e a sala para fazer um balcão de bar (passa-prato). Alan justifica: “a gente também acha que fica melhor, fica mais bonito, aumenta o espaço.”. Atualmente, a cozinha do casal é empregada apenas para o café da manhã e o lanche da noite.

O casal está iniciando a reforma, pois tem a intenção de utilizar mais a cozinha, especialmente para preparar jantares e receber amigos.

O agenciamento da cozinha do casal Alan e Raul, como pode ser observado nas Figuras 88 e 89, segue uma organização em forma de “U”, com o fogão em uma extremidade, seguido da pia para lavagem de alimentos e utensílios, abaixo da qual está um balcão para armazenamento de utensílios. Na parte superior da parede perpendicular à pia, há um armário para utensílios. Na parede seguinte, estão o forno de micro-ondas e o refrigerador para o

armazenamento e a conservação de alimentos. Acima está um conjunto de prateleiras. Ressalta-se que, na ocasião da entrevista, não havia nenhum alimento armazenado, além daqueles contidos no refrigerador, o que demonstra o pouco uso da cozinha pelo casal.

Figura 88 – Composição espacial da cozinha do casal Alan e Raul



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – forno de micro-ondas; 3 – fogão.

Figura 89 – Cozinha do casal Alan e Raul



Fonte: Autoria própria.

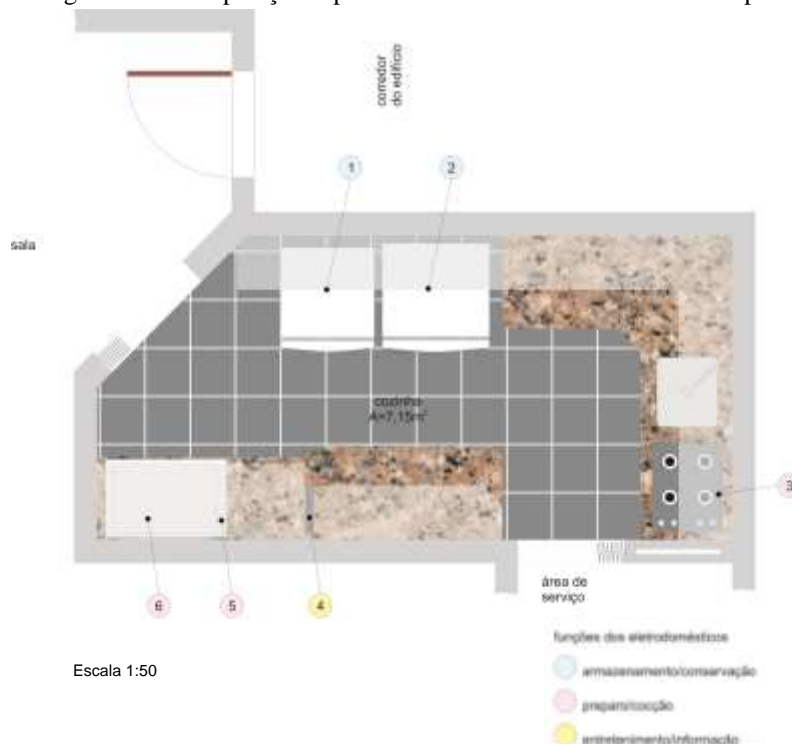
Paula (34 anos, gerente administrativo) diz-se satisfeita com a cozinha que tem, enquanto que Felipe (31 anos, técnico em informática) gostaria de tê-la integrada à sala. Paula

concorda, afirmando que: “Ah, eu acho bem interessante, moderna, interage mais, quando tu recebe visita, não fica sozinha aqui, né, ou com poucas pessoas; fica todo mundo junto, é interessante!”

A cozinha de Paula e Felipe, com pouco mais de sete metros quadrados, tem um agenciamento que se aproxima de um “O” interrompido pelas portas. Para o armazenamento/conservação dos alimentos tem-se o *freezer* e o refrigerador, seguidos de uma bancada de trabalho. Na sequência está a cuba da pia, para a lavagem de alimentos e utensílios, ao lado da qual está o *cooktop*. Na parede perpendicular à pia está a mesa, junto à qual a família (o casal e a filha) faz as refeições, seguida pelo armário que contém o forno elétrico e o forno de micro-ondas. Observa-se, ainda, que tanto acima, quanto abaixo das bancadas estão os armários para o armazenamento de alimentos e utensílios de cozinha. A cozinha conta ainda com um pequeno televisor adaptado, colocado acima da mesa, fixado a um armário.

O casal revela que a mesa, além de servir para a realização das refeições, também é utilizada para outras atividades como: a filha realizar os deveres da escola, o marido e a esposa realizarem trabalhos trazidos para casa, dentre outras. (FIGURAS 90 e 91).

Figura 90 – Composição espacial da cozinha do casal Paula e Felipe



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – *freezer*; 2 – refrigerador; 3 – *cooktop*; 4 – televisor; 5 – forno elétrico; 6 – forno de micro-ondas.

Figura 91 – Cozinha do casal Paula e Felipe

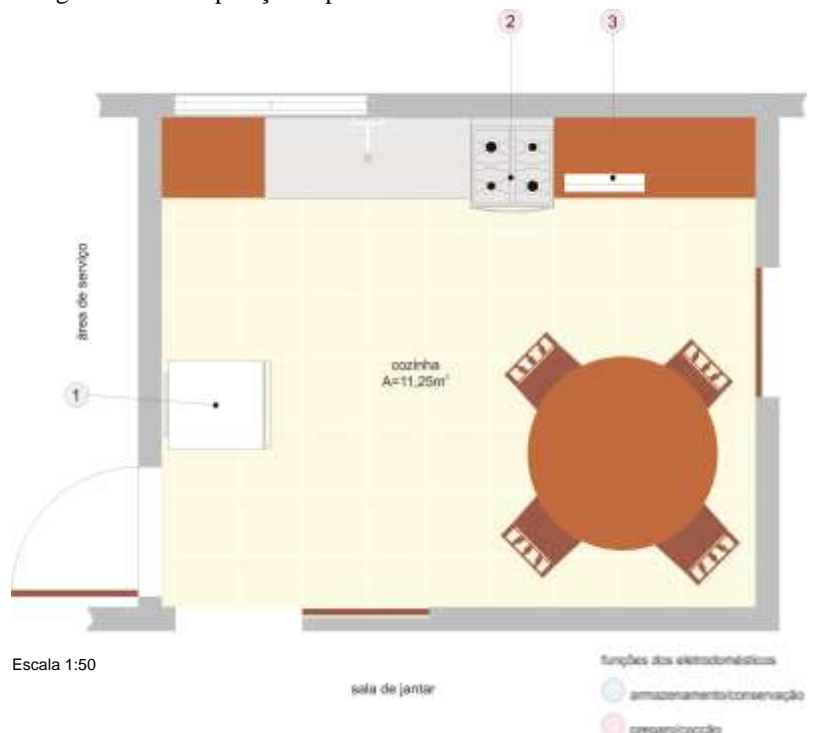


Fonte: Autoria própria.

Luana (37 anos, técnica em enfermagem) e Amauri (44 anos, administrador) moram em um apartamento com a cozinha separada dos demais ambientes da moradia, como pode ser analisado na Figura 92. Mas, ambos gostariam de tê-la integrada aos demais ambientes sociais. Pode-se observar, na Figura 93, que o casal tem uma cozinha relativamente simples, composta por móveis não “planejados”.

O agenciamento da cozinha segue uma formação em “L” com o refrigerador, seguido de um conjunto de cestas para legumes e frutas, e as lixeiras. Na parede perpendicular há um balcão que armazena alimentos, e, na sequência, está a pia para a lavagem de alimentos e utensílios, ao lado da qual está o fogão. Na continuidade, há um armário, onde está posicionado o forno de micro-ondas e que também serve para o acondicionamento de alimentos e utensílios. No canto da cozinha está disposta a mesa para refeições rápidas, sendo que o almoço é servido na sala de jantar. O *freezer* está posicionado na área de serviço.

Figura 92 – Composição espacial da cozinha do casal Luana e Amauri



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – fogão; 3 – forno de micro-ondas.

Figura 93 – Cozinha do casal Luana e Amauri



Fonte: Autoria própria.

Andréa (30 anos, arquiteta e professora) e Victor (30 anos, arquiteto e professor), que moram em um apartamento, gostariam de ter a cozinha integrada à sala, mas de maneira que essa integração pudesse ser regulada, ou seja, por meio de uma divisória que pudesse ser fechada quando chegasse uma visita e a cozinha estivesse desorganizada.

O agenciamento da cozinha do casal segue as paredes em duas retas que se cruzam, formando um ângulo de 135 graus, como pode ser verificado nas Figuras 94 e 95. Em uma das extremidades estão colocados os fornos de micro-ondas e elétrico, seguidos do refrigerador para o armazenamento e a conservação de alimentos. Na sequência, há uma



pequena bancada, ao lado da qual está o fogão para o preparo e o cozimento de alimentos. Em seguida, está a bancada da pia para a lavagem de alimentos e utensílios. Tanto acima, quanto abaixo das bancadas há armários para armazenamento de alimentos e artefatos de cozinha. Na parede oposta à bancada da pia, há uma mesa, que também serve como bancada de trabalho.

O casal afirma que faz as refeições na mesa da sala.

Figura 94 – Composição espacial da cozinha do casal Andréa e Victor



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – forno de micro-ondas; 2 – forno elétrico; 3 – refrigerador; 4 – fogão; 5 – torneira elétrica.

Figura 95 - Cozinha do casal Andréa e Victor



Fonte: Autoria própria.

Eunice (48 anos, dentista), que mora num apartamento com a cozinha isolada dos demais cômodos da residência, afirma estar satisfeita com essa disposição, por ter acesso exclusivo.

Ressalta-se que a cozinha do casal Eunice e Frederico (47 anos, empresário) é pouco utilizada pelo fato de o mesmo ser proprietário de um restaurante, no qual o almoço da família é realizado. A família utiliza a cozinha apenas para o café da manhã e o lanche da noite.

Cabe observar que o apartamento de Eunice e Frederico fica no mesmo edifício que o de Andréa e Victor, portanto a cozinha tem o mesmo desenho, mas espelhado em relação à cozinha descrita anteriormente. O agenciamento também é diferente, iniciando com o refrigerador, que exerce a função de armazenamento/conservação dos alimentos, seguido pela bancada da pia para lavação de alimentos e utilidades de cozinha. Na sequência está o fogão ladeado por uma pequena bancada. Na continuidade, há uma lavadora de roupa (fora de uso), sobre a qual há uma prateleira, onde está colocado o forno elétrico, seguido de um armário que contém o forno de micro-ondas. Acima e abaixo de todas as bancadas e eletrodomésticos existem armários destinados ao acondicionamento de alimentos e artefatos de cozinha. Na parede oposta está a mesa, sobre a qual também há um armário com louças, e, ao lado, está a tábua de passar roupas. Os detalhes podem ser verificados nas Figuras 96 e 97.

Figura 96 – Composição espacial da cozinha do casal Eunice e Frederico



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – depurador de ar; 3 – fogão; 4 – forno elétrico; 5 – lavadora de roupas; 6 – forno de micro-ondas.

Figura 97 – Cozinha do casal Eunice e Frederico



Fonte: Autoria própria.

D. Áurea (73 anos, dona de casa) é mãe de Eunice, que a auxilia em algumas atividades. Para facilitar essa ajuda, D. Áurea mora em um apartamento alugado no mesmo edifício que Eunice. Dessa maneira, a cozinha tem o mesmo desenho, como pode ser observado nas Figuras 98 e 99. Cabe observar que D. Áurea utiliza pouco a cozinha, pois o almoço vem todos os dias do restaurante do esposo de Eunice.

O agenciamento funcional da cozinha de D. Áurea é muito similar ao de sua filha Eunice. Inicia com a geladeira responsável pelo armazenamento/conservação de alimentos, seguida pela bancada da pia para lavagem de alimentos e utensílios. Na sequência, há o fogão, sucedido por uma bancada em que está apoiado o forno elétrico. Acima de todas as bancadas e eletrodomésticos, há armários para o armazenamento de alimentos e artefatos de cozinha, bem como abaixo de todas as bancadas. Na parede oposta à bancada da pia, há uma pequena mesa e um pequeno balcão sobre o qual está apoiado o forno de micro-ondas.

Figura 98 – Composição espacial da cozinha de D. Áurea



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – refrigerador; 2 – fogão; 3 – forno elétrico; 4 – forno de micro-ondas.

Figura 99 – Cozinha de D. Áurea



Fonte: Autoria própria.

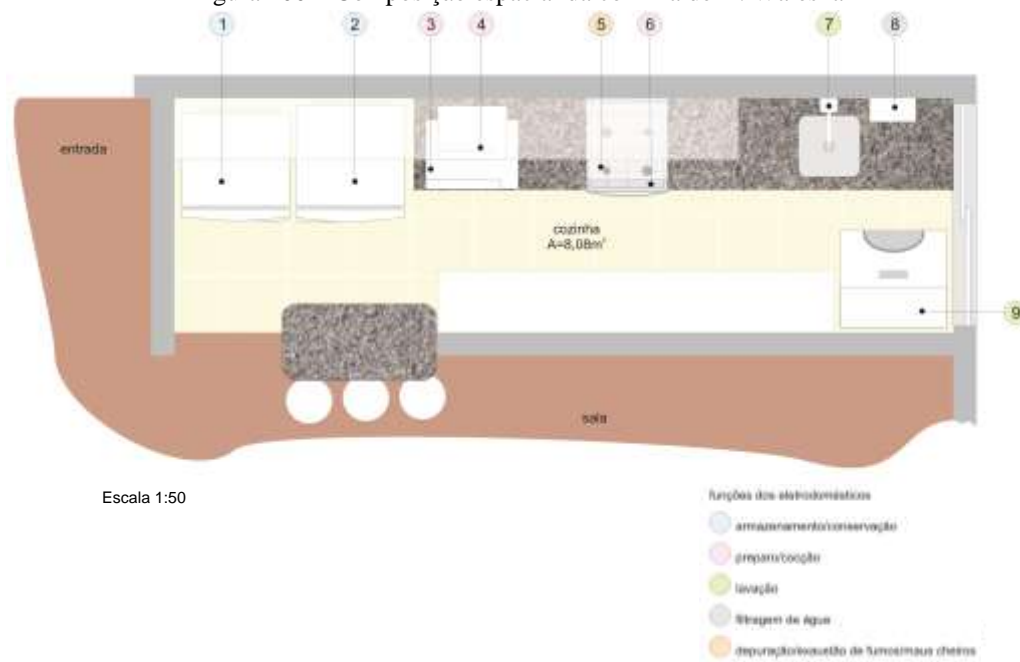
D. Waleska (86 anos, aposentada) mora em um apartamento, o único encontrado na pesquisa de campo, em que a cozinha está integrada à sala. Segundo a entrevistada, ela derrubou parte da parede da cozinha, e assim ela ficou “mais incrementada”.

A cozinha de D. Waleska tem um comprimento relativamente grande (cinco metros) em relação à largura (um metro e meio). Dessa maneira, o agenciamento principal se dá segundo uma linha reta, conforme pode ser observado nas Figuras 100 e 101.

Têm-se o *freezer* e o refrigerador que desempenham a função de armazenamento/conservação de gêneros alimentícios. Em seguida, há uma bancada, sobre a qual está apoiado o forno elétrico e após a mesma está o fogão, que também realiza a função de preparo e cocção, seguido pela bancada da pia, junto à qual há uma torneira elétrica para a lavação de alimentos e utensílios. Ao seu lado está posicionado um filtro de água. Na parte superior da bancada, há armários, para o armazenamento de gêneros alimentícios e artefatos de cozinha, e também o depurador de ar. E, em um nicho do armário, está o forno de micro-ondas.

Na parede oposta, está colocada a lavadora de roupas seguida de armários, finalizando com uma bancada, que serve de mesa, fazendo a integração entre a cozinha e a sala.

Figura 100 – Composição espacial da cozinha de D. Waleska



Fonte: Autoria própria.

Nota: Eletrodomésticos: 1 – *freezer*; 2 – refrigerador; 3 – forno elétrico; 4 – forno de micro-ondas; 5 – depurador de ar; 6 – fogão; 7 – torneira elétrica; 8 – filtro de água; 9 – lavadora de roupas.

Figura 101 – Cozinha de D. Waleska



Fonte: Autoria própria.

O agenciamento das cozinhas, adequado a produzir o menor esforço, seria aquele em que as funções armazenamento/conservação, preparo, cocção e distribuição estivessem em sequência, ou seja, aquele em que se inicia com o refrigerador e armários, onde estariam alimentos e utensílios, seguidos de bancada e pia para lavação e preparo dos alimentos, sucedidos pelo fogão e outros eletrodomésticos para cocção, e tendo próximo a estes a mesa.

Sabe-se que nem sempre isso é possível, pois o *layout* de uma cozinha, muitas vezes, é determinado pelo espaço disponível, definido pela arquitetura do imóvel, nem sempre planejado pelo usuário/a. Além disso, o/a usuário/a pode não ter conhecimento sobre esses detalhes de racionalização do trabalho na cozinha e não contar com a ajuda de um profissional da área. Dessa maneira, cada um/a, a seu modo, posiciona os artefatos em sua cozinha da maneira que mais lhe parece conveniente.

O que foi observado com maior frequência nas cozinhas visitadas foi o distanciamento entre o forno de micro-ondas e fogão, já que teoricamente ambos têm a função de preparo e cocção. Ressalta-se que o forno de micro-ondas nem sempre é utilizado como um eletrodoméstico para o cozimento de alimentos, mas para funções acessórias como aquecer o leite ou a água, bem como aquecer ou descongelar alimentos prontos.

Cabe observar que o forno de micro-ondas é um dos eletrodomésticos mais novos, tendo sido introduzido nas casas brasileiras nos anos de 1990. Esse artefato veio atender uma necessidade social, pois com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a redução no número de empregadas domésticas, houve a necessidade do aquecimento rápido dos alimentos.

Também há que se ressaltar que os novos modos de vida, de maneira geral, cada vez mais acelerados, principalmente nas grandes cidades, exigem, cada vez mais, eletrodomésticos que executem operações de modo mais rápido.

Em relação à posição da cozinha no contexto espacial e social da casa, nas declarações dos entrevistados e das entrevistadas, pode-se perceber uma mudança de costumes, sendo que, de um espaço separado de serviço, passa a ser um espaço integrado às demais zonas de estar da família e também dos convidados. Esse movimento de transformação da cozinha em área de convívio, Guimarães (2007, p. 222) classifica como “um modelo em construção”.

Essas mudanças, privilegiando a integração da cozinha com outras áreas sociais da residência, como por exemplo as salas de estar e jantar, são resultado de mudanças sociais, pois, entre a maioria das famílias entrevistadas, são seus membros que executam as atividades na cozinha. Dessa maneira, a integração da cozinha busca atender uma necessidade da família, diferentemente do que acontecia em tempos passados, quando as tarefas da cozinha eram realizadas por empregadas domésticas, especialmente nas camadas médias.

Sobre as mudanças ocorridas na organização espacial da casa no Brasil ao longo dos últimos quinhentos anos, Veríssimo e Bittar (1999) associam-nas às transformações nos modelos de famílias e observam que, nas residências, até o século XIX:

O peso da organização patriarcal será o principal condutor para a distribuição hierarquizada dos espaços internos. Atenderá, assim, à separação das funções, ao isolamento e conseqüente preservação da família, uma vez que o estranho ficará afastado dela. Receber, estar, lazer e trabalhar, cuidadosamente dispostos, diferenciados. Circulações posicionadas de maneira a facilitar o controle e distribuição das funções mais complexas do ponto de vista social e técnico. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 48).

Nas moradias visitadas para a pesquisa, verifica-se que a arquitetura, ao integrar a cozinha aos demais ambientes da casa, está assimilando um novo modo de vida, pois, na maioria dos casos, os relatos foram de que as pessoas reúnem-se na cozinha, mesmo quando a mesma está separada dos demais espaços da moradia, revelando a relevância do papel social desse ambiente.

A abertura da cozinha, promovendo a sua ligação às áreas, até então consideradas mais “nobres” da casa, como, por exemplo, a sala, pode ser associada ao fato de que as pessoas não estão mais dispostas a ficarem isoladas nesse ambiente. Trata-se, por um lado, de uma representação, na esfera doméstica, da ampliação do domínio feminino para a esfera pública. E, por outro lado, os homens, que sempre tiveram predominância no espaço público, estão “invadindo” esse espaço doméstico.

Também, há que se ressaltar que apenas duas famílias contavam com empregadas domésticas, apontando que, na maioria dos casos, a cozinha é utilizada como ambiente de

serviço pelos membros da família. Mesmo assim, em uma das casas, que conta com o apoio da empregada doméstica, a cozinha é integrada aos ambientes sociais, o que pode significar que não há mais, na família entrevistada, uma preocupação com o isolamento da empregada ou que o uso deste ambiente pela família se dá, comumente à noite e nos finais de semana – momentos em que a empregada não estaria presente.

O Quadro 5 foi criado para avaliar a relação entre a área da cozinha em relação à área da habitação. Pode-se observar que as maiores cozinhas pertencem às casas, e as menores aos apartamentos das pessoas entrevistadas.

A cozinha de maior área possui 21,44 m<sup>2</sup>, ocupando o primeiro lugar no *ranking* em área absoluta, mas fica na décima terceira posição, quando se considera a relação da mesma com a área total do imóvel. A menor cozinha possui 6,58 m<sup>2</sup> e ocupa o último lugar no *ranking*, mas na relação com a área do imóvel, a mesma ocupa o quarto lugar.

Quadro 5 – Relação entre a área da cozinha e a área do imóvel

Casal	Tipo de habitação	Área da habitação (m <sup>2</sup> )	Área da cozinha (m <sup>2</sup> )	Ranking	Percentual de área da cozinha em relação ao imóvel (%)	Ranking
Milena & José	Casa	170	10,23	12°	6,02	14°
Eva & Mateus	Casa	180	14,00	9°	7,78	8°
Renata & Sebastião	Casa	300	15,20	7°	5,07	17°
Sofia & Giovanni	Casa	320	16,80	4°	5,25	15°
Luana & Amauri	Apartamento	160	11,25	11°	7,03	10°
Julieta & João	Casa	320	14,91	8°	4,66	18°
Andréa & Victor	Apartamento	75	8,57	13°	11,43	5°
Valda & Waldemar	Casa	350	18,20	3°	5,20	16°
Joana & Pascoal	Casa	100	16,67	5°	16,67	1°
Paula & Felipe	Apartamento	68	7,15	15°	10,51	6°
Eduarda & Anselmo	Casa	350	21,44	1°	6,13	13°
Eunice & Frederico	Apartamento	75	8,57	13°	11,43	5°
Alan & Raul	Casa	60	5,56	18°	9,27	7°
Nívea e Lauro	Casa	310	19,63	2°	6,33	11°
Zenaide e Alberto	Casa	266	16,32	6°	6,14	12°
Kamila e Lucas	Casa	180	12,90	10°	7,17	9°
Sulamita e Pilar	Apartamento	52	6,58	17°	12,65	4°
Ângela e Mabel	Casa	55	7,14	16°	12,98	3°
Áurea	Apartamento	75	8,57	13°	11,43	5°
Waleska	Apartamento	60	8,08	14°	13,47	2°

Fonte: Autoria própria.



#### 4.2.1 A função simbólica e estética da cozinha

No espaço da habitação, observou-se que possivelmente três ambientes estejam mais imbuídos das funções práticas: o banheiro, o dormitório e a cozinha. Nas salas estariam as funções mais simbólicas e estéticas. Mas, nem por isso, esses ambientes, com funções predominantemente práticas, são menosprezados do ponto de vista simbólico e estético, haja vista que todos são frutos de representações culturais e, portanto, simbólicas.

A cozinha, objeto de estudo desta tese, além da sua função prática vinculada à preparação de alimentos, também é considerada um espaço de socialização, pois como pôde ser visto anteriormente, muitas pessoas entrevistadas a consideram um espaço de integração da família e dos amigos.

A cozinha é composta por um conjunto de móveis, eletrodomésticos, utensílios e outros detalhes, que reunidos formulam um discurso material das pessoas que habitam e utilizam tal espaço.

Lembrando Ono (2006 p. 30), as funções simbólicas estão inter-relacionadas às questões estéticas, pois “são aquelas ligadas a comportamentos e motivações psicológicas individuais e coletivas”, em que cada pessoa “reage em função de um sistema de valor próprio e de um sistema de referências sociais e culturais”. As funções simbólicas são aquelas que proveem as necessidades particulares, “tais como aparência (forma, cor, textura, etc.), *status* social, dentre outros aspectos, estando diretamente vinculadas ao contexto social e cultural”.

Na maioria das cozinhas visitadas, observou-se a preocupação da combinação dos móveis, seja pela utilização de móveis planejados com acabamento em revestimento melamínico ou em madeira, o revestimento cerâmico no piso e nas paredes, e os granitos de diferentes cores utilizados nas bancadas. Essa combinação também se estende aos eletrodomésticos, que, de maneira geral, são da mesma cor entre eles e, em alguns casos, são da mesma cor dos móveis. Esse fato remete ao conceito de ambiência de Baudrillard (1997), em que os objetos constituem um sistema culturalmente coerente.

Ressalva-se que, de maneira geral, as cozinhas possuem uma “datação”, revelada pelos seus estilos, que estão representados nos móveis e seus acabamentos, nos eletrodomésticos, nos revestimentos de pisos e paredes, tais como os granitos utilizados, por exemplo, e em outros detalhes.

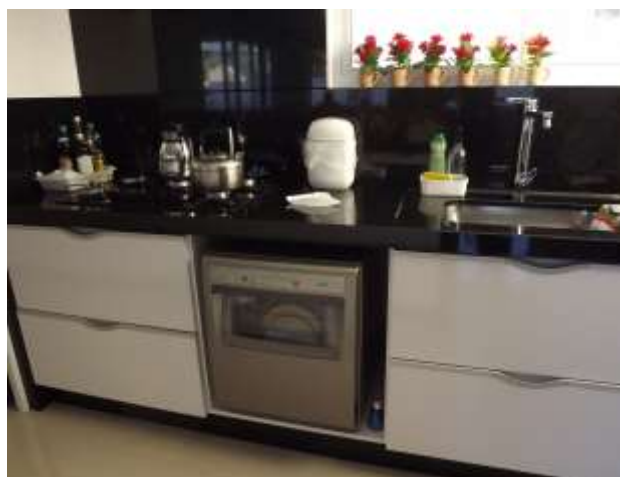
As cozinhas mais novas encontradas durante a pesquisa de campo foram: a de Julieta (60 anos, professora aposentada) e João (62 anos, professor aposentado); Kamila (27 anos,

advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal); Sofia (50 anos, professora) e Giovani (43 anos, professor); e Milena (47 anos, professora) e José (50 anos, professor).

Na cozinha de Julieta e João, tudo é novo, resultado de uma reforma pela qual passou recentemente. O projeto foi concebido por uma arquiteta e seguido na íntegra pelo casal. Isso permite observar as tendências atuais de cozinha, do ponto de vista arquitetônico, de mobiliário e de eletrodomésticos.

Pode-se observar que o revestimento cerâmico nas paredes foi substituído pela pintura branca e pelo granito colocado nas regiões de maior risco de sujeira, ou seja, na parede adjacente à pia e ao fogão. Os móveis possuem revestimento melamínico branco, com portas e gavetas com puxadores de alumínio que se estendem por toda a largura das mesmas, como pode ser observado na Figura 102.

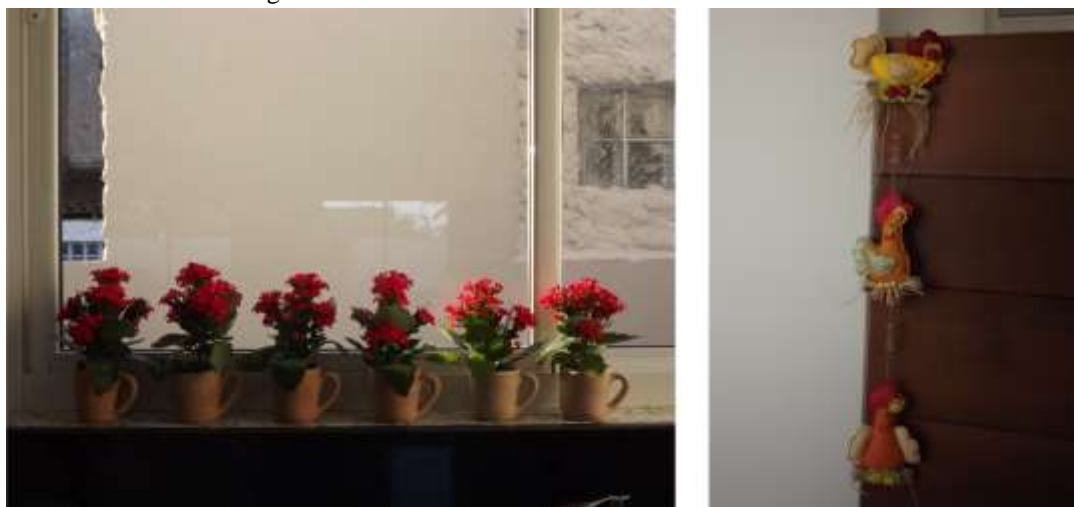
Figura 102 – Detalhe dos móveis da cozinha do casal Julieta e João



Fonte: Autoria própria.

Percebe-se que, devido ao pouco tempo da reforma, Julieta ainda não teve tempo de personalizar sua cozinha como gostaria, pois os materiais utilizados em sua cozinha como, por exemplo, o granito preto das bancadas e o aço inox dos eletrodomésticos, conferem certa “frieza” ao ambiente. Para reduzir essa “frieza”, Julieta pendurou suas “galinhas” de tecido e palha no balcão que separa a cozinha da copa e também colocou flores na janela (FIGURA 103).

Figura 103 – Detalhes da cozinha do casal Julieta e João



Fonte: Autoria própria.

Na cozinha de Kamila e Lucas, os móveis possuem revestimento melamínico branco e imitação de madeira, e os puxadores dos armários se estendem por toda a largura do mesmo. Os tampos dos balcões são em granito preto. Os eletrodomésticos são brancos. Não há revestimento cerâmico nas paredes. Apenas na região do fogão há revestimento em granito preto. Como decoração na cozinha, o casal utiliza algumas bebidas, taças e copos colocados em prateleiras laterais nas extremidades dos armários.

Também na cozinha de Sofia e Giovani, os móveis possuem revestimento melamínico branco com detalhes em imitação de madeira escura. As bancadas são em granito preto, com o detalhe do prolongamento em vidro. Os eletrodomésticos são brancos. Não há praticamente nada colocado sobre as bancadas, e o único elemento decorativo na cozinha é uma orquídea posta em um dos nichos.

A cozinha do casal Milena e José não estava totalmente pronta, na ocasião em que foram entrevistados. Estava sendo fabricada pelo próprio José, nos finais de semana. Ao contrário das cozinhas anteriores, os armários possuem revestimento melamínico, imitando madeira escura, e o granito das bancadas é claro. Os eletrodomésticos são em aço inox.

Considerando a escala de tempo das cozinhas, foram encontradas três cozinhas, cujos móveis remetem ao início dos anos 2000. Duas dessas cozinhas são totalmente brancas. Trata-se das cozinhas dos casais: Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário) e Andréa (30 anos, arquiteta e professora) e Victor (30 anos, arquiteto e professor).

Cabe Observar que, na casa de Zenaide e Alberto, a cozinha foi escolhida pelo casal. O que não aconteceu com Andréa e Victor, pois o apartamento foi cedido pelo pai de Andréa,

quando eles casaram e, segundo relatou o casal, a cozinha já estava pronta, e apenas os eletrodomésticos são novos.

A terceira cozinha, do casal Eva (53 anos, professora aposentada) e Mateus (54 anos, professor aposentado), possui revestimento melamínico branco, com alguns detalhes imitando madeira escura, e o granito das bancadas e da mesa é claro. Na ocasião, as portas dos armários começavam a ser substituídas por grandes gavetas.

A cozinha de Eva e Mateus, mesmo sendo de estilo mais atual, possui um detalhe que remete ao passado: uma toalhinha pintada, com acabamento de renda, pendurada na parede, colocada ao lado do calendário, como pode ser observado na Figura 104.

Figura 104 – Detalhe da cozinha do casal Eva e Mateus



Fonte: Autoria própria.

Além disso, têm-se as cozinhas, cujas características dos móveis remetem aos anos de 1990. Cozinhas com tais atributos foram encontradas nas casas dos casais Nívea (62 anos, dona de casa) e Lauro (64 anos, aposentado e consultor); Paula (34 anos, gerente administrativo) e Felipe (31 anos, técnico em informática); Eunice (48 anos, dentista) e Frederico (47 anos, empresário); D. Áurea (72 anos, dona de casa) e D. Waleska (86 anos, aposentada).

Estas cozinhas são caracterizadas por possuírem móveis com revestimento melamínico marfim ou bege, com acabamento em madeira, bem como pequenos puxadores em madeira, como pode ser verificado na Figura 105. Em todas essas cozinhas, os eletrodomésticos eram da cor branca.

Figura 105 – Detalhes de móveis de uma cozinha dos anos de 1990



Fonte: Autoria própria.

Na cozinha de Nívea e Lauro, os eletrodomésticos são brancos, e há poucos objetos expostos sobre as bancadas que dividem a cozinha e a copa. Mas Nívea demonstra um carinho especial por suas “galinhas e galos” de cerâmica pintada (FIGURA 106), colocados sobre uma das prateleiras, chamando atenção para eles, no momento do registro fotográfico.

Figura 106 – “Galinhas e galos” de Nívea



Fonte: Autoria própria.

Por sua vez, a cozinha do casal Paula e Felipe foi a mais decorada das cozinhas, encontrada durante a pesquisa de campo. Mesmo tratando-se de uma cozinha pequena, cada cantinho tem uma decoração especial. Como a entrevista deu-se antes da Páscoa, pode-se observar que a cozinha estava, também, decorada para essa data. Havia, também, vários quadros no ambiente. (FIGURA 107).

Figura 107 – Decoração da cozinha do casal Paula e Felipe



Fonte: Autoria própria.

Na cozinha de D. Áurea existem vários detalhes como toalhinhas pintadas e com acabamento em crochê ou em renda, para os quais ela chama atenção durante o registro fotográfico. Também chama atenção para uma bonequinha, presente dos netos, com a seguinte frase: “Na casa da vóvo pode tudo!”. (FIGURA 108).

Figura 108 – Bonequinhas de D. Áurea



Fonte: Autoria própria.

Eletroportáteis protegidos por capas foram encontrados apenas na casa de D. Waleska, como pode ser observado na Figura 109, possivelmente uma tradição trazida do início do século XX, quando se cobriam os artefatos para escondê-los, pois sua estética era muito parecida com a industrial, como cita Carvalho (2008, p.71). Ou, simplesmente, com intenção decorativa.

Figura 109 – Eletroportáteis de D. Waleska cobertos por capa.



Fonte: Autoria própria.

Cozinhas que remetem aos anos de 1980 são as dos casais Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) e Anselmo (60 anos, professor aposentado); Valda (56 anos, enfermeira aposentada) e Waldemar (64 anos, oficial da PM aposentado); Luana (37 anos, técnica em enfermagem) e Amauri (44 anos, administrador); e Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31 anos, programador visual)

Estas cozinhas são caracterizadas por possuírem móveis em madeira e, em alguns casos, eletrodomésticos nas cores marrom e bege. Não significa necessariamente que tenham sido montadas nos anos de 1980, pois móveis modulados em madeira, como os encontrados nas residências dos casais Amauri e Luana e Alan e Raul ainda são comercializados.

Diferentemente das cozinhas citadas anteriormente, as cozinhas dos casais Sulamita e Pilar, Ângela e Mabel, e Joana e Pascoal possuem poucos móveis. Nesses casos, os utensílios de cozinha são organizados em prateleiras, ficando expostos. Em todas estas cozinhas, os eletrodomésticos são brancos.

Dois detalhes simbólicos chamam a atenção nas cozinhas: um deles é a presença de relógios, demonstrando que o controle do tempo é importante nesse ambiente. Observa-se que mesmo que a maioria das cozinhas disponha do forno de micro-ondas, e este contenha a função auxiliar de relógio, o relógio de parede não é dispensado. (FIGURA 110).

Figura 110 – Alguns relógios encontrados nas cozinhas dos casais entrevistados



Fonte: Autoria própria.

Outro detalhe que chama atenção é a utilização de ímãs, fazendo com que, em algumas cozinhas, os refrigeradores transformem-se em murais, como pode ser observado na Figura 111. Cabe observar que, em alguns casos, eles seguem uma organização própria de cada casa. No refrigerador de Eva e Mateus, por exemplo, na parte de cima, correspondente ao *freezer*, estão posicionados os ímãs que são recordações de viagens, e na parte de baixo, estão colocados os números de telefones e recados. A Figura 111 também permite notar que a pega do refrigerador é utilizada, por algumas pessoas, para pendurar o pano de prato.

Cabe ressaltar que não foram encontrados ímãs de geladeiras nas cozinhas em que as mesmas eram de aço inox, bem como naquelas em que as mesmas eram do modelo Zyrium da Brastemp, uma vez que a “carenagem” desse modelo é feita de polímero, de tal maneira que impossibilita a utilização de ímãs. O casal Sofia e Giovani relata que isso causou certa decepção na mãe de Sofia, pois, quando adquiriu a geladeira, a mãe trouxe ímãs de presente, mas estes não puderam ser utilizados.

Figura 111 – Os refrigeradores e os ímãs



Fonte: Autoria própria.

Um requisito simbólico das donas de casa, que tem sido eliminado pela indústria, é o uso da toalhinha sobre o fogão, uma vez que alguns modelos de fogões mais recentemente produzidos e os *cooktops* não dispõem de tampas.



#### 4.2.2 Churrasqueiras – espaços de comensalidade e sociabilidade

O churrasco aparece como um dos pratos preferidos dos/as interlocutores/as, mas é um prato que não é preparado na cozinha. No Sul do Brasil, o churrasco tradicional é feito na churrasqueira a carvão e, normalmente, para tal, existe um espaço próprio denominado de churrasqueira, que não se restringe apenas ao artefato onde se prepara o churrasco, mas, sobretudo, denomina o espaço onde as pessoas se reúnem para preparar e degustar esse alimento, ou seja, traduz-se em um espaço de sociabilidade e de comensalidade, que se conjuga à cozinha, na função de preparo de alimentos, e à área social de moradias.

A churrasqueira, em algumas situações, pode ser um ambiente amplo como um salão de festas, ou resumir-se a um latão (FIGURA 112) ou caixa de tijolos, onde o carvão é colocado sob uma grelha.

Uma outra tradição na preparação do churrasco é que o mesmo é comumente preparado por homens, cabendo às mulheres a execução dos complementos – como as saladas e a farofa, por exemplo.

Figura 112 – Churrasqueira produzida com latão



Fonte: Autoria própria.

Se a cozinha é um espaço do dia a dia, a churrasqueira pode caracterizar-se como um ambiente de uso eventual, como durante o almoço de domingo. Esse fato faz lembrar Wrangham (2010), que defende que o controle do fogo e o cozimento dos alimentos também foram responsáveis pelo início da divisão sexual do trabalho, como um acordo de interesses, em que os homens davam proteção às mulheres, as quais, em troca, cozinhavam o alimento diário, consumido no final da tarde, quando os “maridos” voltavam da caça. As mulheres,

coletoras de vegetais, garantiam o alimento diário, enquanto os homens forneciam carne de caça, o alimento de maior prestígio.

O espaço da churrasqueira também pode ser visto como uma segunda cozinha, onde são preparados os pratos que podem exalar fumaça e cheiros indesejáveis, como, por exemplo, de fritura de peixe. Dessa maneira, a churrasqueira faz o papel da cozinha “suja”, “fora de casa”, citada por Lemos (1978).

As figuras 113 a 116 apresentam exemplos de churrasqueiras encontradas durante a pesquisa de campo. Observa-se que nem todas as casas visitadas dispunham de churrasqueira e, em três delas, o espaço da churrasqueira estava em reforma ou construção. No caso dos apartamentos, nenhum deles dispunha de churrasqueira individual.

Observa-se que a churrasqueira do casal Zenaide e Amauri, bem como a do casal Nívea e Lauro, dispõem de um amplo lugar para confraternizações. Por sua vez, a churrasqueira de Kamila e Lucas é um pouco mais simples, mas dispõe de condições para reunir a família e os amigos.

O ambiente da churrasqueira do casal Sofia e Giovani é um pouco menor, mas fica próximo à sala de jantar, facilitando o espaço de confraternização. A churrasqueira em si está colocada ao lado do fogão a lenha, que, nos tempos atuais, aparece com uma nova significação, pois não é utilizado para preparo da alimentação diária, demonstrando que o ambiente é utilizado para a preparação de refeições especiais.

Figura 113 – Churrasqueira do casal Zenaide e Amauri



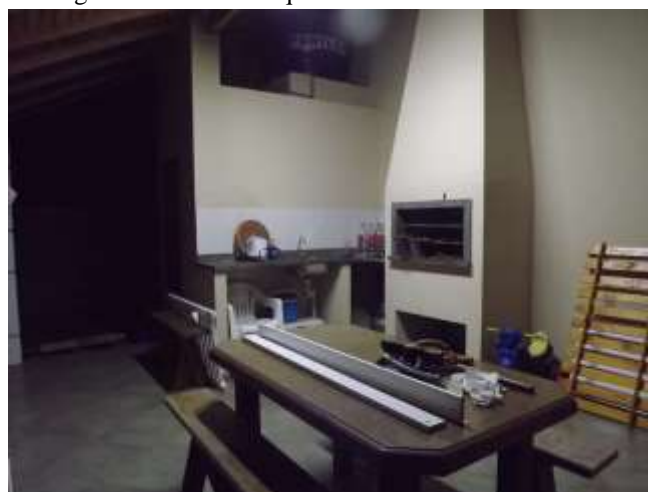
Fonte: Autoria própria.

Figura 114 – Churrasqueira do Casal Nívea e Lauro



Fonte: Autoria própria.

Figura 115 – Churrasqueira do casal Kamila e Lucas



Fonte: Autoria própria.

Figura 116 – Churrasqueira do casal Sofia e Giovani



Fonte: Gilberto Valentim. Acervo do autor.

### 4.3 ROTINAS DOMÉSTICAS

Os entrevistados e as entrevistadas, quando questionados sobre a rotina da família, de maneira geral, apresentam uma lista de atividades realizadas em casa. As narrativas estão vinculadas ao convívio da família; aos horários de saída e chegada em casa; à preparação das refeições e às refeições que são realizadas em conjunto, ou não.

A associação com a falta de tempo, em alguns casos, também é imediata, como pode ser verificada na rápida resposta de um interlocutor, que, quando questionado sobre a rotina da família, rapidamente afirma: “corrida”, lembrando como isso é repassado aos filhos:

[...] Era um sábado, a gente tava saindo pra ir pra sogra, aí o Antônio, pequenininho, ele, aí ele assim: ‘Anda, mana, vamo que nós tamo atrasados’. Aí eu parei, assim: “Meu Deus, o que que a gente tá fazendo das crianças, né.” Num sábado, né... e olha... eu me lembro que, assim ó, eu, com a idade do Antônio, eu tava trepado em pé de goiaba, comendo ameixa, quer dizer, no pé de goiaba, comendo goiaba. É, e sabe, assim, não tinha maiores preocupações. Agora eles, né, com essa idade já, é “Ah, vamo que a gente tá com pressa”, né. Então, realmente é complicado, assim ó. E isso realmente é, ele está ali vivendo a correria do casal, né. (GIOVANI, 43 anos, professor).

#### 4.3.1 Horário das refeições: momento de encontro das famílias

Percebe-se, no relato das rotinas, uma grande preocupação com os filhos. Mesmo quando a rotina é bastante atribulada, pelas diferenças de horários entre as atividades dos membros da família, há uma preocupação declarada em manter a família integrada, e, para tal, o horário das refeições se revela como um momento importante. Uma das entrevistadas afirma que faz questão de ir para casa na hora do almoço, “nem que seja para brigar com os filhos” (SOFIA, 50 anos, professora).

Eva (53 anos, professora aposentada) e Mateus (54 anos, professor aposentado), casados há 29 anos, ressaltam que sempre fizeram questão de vir em casa almoçar com os filhos, mesmo quando tinham que “atravessar a cidade” para isso, pois consideram esse momento muito importante, uma vez que, em geral, à noite, mesmo havendo um horário para o lanche, este se dá de maneira mais dispersa.

O casal Renata (46 anos, pedagoga) e Sebastião (56 anos, professor aposentado) afirma que a única refeição que os dois fazem juntos é o café da manhã. Habitualmente não fazem refeições juntos, nem nos finais de semana, devido às diferentes atividades que

desenvolvem. Nos finais de semana, ela normalmente almoça com o filho, e este, por sua vez, almoça com o pai durante a semana.

Um hábito comum, entre algumas famílias dos casais pesquisados, é almoçar em restaurantes de “comida em quilo”, durante a semana. Esse hábito não é seguido pelos aposentados entrevistados, que preparam o almoço, nem pelo casal Luana e Amauri, que têm seus horários de trabalho nos períodos vespertino e noturno, o que lhes permite preparar o almoço em casa e reunir-se, durante essa refeição, com as filhas. Esse momento parece ser agitado, como descreve Luana (37 anos, técnica em enfermagem):

Mas, assim, elas contam da escola, elas trocam de roupa, elas ajudam a botar a mesa, eu também vou botando a mesa, ele vai arrumando o material dele pra ir, o *laptop* direto em cima da mesa. A mesa é dividida, metade da mesa pra cá é pra comer, metade da mesa pra lá é o escritório.

Essa afirmação de Luana reflete um novo hábito que surge com a introdução de novos recursos tecnológicos de informática, como, por exemplo, *laptops*, *notebooks*, *netbooks*, *i-pads*, entre outros, os quais, por sua mobilidade facilitada, passam a ocupar também o espaço das interações durante as refeições. Isso não era comum com os computadores do tipo *desktop*, que não dispunham dessa mobilidade.

Joana (43 anos, auditora operacional) afirma que a rotina da família na cozinha se divide entre o café da manhã, em que cada um tem um horário diferente, o almoço e o jantar, que são refeições que a família faz conjuntamente. Nesses dois momentos a família se encontra e põe a conversa em dia.

Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31 anos, programador visual) afirmam que fazem todas as refeições juntos, mesmo quando essas são feitas fora de casa. Falam que atualmente só fazem em casa o lanche da noite, uma vez que a cozinha está em reforma.

Alan cita com prazer o ato de preparação da alimentação:

É uma coisa boa, porque acho que esse tempo que a gente ficava na cozinha preparando a comida, fazendo, a gente tá conversando. É um momento de descontração aonde não tem problema, não tem nada que precise ser resolvido, não tem nada incomodando a cabeça de nenhum dos dois, a gente tá conversando meio que se distraindo.

Revelam que, quando cozinham, Alan é o cozinheiro, e Raul o auxiliar.

O casal formado por Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) e Anselmo (60 anos, professor aposentado) descreve sua rotina em relação à cozinha e diz que Anselmo, no período da manhã, prepara o café, cuida da horta e prepara o almoço. Segundo eles, a família normalmente almoça junto, incluindo as filhas casadas e os genros. Durante o preparo das refeições, o rádio fica ligado para Anselmo ouvir as notícias, pois, de acordo com ele, “nem tudo que passa no rádio passa na televisão.”.

Julieta (60 anos, professora aposentada) e João (62 anos, professor aposentado) revelam que a rotina da família na cozinha é a seguinte: pela manhã os dois tomam o café juntos, e o almoço é preparado por João, na maioria das vezes. O almoço se dá em conjunto com o filho solteiro. Afirmam que todos os filhos cozinham quando estão em casa, e é sempre motivo de confraternização.

Sulamita (27 anos, jornalista) e Pilar (31 anos, jornalista *freelancer*) fazem a maioria das refeições em casa, e há uma divisão nas responsabilidades pelo preparo das mesmas. Ressaltam elas que o ato de cozinhar desperta, e muito, a libido em ambas.

Nívea (62 anos, dona de casa) revela que faz as refeições sozinha quando o marido está fora, por motivo de trabalho, ou os dois realizam as refeições juntos.

O casal Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário) faz as refeições em casa todos os dias, contando com a ajuda de uma empregada que as prepara. O casal vê o horário das refeições como um momento importante de reunião da família.

Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal) argumentam que fazem as refeições juntos e que, durante o preparo, também estão juntos. É um momento em que conversam e brincam com o filho.

Ângela (31 anos, artesã) e Mabel (30, barista desempregada) preparam juntas as refeições e fazem juntas com o filho todas as refeições do dia, aproveitando esse tempo para conversar sobre o que acontece no dia a dia.

Os demais casais citam o lanche da noite como o principal momento de reunião do casal com filhos e filhas, quando a maioria deles está em casa.

É importante observar que todos os casais entrevistados destacam a importância do horário das refeições para as conversas da família, como pode ser notado no depoimento de Sofia (50 anos, professora), referindo-se ao pai e ao momento da refeição em família: “[...] ele dizia assim: ‘A mesa é sagrada’, mas, nesse sentido, de que ele tava com os filhos, né? Então, essa coisa é importante. É um momento de reunião, assim. Não é o único momento que a gente usa, mas é o momento que a gente sente, que parece que o sentido da família se faz.”

Todos os entrevistados afirmam a importância desse momento de reunião da família, mesmo para quem esse momento não é habitual, como pode ser observado no seguinte relato:

[...] eles têm muito o hábito, na família do Sebastião, não na minha família, de se reunir na cozinha, de ficar conversando depois da refeição. Na minha casa, tu terminava de comer, tu tinha que recolher tudo pra lavar a louça, pra deixar a coisa limpa. Na família do Sebastião, eles tin... eles têm o hábito, e, no começo, me agoniava muito, de ficar conversando. Aquele era um momento de congregação, de conversar, de rir [...]. (RENATA, 46 anos, Pedagoga).

Percebe-se que, entre os casais entrevistados, o momento de preparação do alimento, em alguns casos, e na totalidade o horário das refeições é tido como importante para a integração da família, sendo utilizado para colocar a conversa em dia, trocar informações, discutir questões cotidianas, sendo o espaço da comensalidade e da sociabilidade.

#### **4.3.2 Rotinas: diferenças geracionais e tecnológicas**

De modo geral, os casais entrevistados não percebem imediatamente as modificações de suas rotinas, associadas aos recursos tecnológicos, sobretudo dos eletrodomésticos. É possível que isto esteja relacionado ao fato de que a maioria dessas famílias já se constituiu com os artefatos, transformando, assim, a rotina e o uso dos mesmos em uma “experiência de baixa intensidade”, como explicam Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (2002, p. 76), na medida em que os objetos de uso cotidiano “são valorizados como fruição contínua” e não produzem situações memoráveis.

As diferenças nas rotinas associadas aos eletrodomésticos são percebidas quando a escala de tempo é maior, ou seja, quando questionados sobre as diferenças entre a sua vida e a vida de seus pais. Segundo Halbwachs (2006, p. 54), a pergunta coloca o/a interlocutor/a em uma “determinada disposição física e sensível, favorável ao reaparecimento da lembrança”, fazendo-os/as pensar com intensidade suficiente para recordar os detalhes. Percebe-se, então, que as memórias da infância se aguçam, pois as lembranças remetem às diferenças geracionais e aos recursos tecnológicos disponíveis em cada época, realçando assim as narrativas. Comumente, a mãe é a primeira a ser lembrada e, de modo geral, associada às suas difíceis condições de trabalho.

Observando Lins-de-Barros (2006, p. 19), ao citar Mannheim (1982)<sup>40</sup>, “Ser de uma mesma geração não diz respeito apenas ao fato de indivíduos conviverem em momento histórico, mas de estarem em uma posição específica para viver determinados acontecimentos.”, ou seja, mesmo tendo vivido aquele mesmo tempo que seus pais, as interpretações dos fatos e acontecimentos podem ser diferentes.

Alguns casais avaliam ter uma vida mais confortável em relação aos pais, pois recordam que muitos recursos tecnológicos disponíveis atualmente não estavam à disposição na época da infância. Há recordações, por exemplo, da água trazida do poço, do fogão à lenha, da falta de iluminação elétrica nas casas, isso em diferentes contextos de criação, já que nem todas as pessoas entrevistadas passaram a infância em Florianópolis.

Eva (53 anos, professora aposentada) relembra a infância em Lages/SC: “Olha só: os meus pais lá, a mãe tinha que lavar roupa naquele frio, puxando água do poço, fazendo fogo, [...]”.

Sofia (50 anos, professora), comparando a situação atual com a da sua mãe, afirma: “eu acho que, em termos de comodidade, não tem comparação, [...]. É, especialmente a vida da mulher”. E relata um pouco da rotina da mãe:

Ela acordava, tinha três filhos, lavava a roupa todo dia dos três filhos. É... o fogão, eu não me lembro do nosso fogão à lenha, mas ela me conta que, quando a gente era pequenininho, ainda era o fogão à lenha. Que ela tinha que acordar bem cedo, por o fogo, fazer a á... né, o café, tal. Então, eu já peguei, já me lembro mais do fogão a gás. Mas assim, geladeira, por exemplo, a gente não tinha. Né, então, eu lembro de que todo dia ela tinha que fazer a comida pra aquela hora, não podia sobrar comida. Né? Então, isso era uma outra coisa que mobilizava muito tempo das pessoas. (SOFIA, 50 anos, professora).

Também surgem memórias das tarefas que realizavam para ajudar as mães no trabalho da casa, e alguns artefatos ficaram marcados na memória, como pode ser observado na narrativa de Sofia sobre “o balde”, ao lembrar que ela e o irmão iam buscar água no poço para a mãe, pois não havia água encanada em casa:

Ah! Eu me lembro das vezes que eu tive que atravessar a rua, mais o Mariano, com um balde... Eu me lembro a cor, eu e ele. A cor do balde, porque era um balde de 15 litros. Nós éramos pequenininhos, né. Era rosa com a alça branca. Ele se lembra também, que esses dias ele disse pra mim: “Lembras do balde rosa com a alça

---

<sup>40</sup> MANNHEIN, Karl. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.



branca?”. [...]: A gente dividia a alça, pra ajudar a mãe a trazer água pra lavar a roupa, pra fazer a comida. [...]. (SOFIA, 50 anos, professora).

Amauri (44 anos, administrador) lembra do trabalho da mãe, que fazia doces e salgados para vender, e cita as dificuldades de moer a carne para fazer o quibe e do cilindro para laminar as massas, pois os equipamentos eram tocados à manivela, o que demandava grande esforço físico. Expõe que ele e os irmãos ajudavam a mãe nessa tarefa. Recorda, ainda, a importância da batedeira para a sua mãe, afirmando que: “Uma das conquistas da minha mãe foi quando ela comprou uma [batedeira] planetária”.

Sobre as lembranças da infância, uma entrevistada relatou ter disponibilidade de eletrodomésticos durante a infância:

Quando eu era criança, como a mãe fazia bolo pra vender, tinha batedeira na minha casa, tinha fogão a gás, tinha geladeira. Não tinha freezer, tinha congelador só, a geladeira tinha o congelador em cima. Mas, em relação à média, nós tínhamos uma vida muito boa, assim. Em relação... tinha energia elétrica, tinha chuveiro, tinha as condições, né. Tinha televisão... eu tinha colegas que não tinham nada disso. [...] É... a única coisa que nós não tínhamos era telefone, que era uma opção que meu pai tinha. (RENATA, 46 anos, Pedagoga).

Mas, mesmo tendo eletrodomésticos disponíveis, Renata lembra que os mesmos dividiam espaço com o fogão à lenha, pois o fogão a gás era utilizado apenas para a mãe fazer os bolos que vendia. Avalia a situação atual como muito melhor: “Eu [me] lembro que nós tínhamos que limpar o fogão à lenha com cera e aquela coisa [...] Era palha de aço, depois passava uma coisa prata, que eu não lembro [o que era]...”. Também considera que a mudança do fogão à lenha para o fogão a gás promoveu uma mudança mais expressiva que a chegada do forno de micro-ondas.

Sebastião (56 anos, professor aposentado) também recorda da rotina da mãe na criação dos filhos e com o fogão a lenha:

É... e também tem outra coisa, as famílias eram maior[es]. Imagina uma mulher dar conta, às vezes, de cinco filhos. Geralmente, uma escadinha. A minha mãe trabalhava fora e tinha cinco filhos. Na época, eu me lembro, na época tinha aquele fogão econômico. Aquele fogão a lenha, que ia, comprava-se a lenha pequenininha, né...

Sebastião, ainda, querendo realçar as carências da época de infância, fala em tom jocoso: “Ô, minha filha... pois eu me lembro quando compraram lá em casa, o pai foi na feira

e trouxe ‘mortandela’ pra comer em casa. Que ‘mortandela’ era ótimo! A gente não tinha acesso às coisas, a gente não foi criado nesse tipo de coisa, assim, né.”

Andréa (30 anos, arquiteta e professora) e Victor (30 anos, arquiteto e professor), quando casaram, ficaram dois meses sem fogão e afirmam “ter se virado” bem sem o referido eletrodoméstico. Para tanto, utilizavam para o preparo de alimentos o forno de micro-ondas. Relatam que a aquisição do fogão alterou sua rotina, pois ampliou o seu tempo na cozinha, uma vez que ambos gostam de cozinhar, fazendo com que utilizem o momento de preparação da alimentação como uma simbiose de trabalho e prazer do casal, transformando a cozinha num espaço de convívio, onde se dão, em grande medida, as conversas entre ambos.

Outro relato interessante do casal mostra o choque cultural entre as gerações, quando estavam reformando o apartamento para se casarem. O pai de Andréa (30 anos, arquiteta e professora), Anselmo, ficou responsável pela parte elétrica, uma vez que tem formação na área. Quando eles decidiram que queriam doze tomadas na cozinha, o pai achou um exagero, e eles tiveram que listar todos os possíveis eletrodomésticos e eletroportáteis que poderiam ser ligados às tomadas para convencê-lo da necessidade.

Vanda (56 anos, enfermeira aposentada) relembra que, na sua casa, a geladeira só chegou quando ela tinha 13 anos, e já era o modelo “quadrado”, diferente das arredondadas que havia na casa de algumas de suas amigas. Ela relata a rotina da casa:

Até então, a rotina era totalmente diferente, se ia no mercado todos os dias. Todos os dias ia comprar a carne do dia e verdura, né. Era até verdura, não tudo, algumas coisas ficavam assim alguns dias, tinha aquela coisa de renovar sempre, porque não tinha como conservar nada. Principalmente a carne. As quantidades, elas eram feitas para o dia, então tu já fazia o arroz pro almoço e pro jantar, não... o que sobrasse provavelmente ia azedar, não tinha como né. Então, não dava, a comida era ali só pro dia. Era o tantinho. Não tinha, não se comia nada requentado assim, porque não tinha onde guardar. Como a gente morava em área urbana, dava pra comprar carne todo dia, diferente de vocês que tinham que conservar no sal, né [referindo-se ao marido].

Seu esposo Waldemar (64 anos, oficial da PM aposentado) relata que vivia um choque tecnológico, pois, aos doze anos, foi para o seminário em Tubarão/SC, onde estudou por cinco anos e dispunha de recursos tecnológicos de cozinha como a geladeira e o fogão a gás. Ressalta que, quando voltava para a casa, era como se vivesse no período da “pedra lascada”.

Valda (56 anos, enfermeira aposentada) também relembra que a mãe comprou a lavadora de roupas e nunca usou, pois achava que a roupa não era bem lavada e que a máquina estragava a roupa. Usava a lavadora para estocar comida, funcionava como armário.

Aqui percebe-se um desvio de função da lavadora, demonstrando a inventividade dos/das usuários/as. Valda destaca que, para a mãe, a roupa precisava ser bem esfregada e quarada, e isso a máquina não fazia. “Pois é. E ela sempre tem que ter, tava ali sempre a lava-roupa, ela botava num lugar especial, ainda cuidava tudo, colocava uma secadora em cima, que ela também nunca usava, e era meio que só pra ter assim, né, simbólico”.

Eunice (48 anos, dentista) cita que, em sua casa, não havia batedeira, e que os bolos eram batidos à mão com o garfo. “Primeiro foi uma revolução! Eu acho que a gente batia tudo no garfo. Depois, chegou aquela molinha, então, meu Deus! Aquela molinha era beleza, perto do garfo, e ficava ali! Que tecnologia aquela molinha, batia a clara rapidinho!”

Pascoal (48 anos, técnico de TI) também lembra que deu a mola de fazer bolo de presente para a mãe, que não tinha batedeira.

O casal formado por Joana (43 anos, auditora operacional) e Pascoal (48 anos, técnico em TI) avalia que possui muito mais recursos tecnológicos de cozinha do que tinham seus pais.

Frederico (47 anos, empresário) lembra-se da máquina de moer carne movida à manivela, usada na casa de sua avó na Itália, e do fogão a lenha. Diz que gostaria de voltar a esse tempo, pois considera a ruralidade uma coisa fantástica.

Por sua vez, Paula (34 anos, gerente administrativo) e Felipe (31 anos, técnico em informática), por serem mais jovens e terem crescido em famílias das camadas médias, não sentem diferenças tecnológicas em relação às casas de seus pais. Ressaltam que a substituição do forno a gás (que não funcionava direito) pelo forno elétrico modificou os hábitos alimentares e a rotina da família, e ainda que o fato de terem ganho o *freezer* também provocou uma mudança de costumes, pois antes, só com o espaço do refrigerador, era mais difícil de acondicionar os alimentos.

Sobre as modificações nas rotinas, Felipe (31 anos, técnico em informática) afirma: “é uma coisa que a gente não pensa muito, né. É automático. [...] Na realidade, tu que provocasse isso, porque quem é que vai chegar e fazer uma pergunta dessa, do cotidiano?”.

Alan (42 anos, assistente administrativo), que morava no Rio de Janeiro quando criança, lembra que a geladeira redondinha era de alavanca, e o gás era canalizado. Lembra ainda que, na sua casa, não havia batedeira, e que os bolos eram feitos a mão.

Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) lembra que, na sua casa, quando criança, já havia geladeira, mas que o fogão era a lenha. Recorda ainda que “tinha um fogãozinho a gás, até meio escondidinho, mas era para esquentar coisa rápida”. Acrescenta que hoje em dia a vida é bem mais fácil.

Anselmo (60 anos, professor aposentado), que morava, quando criança, no interior de Santa Catarina, recorda que toda a comida era feita no fogão a lenha e que a geladeira chegou muito tempo depois. O fogão a gás era uma grande novidade, utilizado para “esquentar rapidinho, de manhã, uma canequinha de água para fazer o café”. Afirma ainda que um botijão de gás durava de seis a sete meses.

Para mostrar a valorização do fogão a gás em sua cidade, Anselmo recorda: “Pra você ter ideia, nas bodas de ouro da mãe, que foi em 99, eles ganharam um fogão a gás novo. A vizinhança se reuniu e deu um fogão a gás novo pra mãe.”.

Julieta (60 anos, professora aposentada) se diz fascinada com as facilidades tecnológicas atuais, pela economia de tempo, pela facilidade de limpeza que se tem com essas novidades como o *cooktop*, com o forno de micro-ondas, com a lavadora de louça. Ao mesmo tempo, lembra de sua mãe cozinhando no fogão a lenha quando ainda era criança.

João (62 anos, professor aposentado), que morava no interior do Estado, já lembra que na sua casa não havia geladeira, que se fazia muita carne seca e salame e, quando se matava um boi, fazia-se charque para a carne durar por dois ou três meses. A carne de porco era cozida na própria banha e guardada em latas com camadas alternadas de carne e banha. No armazém eram comprados os mantimentos principais como o arroz, o feijão e a farinha, vendido a granel. Diz que até hoje o fogão a lenha é usado na casa de sua mãe.

Áurea (73 anos, dona de casa) lembra que na sua juventude não havia geladeira. O que se tinha era uma grande barrica de madeira, onde se colocavam barras de gelo que eram entregues nas casas. Mas não se conservava nada pronto, toda a comida era feita na hora e no fogão a lenha.

Áurea fala ainda, com grande contentamento, da mudança que a família fez para uma casa grande, onde havia fogão elétrico e água quente. Sobretudo, lembra da satisfação de tomar banho de chuveiro e da descarga do banheiro, pois anteriormente o banho era de bacia, e a descarga era com balde. Recorda que quando casou já tinha geladeira, fogão e liquidificador, e que presente de casamento, naquela época, era máquina de moer carne tocada à manivela.

Waleska (86 anos, aposentada) diz que casou tardiamente, após os trinta anos de idade. Dessa maneira, já possuía geladeira, um fogão a gás, mas só para fazer os bolos, uma vez que era doceira. E a alimentação diária da família era feita no fogão a lenha. Possuía todos os eletrodomésticos disponíveis, mas seus bolos eram batidos a mão.

Ela mostra, com orgulho, o garfo e a colher desgastados pelo trabalho de bater os bolos, que foram emoldurados pela filha, guardados como relíquia, como pode ser observado

na Figura 117. Questionada sobre o porquê de não ter adquirido uma batedeira, ela responde que não achava necessário.

Figura 117 – O garfo e a colher utilizados por D. Waleska para fazer bolos, guardados como relíquia.



Fonte: Autoria própria.

Atualmente, Waleska tem uma cozinha com diversos eletrodomésticos disponíveis. É uma senhora bastante ativa e atualizada.

Nívea (62 anos, dona de casa) diz que foi criada com o fogão a lenha e que foi uma festa quando chegou o fogão a gás em sua casa. Lembra-se das primeiras comidas feitas nele e diz que ainda sente o gosto do primeiro assado que sua mãe fez no forno do fogão a gás. “Era a melhor coisa do mundo! [...] Até hoje eu sinto aquele cheiro!”

Lauro (64 anos, aposentado e consultor) revela que, em sua infância em Minas Gerais, não havia nem fogão a gás, nem geladeira. Toda a comida era feita no fogão a lenha e no dia. “Se fazia o almoço e se fazia a janta, não se guardava nada.” O fogão a lenha ficava aceso o dia inteiro. Lembra que a geladeira só chegou a sua casa quando ele tinha uns quinze anos de idade. Na mesma época, chegou o fogão a gás, mas não era utilizado, porque sua mãe não gostava.

Zenaide (58 anos, professora aposentada) lembra que a primeira geladeira chegou em sua casa quando ela tinha uns oito anos de idade, o fogão era a lenha e também havia um fogão a querosene. Alberto (53 anos, empresário), por sua vez, rememora que, em sua casa, o primeiro refrigerador chegou quando ele tinha uns 13 anos de idade. Ambos concordam que,

em termos de recursos tecnológicos, a vida atual é muito mais confortável. Mas, ao mesmo tempo, “se esquentam mais a cabeça”, afirma Alberto, pois, segundo ele, tem-se muito mais preocupações do que se tinha antigamente.

Alberto também fala que antigamente havia maior aproximação e mais carinho entre os membros da família, pois só havia uma televisão, e todos ficavam reunidos no mesmo lugar.

Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal), apesar de jovens e de já terem nascido com os recursos tecnológicos de cozinha à disposição, avaliam que, em relação aos seus pais, houve uma evolução nos eletrodomésticos. E citam o forno de micro-ondas, o forno elétrico, o *cooktop*, o *mixer*, a sanduicheira e a torneira elétrica como artefatos que conforme se recordam, não tinham quando eram crianças. Kamila ressalta, ainda, a economia de tempo ao utilizar o *mixer* em vez do liquidificador, que dá muito mais trabalho para limpar, o que facilitou a sua rotina na preparação da alimentação para o bebê. “[É] muito mais prático [o *mixer*], botou no copinho, já bate e pronto!”

Luana (37 anos, Técnica em Enfermagem,) afirma que passava os dias na casa da vizinha, pois a mãe trabalhava fora. Lembra que, na sua casa, os eletrodomésticos disponíveis eram o fogão a gás, a geladeira e o liquidificador. Este último era usado apenas nos finais de semana pelo pai, que fazia suco para a família. Por sua vez, na casa da vizinha, que tinha nove filhos, cozinhava-se no fogão à lenha, para que a comida se mantivesse aquecida para todos.

Mateus (54 anos, professor aposentado) faz uma avaliação mais abrangente:

Mudança significativa e em curto espaço de tempo. Eu comparo até a evolução, não só da minha família, pai e mãe, com a gente agora, [mas também] eu faço da [essa comparação da] própria cidade. Florianópolis é uma cidade muito provinciana. O primeiro asfalto que teve foi na frente do Hospital de Caridade até o Saco dos Limões, [que] só tinha aquele pedacinho, ali. Me lembro que parte da Mauro Ramos (uma das principais ruas da cidade) não era pavimentada. [Havia] Aqueles carros de cavalo, mas tinha táxi também. Na minha infância, na minha casa não tinha banheiro. Banheiro depois surgiu quando eu tinha oito, nove anos... Mudança muito grande!

Há uma avaliação bastante positiva, por parte de entrevistados e entrevistadas, sobre as implicações dos eletrodomésticos nas rotinas domésticas, de maneira geral, sempre associando-as com a rotina da mãe e a quantidade de tempo e de esforço físico dedicado ao trabalho doméstico. Liberação da mulher, mais conforto, mais praticidade, mais facilidade são os termos comumente mais citados.

Outras implicações das mudanças tecnológicas também são relatadas. Sebastião (56 anos, professor aposentado) se reporta à geladeira como uma maneira de, por um lado, em termos de melhoria na conservação de alimentos, e, por outro lado, de reduzir hábitos de partilha de alimentos com o próximo, prejudicando o "bem viver" em sociedade. Assinala que:

Eu fico me perguntando assim: Aonde o ser humano perdeu o paraíso? Se é que ele existiu, né? Mas não na concepção bíblica, mas o paraíso, o viver bem. Então, no momento que o ser humano, ele conseguiu fazer, acumular vantagem, ele foi se isolando cada vez mais. [...] você matava um animal, por exemplo, como você não tinha onde guardar, você pegava, distribuía pros teus vizinhos. E o outro, quando matava, fazia de igual forma.

Por sua vez, outros dois entrevistados observam que as “facilidades” da vida moderna estão fazendo as pessoas ficarem mais obesas, pois, uma parcela considerável de esforço físico está sendo eliminada pelo uso de recursos tecnológicos. Isto pode ser verificado na narrativa de Giovani:

[...] ao mesmo tempo em que o elevador, que o vidro elétrico, que a geladeira, que todos esses aparatos tão te trazendo conforto, né? Tão também te tirando uma atividade. É, talvez, se a gente aproveitasse esse tempo que a gente ganha pra caminhar, pra nadar, talvez tudo bem! Mas não é o..., efetivamente não é o que acontece. (43 anos, professor).

Alguns depoimentos possibilitam observar que, mesmo que a energia elétrica tenha chegado a Florianópolis no início do século XX, como mencionam Reis e Bloemer (2002), ela demorou mais de cinquenta anos para se tornar realidade para muitas famílias, e ainda mais para aquelas economicamente menos favorecidas. E a água encanada não estava disponível para a maior parte da população até as décadas de 1960 e 1970. Também é possível perceber que os eletrodomésticos tiveram entrada “tardia” para uma parcela das famílias de origem dos entrevistados, demonstrando que é a partir da década de 1970 que o acesso a eles começa a ser ampliado.

A inserção dos eletrodomésticos na cozinha, associada às outras mudanças socioculturais, modificou as rotinas domésticas e facilitou a vida de inúmeras pessoas. O fazer diário da alimentação se transformou com a introdução do fogão a gás, do refrigerador, do *freezer*, do forno de micro-ondas e dos eletroportáteis, mas como essa mudança foi gradual,

ou o impacto já se deu há mais tempo, nos tempos atuais já está praticamente “naturalizado” nos modos de vida das pessoas que com eles interagem.

Quando questionados sobre o que fazem quando falta energia elétrica, imediatamente acontece a associação com a noite e a escuridão. A resposta recorrente é que acender velas e conversar passa a ser a atividade principal da família. José (50 anos, professor) considera que acender as velas “dá um ar nostálgico” à casa.

Giovani (43 anos, professor) lembra que acender velas é perigoso e, por isso, tem várias lanternas, enquanto que Sofia diz que gosta mais da luz das velas e, por isso, acende-as. Giovani também avalia que a falta de energia elétrica é complicada, mas que tem um lado positivo, pois é obrigado a parar, mesmo tendo várias coisas para fazer, e aproveita para brincar com os filhos.

Renata (46 anos, pedagoga) faz uma observação que, de certa maneira, sente maior aproximação da família quando falta energia elétrica: “a gente acende um ‘macinho’ de vela e se reúne num espaço único. É muito interessante. Aí vem a energia, cada um vai fazer as suas coisas.”. Também Eva (53 anos, professora aposentada) diz que, quando falta energia elétrica, todos se sentam e conversam. Lembra que faltou energia no horário da ceia no último final de ano e que ela aproveitou para acender todas as velas que estavam decorando a casa, o que ela sempre quis fazer.

O casal formado por Joana (43 anos, auditora operacional) e Pascoal (48 anos, técnico em TI) relata que, quando as crianças eram menores, e a falta de energia elétrica era mais frequente, acendiam velas e ficavam lendo histórias para as meninas. E que, atualmente, quando falta energia, falta no período noturno, o que acaba virando momento de encontro da família.

De maneira geral, os/as informantes deixam subentendido que a falta de energia elétrica aproxima a família, principalmente se essa falta se dá no período noturno, facilitando encontros para conversas e/ou brincadeiras. Observa-se que, de certo modo, isso reforça que o afastamento provocado em certa medida pelos recursos tecnológicos é tido como “natural”.

Quinze dos casais entrevistados afirmaram ser rara a falta de energia elétrica, demonstrando a qualidade dos serviços atualmente prestados pela fornecedora, afirmando não poder avaliar a questão.

O próximo subcapítulo trata do consumo de eletrodomésticos, visando compreender como o mesmo é praticado pelas pessoas entrevistadas.



#### 4.4 O CONSUMO DE ELETRODOMÉSTICOS

Retomando Barbosa e Campbell (2006), que discutem as ambiguidades e as incertezas do consumo como processo social, segundo eles, as incertezas do consumo estão associadas à maneira invisível como se manifesta no cotidiano. Ou, por outro lado, à maneira exaltada quando associada ao supérfluo e ao conspícuo. As ambiguidades de significação estão relacionadas com os múltiplos entendimentos que se tem do consumo, sendo que,

por vezes é entendido como uso e manipulação e/ou como experiência; em outras, como compra, em outras ainda como exaustão, esgotamento e realização. Significados positivos e negativos entrelaçam-se em nossa forma cotidiana de falar sobre como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos do universo à nossa volta. (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p.21).

Entende-se, nesta tese, o consumo como articulador de práticas sociais, associado à maneira como as pessoas se apropriam dos eletrodomésticos no seu cotidiano.

A maioria dos casais entrevistados relata que já iniciou sua união com os eletrodomésticos disponíveis, em sua maioria comprados ou ganhos como presentes de casamento.

É importante observar como os eletrodomésticos estão associados a significados do casamento, como aponta, por exemplo, Eva (53 anos, professora aposentada) sobre a decepção do pai, quando ela e Mateus (54 anos, professor aposentado), à época do namoro, compraram juntos uma máquina de escrever e um equipamento de som. Ela relembra as palavras do pai: “Agora, como é que pode? Já tão namorando há não sei quanto tempo e aí compraram um som! E o fogão e a geladeira, vão comprar quando?”.

De maneira geral, os eletrodomésticos tornaram-se presentes bastante comuns em casamentos cerimoniais, guardadas as devidas proporções à condição socioeconômica e cultural das pessoas, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, como pode ser verificado na lista dos presentes recebidos pelos casais.

Amauri (43 anos, administrador) e Luana (37 anos, enfermeira) foram presenteados com um fogão, uma televisão, dois fornos de micro-ondas, um processador de alimentos, dois liquidificadores, seis espremedores de laranja, três cafeteiras, entre outros. O casal enfatiza que, dos eletrodomésticos para a cozinha, só não ganharam a geladeira, mas que trocaram os presentes repetidos por uma.

Pode-se verificar nas falas de Luana e Amauri que os eletrodomésticos de menor valor tendiam a ser mais repetidos como presentes de casamento. Atualmente, as listas de casamento modificaram essa prática, uma vez que reorganizaram a maneira de presentear, dando à prática da dádiva um valor completamente diferente.

O casal Sofia (50 anos, professora) e Giovani (43 anos, professor) também apresenta uma lista de presentes ganhos no casamento e relata que alguns eletroportáteis nem chegaram a ser utilizados, como é o caso, por exemplo, do processador de alimentos. Também Paula (34 anos, gerente administrativo) e Felipe (31 anos, técnico em TI) ganharam todos os eletrodomésticos de presente de casamento.

Joana (43 anos, auditora operacional) e Pascoal (48 anos, técnico em TI) alegam que, quando casaram, só tinham o básico: fogão, geladeira e liquidificador, que ganharam no casamento. Os demais eletrodomésticos foram adquirindo com o passar do tempo, e os primeiros a serem comprados foram a TV e o aparelho de som.

Alan (42 anos, assistente administrativo) assinala que ganharam a geladeira e o fogão dos pais junto com o apartamento. Posteriormente, ele e Raul compraram forno de micro-ondas, liquidificador, espremedor de fruta, batedeira e *grill*.

Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) e Anselmo (60 anos, professor, aposentado) relatam que, quando casaram, tinham fogão e geladeira e ganharam de presente no casamento batedeira e liquidificador. Afirmam que o forno elétrico tornou a alimentação mais saudável, e o forno de micro-ondas deu mais praticidade no cotidiano, modificando a rotina.

Julieta (60 anos, professora aposentada) narra que, quando casaram, ganharam a geladeira de presente dos pais de João, e o fogão eles mesmos compraram. Também ganharam de presente de casamento: liquidificador, *grill* e enceradeira. Julieta também conta que, depois, ganhou de presente do marido: exaustor, batedeira, um novo liquidificador e um amolador de facas. Quando o segundo filho nasceu, ela comprou a lavadora de roupa. Depois da reforma da casa, compraram uma geladeira duplex *frost free* e um *freezer frost free*, um novo exaustor e um novo fogão. Depois de algum tempo, por causa de uma enchente, à qual a casa foi acometida, foi necessário fazer uma reforma na cozinha, e, nessa época, ela comprou uma lavadora de louça.

Sulamita (27 anos, jornalista) afirma que foi comprando aos poucos os eletrodomésticos e por ordem de prioridade: primeiro foi o fogão, depois a geladeira, o forno micro-ondas e a lavadora de roupas. Alega que teve a ajuda do pai para a compra dos mesmos.

Nívea (62 anos, dona de casa) e Lauro (64 anos, aposentado e consultor) revelam que, quando se casaram, no ano de 1975, compraram fogão, geladeira, lavadora de roupas, liquidificador e batedeira, dentre outros eletrodomésticos de cozinha. Afirmam que, naquela época, não era comum ganhar eletrodomésticos como presente de casamento.

Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário) expõem que, quando casaram, só tinham o básico: fogão, geladeira, liquidificador e batedeira, os quais ganharam de presente. E, depois de três anos de casados, compraram a máquina de lavar roupa. Com o passar do tempo, foram modernizando os eletrodomésticos.

Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal) não casaram oficialmente, mas a família ajudou na montagem da casa. Eles ganharam de presente a geladeira, o exaustor e o forno elétrico, e os demais eletrodomésticos foram adquiridos pelo casal de uma única vez.

Pode-se observar que são considerados eletrodomésticos de primeira necessidade o fogão e a geladeira, seguidos pela lavadora de roupa, sendo esses os primeiros a serem adquiridos pelo casal, sejam ganhos ou comprados. Posteriormente, o forno de micro-ondas e o forno elétrico figuram como os eletrodomésticos mais adquiridos.

Mesmo tendo à disposição uma considerável quantidade de eletroportáteis, conforme pode ser observado nas Figuras 118 a 134, a maioria das pessoas entrevistadas relata que não os utiliza comumente, pela dificuldade de acesso a eles, pelo local em que ficam guardados ou pela dificuldade de limpeza. Os mais comumente utilizados pelas entrevistadas e entrevistados são o liquidificador e a sanduicheira.

Figura 118 – Eletroportáteis do casal Nívea e Lauro



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: *grill*, sanduicheira, processador de alimentos, batedeira, liquidificador, espremedor de frutas e torradeira.

Figura 119 – Eletroportáteis do casal Eduarda e Anselmo



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: batedeira, espremedor de frutas (1), centrífuga, liquidificador, processador de alimentos, espremedor de frutas (2) e *grill*.

Figura 120 – Eletroportáteis do casal Eva e Mateus



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: televisor, chaleira elétrica, cafeteira, liquidificador, espremedor de frutas, batedeira e sanduicheira.

Figura 121 – Eletroportáteis do casal Valda e Waldemar



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: *juicer*, batedeira, *mixer* (1), *mixer* (2) com acessórios, sanduicheira, liquidificador e espremedor de frutas.

Figura 122 – Eletroportáteis do casal Renata e Sebastião



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: espremador de frutas, batedeira (1), mini processador, liquidificador, fritadeira, sanduicheira e batedeira (2).

Figura 123 – Eletroportáteis do casal Julieta e João



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: abridor de latas e amolador de facas, liquidificador, cafeteira, *grill*, batedeira, panificadora e acessórios do processador de alimentos

Figura 124 – Eletroportáteis do casal Sofia e Giovanni



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: liquidificador, sanduicheira, mixer, batedeira (1), cafeteira, *mixer* para capuccino, cafeteira (café expresso), multiprocessador e batedeira (2).

Figura 125 – Eletroportáteis do casal Joana e Pascoal



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: sanduicheira, *grill* (1), cafeteira (1), liquidificador, panela de arroz, espremedor de frutas, cafeteira (2), panificadora, *juicer*, panela elétrica e *grill* (2).

Figura 126 – Eletroportáteis do casal Kamila e Lucas



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: batedeira, liquidificador, mixer, cafeteira, sanduicheira e *grill*.

Figura 127 – Eletroportáteis do casal Ângela e Mabel



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: cafeteira, liquidificador e batedeira.

Figura 128 – Eletroportáteis do casal Sulamita e Pilar



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: sanduicheira, liquidificador e batedeira.

Figura 129 – Eletroportáteis do casal Paula e Felipe



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: espremador de frutas, *mixer*, sanduicheira, cafeteira, liquidificador.

Figura 130 – Eletroportáteis do casal Amauri e Luana



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: acessórios do processador de alimentos, liquidificador, cafeteira, *mixer*, batedeira, processador de alimentos e sanduicheira.

Figura 131 – Eletroportáteis do casal Andréa e Victor



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: cafeteira, batedeira, liquidificador, chaleira, espremedor de frutas e sanduicheira.

Figura 132 – Eletroportáteis do casal Eunice e Frederico



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: batedeira (na caixa), jarra do liquidificador, sanduicheira, espremedor de frutas (na caixa), *juicer*, *grill* e torradeira.



Figura 133 – Eletroportáteis de D. Áurea



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: batedeira, *mixer*, sorveteira, liquidificador, espremedor de frutas e churrasqueira (todos na caixa com exceção do liquidificador).

Figura 134 – Eletroportáteis de D. Waleska



Fonte: Autoria própria.

Nota: Da esquerda para a direita: batedeira, processador de alimentos, cafeteira e jarra do liquidificador.

As imagens dos eletroportáteis das pessoas entrevistadas servem como um inventário e permitem observar diferenças no consumo desses artefatos. O Quadro 6 apresenta a relação dos eletroportáteis existentes em cada uma das residências visitadas.

Pode-se verificar que o liquidificador está presente em dezenove das vinte residências visitadas (doze casas e oito apartamentos), seja ele independente, ou como acessório do multiprocessador. Em segundo lugar está a batedeira, presente em dezessete das vinte residências visitadas. A sanduicheira aparece em quinze residências, seguida pela cafeteira, existente em treze residências, e pelo espremedor de frutas, que está presente em onze residências.

Em seguida, o processador de alimentos e o *grill* estão presentes em sete residências, seguidos pelo *mixer*, que aparece em seis residências. O *juicer* e a chaleira elétrica estão

disponíveis em três residências. A panificadora e a torradeira aparecem em apenas duas habitações. Os demais eletrodomésticos, como, por exemplo, a panela de arroz, a torradeira, a centrífuga, dentre outros, aparecem em apenas uma residência.

Observa-se que algumas residências possuem mais de um eletroportátil do mesmo tipo.

A residência com maior número de eletroportáteis, um total de onze, pertence a Joana e Pascoal. Por sua vez, a residência com apenas um eletroportátil pertence a Alan e Raul.

Pode-se observar, ainda, uma relação entre o número de eletrodomésticos e o tipo de habitação, sendo que nas casas o número de eletrodomésticos presentes é maior que nos apartamentos. O número médio de eletroportáteis presentes nas casas é de 6,7, enquanto que nos apartamentos é de 4,7.

Quadro 6 – Relação das pessoas entrevistadas e eletroportáteis disponíveis

	Nome	Tipo de residência	Eletrodomésticos disponíveis													Total							
			liquidificador	batedeira	sanduícheira	cafeteira	espremedor de fruta	mixer	grill	processador de alimentos	juicer	chaleira	torradeira	panificadora	churrasqueira		sorveteira	panela de arroz	panela	abridor de latas/molador	fritadeira	centrífuga	
Casal M&J	Milena	casa	1	1	1		1																
	José																						
Casal E&M	Eva	casa	1	1	1	1	1																
	Mateus										1												
Casal R&S	Renata	casa	1	2	1		1			1											1		
	Sebastião																						
Casal S&G	Sofia	casa	1	2	1	2		2		1													
	Giovani																						
Casal J&J	Julietta	casa	1	1	1				1	1				1							1		
	João																						
Casal V&W	Valda	casa	1	1	1		1	2				1											
	Waldemar																						
Casal J&P	Joana	casa	1		1	2	1		2		1			1			1	1					
	Pascoal																						
Casal E&A	Eduarda	casa	1	1			2		1	1											1		
	Anselmo																						
Casal N&L	Nívea	casa	1	1	1		1		1	1				1									
	Lauro																						
Casal Z&A	Zenaide	casa	1	1	2	1							1								1		
	Alberto																						
Casal K&L	Kamila	casa	1	1	1	1		1	1														
	Lucas																						
Casal A&M	Ângela	casa	1	1		1																	
	Mabel																						
Casal A&R	Alan	apartamento								1													
	Raul																						
Casal P&F	Paula	apartamento	1		1	1	1	1															
	Felipe																						



comemorativas. Para ele, esses presentes são uma manifestação de carinho, pois demonstram que a “pessoa que tá contigo, tá pensando em ti” (GIOVANI, 43 anos, professor).

Nas escolhas dos presentes pelo casal, é possível fazer uma associação cultural de gênero, pois a mulher recebe um "batedeira de bolo" para fazer bolos para a família, e o homem recebe uma "cafeteira (de café expresso)" que está associado ao prazer de saborear o café.

O casal Milena e José também demonstra comedimento no consumo de eletrodomésticos. O casal afirma que sempre se questiona sobre a necessidade de troca e que a mesma se dá pelo estado de deterioração dos equipamentos e também pela possibilidade de redução no consumo de energia. Exemplificam com a troca do refrigerador, uma vez que o antigo, além de estar bastante danificado pelo uso, pois já tinha quase vinte anos, também consumia mais energia elétrica que o modelo que adquiriram recentemente.

O mesmo casal afirma que o processo de decisão da compra se dá por eliminação de modelos e marcas, observando as necessidades e os preços. Ele afirma que é um processo negociado entre o casal, mas ela afirma que sempre acaba se rendendo às argumentações dele:

Eu acabo cedendo, porque eu não sou muito chata... Assim... eu, eu me adapto melhor, eu não, não me preocupo muito com estética. E ele olha muito a estética. Eu acho que eu olho mais o preço. Então, eu acabo cedendo, porque ele vai escolher o melhor, [e] o mais caro geralmente é o melhor, né. Então, eu acabo cedendo, e daí, no fim..., eu não sei se eu gosto; aprendo a gostar, não ligo muito. (MILENA, 47 anos, professora).

Observa-se, neste casal, que a preocupação com a estética, comumente mais relacionada às mulheres, manifesta-se claramente no homem. Por outro lado, pode-se observar, ainda, certa "dominação masculina" no processo de escolha, na medida em que a mulher relata que acaba "cedendo", embora priorize o fator econômico, e "aprendendo a gostar", de acordo com o gosto do marido.

Para o casal Eva e Mateus, o processo de compra é sempre discutido entre o casal. Observam que, além das questões relacionadas com desempenho, qualidade e preço, consideram bastante importante a taxa de juros dos financiamentos, devido ao alto valor dos eletrodomésticos, o que os leva a comprarem a prazo.

Renata e Sebastião expõem que o processo de compra é realizado pelos dois, que vão juntos à loja para realizar a compra. Ela diz ser a responsável por fazer os orçamentos, já que “ele olhou, gostou, ele não olha preço”. Renata afirma ser muito crítica em relação à compra dos eletroportáteis, pois gosta de ir às lojas ver as “novidades”, mas sempre fica avaliando

para que ela precisaria daquele artefato e quantas vezes iria utilizá-lo, o que a leva, normalmente, a desistir da compra.

Uma situação diferente é observada com o casal Amauri e Luana, pois ganharam os eletrodomésticos e os eletroportáteis no casamento e, até o momento da entrevista, haviam comprado o *freezer* e substituído o fogão, ambos adquiridos de “segunda mão”. O casal afirma ter grande dificuldade ao adquirir coisas, pois comumente não chegam a um acordo durante as compras. Relatam já ter ido à loja comprar um refrigerador, pois o atual precisaria ser substituído, mas não realizaram a compra por divergências em relação ao modelo a ser adquirido. Ressaltam que essas divergências acontecem rotineiramente nos processos de compra.

Joana (43 anos, auditora operacional) exemplifica como se dá o processo de compra em sua casa:

A máquina de lavar foi [adquirida] bem depois do som e da TV [...] Sério, a gente não tinha nem a casa pronta, a gente já tinha a TV e o som. [Depois,] A máquina de lavar roupa. É porque ele dizia que a mãe dele só teve máquina de lavar roupa com cinquenta anos, então eu poderia esperar, né? [...] Ele dizia: Não, máquina de lavar não, isso é luxo! A minha mãe só teve com cinquenta anos, tu vai esperar!

Essa observação de Joana demonstra, de certa maneira, um modelo patriarcal de família, onde o homem decide o que e quando será comprado.

Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31 anos, programador visual) declaram que o processo de compra é discutido entre o casal, e a compra é realizada em conjunto.

Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) e Anselmo (60 anos, professor, aposentado) relatam que a compra de eletrodomésticos é definida conjuntamente em função das necessidades. Julieta (60 anos, professora aposentada), por sua vez, afirma que o casal define conjuntamente as prioridades relativas às compras relativas à casa, mas é ela quem realiza a compra dos eletrodomésticos.

Nívea (62 anos, dona de casa) e Lauro (64 anos, aposentado e consultor) apontam que, entre o casal, a compra dos eletrodomésticos é negociada, mas é Lauro quem faz a compra final. Da mesma maneira age o casal Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal), que diz discutir conjuntamente as necessidades, mas afirma que o responsável pela realização da compra é o marido.

Já na casa de Zenaide (58 anos, professora aposentada), segundo relata, é ela quem define as prioridades em relação às compras para a casa e também quem realiza a compra dos eletrodomésticos.

Pode-se verificar que entre a maioria dos casais entrevistados o processo de tomada de decisão sobre a compra de eletrodomésticos se dá conjuntamente, mesmo que a compra final seja realizada por apenas um dos membros do casal. Quando o marido é o principal provedor, é geralmente ele quem faz ou decide a compra. Quando há certa equidade salarial, a compra pode ser feita ou decidida em conjunto ou por um dos membros do casal. Demonstram estar fora desse padrão: Zenaide, pois é ela quem decide as compras de eletrodomésticos, bem como Joana e Pascoal. Neste último caso, apesar da insistência da esposa, o marido a fez esperar bastante tempo pela compra de uma lavadora de roupa, colocando à frente outras necessidades do seu ponto de vista. O casal Luana e Amauri também pode ser citado pela dificuldade que tem de chegar a um acordo sobre qual eletrodoméstico comprar.

O próximo tópico trata dos critérios utilizados pelas pessoas entrevistadas para dar significados às marcas dos eletrodomésticos.

#### **4.4.1 Consumo: significações das marcas dos eletrodomésticos**

Não se tem, aqui, a intenção de fazer uma avaliação das marcas dos eletrodomésticos propriamente ditas, mas de observar o que cada pessoa utiliza como critérios para definir a sua compra e como isso difere em função de experiências positivas e negativas vivenciadas particularmente por elas. Essa questão não estava colocada, inicialmente, no instrumento de pesquisa, mas as marcas foram citadas desde a primeira entrevista e, por ter-se constatado a sua relevância, a mesma foi incluída.

Quando questionado sobre o processo de compra dos eletrodomésticos, José (50 anos, professor) relata que ele se dá por eliminação, sendo que, imediatamente, lembra-se das marcas Dako e Consul e as classifica como “caidinhas”, ou seja, marcas mais simples que estão abaixo do seu padrão de consumo. Afirma que, entre as marcas de sua preferência, estariam: Electrolux, Bosch e Brastemp, as quais, segundo sua avaliação, têm mais qualidade.

O casal Sofia (50 anos, professora) e Giovani (43 anos, professor), por sua vez, define a Brastemp como referência de qualidade. E enaltecem o *design* dos eletrodomésticos da Electrolux como: “super bonitos e diferentes”, mas se rendem à durabilidade da Brastemp. Segundo eles, “a máquina de lavar roupa e a geladeira, com 15 anos de uso, continuam

firmes”. Relatam uma experiência negativa com um fogão Bosch, que, segundo eles, “enferrujou” todo e foi substituído por um Brastemp. O casal afirma que, para os eletroportáteis, não há uma marca preferida. Mas Sofia lembra-se de um ferro de passar da marca Philco, que classifica como “muito bom”.

Renata (46 anos, pedagoga) e Sebastião (56, professor aposentado) possuem em sua cozinha: fogão, geladeira e *freezer* da Consul. Relatam que um dia resolveram comprar um “bom fogão” da Bosch e que, em menos de um ano, entre outros problemas, o forno desmontou por inteiro. Argumentam ainda que cansaram de ir à assistência técnica e não tiveram a solução para os problemas do fogão. Sebastião demonstra a sua decepção:

É porque eu tenho a ideia de, quando comprar uma coisa, que tenha uma longa vida, né? Não é coisa descartável. Então, a parte externa desse... ela é toda de [aço] inoxidável escovado, então, quer dizer, é um fogão bonito. Foi, foi perdendo ali o desenho da frente do fogão, sabe?

O grafismo do fogão era impresso e foi sendo eliminado, pela limpeza diária do fogão.

Eva (53 anos, professora aposentada) e Mateus (54 anos, professor aposentado) afirmam que a Brastemp é a marca preferida do casal. Consideram a Electrolux muito barulhenta, pois já tiveram um refrigerador dessa marca. Afirmam não comprar eletrodomésticos da marca Britânia, uma vez que já tiveram muitos problemas com produtos dessa marca; exemplificam com o liquidificador, que “espanava” a rosca da jarra a cada três meses; o ferro de passar, que não passava por ser muito leve; a batedeira, cuja haste quebrou e, ainda, que, inicialmente de cor branca, foi progressivamente migrando para a cor amarela; além do ventilador que soltou a grade.

A situação mais intrigante sobre a preferência da marca de eletrodomésticos foi com o casal Luana (37 anos, técnica em enfermagem) e Amauri (44 anos, administrador), pois ambos, desde o início da entrevista, declararam preferência pelos eletrodomésticos da marca Bosch, mas não possuíam nenhum eletrodoméstico dessa marca e também não relataram critérios muito objetivos para esclarecer essa preferência. Essa resposta só veio quando perguntados sobre a cozinha ideal, e, neste momento, Amauri se manifestou, dizendo que “a sua cozinha ideal é aquela do programa de televisão do Olivier [Anquier]”. E, na continuidade da conversa, esclareceu que ele é aquele cozinheiro que “faz a propaganda da Bosch”. Dessa maneira, percebe-se a associação entre o cozinheiro bem sucedido e seu modelo de cozinha

ideal e a marca preferida de eletrodomésticos. O casal também citou a Prosdócimo<sup>41</sup>, marca do seu refrigerador, como uma boa referência de eletrodomésticos.

Andréa (30 anos, arquiteta e professora) cita a Brastemp como a marca preferida e justifica a opção pela segurança que a marca passa. Afirma que, na casa de seus pais, todos os eletrodomésticos são da Brastemp e que os mesmos têm uma durabilidade impressionante. Victor (30 anos, arquiteto e professor), por sua vez, afirma que não se preocupa com a marca, mas com o produto em si, com o histórico do mesmo.

Waldemar (64 anos, oficial da PM aposentado) e Valda (56 anos, enfermeira aposentada) alegam ser a Brastemp sua marca preferida para os eletrodomésticos da linha branca, e a Walita para os eletroportáteis. Justificam sua escolha baseados na qualidade e no *design* dos artefatos. Também afirmam que a qualidade da Brastemp reflete um preço mais alto. Demonstram-se descontentes com a assistência pós-venda da marca LG, pois adquiriram uma lavadora de roupas há quase dois anos e, até o momento da entrevista, não conseguiram usar todas as potencialidades da máquina. Afirmam que o manual é muito sucinto, e a assistência técnica insatisfatória. Reclamam, sobretudo, das lojas que, após a venda, não prestam nenhum tipo de assistência ao/à comprador/a.

Eunice (48 anos, dentista) afirma ser sua marca preferida a Consul, mas não apresenta critérios para a sua escolha. Já, Joana (43 anos, auditora operacional) e Pascoal (48 anos, técnico em TI) afirmam não ter preferência por uma marca específica. Citam a Brastemp, a Electrolux e a Bosch, e dizem não comprar marcas desconhecidas. Também Paula (34 anos, gerente administrativo) e Felipe (31 anos, técnico em informática) dizem não ter preferência por marca de eletrodomésticos, mas preferem as marcas conhecidas, citam a marca Fischer para o forno e o fogão.

O casal relata a história do botão de degelo do refrigerador Consul, que o sogro apertou sem querer e que descongelou toda a geladeira e que eles não conseguiam mais fazer a geladeira funcionar, até que a desconectaram e conectaram à tomada, e ela “ressuscitou”.

Alan (42 anos, assistente administrativo) afirma que:

Geralmente, como a gente não tem um, acho que, ele [referindo-se ao companheiro Raul] concorda comigo nisso, a gente não tem assim um conhecimento apurado do que seria uma marca boa ou uma marca ruim. Normalmente nós vamos a uma loja olhar, que é uma coisa que a gente já tá fazendo, olhar geladeira, olhar fogão. A gente olha Consul e Brastemp primeiro, porque são marcas que a gente tem meio

---

<sup>41</sup> Prosdócimo é uma marca originalmente da empresa brasileira Refrigeração Paraná S/A (Refripar), que foi incorporada pelo grupo sueco Electrolux, em 1996.



que já enfiada na cabeça. Quase todo lugar tem, quase toda casa tem alguma coisa da Consul ou da Brastemp, então a gente vai olhar primeiro isso, mas nós não temos nada contra essa ou aquela marca, a menos que, tem sim, a gente tem um certo preconceito com marcas que a gente vê “ah, tem uma geladeira ali, qual é a marca da geladeira? Pinguim, eu nunca ouvi falar”, quando a gente nunca ouviu falar, nós temos uma tendência em não querer, mesmo que ela seja tão bonita quanto a outra, mais barato, a gente tende a não gostar quando é uma marca que a gente nunca ouviu falar.

Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) e Anselmo (60 anos, professor aposentado) apontam a Consul e a Brastemp<sup>42</sup> como as marcas preferidas pela confiança que têm nas mesmas, e Anselmo cita como exemplo: “É, você veja, aquela geladeira que temos lá atrás, de 36 anos, é Consul e tá lá funcionando direto, nunca queimou o motor”.

Julieta (60 anos, professora aposentada) e João (62 anos, professor aposentado) indicam a Brastemp como a marca predileta, baseados na confiança que têm na mesma. Relatam um caso negativo com uma lavadora de roupas da Electrolux. Já D. Waleska afirma sua preferência pela Arno para os eletroportáteis e pela Consul para os eletrodomésticos da linha branca.

Pilar (31 anos, jornalista *freelancer*) diz não ter nenhuma preferência por marca de eletrodoméstico, e Sulamita (27 anos, jornalista) se diz mais exigente, preferindo a Brastemp e a General Eletric (GE).

Nívea (62 anos, dona de casa) e Lauro (64 anos, aposentado e consultor) expõem que têm como marca preferida a Brastemp, por terem nesta uma grande confiança, em virtude de terem ganho um refrigerador novo, por causa de um problema que tiveram com o seu refrigerador, o que lhes deu muita confiança na marca. Em segundo lugar, colocam a Electrolux como marca de preferência. Da mesma forma, Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário) afirmam ter como marcas preferidas a Brastemp pela tradição e pelo *design*, seguidas pela Consul e pela Electrolux.

Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal) revelam não ter preferência por nenhuma marca específica, mas que avaliam qualidade e preço quando vão adquirir algum eletrodoméstico. Também Ângela (31 anos, artesã) e Mabel (30, barista desempregada) declararam não possuir nenhuma marca preferida de eletrodoméstico.

---

<sup>42</sup> As marcas Consul e Brastemp pertenciam à empresa brasileira Multibrás S.A. Eletrodomésticos, formada, em 1994, pela fusão das empresas Brastemp S.A e Consul S.A., e posteriormente incorporada à Whirlpool S.A, multinacional de origem estadunidense e a maior indústria de eletrodomésticos do mundo, estando, desde 2008, as referidas marcas vinculadas à Whirlpool Latin America.

Observa-se, pelos relatos, que a Brastemp é a marca que está no topo das preferências entre os casais entrevistados, especialmente pela confiança que a marca transmite. Como segunda opção, tem-se a Consul e a Electrolux.

Verifica-se ainda que as marcas desconhecidas não são, em grande medida, aceitas pelos interlocutores/as, os quais, de um modo geral, preferem aquelas já consolidadas no mercado. Ressalta-se que, sendo esses/as informantes pertencentes às camadas médias da população, os/as mesmos/as podem pagar o preço das marcas mais conhecidas, mesmo que isso se dê de maneira financiada, como declararam algumas das pessoas entrevistadas.

A seguir, estão apresentados sonhos de consumo das pessoas entrevistadas, em relação à cozinha e aos eletrodomésticos.

#### 4.4.2 Cozinhas e eletrodomésticos: sonhos de consumo

É importante observar que, quando questionados/as sobre os sonhos de consumo, nenhum/a do/as interlocutores/as demonstrou ter uma interpretação negativa para o termo. Possivelmente, porque o consumo associado à cozinha é visto como necessidade e não como algo supérfluo, por estar incorporado aos modos de vida.

Para verificar os desejos de consumo em relação aos eletrodomésticos, indagou-se aos casais sobre quais gostariam de ter e como gostariam que fosse a sua cozinha.

Entre os eletrodomésticos desejados pelos entrevistados e pelas entrevistadas, o fogão com cinco queimadores, o qual é chamado de “cinco bocas”, “com fogo forte”, “aquele de *design* italiano com a boca grande no meio”, foi citado por três das trinta e oito pessoas entrevistadas. Também a coifa foi lembrada por três pessoas. Duas pessoas citaram a máquina de café expresso profissional, outras duas mencionaram o forno elétrico. Também foram aludidos: filtro de água com água gelada, computador, televisão, batedeira portátil, triturador de pia, batedeira profissional, liquidificador profissional e processador de alimentos.

Paula (34 anos, gerente administrativo) e Felipe (31 anos, técnico em informática) afirmaram não ter nenhum eletrodoméstico de cozinha colocado no seu planejamento. Três entrevistadas também disseram não desejar nenhum eletrodoméstico. E Frederico (47 anos, empresário), por sua vez, demonstrou preocupação: “Eu espero que não inventem outro [...] eu me sinto refém da tecnologia.”.

Uma entrevistada menciona sentir falta de um computador na cozinha. Perguntada se usaria um computador na porta da geladeira – a exemplo dos refrigeradores *side-by-side* c/

*display* digital LCD, que demandam que as pessoas, ao utilizá-los, posicionem-se em pé – , ela diz que não, justificando que não seria confortável usá-lo nessa posição. Isso demonstra a inadequação de determinadas características dos eletrodomésticos à diversidade de requisitos e contextos de usos.

Uma das entrevistadas não conseguiu se decidir sobre a resposta na ocasião do questionamento, passando a citar, em outros momentos da entrevista, eletrodomésticos que gostaria de ter. A primeira resposta dada por ela foi “a máquina de lavar louça”, seguida pelo “meu *freezerzinho*” para guardar cerveja e vinho, “a geladeira nova” e, por último, “seria um fogão com dois fornos separados”.

Quando a pergunta se amplia para a cozinha, as respostas abrem-se em um leque de diferentes possibilidades, que vão desde a satisfação plena com a cozinha atual, manifestada por onze entrevistadas/os, até o sonho de modificação total da cozinha, relatado também por onze pessoas.

Dezesseis pessoas manifestaram desejo de modificar parcialmente suas cozinhas, desde os referentes aos móveis para organização dos artefatos até os relacionados à estrutura física do espaço

São expostas necessidades de armários, para manter a cozinha organizada, conforme o desejo de Milena (47 anos, professora), que relata: “Eles vivem me xingando, xingando a minha desorganização”.

José (50 anos, professor), esposo de Milena, por sua vez, gostaria de ter uma cozinha que não sujasse tão fácil, que desse a ele mais liberdade para cozinhar.

Sebastião (56 anos, professor aposentado) afirma que está satisfeito com a cozinha, mas que faltam alguns melhoramentos. Ressalta a importância de ter os utensílios à vista, para não ter que procurar as coisas “quando elas mudam de endereço”. Demonstra satisfação ao mostrar que, para definir a altura do balcão da pia, utilizou a sua como padrão: “quando eu fiz isso aqui, ó, inclusive a altura, porque eu tinha problema de descascar camarão, [ ...] eu disse assim: faz dessa altura aqui, ó!. Entendeu? O padrão sou eu!”

A afirmação de Sebastião sobre ser o padrão para definição da altura das bancadas em sua cozinha realça a importância de projetos flexíveis, que permitem ajustes e valorizam o consumidor, permitindo que particularidades sejam incorporadas ao *design* de produtos.

Mateus (54 anos, professor aposentado) gostaria de fazer uma cozinha maior e integrada à sala, para receber a família e os amigos, e também demonstra certo orgulho pelo projeto da cozinha atual – que inclui a disposição dos móveis e eletrodomésticos – ter sido

feito por ele. Eva (53 anos, professora aposentada), por sua vez, declara estar totalmente satisfeita com sua cozinha.

Amauri (44 anos, administrador) relata vários desejos em relação às modificações na cozinha:

Ela é um misto de um tradicional com moderno. Estilo da cozinha do.... Olivier. Assim, aquela coisa: tem fogão de lenha, aquelas panelas penduradas, mas não deixando de lado o moderno e o prático. Ou seja, o eletrodoméstico, o eletroeletrônico pra quando quiser fazer uma coisa rápida, mas, no entanto, também misturada ao tradicional, aquela coisa mais rústica, como o fogão de lenha, como um ralador antigo, um rolo de macarrão, em vez de usar uma máquina. O moedor de carne... elétrico, nesse caso, é melhor que o manual. Uma máquina de lavar louça, um forno elétrico, que eu não tenho. Apesar de eu gostar de forno a gás, um forminho elétrico seria interessante.

E ainda cita o fogão com “*design* italiano com a boca grande no meio. [...] Fundamental: aquela boca grande no meio, eu acho aquela invenção maravilhosa.”.

Sofia (50 anos, professora) demonstra estar satisfeita com a cozinha, já que a casa foi construída faz pouco tempo, e o projeto foi feito especialmente para ela. Relata que houve discussões com o seu marido para a definição da cozinha, mas que as suas vontades foram atendidas, afirmando: “eu gosto de cozinha nesse tipo assim ó! Que tudo tá perto, que, ao mesmo tempo, eu estou perto das outras pessoas. É simples, mas também não precisa mais do que isso, tem tudo que precisa, pronto! Tá ótimo!”. O ideal de cozinha para Giovanni, seu marido, seria que todos os eletrodomésticos estivessem sobre o balcão e ligados nas tomadas, para que fosse fácil de utilizá-los, ao que Sofia retruca, pois, para ela, as bancadas vazias são sinônimo de beleza.

Renata (46 anos, pedagoga) ressalta que a cozinha “[...] tem que ser clara e tem que ter a geladeira... Não precisa ter aquela geladeira que faz gelo na porta, nada assim. Uma geladeira duplex simples, *freezer*, micro-ondas e fogão.”.

Luana (37 anos, técnica em enfermagem) fala que gostaria de ter uma cozinha com uma janela grande, com o fogão próximo da mesa, para facilitar os atos de cozinhar e servir.

Andréa (30 anos, arquiteta e professora) gostaria de ter uma cozinha maior, com uma mesa grande para poder espalhar as coisas enquanto está cozinando, que tivesse uma TV, mesmo que fosse pequena. “Uma cozinha em que eu pudesse receber as pessoas.”.

Joana (43 anos, auditora operacional) afirma que sua cozinha é boa, mas gostaria que a mesma tivesse mais armários. Pascoal (48 anos, técnico em TI) complementa, dizendo que a cozinha poderia ter mais espaço e mais ventilação. Questionados sobre o fato de terem vários

utensílios aparentes, ambos afirmam ser uma opção, pois ficam mais à mão. Joana afirma: “O que tem ali, a gente já sabe que tem. Tá vendo que tá sujo, tem que limpar. Às vezes fica muito tempo guardado, a gente não sabe nem o que tem!”.

Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31, programador visual) revelam o desejo de ter uma cozinha diferente e, para tal, já estão realizando uma reforma no apartamento. Irão derrubar uma parte da parede da cozinha, de maneira a integrá-la à sala, como se fosse um bar. Trocarão o fogão, a geladeira e o forno de micro-ondas. Adquirirão um exaustor, um liquidificador, um multiprocessador e, talvez, uma batedeira e uma máquina de café expresso, que é o maior sonho de consumo do casal, para ser colocada no balcão do bar. Pretendem, assim, criar um bom espaço para receber os amigos.

Anselmo (60 anos, professor aposentado) e Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) afirmam não ter sonhos de consumo, mas estavam iniciando, à época da entrevista, uma reforma na casa que inclui também a cozinha. Relataram que iriam substituir o revestimento cerâmico de piso e paredes, além de atualizar os eletrodomésticos.

O casal formado por Julieta (60 anos, professora aposentada) e João (62 anos, professora aposentada) expõe que os sonhos de consumo estão realizados na cozinha nova.

Sulamita (27 anos, jornalista) e Pilar (31 anos, jornalista *freelancer*) gostariam de ter uma cozinha bem maior, numa casa de dois pisos, onde, no piso inferior, fosse apenas sala e cozinha totalmente integrada, onde houvesse um fogão a lenha, com muita luz do sol e muita ventilação, em estilo rústico.

Nívea (62 anos, dona de casa) afirma estar satisfeita com sua cozinha, mas gostaria de trocar os azulejos por um modelo mais moderno. E também trocaria o exaustor por um mais silencioso. Já, Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal) afirmam estar totalmente satisfeitos com a sua cozinha, uma vez que moram numa casa recém-construída de acordo com o desejado por ambos.

Ângela (31 anos, artesã) afirma que:

Gostaria de uma cozinha que tivesse aquela mesa, tipo dum balcão mesa, sabe? Que dividisse a sala com uma mesa grande, né, pra convidados e que tivesse banquinho ali pras pessoas, conversando e tomando uma coisinha, que tivesse armários embutidos bastante pra guardar um monte de tralha (risos) e pia, fogão, geladeira, tudo junto sabe? E que fosse espaçosa, mesmo que eu não sou assim de ficar dentro da cozinha, mas eu aprecio também ficar olhando a Mabel cozinhando, eu acho bonito. Eu acho legal. E mesmo que eu gostaria de uma cozinha assim, porque eu preciso de espaço.

E Mabel (30, barista desempregada), por sua vez, gostaria de uma cozinha da vovó, com fogão a lenha e panelinhas coloridas com as pessoas ao redor de uma grande mesa.

Percebe-se que, de maneira geral, os sonhos de consumo, em especial os de aquisição de eletrodomésticos, estão dentro das possibilidades das pessoas entrevistadas e, em alguns casos, não são comprados por acomodação ou por não contarem com a anuência do/a companheiro/a.

Quando esse sonho de consumo se amplia para a cozinha, verifica-se que, em alguns casos, os sonhos tornam-se mais ousados, pois passam por uma ampla e geral modificação da cozinha, visando ampliá-la e/ou integrá-la aos demais ambientes sociais da habitação, para que a família e amigos possam ser recebidos nesse recinto.

Também se verifica que algumas pessoas, especialmente aquelas que estão unidas há mais tempo, ou cuja casa é recém construída ou que passou por uma reforma, estão satisfeitas com suas cozinhas.

O próximo tópico trata da possibilidade ou não de as pessoas entrevistadas viverem sem os eletrodomésticos.

#### **4.4.3 Eletrodomésticos: é possível viver sem eles?**

Quando a questão sobre a possibilidade de viver sem os eletrodomésticos é posta, percebe-se que as pessoas entrevistadas fazem uma associação direta das atividades profissionais com a rotina da casa e as “facilidades” que os eletrodomésticos proporcionam. A maioria diz que não conseguiria viver sem eles. Milena (47 anos, professora) logo afirma: “Acho que seria horrível! Viver sem alguns é possível, mas sem todos não dá”. Renata (46 anos, pedagoga), por sua vez, diz que não sabe se conseguiria viver sem eles: “Tu hoje, tu faz a comida no sábado, tu chega no domingo, todo mundo aqui, cada um pega o seu pratinho, não suja mais nada, pega o seu pratinho e bota no micro-ondas e come, lava, pronto!”

Apenas cinco pessoas consideram a possibilidade de viver sem os eletrodomésticos, mas duas delas – Paula (34, gerente administrativo) e Felipe (31 anos, técnico em informática) –, apenas por diversão, em um acampamento de final de semana. Luana (43 anos, enfermeira) afirma que outras maneiras de fazer as coisas podem ser encontradas. Giovanni (43 anos, professor) lembra que gostaria de morar no “mato” e se virar de outro jeito. Frederico (47 anos, empresário), por sua vez, expõe que poderia viver sem os eletrodomésticos, mas seria

necessário um novo aprendizado. Diz gostar muito da ruralidade e que viver no interior faz parte de seus planos para o futuro.

São considerados eletrodomésticos indispensáveis pela maioria dos entrevistados e entrevistadas: o fogão, a geladeira e a lavadora de roupas. José (50 anos, professor) avalia ser mais fácil viver sem fogão do que sem a lavadora de roupas, pois considera mais fácil ir a um restaurante que a uma lavadeira. Amauri (44 anos, administrador), por sua vez, diz que todos os eletrodomésticos que possui na cozinha são indispensáveis. Da mesma maneira, Andréa (30 anos, arquiteta e professora) e Victor (30 anos, arquiteto e professor) afirmam que os eletrodomésticos são essenciais para o modo de vida que levam hoje, pois fazem o serviço que eles não podem fazer no dia a dia, por causa do trabalho externo.

Para a maioria das pessoas entrevistadas, a questão pareceu absurda, demonstrando que os eletrodomésticos figuram como imprescindíveis para a sua sobrevivência e deixando claro que esses artefatos estão muito arraigados nos seus modos de vida. A maior parcela dessas pessoas não imagina a possibilidade de viver sem os mesmos.

O próximo tópico trata sobre o destino final dado aos eletrodomésticos, quando os mesmos são retirados de uso pelas pessoas entrevistadas.

#### **4.4.4 Descarte de eletrodomésticos**

Entendendo o descarte como uma das etapas do processo de consumo, bem como as implicações do mesmo à sustentabilidade ambiental, foi questionado às pessoas entrevistadas quais eletrodomésticos haviam sido desativados ou substituídos por elas.

A lista dos eletrodomésticos substituídos na cozinha é bastante extensa, especialmente para os casais com maior tempo de união, os quais relatam ter tirado de uso fogões, refrigeradores, lavadoras de roupa, lavadoras de louça, fornos de micro-ondas, além de uma extensa lista de eletroportáteis.

Os motivos que levam à substituição desses eletrodomésticos, alegados pelos casais, são o fato de os mesmos deixarem de funcionar, a degradação na aparência (ferrugem), a falta de uso, como, por exemplo, da lavadora de louça, e, nos últimos tempos, a preocupação com a eficiência energética, que se traduz em menor consumo de energia elétrica.

É importante observar que uma prática comum, entre os casais pesquisados, é que esses eletrodomésticos não são descartados diretamente, ou seja, não vão para o lixo. São comumente doados ou levados para a casa de praia, quando ainda funcionam, ou são

guardados. Dois dos entrevistados declaram que esses artefatos são levados para a oficina da casa, pois alguma peça ainda pode ser útil para outra coisa.

O próximo subcapítulo trata de questões de gênero, relacionadas à cozinha, observadas durante as entrevistas, diante do fato de que a cozinha foi tradicionalmente considerada um ambiente destinado às mulheres.

#### 4.5 CASAIS E GÊNERO: COZINHA (AINDA) É CONSIDERADA UM LUGAR DE MULHER?

Entrevistar um casal, simultaneamente, permite colocar questões de gênero em evidência, mesmo quando elas não estão sendo tratadas diretamente. Há casais em que as diferenças ficam mais explícitas e também aqueles em que elas não se manifestam nas respostas, mas em diversos sinais não verbais. Alguns temas evidenciam mais as diferenças, como as significações da cozinha e dos eletrodomésticos, as maneiras de organização da mesma e, principalmente o trabalho doméstico realizado nesse espaço.

Dos dezoito casais participantes da pesquisa, sete deles deixaram subentendido que trabalho doméstico é tido como “obrigação da mulher”, o que mostra que, no início do século XXI, ainda persistam, em certa medida, relações patriarcais, com consequente sobrecarga de trabalho doméstico em mulheres. No entanto, há, também, um processo de mudança de comportamento em relação às obrigações domésticas, já com certa divisão de tarefas na cozinha, como confirma a maioria dos casais entrevistados.

O próximo tópico busca compreender as significações da cozinha, bem como verificar se existem diferenças de gêneros em tais significados.

##### 4.5.1 Significados da cozinha

A grande maioria das pessoas entrevistadas associa a cozinha a significados positivos. Integração, congregação, união, confraternização foram os termos mais citados. Essas palavras sempre vêm associadas à família e aos amigos. Em relação ao significado da cozinha, Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) afirma que ela lembra “comida boa, coisa boa”. A cozinha também é associada com o centro da casa, o “coração” da casa, um “lugar sagrado”, compondo o espaço da comensalidade e da sociabilidade.



D. Waleska (86 anos, aposentada), ao ser questionada sobre o significado da cozinha, logo responde: “Penso que a cozinha é um lugar bem bom pra gente fazer aquilo que a gente sabe e fazer a alegria dos que gostam de comer aquilo que a gente faz.”

Para D. Áurea (73 anos, dona de casa), a cozinha é sinônimo de reunião, pois, quando os filhos eram menores, estavam sempre reunidos neste espaço. Ela conta que o prêmio para as boas notas dos filhos na escola era preparar o prato que eles mais gostavam. Atualmente, morando sozinha, D. Áurea, praticamente, não utiliza a cozinha, pois, conforme mencionado anteriormente, o almoço vem do restaurante do genro e, no mais, só lanches são preparados em sua cozinha, ou o “miojo” para os netos.

Frederico (47 anos, empresário) – que é da cidade de Gênova, da Itália, e mora em Florianópolis desde 1999 –, afirma que a cozinha é “paixão”:

Porque na cozinha é a forma de mostrar carinho para os seus familiares, preparar uma coisa saudável, aí tu te preocupa com teu filho. [...] A visão italiana [da cozinha] é completamente diferente, é outra história, é uma questão cultural, justamente. A questão italiana é uma congregação para nós. É tão forte, tão cultural que nossa! Tal hora, meio dia, todos juntos em casa, obviamente se não estás trabalhando fora, mas é sagrada. À noite também, a tal hora todo mundo tem que estar ali, todo mundo, tal hora é servido a janta, e todo mundo junto. Agora, aqui, não sei se existe essa regra tão forte, né! Mas, na Itália, é proibido esquecer as grandes reuniões familiares. Sempre em uma mesa, sempre tem a comida [...]

Anselmo (60 anos, professor aposentado) diz que a cozinha é “centro de reuniões” e complementa:

Aqui você faz uma refeição, o grupo tá reunido. Grupo, que eu digo, são as filhas com maridos. Então já fica aqui, se almoça, já se estende uma conversa por duas, três horas vai até duas, três horas da tarde, você tá aqui. Faz uma janta, aí se estende, conversa vai até nove, dez horas da noite. Aí, depois, tem os afazeres né, pra deixar tudo em dia. Então, no fim, você passa mais tempo na cozinha.

Pilar (27 anos, jornalista *freelancer*) tem como significado para a cozinha o prazer. E complementa:

Esse prazer vai englobar um monte de coisa. [...] Prazer primeiro de estar cozinhando, o prazer de diversão, que é às vezes o prazer sexual, né, porque ele desperta a gente a sentir... Às vezes muita coisa começa ali, se iniciam ali. É um prazer também de ver ali aquilo tudo, apesar de não estar como a gente realmente queria, mas a gente quer ver temperos, quer ver horta, então é prazeroso. Eu colocaria essa palavra, prazeroso, prazer.

Pode-se perceber que, em relação ao significado da cozinha, há certa concordância entre os gêneros, pois os significados atribuídos se coadunam, na maioria dos casos, colocando-a como espaço de integração da família, ou ainda, atribuindo significados positivos como, por exemplo, “coração” da casa.

Apenas dois dos homens vincularam a cozinha com aspectos mais lúdicos, como: parque de diversão e lugar para curar o estresse. Esse comportamento confirma a significação da cozinha para eles como ambiente de entretenimento – alinhando-se com a observação de Giard (2008, p.292) sobre o hábito dos homens de cozinhar eventualmente: [O homem] “pode parar com essa brincadeira de cozinhar quando ela não o divertir mais, pois nenhum contrato implícito o obriga a esse trabalho de cozinha.”.

Por outro lado, apenas uma entrevistada afirmou que cozinha é sinônimo de preocupação, pois mesmo gostando de cozinhar, vê a necessidade de planejamento para dar conta das atividades na cozinha.

O próximo tópico trata do fazer diário na cozinha e como estão estabelecidas, entre as pessoas entrevistadas, as relações no âmbito da diversidade de gênero.

#### 4.5.2 O fazer diário na cozinha

Historicamente, o trabalho doméstico foi sendo “naturalizado” como feminino, e a cozinha, dentro desse contexto, definida como pertencente às mulheres. Desta maneira, os eletrodomésticos são tidos como artefatos que vieram facilitar a vida das mulheres, como pode ser observado nas narrativas de alguns dos homens e mulheres. Sebastião (56 anos, professor aposentado) afirma que: “na nossa educação, né, quem tem a responsabilidade da casa, é designada à mulher”. Sofia (50 anos, professora) reforça: “[...] eu acho que, em termos de comodidade, não tem comparação. É, especialmente, a vida da mulher.”. E, ainda, Giovani:

Não, acho que isso também, sabe assim ó, eu vejo todo o lado positivo do auxílio realmente do eletrodoméstico dentro de casa. Eu acho que, sobretudo, da mulher realmente. A mulher, né, ela lavava roupa na mão,[...] hoje acho que realmente tá muito mais tranqüila a vida da mulher. (GIOVANI, 43 anos, professor).

A ausência do refrigerador em suas casas, nos tempos de infância, é lembrada por algumas pessoas, relacionando com a obrigação das mulheres a tarefa de alimentar o marido, filhas e filhos, a necessidade de preparar a alimentação a cada dia e na quantidade certa, pois

não podia sobrar comida, o que obrigava suas mães a ficarem em casa, devido ao tempo gasto com essa tarefa.

Julietta (60 anos, professora aposentada), por sua vez, explora o advento dos eletrodomésticos sob uma perspectiva masculina, pois avalia alguns serviços domésticos como complexos demais para os homens realizarem e aponta que alguns eletrodomésticos, como a lavadora de roupa e a lavadora de louça, permitiram aos homens realizar as tarefas de colocar a roupa e a louça na máquina.

Dos dezoito casais entrevistados, apenas dois contam com o apoio do trabalho de uma empregada doméstica, aplicando o modelo de *delegação* do trabalho descrito por Hirata e Kergoat (2007). Estes casais são Sofia (50 anos, professora) e Giovani (43 anos, professor) e Zenaide (58 anos, professora aposentada) e Alberto (53 anos, empresário).

Em dois casos, o fazer diário da alimentação, bem como a organização e a limpeza da cozinha é assumido pelos maridos, como acontece com o casal Julieta (60 anos, professora aposentada) e João (62 anos, professor aposentado); e Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada) e Anselmo (60 anos, professor aposentado), ficando as esposas responsáveis por outros afazeres domésticos.

Para oito casais há divisão na preparação da alimentação, sendo que, de maneira geral, em casais heterossexuais, a mulher prepara a alimentação com a colaboração do marido. Esses casais são: Eva (53 anos, professora aposentada) e Mateus (54 anos, professor aposentada), Andréa (30 anos, professora e arquiteta) e Victor (30 anos, professor e arquiteto), Eunice (48 anos, dentista) e Frederico (47 anos, empresário), Valda (56 anos, enfermeira aposentada) e Waldemar (64 anos, oficial da PM aposentado), Felipe (31 anos, técnico em informática) e Paula (34 anos, gerente administrativo); Kamila (27 anos, advogada) e Lucas (28 anos, guarda municipal).

Nos casais lesbianos formados por Ângela (31 anos, artesã) e Mabel (30 anos, barista desempregada) e Sulamita (27 anos, jornalista) e Pilar (30 anos, jornalista *freelancer*), também há divisão de tarefas na cozinha.

Esses casais aplicam o modelo de *parceria* citado por Hirata e Kergoat (2007). Cabe a ressalva de que, em dois desses casos, a organização e a limpeza da cozinha não é compartilhada, como acontece como o casal Valda e Waldemar e Kamila e Lucas.

Em quatro dos casais, a mulher é responsável pelo fazer diário da alimentação e pela organização e limpeza da cozinha após as refeições, além das demais atividades domésticas, contando com pouca ou nenhuma colaboração de maridos e filhos/as. Três delas têm atuação profissional, mas isso não as impede/libera de assumirem tarefas domésticas e, em alguns

casos, com pouca contribuição de maridos, filhos e filhas, demonstrando certo conformismo com a situação e assumindo, na perspectiva de Hirata e Kergoat (2007), o modelo de *conciliação*. Esse conformismo por parte das mulheres manifesta-se na fala de Milena, quando questionada sobre quem organiza a cozinha após as refeições: “Adivinha! Eu! Com um pouquinho de auxílio... depende muito, né. [...] Sobra mais pra ‘tola’ aqui mesmo. [...] Mas eu não peço, também. Se eu pedir, eu acho até que fazem, né?”

No casal homoafetivo, formado por Alan (42 anos, assistente administrativo) e Raul (31 anos, programador visual), é Alan quem assume sozinho as tarefas de preparo da alimentação e limpeza da cozinha após as refeições. De certa maneira, esse casal reproduz o modelo *tradicional* ou de *conciliação* de divisão do trabalho, observado entre os casais heterossexuais por Hirata e Kergoat (2007)

No espaço da cozinha, percebe-se, entre os entrevistados e as entrevistadas, uma lógica que diverge entre homens e mulheres. Os homens demonstram frequentemente preocupação em ter tudo à vista, pronto para ser usado, com os eletrodomésticos ligados às tomadas, e os utensílios não devendo mudar de lugar. Já, as mulheres declaram comumente que cozinha organizada é aquela onde todas as coisas estão guardadas nos armários, deixando, assim, as bancadas livres. E em apenas uma das casas visitadas, verificou-se que a maioria dos eletroportáteis está posicionada externamente, fora de armários, para o uso.

Cabe observar ainda que, entre os casais participantes da pesquisa, considerar o trabalho doméstico como feminino e cozinha como lugar de mulher não é normativo. As entrevistas realizadas revelam que há algumas manifestações que apontam para possibilidades de mudança, como no caso de Luana (37 anos, técnica em enfermagem) e Amauri (44 anos, administrador):

Na primeira semana de casamento, foi uma briga, porque eu queria fazer feijão, e ele não deixou. [...] Ele que queria fazer, por causa do tempero que ia usar [...] Eu queria fazer o feijão, e ele fez o feijão! [...] A vida toda, nesses quinze anos de casados, sempre a cozinha foi dele e não minha. (LUANA, 37 anos, técnica em enfermagem).

É importante ressaltar que Amauri, desde criança, ajudava a mãe na cozinha e aprendeu a cozinhar com ela, que era cozinheira profissional. De certa maneira, essa mudança de comportamento pode representar uma frustração para Luana, por não dominar um espaço tradicionalmente feminino, pois mulheres que assumem o trabalho doméstico não são necessariamente dominadas e também exercem certas relações de poder.

Esse poder não é questionado por Julieta (60 anos, professora aposentada) e Eduarda (58 anos, técnica em comutação aposentada), pois ambas demonstram sentir-se muito confortáveis com seus maridos, João (62 anos, professor aposentado) e Anselmo (60 anos, professor aposentado), respectivamente, que são os responsáveis pela preparação da alimentação diária da família.

Andréa (30 anos, arquiteta e professora) e Victor (30 anos, arquiteto e professor), apesar do pouco tempo de casamento, demonstram uma relação harmoniosa e uma distribuição mais ou menos igualitária do trabalho doméstico na cozinha. Porém, segundo eles, esta situação não se estende para o resto da casa, sendo a maior parte do trabalho realizado por Andréa, que conta com a ajuda de uma diarista.

Mateus e Eva parecem formar um casal exemplar, no sentido de igualdade de gênero, que se manifesta na serenidade da conversa, pois, não há mudanças significativas de entonação de voz, nem contra-argumentações e expressões de contrariedade, diante da resposta de um ou outro, percebendo-se uma concordância entre eles, pelo menos nas questões relativas ao trabalho doméstico. Entre o casal, há uma relação de parceria na divisão das tarefas domésticas, incluindo os filhos. Os dois afirmam que as tarefas foram divididas desde o início do casamento, e ela explicita que os dois foram aprendendo juntos a realizar as atividades domésticas e a cuidar das crianças. Eva afirma que, quando criança, seu pai já colaborava com a mãe nas tarefas domésticas, mas que tinha vergonha que os vizinhos soubessem disso, o que salienta as barreiras e transformações sociais ao longo das gerações. Este casal reflete o modelo de *parceria*, descrito por Hirata e Kergoat (2007), baseado na igualdade de estatutos sociais entre os sexos, em que a mulher e o homem, como parceiros, dividem as tarefas domésticas.

Não há normatividade com relação ao tempo da união, verificando-se que tanto casais com longo tempo de casamento quanto casais jovens podem ter uma divisão de tarefas estabelecida de modo mais equilibrado, ou com pouca ou nenhuma distribuição de tarefas domésticas.

Percebe-se em cada casal entrevistado um cenário de diversidade, com características próprias de cada um e algumas similaridades entre eles, não se podendo fazer afirmações conclusivas genéricas e reducionistas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembrando o entendimento de Douglas e Isherwood (1982) de que a avaliação se dá no conjunto e não em um item específico do consumo, pode-se avaliar que os representantes das “camadas médias” caracterizam-se por uma grande diversidade de gostos e padrões de consumo, em que alguns hábitos simples se combinam com outros que podem ser classificados como mais complexos e sofisticados. Em alguns casos, os bens materiais são bem mais explícitos que as narrativas dos seus detentores e detentoras, pois os mesmos discorrem sobre a simplicidade de suas vidas, ao mesmo tempo em que habitam espaços relativamente privilegiados, em termos de acesso a bens de consumo. Corrobora-se, assim, com o entendimento de Certeau e Giard (2008) de que a habitação pode ser entendida como uma declaração de posses e de aspirações sociais de seus/suas moradores/as, representando um discurso material que, não raro, pode ser diferente do discurso por elas e por eles declarado.

Em relação à posição da cozinha no contexto espacial e social da casa, nas declarações dos entrevistados e das entrevistadas, pode-se perceber uma mudança de costumes ao longo do tempo, sendo que, de um espaço exclusivo de trabalho, a mesma transforma-se em um ambiente integrado às demais áreas de estar da família e também de convidados, passando a ser um espaço de comensalidade e de sociabilidade.

É importante ressaltar que as modificações na cozinha não se deram apenas com a utilização dos eletrodomésticos, mas como resultado de um longo processo de construção social do espaço doméstico, associado aos conceitos de domesticidade e privacidade, como observado por Rybczynski (1999). Também cabe salientar que, especialmente nos Estados Unidos, as mulheres tiveram muita importância nas modificações da cozinha, pois foram elas, a exemplo de Catharine Beecher, Harriet Stowe, Christine Frederick e Mary Pattison, algumas das responsáveis pela importação de conceitos de racionalidade e eficiência de fábricas para dentro de casa.

A análise das modificações na cozinha demanda uma perspectiva transdisciplinar envolvendo outros fatores, além da utilização de recursos tecnológicos dos eletrodomésticos, tais como as transformações culturais, sociais e econômicas, bem como a aplicação de novos tipos de acabamentos (de piso e parede) na arquitetura, novas configurações de mobiliário, novos materiais de limpeza, dentre outros.

Passados pouco mais de um século, desde a introdução de recursos tecnológicos como a água encanada, a energia elétrica, os eletrodomésticos, o gás e o revestimento cerâmico, entre outros, o que se pode observar, nas moradias dos casais entrevistados, é que a concepção de cozinha está bastante modificada, figurando como um espaço de preparação de alimentação e de realização de atividades relacionadas, bem como um espaço de convívio da família e de recepção de pessoas convidadas. Percebe-se que a situação de isolamento da cozinha tem sido, não raro, literalmente derrubado pela eliminação de paredes entre esse e outros cômodos da casa, principalmente da copa e da área de estar. Tal integração de ambientes implica também em mudanças de conceitos de privacidade relacionados às comumente denominadas, em arquitetura: "área de serviço" e "área social", o que também se reflete na configuração e apresentação de eletrodomésticos, de móveis e utensílios de cozinha.

A integração da cozinha aos ambientes da área social da casa implica em novos requisitos para o projeto de móveis e eletrodomésticos, tais como: maior preocupação estética, facilidade de limpeza, artefatos com maior eficiência na eliminação de fumos e odores, entre outros.

O agenciamento das cozinhas, adequado a produzir o menor esforço, seria, basicamente, aquele em que as funções de armazenamento/conservação, preparo, cocção e distribuição estivessem em sequência, como já postulava Frederick (1913;1921), ou seja, aquele que se inicia com o refrigerador e os armários, onde estariam alimentos e utensílios, seguidos de bancada e pia para lavação e preparo dos alimentos, sucedidos pelo fogão e por outros eletrodomésticos para cocção, tendo próximo a estes a mesa ou a bancada para refeições.

Sabe-se que nem sempre isso é possível, pois o *layout* de uma cozinha, muitas vezes, é determinado pelo espaço disponível, definido pela arquitetura do imóvel, nem sempre planejado pela(s) pessoa(s) que a utiliza(m). Além disso, pode-se não ter conhecimento sobre esses detalhes de racionalização do trabalho na cozinha e não contar com a ajuda de um profissional da área ou outra pessoa que oriente. Dessa maneira, cada qual, a seu modo, posiciona os artefatos em sua cozinha da maneira que lhe parece mais conveniente, de tal maneira que nem todas as cozinhas pesquisadas para esta tese possuem um agenciamento adequado para a minimização de esforços. No entanto, o agenciamento das mesmas pode ser considerado adequado aos padrões de vida das pessoas que as utilizam.

A tese, por meio da pesquisa de campo, conseguiu abarcar um espectro de diferentes cozinhas que vão das mais recentes, instaladas em 2012, até as mais antigas, construídas nos

anos de 1980, permitindo, assim, que a avaliação desse ambiente doméstico se desse no âmbito da heterogeneidade temporal.

A cozinha, objeto de estudo desta tese, além da sua função prática de preparação de alimentos, também é considerada um espaço de socialização, sendo que muitas das pessoas entrevistadas a consideram um espaço de integração da família e dos amigos. Possivelmente por isso, a questão estética tenha tomado maior corpo na cozinha, buscando-se que móveis, eletrodomésticos e outros artefatos formem um conjunto harmoniosamente orquestrado.

Nas cozinhas visitadas ainda são utilizados outros elementos decorativos como quadros, toalhinhas pintadas ou bordadas, relógios de parede, dentre outros. Mas são os ímãs de geladeira os artefatos usados com maior frequência como elementos decorativos e também como suportes de informações (por exemplo: calendários, empresas de distribuição de água e gás, recados, dentre outros.).

As churrasqueiras, nas casas que as possuem, aparecem como extensão da cozinha, podendo ser destinada à elaboração de churrasco no domingo ou em datas especiais, normalmente preparado pelo homem, ou ainda como a segunda cozinha, ou cozinha “suja” para o cozimento daqueles alimentos que deixam cheiros indesejáveis na cozinha.

Colocando-se a rotina em questão, observou-se, especialmente entre os casais com filhos/as, a preocupação com os mesmos no seu dia a dia, de tal maneira que a rotina descrita coloca os/as filhos/as em primeiro plano. Percebeu-se, ainda, que o momento de preparação do alimento, em alguns casos, e o horário das refeições, em todos os casos da pesquisa, são tidos como importantes para a integração da família e como oportunidades para colocar a conversa em dia, trocar informações, discutir questões cotidianas, sendo um espaço de comensalidade e sociabilidade familiar.

As rotinas domésticas e os recursos tecnológicos associados à cozinha são tidos, pela maioria dos casais entrevistados, como “naturalizados” e indispensáveis para a manutenção das suas vidas. Não suscitaram grandes ressalvas, a não ser quando foram remetidos à infância e avaliaram a rotina de seus pais, o que reforçou para eles a importância dos eletrodomésticos em suas rotinas.

Percebeu-se que as memórias da infância se acentuaram, quando os/as interlocutores/as foram confrontados com a rotina de seus pais e mães, pois as lembranças remetem às diferenças geracionais e aos recursos tecnológicos disponíveis em cada época, realçando assim as narrativas. Comumente, a mãe é a primeira a ser lembrada e, de modo geral, associada às suas difíceis condições de trabalho, sobretudo, para os/as entrevistados/as de mais idade. Há recordações, por exemplo, da água trazida do poço, do fogão à lenha, da



falta de iluminação elétrica nas casas, isso em diferentes contextos de criação, já que nem todas as pessoas entrevistadas passaram a infância em Florianópolis.

Pode-se verificar, por meio da pesquisa de campo, que há um consenso sobre as facilidades que os recursos tecnológicos, especialmente os eletrodomésticos, proporcionam ao cotidiano das pessoas. Ao mesmo tempo, também são lembrados alguns efeitos negativos sobre a vida das pessoas, como, por exemplo, o fato de o refrigerador permitir que se conserve os alimentos e, dessa maneira, não haver mais a partilha de alimentos entre os vizinhos que foi lembrada por Sebastião. Do mesmo modo, Giovani ressalta que as facilidades proporcionadas pelos recursos tecnológicos eliminam alguns esforços e fazem as pessoas ficarem obesas.

Não há consenso na literatura sobre as implicações dos eletrodomésticos sobre o trabalho doméstico, sendo que há aquelas pessoas que defendem que a liberação de tempo propiciado por esses artefatos tornou mais elevado o padrão de limpeza, exigindo mais trabalho das mulheres, sobretudo as da classe média, como é defendido por Forty (2007) e Cowan (1990), enquanto que outras, como Silva (1998a), defendem que esses recursos tecnológicos utilizados por mulheres trabalhadoras que sempre realizaram tarefas domésticas representaram uma redução considerável no esforço e no tempo destinado a essas atividades. A pesquisa de campo aponta que tanto as mulheres quanto os homens entrevistados consideram os eletrodomésticos indispensáveis para o modo de vida atual, ressaltando que seria impossível viver sem eles nos dias de hoje.

Ao inventariar os eletroportáteis nas residências visitadas, pode-se perceber que há uma relação entre o número de eletrodomésticos e o tipo de habitação, sendo que nas casas o número de eletrodomésticos presentes é maior que nos apartamentos. O número médio de eletroportáteis presentes nas casas é de 6,7, enquanto que nos apartamentos é de 4,7. Esse fato pode indicar que o número maior de eletrodomésticos nas casas está associado a uma maior disposição de espaço para armazená-los. Observou-se que a casa com maior número de eletroportáteis, um total de onze, pertence a Joana e Pascoal. Por sua vez, o apartamento com apenas um eletroportátil pertence a Alan e Raul.

Os parâmetros colocados pelas pessoas entrevistadas, em relação à preferência por determinada marca de eletrodoméstico, estão associados à qualidade, durabilidade e à segurança que a marca transmite. Há uma unanimidade quanto à preferência às marcas conhecidas.

Em relação ao descarte, há uma tendência muito forte de não dispensar eletrodomésticos no lixo, havendo uma preferência pela doação. Apenas dois entrevistados

afirmaram guardar os eletrodomésticos fora de uso para eventualmente aproveitarem alguma peça. As características específicas sobre o destino dos eletrodomésticos após o uso podem ser uma referência para futuros estudos.

Nenhuma pessoa entrevistada demonstra realizar um consumo exclusivamente hedônico de eletrodomésticos, e, de maneira geral, os adquiridos são de uso coletivo. O único desejo afirmado para uso exclusivo foi o de uma cafeteira para fazer café expresso, “italiana, profissional”, mas que foi colocada como algo muito caro e distante das possibilidades de compra. Observa-se que quando a questão sobre o sonho de consumo ampliou-se para a cozinha, verificou-se que, em alguns casos, os sonhos tornaram-se mais ousados, chegando à modificação ampla e geral da cozinha, visando ampliá-la e/ou integrá-la aos demais ambientes sociais da habitação, para que a família e amigos possam ser recebidos nesse recinto.

O tempo de convívio pode abrandar ou ressaltar as diferenças entre os casais. Cada pessoa tem sua identidade e, com o passar do tempo, as identidades dos pares podem sintonizar-se melhor, amenizando os conflitos entre as partes, resultado de um processo de negociação ao longo dos anos ou do conformismo de uma das partes. Ou, então, essas identidades podem ser reforçadas, realçando as diferenças, e acentuando ou não os conflitos.

De maneira geral, há, em cada casal pesquisado, algum aspecto que está fora de padrões normativos dicotômicos de papéis masculinos e/ou femininos, mostrando que, nos tempos atuais, a composição binária de papéis associados ao homem e à mulher está tendo seus limites “borrados”. Não se quer dizer com isso que as diferenças de gênero e os conflitos e contradições estejam sendo eliminados, mas que as possibilidades de equidade estão se ampliando nas relações sociais, demonstrando que a “dominação masculina” está sendo, em certos contextos, minimizada, corroborando a visão de Castells (1999) de que o modelo patriarcal de família está, de certa maneira, extinguindo-se.

Tais transformações sociais evidenciam-se na pesquisa, seja pelo comando estético da casa estar ao encargo de José, como fica claro em algumas observações de Milena, ou da cozinha ser dominada por Amauri, como declara Luana, ou mesmo da responsabilidade da alimentação diária da família, bem como da organização da cozinha após as refeições serem atribuições masculinas, como acontece com João e Anselmo. Evidenciam-se também na divisão geral de tarefas declarada pelo casal Eva e Mateus, entre outros detalhes observados durante a pesquisa.

Cabe observar que a dominação da cozinha pelos homens pode gerar inquietações por parte de algumas mulheres, uma vez que elas sempre tiveram o domínio desse espaço. Mas isso foi observado na pesquisa de campo em apenas um caso. Duas das mulheres, cujos

maridos são os responsáveis pela alimentação diária da família, demonstraram muita satisfação com o fato.

Vale ressaltar que atualmente existem muitos programas de televisão destinados ao ensino da culinária/gastronomia, promovendo alterações na percepção das pessoas sobre a cozinha. Observa-se, ainda, que muitos desses programas são conduzidos por homens que, de certa maneira, contribuem para que outros homens se interessem pelo ato de cozinhar. Pode-se perceber também, que nesses programas são utilizados, de maneira geral, os eletrodomésticos mais “modernos”, transformando esses artefatos em objetos de desejo por parte das pessoas que assistem a tais programas.

A história do *design* é permeada por autores e artefatos que se transformaram em ícones, mas se observa que poucos eletrodomésticos, por mais que esses tenham modificado modos de vida, figuram como ícones, quando comparados a outros artefatos. Isso pode estar associado à relativa pouca valorização recebida pelos eletrodomésticos, que ocupam, em grande parte, um espaço considerado por muitos como "de serviço", menos privilegiado da casa – a cozinha (e a área de serviço, em contextos em que esta se encontra presente). Pode-se entender que tal sub-valorização acompanha a do trabalho doméstico, ainda fortemente associado às mulheres, apesar de sua grande relevância no cotidiano das pessoas. Cabe ressaltar, ainda, que o trabalho doméstico, de maneira geral, sempre foi atribuído às classes desvalorizadas como a dos/as escravos/as e empregadas domésticas.

Pode-se considerar, por meio da análise das entrevistas, que os objetivos da pesquisa foram alcançados, contribuindo, de modo mais amplo, na análise e interpretação das implicações do uso de artefatos eletroeletrônicos de cozinha nas rotinas domésticas, e também com relação aos objetivos específicos estabelecidos, com foco em casais da cidade de Florianópolis/SC.

Ressalta-se a relevância da pesquisa qualitativa, de cunho interpretativo, levando-se em conta a importância de perceber os diferentes entendimentos que as pessoas têm sobre as perguntas. As entrevistas semiestruturadas propiciaram a necessária flexibilidade em sua condução, na interação entre a pesquisadora e as pessoas entrevistadas, sem perder o foco dos objetivos da pesquisa, o que poderia ter ocorrido em entrevistas abertas. Além disso, possibilitaram a manifestação da diversidade de pensamentos e valores, que foi bastante instigante durante a pesquisa e enriquecedor na interpretação dos resultados.

Além das memórias dos/as interlocutores/as, também fica o registro, nesta tese, dos modos de vida, especialmente relacionados à cozinha, do início do século XXI, que poderão

contribuir em futuros estudos e pesquisas, bem como no desenvolvimento desse ambiente e de artefatos correlacionados, tais como artefatos eletroeletrônicos, dentre outros.

## REFERÊNCIAS

ABEP – Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa. Disponível em:

<http://www.abep.org>. Acesso em: 21 jan. 2011.

ABRAMOVITZ, José et al. *Eletrodomésticos: origens, história e design no Brasil*. São Paulo: Fraiha, 2006.

AXIS PUBLISHING. *Planing your kitchen: hundreds of design combinations at-a-glance*. London: Axis Publishing, 2006.

BARBOSA, Lívia. *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: \_\_\_\_\_. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 21-44.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARNES, Ralph Mosser. *Estudo de movimentos e de tempos: projeto e medida do trabalho*. São Paulo: Edgar Blücher, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

\_\_\_\_\_. *O sistema de objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BEECHER, Catharine; STOWE, Harriet Beecher. *The American woman's home*. New Jersey: Rutgers University Press, 2002.

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. *Cadernos de Pesquisa*, Florianópolis. n. 17, p. 1-28, set. 1999.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p 13-67.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Trad. Celso Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOTTON, Alain de. *Desejo de status*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. A dominação masculina. In: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina. Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. Apêndice: o espírito de família. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996, p.124-135.

BRASMOTOR. *O futuro sem fronteiras: a história dos primeiros cinquenta anos da Brasmotor*. São Paulo: Prêmio, 1996.

BÜRDEK, Bernhard E. *História, teoria e prática do design de produtos*. Trad. Freddy Von Camp. São Paulo: Edgar Blücher, 2006.

CALDAS, Dario. Design e identidade no Brasil contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências*. Rio de Janeiro: SENACRJ, 2004. p. 145-172.

CAMPI, Isabel. *La idea y la materia: el diseño de producto en sus orígenes*. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

CARDOSO, Rafael. *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material*. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2008.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 169-285.

CENTRE POMPIDOU. *Les bons génies de la vie domestique*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 2000.

CERTEAU, Michel de e GIARD, Luce. Entremeio. In: CERTEAU, Michel. de; GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Trad. por Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 187-208.

CHAUÍ, Marilena. A nação: uma invenção recente. In: \_\_\_\_\_. *Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 14-29.

CONSUL. *Consul: 50 anos de amizade*. Joinville, 2000.

COWAN, Ruth Schwartz. The industrial revolution in the home. In: MACKENZIE, D.; WAJCMAN, J. (eds). *The social shaping of technology*. Philadelphia: Open University Press, 1990. p.161-176.

CSIKSZENTMILHALYI, Mihaly; ROCHBERG-HALTON, Eugene. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CUCHE, Denys. *A noção da cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.

DA MATTA, Roberto. Você tem cultura?. In: \_\_\_\_\_. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 121-128.

DENIS, Rafael Cardoso. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. In: *Revista Arcos*. Design, cultura material e visualidade, Rio de Janeiro, v. I, número único, p. 14-39, out. 1998.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Salário Mínimo. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/esp/salmin/salmin00.xml>. Acesso em: 15 maio 2011.

DORMER, Peter. *Os significados do design moderno: a caminho do século XXI*. Trad. por Pedro Afonso Dias. Porto: Centro Português de Design, 1995.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIELD, Charlotte; FIELD, Peter. *Design of the 20th century*. Cologne: Taschen, 2005.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FLUSSER, Villém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Org. por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FORTY, Adrian. *Objetos do desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.179-191.

FRANÇA, A. C. C. V. de; ONO, M. M. Social and cultural dimensions of the sustainable design: consumption and new lifestyles. INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON SUSTAINABLE DESIGN. 1. 2007. Curitiba. *Anais*. Curitiba: UFPR, 2007. Disponível em: <<http://www.design.ufpr.br/issd/papers/ISSD1100.pdf>>. Acesso em: 15 agosto 2009.

FREDERICK, Christine. *Household engineering: scientific management in the home*. Chicago: American School of Home Economics, 1921.

\_\_\_\_\_. *The new housekeeping: efficiency studies in home management*. New York: Doubleday, Page & Company, 1913.

FREYRE, Gilberto. O engenho e a praça; a casa e a rua. In: \_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 61-95.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007a.

\_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007b.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GELLES, Richard J. *Contemporary families: a sociological view*. California: Sage, 1995.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel. de; GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 209-332.

GOFFMAN, Erving. *A representação de eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GUIMARÃES, Ana Lúcia Santos Verdasca. *Design, Sociedade e cultura: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos*. 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2010.

HESKET, John. *Desenho Industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez 2007.

HOBSBAWN, Eric. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 30 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese de Indicadores - 2009*. Rio de Janeiro, 2010.

ICSD. International Council of Societies of Industrial Design. Disponível em: <http://www.icsd.org/about/about/articles31.htm>. Acesso em: 30 maio 2009.



INMETRO. Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia. Disponível em: <http://inmetro.gov.br/consumidor/produtos/micro-ondas.asp#comentários>. Acesso em: 04 out. 2008.

KASPER, Christian P. O uso como invenção. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN. 4. 2007. Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. 1 disco laser.

KINCHIN, Juliet; O'CONNOR, Aidan. *Counter Space: Design and the modern kitchen*. MoMA. New York, 2011.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Editor). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. p. 89-121.

KROEBER, Alfred. L. The superorganic. *American Anthropologist*, Berkeley, v. 19. n. 2, p. 163-213, april-june/1917.

LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999.

\_\_\_\_\_. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cozinha, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LEON, Ethel e MONTORE, Marcello. Brasil. In: FERNÁNDEZ, Silvia; BONSIPE, Gui. *Historia del diseño en América latina y el Caribe: industrialización y comunicación visual para la autonomía*. São Paulo: Blucher Editorial, 2008. p. 62-87.

LINS-DE-BARROS, Myriam. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 17-37.

LÖBACH, Bernd. *Design industrial: bases para a configuração de produtos industriais*. São Paulo: Edgar Blücher, 2001.

MARTINS, Conceição Garcia; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de. Relações de gênero no trabalho doméstico. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS. Florianópolis, 2010. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277723192\\_ARQUIVO\\_Relacoesdegeneroetrabalhodomestico\\_vf.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277723192_ARQUIVO_Relacoesdegeneroetrabalhodomestico_vf.pdf). Acesso em: 11 jan. 2011.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MILLER, Daniel. *Stuff*. Cambridge: Polity, 2010.

\_\_\_\_\_. *Teoria das Compras*. São Paulo: Nobel, 2002.

MORAES, Dijon de. Capítulo IV – A caminho de um design múltiplo 1980 - 1990. In: \_\_\_\_\_. *Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem*. São Paulo: Edgard Blücher, 2006. p. 142-194.

MORTEO, Enrico. *Diseño: desde 1850 hasta la actualidad*. Barcelona: Electa, 2009.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.2. 2000. p. 8-41.

ONO, Maristela Mitsuko. Design industrial e diversidade cultural. In: GITAHY, M. L. C.; LIRA, J. T. C. de (Orgs.). *Tempo, cidade e arquitetura*. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007. (Coleção Arquiteses, 1). p. 303-323.

\_\_\_\_\_. *Design e cultura: sintonia essencial*. Curitiba: Edição da autora, 2006.

\_\_\_\_\_. *Design industrial e diversidade cultural: sintonia essencial. Estudos de casos nos setores automobilístico, moveleiro e de eletrodomésticos no Brasil*. 2004. 1200 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ONO, Maristela Mitsuko; CARVALHO, Marília Gomes de. Isto é coisa para “mulheres”: gênero e design no desenvolvimento de produtos para a sociedade. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, ano 01, n. 02, p. 09-29, maio/jun./jul. 2005.

PATTISON, Mary Stranahan. *The business of home management: the principles of domestic engineering*. USA, General books, 2009.

PETTERLE, Andiara; MALETTA, Bruno. *Poderosas consumidoras: o que quer e pensa a nova mulher brasileira*. Rio de Janeiro: Rede de Mulheres, 2010.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de Tecnologia*. V.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PPGTE. Programa de Pós-graduação em Tecnologia. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/missao.htm>. Acesso em: 10 jan. 2012.

REIS, Maria José; BLOEMER, Neusa Maria Sens. A eletricidade como suporte da modernidade no cotidiano. In: Santos, Sílvio Coelho dos; REIS, Maria José. *Memória do setor elétrico na região sul*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

RIAL, Carmen Silvia. Da casa açoriana à casa decorada: ensaio de estética popular. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 34. p. 149-159, fev. 1992.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: LINS-DE-BARROS, Myrian (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 67-89.

RUSSO, Eduardo Granja. A cozinha tem história. In: LEAL, Joice Joppert (Org.). *Um olhar sobre o design brasileiro*. 1. ed. São Paulo: IMESP, 2002. p. 92-93.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAHLINS, Marshall. La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental com cultura. In: *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 179-219.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder, dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 121-149, jan./jun. 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. Fazendo gênero na cozinha: tecnologias e práticas. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 25-53, 1998a.

\_\_\_\_\_. Tecnologia e vida doméstica nos lares. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 10, p. 21-52, 1998.

\_\_\_\_\_. *Teorias sobre trabalho e tecnologias domésticas: Implicações para o Brasil*. 2011, 17 p. (mimeo)

SILVA, João Maximo da. *Cozinha modelo: impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)*. São Paulo: EDUSP, 2008.

SLATER, Don. *Cultura do consumo & modernidade*. São Paulo: Nobel, 2002.

SOLOMON, Michael R.. *O comportamento do consumidor: Comprando, consumindo e sendo*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SOTTASS, Ettore. Entrevista. In: MANÁ, Jordi. *O design industrial*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. p. 08-25.

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. *Notas para uma história do design*. Rio de Janeiro, 2AB, 2000.

TAMBINI, Michael. *O design do século*. São Paulo: Ática, 1999.

TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 1980.

TONKOVICH, Nicole. Introduction. In: BEECHER, Catharine; STOWE, Harriet Beecher. *The American woman's home*. New Jersey: Rutgers University Press, 2002.

VEBLEN, Thorstein. *Teoría de la clase ociosa*. México: FCE, 2004.

VERÍSSIMO, Francisco S; BITTAR, William, S. M. *500 anos da casa brasileira: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço do espaço de moradia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WINNER, Langdon. Do artifacts have politics? In: MACKENZI, Donald; WAJCMAN, Judy. *The social shaping of technology*. Buckingham: Open University Press, 1996. p. 01-12.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WRANGHAM, Richard W. *Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – PROTOCOLO DE ENTREVISTA-PILOTO



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DO CAMPUS DE CURITIBA/GERÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA  
ORIENTADORA: MARISTELA MITSUKO ONO  
DOUTORANDA: CONCEIÇÃO GARCIA MARTINS

### Protocolo de entrevistas com os casais/famílias (Piloto)

(Esclarecer sobre os objetivos da pesquisa; Solicitar a autorização para o uso da entrevista e das imagens para fins de pesquisa acadêmica, garantindo o sigilo dos nomes e da localização da residência; realizar registro fotográfico da cozinha e dos artefatos; elaborar croqui da cozinha (*layout*))

Contato: Data da entrevista: Horário:

Localização da Residência

Bairro:

Rua:

Caracterização do casal

Nome:	Nome:
Codinome:	Codinome:
Identidade de gênero:	Identidade de gênero:
Idade:	Idade:
Ocupação:	Ocupação:
Formação:	Formação:
Renda: (No. de S. M.)	Renda: (No. de S. M.)
Filho(s) Individual (is):	Filho(s) Individual (is):
Filhos comuns:	
Atividades de lazer:	Atividades de lazer:
Classe social:	Classe social:
Tempo de casamento/união estável:	

Contem um pouco da história de vocês ...

Quem mora na casa?

Idade dos filhos? Moram com o casal?

Sobre a residência: Casa ou apartamento:

Área da casa?

Vocês sempre moraram aqui?

Quantas vezes mudaram de casa?

Quais os motivos da(s) mudanças?

Qual o espaço da casa que mais foi modificado?

Qual o cômodo mais importante da casa para você? Por quê?

### **Sobre a rotina na cozinha e sua relação com eletrodomésticos**

Qual é a rotina da família na cozinha?

Qual o significado da cozinha para você?

Quanto tempo você passa na cozinha?

Quem utiliza cozinha e para quê?

Qual a ordem cronológica de aquisição dos eletrodomésticos? Por quê? (listar os eletrodomésticos – linha branca e portáteis)

Qual o modo de aquisição (ganho/comprado, novo/usado)?

Se comprado, quem define a compra?

Há alguma história interessante sobre o uso da cozinha ou de artefatos dela na sua casa?

As mudanças na cozinha provocaram alterações na história da família (divisão de tarefas, rotinas, conversas....)?

Tiveram alguma dificuldade no uso de algum eletrodoméstico? Se sim: Qual?

Qual/quais eletrodoméstico(s) é/são considerados(s) indispensável (is)?

Você imagina viver sem os eletrodomésticos? Se sim / Se não: Por quê?

Gostaria de ter uma cozinha diferente da sua? Se sim: Como ela seria?

Qual o eletrodoméstico preferido? Por quê?

Gostaria de ter algum eletrodoméstico que ainda não possui em sua casa? Se sim: Qual?

O que acontece comumente quando falta energia elétrica em sua casa?

Como vocês avaliam a vida de vocês em relação à vida de seus pais?

Como vocês avaliam a vida de seus filhos em relação à vida de vocês ?

### **Sobre os hábitos alimentares/consumo**

As refeições são feitas em casa?

Quem prepara?

Compram comida pronta?

Consomem alimentos (prontos/pré-prontos/congelados) industrializados? Ou preferem alimentação mais natural?

Almoçam em restaurante? Qual a frequência?

Qual o prato preferido de cada membro da família?

A família (casal) faz refeições juntos?

Se sim, quais?

O que acontece, comumente, no momento em que a família está fazendo a refeição?

Quem é responsável pela organização da cozinha, após as refeições?

### **Sobre o descarte**

Que destino é dado aos objetos descartados pela família:

Eletrodomésticos?

Embalagens de alimentos?

Realizam a separação do lixo?

(Solicitar indicação de outros casais que possam participar da pesquisa)

## APÊNDICE B – PROTOCOLO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DO CAMPUS DE CURITIBA/GERÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA  
ORIENTADORA: MARISTELA MITSUKO ONO  
DOUTORANDA: CONCEIÇÃO GARCIA MARTINS

### Protocolo de entrevistas com os casais/famílias

(Esclarecer sobre os objetivos da pesquisa; solicitar a autorização para o uso da entrevista e das imagens para fins de pesquisa acadêmica, garantindo o sigilo dos nomes e da localização da residência; realizar registro fotográfico da cozinha e dos artefatos; elaborar croqui da cozinha (*layout*))

Contato: Data da entrevista: Horário:

Localização da Residência

Bairro:

Rua:

Caracterização do casal

Nome:	Nome:
Codínome:	Codínome:
Identidade de gênero:	Identidade de gênero:
Idade:	Idade:
Ocupação:	Ocupação:
Formação:	Formação:
Renda: (No. de S. M.)	Renda: (No. de S. M.)
Filho/a(s) Individual (is):	Filho/a(s) Individual (is):
Filhos comuns:	
Idade dos filhos/as?	Moram com o casal?
Tipo de residência: casa ( ) apartamento ( )	Área da residência?
Quem mora na casa?	
Tempo de casamento/união estável:	

Contem um pouco da história de vocês ...

Qual o cômodo mais importante da casa para você? Por quê?

### Autoclassificação socioeconômica e modos de vida

Você pertence a que classe socioeconômica?

Por que você se classifica nessa classe?

Quais as suas atividades de lazer?

Quais os pratos preferidos pelas pessoas da família?



### **A posição da cozinha no contexto da casa**

Você gosta da posição da sua cozinha em relação aos demais cômodos da casa?

Se sim: Por quê? Se não: Por quê?

### **Sobre a rotina na cozinha e sua relação com eletrodomésticos**

Qual o significado da cozinha para você?

Quais atividades são realizadas na cozinha?

Qual é a rotina da família na cozinha? As pessoas da família (casal) fazem refeições juntas? Se sim, quais?

O que acontece, comumente, enquanto a família está preparando a refeição?

Quanto tempo você costuma passar na cozinha?

Quem utiliza cozinha? Para quê?

Gostaria de ter uma cozinha diferente da sua? Se sim: Como ela seria?

Quem é responsável pela organização da cozinha, após as refeições?

Como vocês avaliam a vida de vocês em relação à vida de seus pais?

Como vocês avaliam a vida de seus filhos em relação à vida de vocês?

O que acontece comumente quando falta energia elétrica em sua casa?

As refeições são feitas em casa?

Quem prepara?

Quem organiza a cozinha após as refeições

Compram comida pronta?

Consomem alimentos (prontos/pré-prontos/congelados) industrializados? Ou preferem alimentação mais natural?

Costumam almoçar em restaurante? Qual a frequência?

### **Sobre o consumo de eletrodomésticos**

Qual a ordem cronológica de aquisição dos eletrodomésticos? Por quê? (listar os eletrodomésticos – linha branca e portáteis)

Há um motivo para essa ordem? Se sim: Poderia explicá-lo?

Qual o modo de aquisição (ganho/comprado, novo/usado)?

Se comprado, quem define a compra?

Há alguma história interessante sobre o uso de algum/alguns eletrodomésticos? Se sim: Poderia contá-la(s)?

A aquisição de algum eletrodoméstico gerou mudanças na rotina da família (divisão de tarefas, rotinas, modos de relacionamento (conversas, ...)?

Tiveram alguma dificuldade no uso de algum eletrodoméstico? Se sim: Qual?

Qual/quais eletrodoméstico(s) é/são considerados(s) indispensável(is)?

Possui alguma marca preferida de eletrodoméstico? Se sim: Qual(is)? Poderia explicar o motivo?

Você imagina viver sem os eletrodomésticos? Se sim / Se não: Por quê?

Possui algum eletrodoméstico preferido? Se sim: Qual? Poderia explicar o motivo?

Gostaria de ter algum eletrodoméstico que ainda não possui em sua casa? Se sim: Qual? Poderia explicar o motivo?

Como se dá o descarte dos eletrodomésticos da sua casa?

## **ANEXOS**

ANEXO A – PROJETOS DE APARTAMENTOS COMERCIALIZADOS ATUALMENTE EM FLORIANÓPOLIS.







## ANEXO C – CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL (CCEB) DA ABEP



### Critério de Classificação Econômica Brasil

O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de "classes sociais". A divisão de mercado definida abaixo é exclusivamente de **classes econômicas**.

### SISTEMA DE PONTOS

#### Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Vídeocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

#### Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	Analfabeto / Até 3ª. Série Fundamental	0
Primário completo / Ginasial incompleto	Até 4ª. Série Fundamental	1
Ginasial completo / Colegial incompleto	Fundamental completo	2
Colegial completo / Superior incompleto	Médio completo	4
Superior completo	Superior completo	8

### CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	42 - 46	0,9%
A2	35 - 41	4,1%
B1	29 - 34	6,9%
B2	23 - 28	15,7%
C1	18 - 22	20,7%
C2	14 - 17	21,8%
D	8 - 13	25,4%
E	0 - 7	2,6%

## PROCEDIMENTO NA COLETA DOS ITENS

É importante e necessário que o critério seja aplicado de forma uniforme e precisa. Para tanto, é fundamental atender integralmente as definições e procedimentos citados a seguir.

Para aparelhos domésticos em geral devemos:

Considerar os seguintes casos

- Bem alugado em caráter permanente
- Bem emprestado de outro domicílio há mais de 6 meses
- Bem quebrado há menos de 6 meses

Não considerar os seguintes casos

- Bem emprestado para outro domicílio há mais de 6 meses
- Bem quebrado há mais de 6 meses
- Bem alugado em caráter eventual
- Bem de propriedade de empregados ou pensionistas

### Televisores

Considerar apenas os televisores em cores. Televisores de uso de empregados domésticos (declaração espontânea) só devem ser considerados caso tenha(m) sido adquirido(s) pela família empregadora.

### Rádio

Considerar qualquer tipo de rádio no domicílio, mesmo que esteja incorporado a outro equipamento de som ou televisor. Rádios tipo walkman, conjunto 3 em 1 ou microsystems devem ser considerados, desde que possam sintonizar as emissoras de rádio convencionais. Não pode ser considerado o rádio de automóvel.

### Banheiro

O que define o banheiro é a existência de vaso sanitário. Considerar todos os banheiros e lavabos com vaso sanitário, incluindo os de empregada, os localizados fora de casa e os da(s) suíte(s). Para ser considerado, o banheiro tem que ser privativo do domicílio. Banheiros coletivos (que servem a mais de uma habitação) não devem ser considerados.

### Automóvel

Não considerar táxis, vans ou pick-ups usados para fretes, ou qualquer veículo usado para atividades profissionais. Veículos de uso misto (lazer e profissional) não devem ser considerados.

### Empregada doméstica

Considerar apenas os empregados mensalistas, isto é, aqueles que trabalham pelo menos 5 dias por semana, durmam ou não no emprego. Não esquecer de incluir babás, motoristas, cozinheiras, copelras, arrumadeiras, considerando sempre os mensalistas. Note bem: o termo "empregados mensalistas" se refere aos empregados que trabalham no domicílio de forma permanente e/ou contínua, pelo menos 5 dias por semana, e não ao regime de pagamento do salário.

### Máquina de Lavar

Considerar máquina de lavar roupa, somente as máquinas automáticas e/ou semi-automáticas. O tanquinho NÃO deve ser considerado.

### Videocassete e/ou DVD

Verificar presença de qualquer tipo de vídeo cassete ou aparelho de DVD.

### Geladeira e Freezer

No quadro de pontuação há duas linhas independentes para assinalar a posse de geladeira e freezer respectivamente. A pontuação será aplicada de forma independente:

- a) Havendo geladeira no domicílio, independente da quantidade, serão atribuídos os pontos (4) correspondentes a posse de geladeira;
- b) Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2ª. porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer.

As possibilidades são:

Não possui geladeira nem freezer	0 pt
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	4 pts
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	6 pts
Possui geladeira de duas portas e freezer	6 pts
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	2 pt

## OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Este critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas. Não pode, entretanto, como qualquer outro critério, satisfazer todos os usuários em todas as circunstâncias. Certamente há muitos casos em que o universo a ser pesquisado é de pessoas, digamos, com renda pessoal mensal acima de US\$ 30.000. Em casos como esse, o pesquisador deve procurar outros critérios de seleção que não o CCEB.

A outra observação é que o CCEB, como os seus antecessores, foi construído com a utilização de técnicas estatísticas que, como se sabe, sempre se baseiam em coletivos. Em uma determinada amostra, de determinado tamanho, temos uma determinada probabilidade de classificação correta, (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja baixa). O que esperamos é que os casos incorretamente classificados sejam pouco numerosos, de modo a não distorcer significativamente os resultados de nossa investigação.

Nenhum critério, entretanto, tem validade sob uma análise individual. Afirmações frequentes do tipo "...

conheço um sujeito que é obviamente classe D, mas pelo critério é classe B..." não invalidam o critério que é feito para funcionar estatisticamente. Servem, porém, para nos alertar, quando trabalhamos na análise individual, ou quase individual, de comportamentos e atitudes (entrevistas em profundidade e discussões em grupo respectivamente). Numa discussão em grupo um único caso de má classificação pode pôr a perder todo o grupo. No caso de entrevista em profundidade os prejuízos são ainda mais óbvios. Além disso, numa pesquisa qualitativa, raramente uma definição de classe exclusivamente econômica será satisfatória.

Portanto, é de fundamental importância que todo o mercado tenha ciência de que o CCEB, ou qualquer outro critério econômico, não é suficiente para uma boa classificação em pesquisas qualitativas. Nesses casos deve-se obter além do CCEB, o máximo de informações (possível, viável, razoável) sobre os respondentes, incluindo então seus comportamentos de compra, preferências e interesses, lazer e hobbies e até características de personalidade.

Uma comprovação adicional da conveniência do Critério de Classificação Econômica Brasil é sua discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões brasileiras, revelando importantes diferenças entre elas.

## DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR REGIÃO METROPOLITANA

CLASSE	Total BRASIL	Gda. FORT	Gda. REC	Gda. SALV	Gda. BH	Gda. RJ	Gda. SP	Gda. CUR	Gda. POA	DF
A1	0,9%	1,5%	0,5%	0,4%	1,3%	0,6%	0,6%	1,6%	1,1%	2,2%
A2	4,1%	3,3%	3,2%	2,8%	3,5%	3,4%	4,5%	6,0%	4,2%	7,1%
B1	8,9%	5,9%	6,0%	4,6%	7,2%	8,3%	10,6%	11,4%	9,6%	11,5%
B2	15,7%	8,7%	8,0%	9,6%	14,3%	14,1%	19,0%	18,8%	19,4%	18,8%
C1	20,7%	11,3%	12,3%	16,1%	18,0%	23,1%	22,4%	23,9%	27,0%	17,9%
C2	21,8%	19,9%	21,8%	24,4%	21,5%	24,6%	21,5%	18,5%	18,5%	17,7%
D	25,4%	36,9%	40,7%	36,6%	31,5%	24,8%	20,7%	17,7%	18,3%	21,9%
E	2,6%	12,5%	7,5%	5,5%	2,6%	1,2%	0,7%	2,1%	1,9%	2,9%

## RENDA FAMILIAR POR CLASSES

Classe	Pontos	Renda média familiar (R\$)
A1	42 a 46	9.733
A2	35 a 41	6.564
B1	29 a 34	3.479
B2	23 a 28	2.013
C1	18 a 22	1.195
C2	14 a 17	726
D	8 a 13	485
E	0 a 7	277